



Maria Cristina Silva Furtado

**O amor incondicional como base
para a ética da alteridade**
**Uma hermenêutica cristã em diálogo com o pensamento
de Lévinas em busca de uma sociedade inclusiva**

Dissertação de mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Maria Clara Lucchetti
Bingemer

Rio de Janeiro
Agosto de 2011



Maria Cristina Silva Furtado

**O amor incondicional como base para a
ética da alteridade**
**Uma hermenêutica cristã em diálogo com o pensamento
de Lévinas em busca de uma sociedade inclusiva**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Maria Clara Lucchetti Bingemer
Orientadora
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Luis Corrêa Lima
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Ulpiano Vazquez Moro
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - MG

Prof^a. Denise Berruezo Portinari
Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do
Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 26 de agosto de 2011

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da Universidade, do autor e da orientadora.

Maria Cristina Silva Furtado

Graduou-se em Licenciatura plena em Psicologia pela Faculdade de Educação da PUC-RS em 1975. Graduou-se como Bacharel em Psicologia em 1980, concluindo a Formação de Psicólogo em 1981, no Centro Universitário Newton Paiva Ferreira em BH-MG. Graduou-se em Bacharel em Teologia na PUC-Rio em 2008. É professora do Curso de Diversidade Sexual, Cidadania e Fé Cristã no Centro Loyola de Fé e Cultura da PUC-Rio e tutora do Curso de Iniciação Teológica a distância da PUC-Rio. Desde 2006 participa do Grupo de Pesquisa Diversidade sexual, Cidadania e Religião da PUC-Rio.

Ficha Catalográfica

Furtado, Maria Cristina Silva

O amor incondicional como base para a ética da alteridade: uma hermenêutica cristã em diálogo com o pensamento de Lévinas em busca de uma sociedade inclusiva / Maria Cristina Silva Furtado; orientadora: Maria Clara Lucchetti Bingemer. – 2011.

170 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2011.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Preconceito. 3. Discriminação. 4. Inclusão. 5. Amor incondicional. I. Bingemer, Maria Clara Lucchetti. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

In Memoriam
Aos meus pais pelo amor
que me deram

Agradecimentos

Ao meu marido, Jari, companheiro de caminhada, parceiro em tantas palestras, em retiros, encontros, jornadas, etc, pelo apoio que me deu durante todo o tempo em que eu escrevi esta dissertação. Sua compreensão, paciência e incentivo foram muito importantes para que eu pudesse finalizá-la.

A minha filha, e amiga Cristiane, cuja convivência levou-me a crescer e a ver a vida em toda sua pluralidade e diversidade.

A minha caçula Leandra, por todas as vezes que me interrompeu, desejando o meu carinho. Seus beijinhos sempre me deram força para continuar.

A minha família pela sua pluralidade.

A minha orientadora e professora Maria Clara Lucchetti Bingemer, por ter me acompanhado neste trabalho. Sua confiança, incentivo, e respeito foram essenciais para a realização desta dissertação.

Ao Professor Luis Correa Lima, líder do Grupo de Pesquisa Diversidade sexual, Cidadania e Religião da PUC-Rio, por tudo que com ele aprendi, e pelo crescimento espiritual que as experiências proporcionadas pelo grupo têm me trazido.

Ao Professor Luis Carlos Susin, pela atenção e sugestões dadas sempre que o procurei. Agradeço ainda pelo excelente livro com o qual me presenteou, pois muito me ajudou a entender Lévinas.

Ao Professor Ulpiano por ter feito parte da minha banca. Sua atenção, respeito e sugestões foram muito importantes para mim.

Aos professores e funcionários do Departamento de Teologia (PUC -Rio), pelos ensinamentos, respeito e incentivo.

A todos os amigos, e colegas que de alguma forma me estimularam e ajudaram.

Ao CNPq, pela concessão da bolsa durante o mestrado.

E acima de tudo a Deus, pelo seu amor incondicional.

Resumo

Furtado, Maria Cristina Silva; Bingemer, Maria Clara Lucchetti. **O amor incondicional como base para a ética da alteridade.** Uma hermenêutica cristã em diálogo com o pensamento de Lévinas em busca de uma sociedade inclusiva. Rio de Janeiro, 2011. 170 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Nesta dissertação procuramos mostrar que ‘o preconceito e a discriminação’; - fatores que geram a violência sofrida pela mulher, pel@ negr@ e pel@ homossexual, no decorrer da história da humanidade -; são ocasionados pela visão de inferioridade que se tem desta tríade. Estes grupos fogem ao ‘padrão ideal antropológico da sociedade ocidental’, gerando o não reconhecimento de sua alteridade, e uma rejeição capaz de levar ao assassinato. Analisamos, então, através do pensamento de Emmanuel Lévinas, seguindo a ótica teológica de Luis Carlos Susin, que a grande dificuldade em aceitar ‘o diferente’ encontra-se na subjetividade fechada do ‘ser’. Finalmente, verificamos que, com base no amor incondicional de Deus, - essência do cristianismo -, é possível através da ‘ética da alteridade’, ir ‘além do ser’. Cada ‘ser’ foi assignado por Deus antes de vir à existência, e por isso, diante do ‘Olhar do outro’ que não pode ser transformado em um Mesmo, existe a possibilidade de ocorrer uma explosão da consciência, capaz de levá-lo a viver sua vocação transcendental, humanizando-se. Dessa forma, acreditamos que se realizarmos uma ampla e constante evangelização-educativa, seguindo a pedagogia de Jesus, teremos a oportunidade de experienciar o amor incondicional como ética em relação à alteridade, e cada pessoa que participar, poderá viver um cristianismo a partir do ‘Outro’, voltado para o ‘outro’ e ‘todos’. Só assim, teremos uma sociedade inclusiva, sem distinção de raça, gênero, orientação sexual, etc.

Palavras-chave

Preconceito; Discriminação; Inclusão; Amor Incondicional.

Abstract

Furtado, Maria Cristina Silva; Bingemer, Maria Clara Lucchetti (Advisor). **Unconditional love as a basis for alterity ethics.** A Christian hermeneutic in dialogue with the Lévinas thoughts, in search of an inclusive society. Rio de Janeiro, 2011. 170 p. MSc. Dissertation - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

In this dissertation we have attempted to show that ‘prejudice and discrimination’; - factors that have bred violence against women, afro descendants and homosexuals, throughout human history -; are brought on by the view of inferiority of this triad. These groups don’t meet the ‘ideal anthropological standard for western society’, making for the non acknowledgement of their alterity, and a rejection that can lead to murder. We analyze, therefore, through the thoughts of Emmanuel Lévinas, following the theological point of view of Luis Carlos Susin, in which the great difficulty is accepting ‘the different’ found in the closed subjectivity of ‘being’. Finally, we find that, based on God’s unconditional love, - essence of Christianity -, it is possible through the ‘ethics of alterity’, to go ‘beyond the being’. Each ‘being’ was assigned by God before coming to be, and because of this, faced with the ‘look from the Other’ that may not be transformed into the same one, there is the possibility of an explosion of one’s conscience encouraging a response to the transcendental vocation, humanizing oneself. In this way, we believe that if we carry out an ample and constant educational evangelization, following Jesus’ pedagogy, we will have the opportunity to experiment unconditional love as the ethos in relation to alterity, and each person that takes part, may live out Christianity from the ‘Other’s’ viewpoint, towards the ‘other’ and ‘everyone’. Only in this manner, will we have an inclusive society, with no distinction between race, gender, sexual orientation, etc.

Keywords

Prejudice; Discrimination; Inclusion; Unconditional Love.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| I. Introdução | 10 |
| 2. A violência na sociedade ocidental Contemporânea | 17 |
| 2.1. Sociedade contemporânea e violência | 18 |
| 2.2. Estado e Religião | 22 |
| 2.3. A história da mulher | 26 |
| 2.4. A história d@ negr@ | 40 |
| 2.5. A história d@ homossexual | 50 |
| 2.6. Resumo do capítulo | 64 |
| 3. O Reino do ser | 66 |
| 3.1. Emmanuel Lévinas | 68 |
| 3.2. O 'eu' no mundo do ser | 71 |
| 3.3. O 'eu' e o 'outro' | 83 |
| 3.4. A revelação da alteridade chocante | 88 |
| 3.5. As dificuldades do mundo do ser | 92 |
| 3.6. A tríade bíblica da atualidade | 97 |
| 3.7. Resumo do capítulo | 102 |
| 4. A reconstrução da identidade como ética: no Reino do Bem | 104 |
| 4.1. Ética e metafísica | 105 |
| 4.2. Ser-para-o-outro | 106 |
| 4.3. Um-para-o-outro | 114 |
| 4.4. Ser-para-todos | 125 |
| 4.5. O amor incondicional de Deus | 131 |
| 4.6. Em busca de respostas para a tríade da atualidade | 144 |
| 4.7. Resumo do capítulo | 147 |
| 5. Conclusão | 150 |
| 6. Referências bibliográficas | 158 |

... Talvez eu não soubesse andar pelo caminho se Deus não estivesse, como Aurora, rompendo-me a neblina e o cansaço. E há sábios que caminham impertubavelmente contra o brilho de Deus, fazendo história, desvelando mistério e perguntas. (Deus não é simplesmente a Verdade). ...Verdade sem argumentos, justiça sem retornos, amor inesperado, Deus é Deus, simplesmente!

D. Pedro Casaldáliga, *Deus é Deus.*

1 Introdução

A violência tem estado presente desde o início da existência do ser humano na terra, sendo considerada por muitos pesquisadores como conseqüência da condição humana. Mas na atualidade, líderes dos diversos governos, religiões e responsáveis pela educação, preocupados com as pesquisas que mostram o aumento da violência, estão debatendo este tema. Em diversas partes do mundo, congressos, fóruns, reuniões e simpósios estão sendo realizados pelas mais altas autoridades no assunto, procurando formas para estancar a violência crescente.

Ao analisarmos os fatores causadores da violência, seja no âmbito ‘macro ou micro’, o ‘preconceito’ e a ‘discriminação’ têm sido apontados como uns dos principais responsáveis por ações violentas. Como exemplo podemos citar: o gênero masculino já foi apontado como superior ao feminino, o que continua acontecendo em algumas culturas, e ainda na sociedade ocidental esta condição pode ser vista em diversas ações discriminatórias e extremamente violentas contra a mulher; o negro já foi usado como escravo por ser julgado inferior ao branco e hoje continua lutando para ter condições de estudo, trabalho, etc, em igualdade com o branco; e o homossexual já foi perseguido, preso e morto, devido a sua orientação sexual, e ainda hoje, oitenta países continuam a manter esses atos como criminosos, e dois países possuem status indefinido¹. O Brasil, por exemplo, apesar de possuir leis que descriminalizam² a homossexualidade, e vários municípios e estados terem leis contrárias à discriminação, é considerado o país onde há o maior número de assassinatos de homossexuais no mundo³.

Existem divergências entre as instituições governamentais, religiosas e

¹ UOL. *A homossexualidade é legal em apenas cento e quinze países*. Notícias. Internacional. *Oitenta países no mundo criminalizam a homossexualidade*. Disponível no site: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/internacional/2009/05/14/ult1859u979.jht>. Acessado em 16/06/2009.

² É importante fazermos a diferença entre: descriminalizar ou discriminar - tirar a culpa, absolver do crime imputado; e discriminar - estabelecer diferenças, destringir, diferenciar, discernir, distinguir, separar. Cf. HOUAISS, Antônio (Ed). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. RJ: Ed. Objetiva, 2009.

³ O Brasil continua liderando o número de mortes violentas de homossexuais, encontrando-se à frente do México (país conhecido pelo seu machismo) que registrou 35 casos em 2008 e os Estados Unidos 25 casos. O relatório sobre os crimes do ano de 2009 indica que dos 198 mortos, 117 eram gays (59%), 72 travestis (37%) e 9 lésbicas (4%). A região Nordeste confirma ser a região mais homofóbica: abriga 30% da população brasileira e registrou 39% dos assassinatos. 21% dos crimes ocorreram no Sudeste, 15% no Sul, 14% no Centro-Oeste, 10% no Norte. Cf. ALÉM DA NOTÍCIA. *Número de assassinatos no Brasil bate recorde histórico*. Notícia publicada em 05/03/2010. Disponível no site: http://www.alemnanoticia.com.br/ultimas_noticias.php?Codnoticia=3871. Acessada em 25/01/2011.

educacionais sobre as ações que devam ser feitas para diminuir a violência, entretanto todas são unânimes em concluir que qualquer ação preventiva ou punitiva só alcançará resultado satisfatório, se, paralelamente, estiver sendo desenvolvida uma educação voltada para uma cultura de paz⁴ e inclusão, visando à tolerância, a liberdade, e o respeito ao próximo. Valores que, além de fazerem parte da carta dos direitos humanos, estão presentes na Bíblia e podem ser identificados como valores cristãos, pois são visualizados nos ensinamentos, e nas ações de Jesus Cristo que sempre foram voltadas para o ‘outro’, chegando ao extremo de dar a sua vida por amor a humanidade.

Entretanto, um fato importante que chamou a atenção, tendo sido fundamental para a escolha do tema desta dissertação, foi verificar que o ‘discurso religioso cristão’ vem sendo apontado em relação ao gênero, raça, diversidade sexual, e religião, tanto no passado como na atualidade, como gerador e justificador das ações discriminatórias e de desigualdade⁵.

Já há um bom tempo a ‘violência’ provocada pelo ‘preconceito e a discriminação’ tem sido alvo de minha atenção e pesquisa, além de fazer parte do meu trabalho como escritora, educadora e psicóloga. Quando realizei a graduação em teologia, o tema da minha iniciação científica e da monografia, versou sobre a importância do ‘diálogo inter-religioso’ para se obter a paz religiosa, sob a orientação da Prof. Dra. Maria Clara Bingemer. Mas, em 2006, após ter participado do Fórum Mundial de Teologia e Libertação, na PUC-RS, onde um teólogo chamou a atenção para a necessidade da realização de trabalhos teológicos sobre a temática da ‘diversidade sexual e religião’, decidi participar do grupo de pesquisa Diversidade sexual, Cidadania e Religião, que estava sendo criado pelo Prof. Dr. Pe. Luis Correa Lima na PUC-RIO. Desde então, venho pesquisando sobre ‘diversidade sexual e religião’, escrevendo artigos, participando de congressos, dando atendimento psico-teológico⁶ pastoral para a população LGBT⁷ e suas famílias, além de ministrar curso sobre este tema⁸.

⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Campanha da Fraternidade, 2009*. Texto base, Brasília: Ed. CNBB, 2008, p. 20.

⁵ DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo*. In: Universidade do Sagrado Coração, Bauru, SP, em 05/06/09. Conferência. Disponível no site: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2420,1.shl>. Acesso do em 15/06/2009.

⁶ Orientação pessoal e on-line como psicóloga e teóloga voltada para pessoas que sofrem preconceito.

⁷ LGBT- lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Esta sigla passou a ser oficial a partir de 2008. A mudança da nomenclatura GLBT para LGBT foi realizada a fim de

No Mestrado em teologia, após receber o apoio da Prof. Dra. Maria Clara Bingemer pelo tema que escolhi, sob sua orientação, começamos a expandir à pesquisa que eu vinha realizando sobre @⁹ homossexual para outros grupos em situação de discriminação, tais como: a mulher e @ negr@.

Nas pesquisas que realizamos, percebemos que na sociedade ocidental contemporânea houve uma quebra de valores e de verdades devido a uma mudança estrutural que provocou a fragmentação das visões culturais de classe, de gênero, de sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, deslocando e descentralizando as pessoas do lugar que tinham no mundo social, cultural, religioso, e em relação a si mesmo. Modificações que trouxeram dúvidas, além do surgimento de novas identidades.

Constatamos também que apesar de todos os esforços de diferentes governos ocidentais trazendo esclarecimentos à população sobre esses grupos, dos movimentos organizados pelos próprios grupos, do avanço das ciências, e da elaboração de leis contrárias à discriminação, é visível a dificuldade de se acabar com ‘o preconceito e a discriminação’ em relação: à mulher, @o negr@, ao homossexual, e à medida que esses grupos conquistam espaços, aumenta a violência em relação a eles.

Verificamos, então, que apesar das justificativas daqueles que fazem as mediações sociais, religiosas e educacionais por suas ações discriminatórias, e vemos estas ações, em determinados momentos históricos mais objetivamente voltadas para um ‘determinado grupo’, que por trás das teorizações existe uma rejeição aos grupos que fogem ao modelo antropológico aceito como ideal pela sociedade ocidental: homem, branco, cristão, viril, inteligente, provedor, forte,

valorizar as lésbicas no contexto da diversidade sexual e também para aproximar o termo brasileiro com o termo predominante em várias outras culturas. Cf. GLOBO.COM. *Movimento GLBT decide mudar para LGBT*. Disponível em site: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL593295-5598,00.html>. Acessado em 02/02/2011. Entretanto o movimento internacional ILGA que já usa essa sigla há décadas, agora incorporou a letra I, de Intersexual, e o grupo das transexuais defende o direito de usar LBTT com o intuito de se visualizar as transexuais e travestis. Mas o que ainda prevalece é a decisão da Primeira Conferência Nacional de lésbicas,gays, bissexuais, travestis e transexuais-LGBT, de 2008. Portanto neste trabalho usaremos a sigla LGBT. Cf. MENDES, Leo. *Histórias – siglas do movimento*. Disponível em: <http://lgbtt.blogspot.com/2009/06/historia-siglas-do-movimento.html>. Acessado em 26/09/2011.

⁸ Curso de Diversidade sexual, Cidadania e Fé Cristã no Centro Loyola de Fé e Cultura da PUC-Rio.

⁹ Como nesta dissertação abordaremos temas relacionados com racismo, gênero e orientação sexual, decidimos, como é comum nos trabalhos nessas áreas, abandonar a generalização e usar o símbolo @ quando acharmos necessário. Dessa forma usaremos: @ homossexual, @ negr@, etc.

e fisicamente perfeito.

Voltamos nosso olhar aos três grupos por nós escolhidos, e trouxemos um resumo histórico do passado e da atualidade em relação à violência que sofrem pelo preconceito e discriminação, a mulher, @ negr@ e @ homossexual.

Formulamos, então, algumas perguntas importantes cujas respostas serão vitais para entendermos estes fatores de violência e verificar as possibilidades de reverter esta situação e de que forma.

Percebemos que a grande dificuldade de aceitar aquel@ que foge ao padrão, está ligada a dificuldade do próprio ser humano de aceitar aquel@ que é diferente de si mesmo, necessitando, então, transformar o ‘outro’ em um mesmo. Uma dificuldade ampliada pela sociedade ocidental que prioriza a individualidade, vê o outro como continuação de si mesmo, e busca a felicidade como algo pessoal, onde o ‘outro’ não faz falta, é descartável.

A partir dessa descoberta passamos a refletir sobre os passos possíveis para termos um ser humano voltado para o ‘outro’, a fim de transformarmos a sociedade individualista e violenta da contemporaneidade em uma sociedade cuja premissa seja a paz, a justiça e a inclusão. Uma sociedade como a que Jesus veio implantar, ao estabelecer o Reino de Deus entre nós, onde “os fracos e outros descartados na primeira seleção não podem ser apenas tratados com justiça, mas acima de tudo com misericórdia”¹⁰.

O pensamento de Emmanuel Lévinas, filósofo, judeu, lituânio, que sofreu na segunda grande guerra os horrores da violência discriminatória aos judeus, traz em sua antropologia filosófica um ser humano fechado em si mesmo, com dificuldade de aceitar o que é diferente de si. Para ele, a única forma do ser humano se transformar, passando a reconhecer a alteridade e se abrir ao ‘outro’, é a ‘ética’. Pela ‘ética’, o ser humano, por ser assignado¹¹ pelo Infinito antes de se tornar ‘ser’, pode realizar sua principal vocação que é a transcendência ao ‘Outro’. Lévinas, embora seja judeu e traga, em alguns aspectos, diferenças substanciais do cristianismo, os seus pensamentos de modo geral são muito próximos do pensamento cristão. Por este motivo, julgamos que a ética levinasiana possa nos dar os subsídios necessários para responder aos nossos questionamentos, e ser

¹⁰ MAZZAROLO, Isidoro. *Iniciação Teológica*. Novo Testamento. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2005. p. 42.

¹¹ Marcado originalmente pelo ‘Outro’, Deus.

essencial para refletirmos como, através do ‘amor incondicional de Deus’ possamos transformar o ser humano e a sociedade para vivermos a ‘ética da alteridade’.

Como acreditamos que estas reflexões sejam de grande relevância para a reflexão teológica, escolhemos Luis Carlos Susin,¹² que refletiu o pensamento de Lévinas sob o ponto de vista da teologia, analisando o ‘ser’ em relação a sua vocação transcendental, para chegarmos a Lévinas.

Acreditamos ainda que para haver uma transformação em cada pessoa e na sociedade, será necessário mais do que conhecer a ética levinasiana e a existência de um discurso dos responsáveis pelas mediações sociais, religiosas e educacionais favoráveis aos três grupos que sofrem ‘preconceito e discriminação’. Será vital, com base no ‘amor incondicional de Deus’, unirmos a ‘ética’ à ‘essência do cristianismo’ por meio de uma ‘evangelização - educativa - experiencial’ na qual a palavra bíblica se junte à experiência do frente a frente com o ‘outro’, totalmente diferente, como foi a pedagogia de Jesus. E pelo seu ‘olhar’, pela ‘escuta’ da sua palavra, por sermos escolhidos por Deus e termos recebido a sua graça, possamos transcender frente ao ‘outro’ e tenhamos um discurso e uma vivência cristã que aceite e respeite a singularidade de cada um, o direito de pensar, sentir, ser diferente, sem julgar, mas aceitar, amar e incluir.

Nosso trabalho foi elaborado em 3 capítulos.

. No primeiro capítulo, ‘Discriminação e violência na sociedade ocidental’, realizamos uma análise geral da contemporaneidade através do pensamento de importantes filósofos, e especialistas tais como: Gilles Lipovetsky, Sébastien Charles, Raymond Aron, Stuart Hall e Fritjof Capra. Visualizamos as características e problemas da sociedade, principalmente o aumento da violência sob o olhar de Steven Pinker, Maria Clara Bingemer, Geraldo José Ballone, Marilena Chauí, entre outros. Abordamos os conceitos sobre o ‘preconceito e a discriminação’, como dois fatores importantes que geram violência. Depois, trazemos a história da mulher, d@ negr@ e d@ homossexual, visualizando a forte violência que enfrentaram pelo ‘preconceito e discriminação’ no passado, e a

¹² Professor da PUC-RS. Possui livro e artigos publicados sobre este filósofo. Entre eles, o livro que será o guia principal desta dissertação: *O homem Messiânico*. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas.

situação de cada grupo na atualidade, procurando mostrar que embora os motivos objetivamente sejam diferentes, as causas subjetivas dessa violência são as mesmas para os três grupos. Ao final do capítulo colocamos as perguntas que haviam surgido, ao realizarmos as pesquisas sobre violência, religião e estado, em relação aos três grupos em questão.

. No segundo capítulo, ‘O reino do ser’, pelo olhar de Susin, acompanhamos o pensamento de Lévinas sobre ‘o ser humano soberano frente à alteridade, seguindo a trajetória da subjetividade fechada, e a sua possibilidade de transformação diante do ‘Outro’. Analisamos o Outro, que é o pobre, o órfão, o estrangeiro, e a viúva’, os excluídos e discriminados da sociedade, e a importância da ética levinasiana, que não é formada por regras ou conceitos, mas a partir do Olhar do ‘outro’ que clama e invoca a resposta de quem está a sua frente. Finalmente, abordamos as dificuldades que existem no ‘mundo do ser’ para se viver a ‘ética da alteridade’. Complementamos nossas reflexões, trazendo ainda o pensamento de outros comentadores de Lévinas, tais como: Nélio Vieira de Melo, Philippe Nemo, Luis Éderson Piloneto, José Valdinei Miranda, Nilo Ribeiro Junior, entre outros.

. No terceiro capítulo, ‘A reconstrução da identidade como ética: - no reino do Bem’, ainda através de Susin, continuamos seguindo o pensamento de Lévinas sobre a transcendência do ‘ser’, ‘voltando-se para o outro’ e ‘para todos’. Nesta explosão ética o ser humano passa a ser regido pelo ‘reino do Bem’, sabendo-se eleito antes de ser, e assumindo sua responsabilidade assimétrica pelo outro, na obsessão, expiação, e substituição, transcendendo mais e mais, tornando-se um ‘Subjectum’ que busca a justiça, a paz, incluindo cada pessoa na grande família universal.

Analisamos ainda a proximidade do pensamento de Lévinas com o cristianismo, e convictos da importância da ‘ética’ como vocação cristã, baseados no ‘amor incondicional de Deus’, traçamos algumas sugestões para o que chamamos de evangelização-educativa-experiencial.

Não se trata apenas de expandir o conhecimento cristão através de leituras bíblicas, ou de um discurso religioso, aulas de catequese ou de ensino religioso, ou de teologia. A nossa proposta é, seguindo a pedagogia de Jesus, cujos

ensinamentos eram passados no contato com o povo, no face a face, através de conversas e experiências do dia a dia,¹³ realizar uma evangelização que una o conhecimento da Palavra de Deus à experiência do ‘outro’ totalmente diferente. Através do contato, do ‘olhar’, da convivência com o ‘outro’ surge a oportunidade de experimentar o amor de Deus, na incondicionalidade deste amor-responsabilidade, objetivando tornar cada ser humano um ‘Subjectum universal’, e através de uma revolução constante, termos uma sociedade inclusiva.

. Na conclusão final fazemos um retrospecto do trabalho realizado e mostramos que o ‘ser’ por ter sido eleito e marcado anteriormente por Deus, e chamado ao messianismo para missão, é possível, através da ‘ética levinasiana, com base no ‘amor incondicional de Deus’, ir ‘além do ser’, e transformar a sociedade, ajudando-a viver sua real vocação de administradora e resgatando as demais mediações.

Esta transformação pode ser feita através de uma evangelização-educativa-experiencial constante pela ‘ética’, na qual cada igreja cristã, sem qualquer tipo de exclusão, realize um trabalho onde o fiel tenha oportunidade de experienciar o ‘Outro’ totalmente diferente de si. Através do Olhar do ‘outro’, da ‘escuta’ das suas necessidades, da sua singularidade, e do exercício da leitura, reflexão e meditação da Bíblia é possível, então, viver a autêntica Palavra de Deus de acolhimento e amor incondicional ao ‘Outro’. Nesta abertura ao ‘outro’ surge a oportunidade do reconhecimento da alteridade, e o direito do ‘outro’ de ser diferente, de ser mulher, negr@, homossexual, etc, e pela união da Palavra com esta experiência ética, cada cristão poderá provocar uma revolução na sociedade ao vivenciar como messias, uma relação de responsabilidade total sobre o ‘outro e o terceiro’, respeitando e amando cada pessoa como ela é. Conseguindo com este ‘modo que ser’, como diz Lévinas, viver uma paz verdadeira, fazer justiça incluindo todos na sociedade, banindo a violência ocasionada pelo ‘preconceito’ e a ‘discriminação’ de nossa sociedade. Como diz Paulo, ‘sermos um só em Cristo’.¹⁴

¹³ PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus. O mestre por excelência*. Rio de Janeiro: JUERP, 1980, p.33. Disponível em site: <http://pt.scribd.com/doc/2366253/A-Pedagogia-de-Jesus-J-M-Price>. Acessado em 10/14/2011.

¹⁴ A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006, Gl 3, 28.

2

A violência na Sociedade Ocidental Contemporânea

A sociedade ocidental tem enfrentado em seu desenvolvimento e estruturação períodos de estabilidade e outros de crise. Vivemos em um período de crise, no qual para alguns pesquisadores “a violência tornou-se um fato massivo nas sociedades contemporâneas a ponto de constituir um verdadeiro desafio para a consciência moral do nosso tempo”.¹⁵ Para outros, “se fizermos um retrospecto da história da humanidade, veremos que o ser humano vem amenizando sua violência e hoje estamos muito mais gentis e amáveis do que no passado”.¹⁶ Essas divergências nas reflexões dos pesquisadores, nos mostram duas visões sobre o mesmo evento: a violência. Se nos aprofundarmos nessa análise, poderemos perceber que ambos podem ter razão. A sociedade encontra-se mais civilizada, porém a ‘violência’ está mais refinada através das inúmeras, rápidas e constantes novidades tecnológicas, tornando-a igualmente cruel.

Alguns filósofos responsabilizam a sociedade ocidental de agravar a ‘violência’ existente na contemporaneidade por priorizar o ‘individualismo’, incentivando o ‘ser’ a girar em torno de si mesmo, deixando o ‘outro’ de fora. Um movimento que Emmanuel Lévinas¹⁷ chama de ‘centrípeto’, que consta de uma busca por uma autorealização onde não há espaço para mais ninguém. Para mediar os inúmeros ‘eu’s da sociedade “tem-se uma moral de freio, de diplomacias e concordatas”.¹⁸ Uma mediação preocupada apenas com as relações econômicas, buscando resolver suas próprias necessidades.

Vivemos em um período da história da humanidade cujas características são especiais, e se diferem da grande maioria dos traços que marcaram outros períodos. A este período histórico chamaremos de ‘contemporaneidade’, embora seja também conhecido como pós-modernidade e hipermodernidade”.¹⁹

¹⁵ BINGEMER, L. Maria Clara (org.); Edson Damasceno... [et al]. *Violência e Religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo*. R.J: Ed. PUC Rio. São Paulo: Ed.Loyola, 2002, p 11.

¹⁶ PINKER, Steven. *Uma história de violência*. Disponível em Edge The third culture: http://translate.google.com.br/translate?hl=ptBR&sl=en&tl=pt&u=http%3A%2F%2Fwww.edge.org%2F3rd_culture%2Fpinker07%2Fpinker07_index.html. Acessado em 27/05/2010.

¹⁷ Filósofo, judeu, conhecedor da Bíblia. Trataremos muito detalhadamente de seu pensamento no terceiro e quarto capítulo deste trabalho.

¹⁸ SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico*. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas. P. A.: EST/ Petrópolis: Ed. Vozes, 1984, p. 70.

¹⁹ Lipovetsky popularizou o termo pós-modernidade, e hoje, refuta este termo, dizendo que embora os fatos que caracterizavam a pós-modernidade estivessem corretos, a conceitualização não estava, pois não se era pós-moderno, mas se vivia uma outra modernidade. Na atualidade, ele

2.1. Sociedade contemporânea e violência

De acordo com Sébastien Charles²⁰ estamos vivendo um período de grande mudança na sociedade. Um momento histórico onde todos os freios institucionais que se opunham à emancipação individual realmente passam a desaparecer para dar lugar aos desejos subjetivos, a realização individual, ao amor próprio. Para ele este é o momento em que as grandes ideologias se esvaem, os projetos históricos não são mais motivo de grandes mobilizações, e “o âmbito social não é uma continuação do privado”²¹, instalando-se como diz Gilles Lipovetsky, a era do vazio.

Não há mais modelos prescritos pelos grupos sociais, nem normas sendo impostas, o que há é uma vontade de seduzir que afeta o domínio público e o privado. Os indivíduos ‘pós’ são flexíveis, hedonistas, libertários, e ao tornarem-se ‘hiper’ parecem estar maduros, responsáveis, organizados, eficientes e flexíveis. Entretanto os ‘hiper’ são:

Os mais informados e mais desestruturados, os mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos²².

Mudou o ambiente social e sua relação com o presente. O ser humano vive sob uma tensão nervosa, com medo do futuro incerto frente a uma lógica da globalização que independe das pessoas, participando de uma competição liberal e um desenvolvimento tecnológico sem precedentes, e ao mesmo tempo experimentando uma precariedade de emprego, e uma alta estagnação de desemprego. A fé foi substituída pela paixão, e as convicções escatológicas e a crença numa verdade absoluta que habitava a história desmoronaram-se.

Para Lipovetsky nesta nova etapa contemporânea não há escolha, não há alternativa, é preciso evoluir. “É o culto pela modernização técnica prevalecendo à objetivação do fim e dos ideais”²³.

se refere a hipermodernidade. Para padronizar este trabalho, chamaremos este período de ‘contemporaneidade’, a não ser quando fizermos alguma citação que use o termo pós ou hiper.

²⁰ Professor de filosofia na Universidade de Sherbrooke (Canadá). Autor de *Cartas sobre a hipermodernidade*; *É possível viver o que eles pensam*, etc.

²¹ LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. S.P: Barcarolla, 2007, p. 23.

²² IDEM. *Ibidem*, p.33.

²³ IDEM. *Ibidem*, p. 57.

Segundo Stuart Hall²⁴, há uma mudança nas estruturas das sociedades modernas, provocando a fragmentação das visões culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Estas visões no passado eram rígidas e estruturaram nossas identidades pessoais, mas agora “estas transformações estão modificando também as identidades pessoais, deslocando, descentrando as pessoas do lugar que tinham no mundo social e cultural, e em relação a si mesmo”.²⁵

Este deslocamento tem provocado uma série de questionamentos. Para Kobena Mercer²⁶ “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.²⁷

De acordo com Fritjof Capra²⁸ estamos em um momento de transição da história cultural humana. Já o vivemos no passado, mas agora o sentimos mais intensamente devido ao ritmo em que vivemos, à globalização e aos vários processos de mudança que estão acontecendo juntos. Uma transição inevitável e que faz parte do processo evolutivo da sociedade. Mas para ela acontecer, sem grandes traumas, precisamos: perceber que essas modificações são naturais, rever os conceitos que não mais se justificam, reencontrar alguns que deixamos de lado na história, além de descobrir novos conceitos. “As mudanças precisam acontecer no campo científico, cultural, político, econômico, e religioso sem que venhamos a temer as mudanças, pois estas serão necessárias e benéficas”.²⁹

Ao final da exposição destes pensadores podemos perceber que as mudanças que estão acontecendo têm o seu lado negativo e positivo. As mesmas mudanças que tornam esta época um momento especial, com características únicas, naturais, e necessárias, também são responsáveis pela insegurança e coisificação do ser humano neste momento histórico. Aspectos propícios para ‘aumentar a violência.’

²⁴ Importante na área de Estudos Sociais. Entre seus livros citamos: A questão da identidade cultural; A identidade cultural na pós-modernidade; Da diáspora: Identidades e Mediações culturais.

²⁵ HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. R. J.: DP&A, 2006, p.8.

²⁶ Escritor, crítico cultural e o editor de vários livros, entre eles: Pop Art e Culturas Vernacular, Modernismos Cosmopolitan, e Discrepantes Abstração.

²⁷ MERCER, Kobena. *Welcome to the jungle*. In: Rutherford, J. (Org). *Identity*. Londres: Lawewnce & Wishart, 1990, p. 43.

²⁸ Físico e teórico de sistemas. Autor de diversas obras de referência, entre eles: Como o Tao da Física; A Teia da Vida; e As Conexões Ocultas: Ciência para uma Vida Sustentável.

²⁹ CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. S. P.: Cultrix, 2006, p.9.

2.1.1. Violência

Para analisar a violência, nosso primeiro passo será situá-la. A violência faz parte do campo irracional, perturbador, e ao mesmo tempo possui fronteiras com o racional, filosófico. Ela envolve toda a sociedade, pois está ligada a aspectos da vida de cada um, desde os mais íntimos como, amor, desejo, e fé, e ao mesmo tempo encontra-se ligada a questões externas como raça, sexo, orientação sexual, religião, interesses econômicos, poder, etc.

Seja da forma mais sutil à violência física, ou da humilhação ao genocídio, “toda violência é mortal, pois é uma violação da personalidade da pessoa, atingindo a dignidade do ser humano”.³⁰

Para Marilena Chauí³¹ violência é desnaturar, coagir, constranger, torturar, brutalizar, violar o outro. Violência é...

- 1) Tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser. [...]
- 2) Todo ato de força contra a espontaneidade, à vontade e a liberdade de alguém. [...]
- 3) Todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade.[...]
- 4) Todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito.
- 5) Conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror.³²

Com base nas análises feitas sobre a violência na contemporaneidade, levanta-se a tese de que o aumento da violência esteja ligado à falta de diretrizes dadas pelas instituições tradicionais como o estado, os setores educacionais e as religiões que num passado não muito remoto estipulavam seriamente as regras a serem seguidas, e quem ousasse não estar de acordo com os padrões determinados, era expulso ou excluído da sociedade mediante alguma forma punitiva. De acordo com Lipovetsky, esta sociedade disciplinar-solitária não mais existe. “Passamos para a sociedade da hipervigilância, onde para combater a violência se instalam milhões de câmaras, meios eletrônicos, e identificação das pessoas.”³³

³⁰ BINGEMER, *Violência e Religião*, p. 284.

³¹ Professora da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH). Autora de vários livros e artigos. Entre eles: Repressão sexual; Introdução a história da filosofia; Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária; Cidadania cultural; e Simulacro e poder.

³² CHAUI, Marilena. *Contra a violência*. Disponível no site: <http://fpabramo.org.br/contraviolencia-por-marilena-chau>. Acessada em 12/02/2011.

³³ LIPOVETSKY; CHARLES, *Os tempos hipermodernos*, p. 55.

2.1.2. Fatores que geram violência

Para se pensar em uma educação voltada para uma cultura de paz, é necessário refletir sobre os fatores que podem levar à violência. Eles são vários: a desigualdade social, as religiões, as drogas, o poder, o preconceito, a discriminação, o hedonismo, etc..., e cada qual tem sua peculiaridade. Mas dois fatores, particularmente, chamam a nossa atenção, pois, se fizermos um retrospecto na história da humanidade, eles sempre estiveram presentes, exercendo um papel significativo desde o início da história da humanidade, seja no âmbito macro ou micro. E se quisermos ter uma sociedade mais tolerante e inclusiva esses fatores terão que ser analisados, para que se procure uma forma de eliminá-los, ou pelo menos, abrandá-los. São eles: ‘preconceito e discriminação’.

Para entender melhor esses fatores e os dissabores que ambos têm provocado, na humanidade, faremos a distinção entre os termos acima colocados.

Preconceito é a forma, o modo como se vê um determinado grupo, construindo uma ideia negativa a partir da comparação com um ideal padrão daquele que julga. O ideal padrão é o superior, o que foge ao padrão é o inferior. “É um julgamento prévio negativo que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos”.³⁴

Discriminação é a manifestação ou comportamento induzido pelo preconceito, prejudicando certa pessoa ou grupos de pessoas. “A violência pode ser a manifestação agressiva desse comportamento, ou a forma como todo e qualquer ato discriminatório é percebido pela pessoa que o recebe”.³⁵

Quando se tem um modelo como ideal, aquele que fugir do modelo é considerado, no mínimo infrator. Se já há dificuldade de uma pessoa aceitar @ diferente de si própria, maior dificuldade haverá em aceitar aquele que não se encontra dentro dos padrões idealizados, em se colocar no lugar daquele que a pessoa não deseja ser, ou até mesmo tem medo de ser. E se uma pessoa não sente empatia, não se sente responsável, não quer ter compromisso com @ outr@,

³⁴ CARTILHA CIDADANIA PARA TODOS. *Preconceito, racismo e discriminação social*. Disponível em site: <http://www.dhnet.org.br/w3/ceddhc/bdados/cartilha14.htm>. Acessado em 12/03/2011.

³⁵ JACCOUD, Luciana; BEGHIN, Nathalie. *Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental*. Brasília: IPEA, 2002, p. 38. Disponível em site: <http://www.ufgd.edu.br/reitoria/neab/downloads/desigualdades-raciais-no-brasil-um-balanco-da-intervencao-governamental-2013-jacoudd-beghin/view>. Acessado em 31/05/2010.

então, o mais comum, é el@ procurar excluir, eliminar o que @ incomoda.

De modo geral o padrão sócio-cultural em que @ interlocutor@ está inserid@ serve de parâmetro para classificar os que serão incluídos e os que serão excluídos. O modelo traz a contraposição como negativa. Por exemplo: No século IV, bárbaro era aquele que não era romano. Até o século XVII, mulher era aquela que não era homem. Ainda hoje, “negr@ é aquel@ que não é branc@, homossexual é aquel@ que não é heterossexual”.³⁶ E na Igreja Católica, juridicamente, o leigo é: “o que não é clérigo, o que não é religioso [...]”.³⁷

Aquel@ que mais se identificar com o padrão ideal será considerad@ @ mais human@ e mais direitos lhe serão reconhecidos, e quanto mais afastad@ do padrão, menos parecerá human@, e menos direitos lhe serão garantidos. O problema é que normalmente “as pessoas que personificam o ‘ideal’ tendem a padronizar o restante pelo mesmo padrão ideal”.³⁸

Eliminar ou abrandar ‘o preconceito e a discriminação’ não é nada fácil. Eles estão ligados à construção social e histórica das relações de poder, e às relações materiais de produção que são estabelecidas entre os seres humanos em um período histórico, determinando os grupos que social e economicamente estão incluídos ou excluídos da sociedade.

Nas relações de poder duas vozes têm sido determinantes na história da humanidade por terem, por séculos, caminhado juntas: a do estado e a religiosa.

2.2.

Estado e Religião

Toda sociedade é caracterizada pela cultura que a envolve, e a cultura ocidental foi moldada pelos padrões do cristianismo. Hoje, não há mais a aliança, ‘estado – religião cristã’ na maior parte dos países ocidentais, e as pessoas encontram-se em meio a uma pluralidade de religiões e valores. Mas cada pessoa, mesmo não sendo cristã, possui no seu inconsciente as marcas do tempo em que

³⁶ MACIEL, T. Carolina. *A construção social da deficiência*. In: II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. Florianópolis: UFSC. Anais do Seminário, 2007, p. 162.

³⁷ Trata-se daquele a quem não foi dado um carisma, ou uma vocação ou um ministério especial. Cf. BINGEMER, M. Clara. *A identidade crística*. SP: Ed. Loyola, 1998, p.22.

³⁸ MACIEL, *A construção social...*, p. 163.

havia hegemonia no pensamento religioso. Sem dúvida, importantes valores cristãos foram e são transmitidos ainda hoje, mas também recebemos, no passado, palavras baseadas em interpretações bíblicas sem uma hermenêutica adequada, e sem o conhecimento que a ciência nos traz na atualidade. Palavras que serviram para justificar ações discriminatórias e influenciaram de tal maneira a percepção em relação a certos grupos, que ainda hoje fazem gerar diferentes tipos de violência.

Para entendermos melhor esta relação, vamos fazer um breve retrospecto histórico de como o cristianismo e o estado se uniram, até se divorciarem, em um passado bem próximo.

O Novo Testamento nos mostra que, quando as primeiras comunidades se formaram, havia uma pluralidade cultural que foi respeitada em todas as igrejas, e o discurso religioso se fixava na importância de testemunhar a experiência salvífica dos discípulos com Jesus Cristo. “A sabedoria da Igreja foi manter as diferenças entre as diferentes maneiras de viver o seguimento de Jesus, enriquecendo a vida eclesial”.³⁹ Eram experiências diversas marcadas por alguns traços comuns: dons carismáticos, a centralidade em Cristo, a pneumatologia, a fraternidade e a igualdade.

Já no século II o cristianismo começou a sentir necessidade de se transformar para enfrentar os desafios, as perseguições, as acusações, mas embora neste período já houvesse a preocupação de preservar a tradição apostólica e a identidade cristã, isso não impedia que as mudanças continuassem acontecendo. Com o Imperador Constantino (cerca de 285-337) ‘estado e religião’ se aproximaram e depois com o Imperador Teodósio (347-395) o cristianismo, no ano 380⁴⁰, passou a ser a religião oficial do Império. Com isso o discurso religioso adquiriu uma característica absolutista e imperial. No entanto, no curso da história a Igreja percebeu que para ser fiel a sua missão, só “assumindo a linguagem da época poderia ser entendida, só respondendo aos desafios concretos poderia ser significativa, só deixando transparecer a mensagem evangélica poderia ser atraente sem perder a sua identidade e finalidade”.⁴¹

³⁹ TEPEDINO, Ana Maria. *Iniciação teológica: Encontro com a Igreja de Jesus Cristo* (Eclesiologia). Rio: PUC-Rio, 2000, p. 30.

⁴⁰ HELLFELD, Mathias von. *Cristianismo tornou-se religião do Império Romano em 380 dC*. Disponível em: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,4224599,00.html>. Acessado em 17/01/2012.

⁴¹ MIRANDA, França de. *A Igreja no atual pluralismo cultural e religioso*. Disponível em: ht

A cristandade se formou através dos séculos em resposta aos desafios socioculturais do ocidente europeu. Na época da cristandade que teve seu apogeu na Idade Média, Igreja e Estado fizeram uma espécie de acordo na preservação dos valores cristãos. A Igreja Católica ditava as normas morais enquanto o poder civil monárquico reconhecia oficialmente a Igreja, e os valores cristãos eram tidos como essenciais para a vida da sociedade que os aceitava quase que homoganeamente.

A Reforma Protestante, em 1517, provocou uma revolução religiosa que teve início na Alemanha, e se estendeu para outros países dividindo a Igreja do Ocidente entre os católicos romanos e os reformados ou protestantes. A Reforma trouxe diversas mudanças conceituais na doutrina cristã, e permitiu o acesso do povo à Bíblia através das traduções feitas por vários reformadores que partiram do latim para as línguas nacionais. Essa liberdade fez com que fossem surgindo igrejas de denominações diferentes e independentes.⁴²

A Igreja Católica e algumas denominações cristãs tiveram embates sangrentos, mas o protestantismo se fortaleceu, e nos séculos seguintes surgiram outras denominações reformadas, tais como os Batistas e os Metodistas.

De acordo com Maximilian Weber⁴³ a reforma protestante foi um movimento renovador e marcou para muitos católicos e protestantes o início da modernidade. Seu princípio era a liberdade, e esta foi a sua proposta. Mas para isso precisava manter os ideais individualistas, libertários e críticos dos momentos iniciais da Reforma. Isto aconteceu até que “foi preciso escolher entre modernidade ou liberdade, pois ambas, não podiam coexistir”.⁴⁴ Dessa forma, quando o mundo protestante descobriu que para progredir era necessário se moldar ao sistema de produção capitalista, segundo Rubem Alves,⁴⁵ “ficou impossível manter os ideais do início, e precisou abortar esses ideais”.⁴⁶

[tp://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0jNowPHUw-cJ:www.cnl.org.br/pub/publicacoes/d6e73947c1c1d05c4b057420b5bbe7ab.doc+A+Igreja+no+atual+pluralismo+cultural+e+religioso+Fran%C3%A7a+de+Miranda&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0jNowPHUw-cJ:www.cnl.org.br/pub/publicacoes/d6e73947c1c1d05c4b057420b5bbe7ab.doc+A+Igreja+no+atual+pluralismo+cultural+e+religioso+Fran%C3%A7a+de+Miranda&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acessado em 15/06/2010.

⁴² SUA PESQUISA. COM. *Reforma Protestante e Contrarreforma*. Disponível em site: <http://www.sua.pesquisa.com/protestante/>. Acessado em 16/06/2010.

⁴³ Foi considerado um dos fundadores da Sociologia. Autor de diversos livros. Entre eles: *A ética protestante e o espírito do capitalismo*; *Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião*; *A ciência como vocação*; *A política como vocações*; e *História Geral de Economia*.

⁴⁴ WEBER, Max. *On charisma and Institution Building*. Chicago: The University of Chicago Press, 1968, p. 38.

⁴⁵ Psicanalista, educador e teólogo. Entre outros, autor de *Religião e Repressão*; *Se eu pudesse viver a minha vida novamente*; *Entre a ciência e a sapiência*; *Do universo à jabuticaba*.

⁴⁶ ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo: Teológica/ Edições Loyola, 2005, p. 57.

Na sociedade ocidental, ‘cristianismo e estado’ caminharam juntos por séculos, pois em quase todos os países do ocidente, o cristianismo era oficial. “A mais poderosa e mais abrangente foi a Igreja Católica, mas as Igrejas ortodoxa, anglicana, calvinista, luterana”,⁴⁷ entre outras, também foram religiões oficiais em diversos países.

Como religião oficial o cristianismo participou e foi protagonista de importantes decisões, cabendo às igrejas cristãs⁴⁸ orientar e guiar seus fiéis de acordo com os interesses de ambos: Religião e Estado.

Diversos grupos dentro da sociedade ocidental sofreram e sofrem com o ‘preconceito e discriminação’, mas três grupos, apesar das diferenças existentes entre eles, possuem alguns importantes aspectos comuns:

- Foram considerados diferentes e inferiores ao ideal padrão construído culturalmente na sociedade ocidental. - Seus perseguidores encontraram no ‘discurso religioso’ embasamento para justificar o preconceito. - Ainda hoje “o preconceito a esses grupos é obstáculo à efetivação de direitos e à consolidação de projetos de vida emancipatórios”.⁴⁹ São eles: a mulher, @ negr@ e @ homossexual.

Pelos motivos acima apresentados, escolhemos estes grupos como focos principais desta dissertação. Procuraremos entender o que se encontra por trás das construções culturais que, de modo individual e coletivamente, colaboraram para gerar o ‘preconceito’ e a ‘discriminação’ a estes grupos. Fatores que permanecem até hoje. Com este objetivo relembremos um pouco da história de cada um.

⁴⁷ Um exemplo que podemos dar é o da Igreja Luterana Sueca, que de acordo com Verônica Melander, tornou-se uma igreja estatal. Para ela as instituições do estado também se tornaram instituições da Igreja sueca. Considerava-se que a unidade do estado era baseada na unanimidade religiosa. Todos os cidadãos eram forçados a confessar a fé luterana. Cf. MELANDER, Verônica. *Gênero e ministério na Igreja Sueca*. Disponível em site: www.iserassessoria.org.br/novo/arqsupl/oad/99.DOC. Acessado em 22/06/2010, p.4.

⁴⁸ Quando nos referirmos a igrejas cristãs estaremos incluindo a igreja católica, todas as denominações protestantes, e até as Pentecostais e Neopentecostais.

⁴⁹ COLETIVOS DE ENTIDADES NEGRAS. *Lançamento da Comissão de Gênero, Etnia e Diversidade sexual no RJ*. Disponível no site : <http://cenbrasil.blogspot.com/2010/06/lancamento-da-comissao-de-genero-etnia.html>. Acessado em 20/06/2010.

2.3.

A história da mulher

Na antiguidade primeira, quando ainda o matrimônio era feito em grupos, e a solidariedade entendida como norma preponderante para se definir as condições de vida da família, acredita-se que ‘o matriarcado’ era o grande modelo de sexualidade⁵⁰. De acordo com Highwater⁵¹, provavelmente, foi na “mitologia primitiva que se originou a primeira concepção da sexualidade”.⁵² “A mitologia estava ligada ao culto da fertilidade, representada por deusas femininas generosas, reprodutoras, capazes de multiplicar a vida”.⁵³ Mas a partir do momento que a agricultura começou a ser descoberta como meio de subsistência, e os instrumentos agrários puderam ser confeccionados, os primeiros agrupamentos perceberam a possibilidade de exercer certo controle sobre a natureza, e a partir daí aconteceram grandes transformações no relacionamento entre os seres humanos e a divindade, os seres humanos e a natureza, e entre os próprios seres humanos, incluindo o relacionamento entre homens e mulheres. Surgiram, então, novas formas de relações sociais e econômicas.

A conversão de riquezas em propriedade familiar advinda do excedente de produção, o reconhecimento da paternidade, a relação entre ato sexual e procriação podem compor um quadro explicativo para a reorganização da estrutura familiar primeva, determinando o surgimento da família monogâmica.⁵⁴

Para Highwater “Na medida em que os homens foram estendendo seu poderio, e a mulher foi cedendo seu espaço, a mitologia feminina foi desaparecendo no meio de novas interpretações, ao mesmo tempo em que uma mudança lenta e gradual acompanhava os estágios de organização das sociedades”.⁵⁵ Com o tempo, a figura feminina que outrora, no imaginário social, tinha lugar de destaque devido a sua ligação e integração com a terra e a

⁵⁰ Nas sociedades agrárias do Oriente Médio, na mitologia primitiva sumeriana, na dos astecas, gregos, africanos, até as sociedades indígenas americanas do século XX encontram-se referências ao culto à fertilidade, representado por deusas femininas, generosas e reprodutoras, capazes de multiplicar a vida. Cf. ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. São Paulo: Global, 1984.

⁵¹ Pesquisador. Autor de ‘Mito e sexualidade’.

⁵² HIGHWATER, Jamake. *Mito e sexualidade*. São Paulo: Saraiva, 1992, p. 40.

⁵³ MOUKARZEL, M. Graças das. Heranças históricas sobre sexualidade e deficiência na tradição ocidental. In: *Sexualidade e deficiência: superando estigmas em busca da emancipação*. Campinas: UEC, Faculdade de Educação, 2003, p.8.

⁵⁴ IDEM. *Ibidem*, p.10.

⁵⁵ HIGHWATER, *Mito e sexualidade*, p. 45.

fertilidade, passava a uma visão de subserviência e inferioridade. “O homem apodera-se dos meios de produção, explorando e submetendo a mulher à condição de servidora”.⁵⁶ O sexo masculino, então, começava a ser considerado como paradigmático.⁵⁷

Apesar da Bíblia nos mostrar que o povo de Israel foi conhecendo Deus e modificando a percepção que tinha dele através dos tempos, o padrão judaico que prevaleceu foi o de um Deus masculino, racional, ciumento, dominador do ser humano e da natureza. Este arquétipo hebraico inaugurou a tradição patriarcal, representando uma nova configuração de forças entre o matriarcado primeiro e o patriarcado antigo. Modelo que acabou seguido pelos sistemas filosóficos, sociais, e políticos governados por homens.

Na história de Israel, a mulher foi oprimida e vista como um objeto negociável, da mesma forma que os animais. A passagem bíblica, Gn 2, 4b-25, traz a mulher (Eva) sendo criada da costela do homem (Adão), o que foi determinante para a interpretação ‘da submissão da mulher ao homem’. Na realidade, no judaísmo, a mulher não só era submissa ao homem, mas também não tinha direitos, só deveres.

Segundo Tereza Cavalcanti⁵⁸, “o fato de nascer homem ou mulher em Israel decretava o grau de maior ou menor dignidade da pessoa na vida social e religiosa. Isto era tão forte na sociedade judaica que, no século II dC, os judeus passaram a rezar três vezes ao dia a oração do rabi Ben Jehuda”: Louvado sejas por não me ter feito gentio! Louvado sejas por não me ter feito mulher! Louvado sejas por não me ter feito ignorante!⁵⁹

Na Grécia Antiga, berço da civilização ocidental, existe referências mitológicas a um suposto período que teria sido controlado pelo sexo feminino, e onde é possível encontrar princípios que expliquem a estrutura familiar patriarcal, herdeira das tradições gentílicas. Nesta mitologia, Gaia, a Deusa-Mãe da vida, única criadora do mundo e da humanidade foi derrotada após uma sucessão de batalhas entre deuses e homens, o que “reduziu a mulher a um permanente estado de impotência e submissão”.⁶⁰ O movimento patriarcal grego trouxe um modelo

⁵⁶ MOUKARZEL, *Sexualidade e deficiência*, p. 11.

⁵⁷ O que significa que surgia como o padrão ideal.

⁵⁸ Professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Autora do livro *A lógica do amor*.

⁵⁹ CAVALCANTI, Tereza Maria. *Relações Interpessoais em uma narrativa do evangelho de Marcos*. In: *Revista Atualidade Teológica*, fasc. 12, 2002, p.355.

⁶⁰ MOUKARZEL, *Sexualidade e deficiência*, p. 13.

de estética, beleza e perfeição voltado para a sexualidade masculina. Na família grega clássica, o domínio paterno podia ser equiparado ao poder de um senhor de escravos, e a mulher percebida como inferior, não possuía os direitos políticos dos homens, e era banida do convívio social.

Na Roma Antiga, a mulher também era considerada propriedade da família e objeto de troca. O casamento servia a um fim comercial, e as famílias das mulheres, seguindo as normas de comércio, recebiam dotes ou pagamento de bens. Esta união legalizada era necessária para legitimar a descendência. Já entre a plebe, as uniões aconteciam pela necessidade de sobrevivência. A partir do século I aC., o direito romano ampliou o controle da sexualidade familiar instituindo o pátrio poder, no qual concedia ao homem o direito de deliberar sobre a vida dos filhos, esposa e agregados. Dessa forma, “a família romana passou a ter um sistema de relações sociais baseado na servidão”.⁶¹

O cristianismo, embora proveniente do judaísmo trazia em sua base doutrinária a grande novidade dos evangelhos canônicos. Na Igreja Primitiva a mulher era ativa, engajada, discípula, missionária, líder, responsável pelas igrejas domiciliares. De acordo com Ana Maria Tepedino,⁶² Jesus no seu relacionamento com as pessoas, não fazia acepção. “A todos(as) acolhe e com todos(as) se relaciona da mesma forma. Isto foi verdadeiramente revolucionário.”⁶³ Para ela “Lc 8, 1-3 nos introduz na realidade deste movimento mostrando que, apesar de não constar nenhum nome feminino como pertencente aos doze apóstolos⁶⁴ não havia apenas doze homens, mas também mulheres”⁶⁵. Jesus considerava todos os seres humanos iguais, e da mesma maneira que os pobres e os pecadores fizeram parte do seu discipulado, ele incluiu a mulher como sua seguidora. Ela ainda nos diz que “Fiorenza⁶⁶ vai mais além quando afirma que as mulheres não eram figuras marginais no movimento cristão, mas exerciam liderança como apóstolas

⁶¹ MOUKARZEL, *Sexualidade e deficiência*, p. 15.

⁶² Professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio, e autora de *As discípulas de Jesus; Teia do conhecimento; Amor e discernimento*.

⁶³ TEPEDINO, Ana Maria. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 82.

⁶⁴ As passagens bíblicas com os nomes dos doze apóstolos estão em Mt 10, 2-4; Mc 3,16-19, e Lc 6,13 - 16.

⁶⁵ IDEM. *Jesus e seu movimento inclusivo* (Gl 3,28). Disponível em site:http://anamariatepedino.teo.br/wp-content/uploads/2011/03/jesus_movimento_inclusivo.pdf. Acessado em 06/11/09, p.2.

⁶⁶ Teóloga cuja pesquisa é voltada, principalmente, para a teologia feminista. Autora de diversos livros, entre eles: *As origens cristãs a partir da mulher; Caminhos de sabedoria; Jesus e a política da interpretação; discipulado de iguais*.

em situação de igualdade com os 12”.⁶⁷ O motivo da invisibilidade feminina entre os apóstolos estaria na prática de não nomear mulheres, já que estas, na sociedade da época, eram, como vimos, marginalizadas, só obtendo cidadania quando vinculadas a algum personagem masculino, como por exemplo, o marido ou o filho. No Novo Testamento, então, “as mulheres não são levadas em consideração nas histórias, a não ser que tenham uma fama muito grande, impossível de apagar”.⁶⁸

Para Maria Clara Bingemer em uma determinada tradição judaica, a mulher passou a ser oprimida pela sua constituição corporal. Sua anatomia não lhe permitia passar pelo rito da iniciação do judaísmo e era submetida a um número menor de mandamentos do que o homem, o que a diminuía em sua dignidade, pois a glória para o povo de Deus era viver segundo a lei de Deus. O seu ciclo menstrual foi considerado impuro, e com isto ela foi segregada em muitas esferas da vida social, pública e religiosa.

As mulheres no judaísmo do tempo de Jesus eram consideradas social e religiosamente inferiores por não serem ‘circuncidadas’, não fazendo parte da aliança com Deus, e ainda apontadas como responsáveis pela entrada do pecado no mundo e pela morte em consequência do pecado. No entanto, a atitude de Jesus para com as mulheres foi tão revolucionária que chegou a surpreender aos seus discípulos. “Ele as tornou ativas e participantes (Lc 10,38-42), e ainda beneficiárias privilegiadas de seus milagres (Lc 8,2; Mc 1,29-31; Mc 5, 25-34; Mc 7, 24-30)”.⁶⁹

As mulheres desempenharam um papel extremamente importante nesta transformação social oriunda da visão evangélica que a práxis e a palavra de Jesus trouxeram. Elas aparecem em diversas categorias de marginalizados, como representantes dos pequenos e oprimidos. “Jesus resgatou a dignidade das mulheres pela sua práxis libertadora, e a Igreja Primitiva parece ter assimilado as esperanças de Jesus ao introduzir um ritual de iniciação não sexista, tal como o batismo”.⁷⁰

⁶⁷ TEPEDINO, *As discípulas de Jesus*, p. 90.

⁶⁸ TAMEZ, Elza. *As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo*. S. Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 43.

⁶⁹ BINGEMER, Maria Clara. *La mujer: protagonista de la evangelización*. Revista Diakonia. El Salvador, CA. N. 125, março de 2008, p. 97. Disponível em site: www.uca.edu.ni/diakonia. Acessada em 18/03/2011.

⁷⁰ IDEM, *La mujer*, p.92-93.

Para o cristão ‘o batismo’ significa uma nova vida, e a participação das mulheres nele confere a elas não só igualdade aos homens, mas as coloca como semelhantes a Cristo, ou seja, em um patamar que não existia até então em Israel. “O batismo traz uma ruptura radical com o passado, surgindo um novo modo de ser. Com esta ruptura o batizado se faz semelhante a Cristo por uma morte semelhante a sua.”⁷¹ Uma morte que rompe com o passado, e abre para o futuro.

Para René Laurentin⁷², nas primeiras comunidades “em contraste com os costumes judaicos, o rito de iniciação - o batismo – é conferido também as mulheres e não se percebe nenhuma polêmica nesse sentido”.⁷³ Entretanto a Igreja não deu continuidade à revolução de Jesus com as mulheres. Ela teve que abdicar das mulheres para poder levar adiante a evangelização. “O peso cultural foi e continua sendo mais forte”.⁷⁴

Como exemplo da importância das mulheres na Igreja Primitiva podemos encontrar as citações de seus nomes no Novo Testamento. Entre outras, Maria, mãe de Jesus, Maria de Magdala, Marta e Maria. Os evangelhos registram que estas e outras mulheres estiveram presentes em ocasiões determinantes, e algumas foram tão importantes que são citadas mais de uma vez⁷⁵. Existem ainda muitas outras citadas em Atos dos Apóstolos, e nas cartas de Paulo que “trabalhavam ativamente, como é o caso de Prisca, Lídia, Ápia, Trifena, Trifosa, etc.”⁷⁶

Jerome O’Connor⁷⁷ afirma que as epístolas paulinas mostram que para Paulo “ [...] era natural que as mulheres fossem ministros da Igreja em igualdade de condições com os homens. Reconhecia seus dons como frutos de Espírito, aos

⁷¹ BINGEMER, M. Clara. *O Batismo, fonte do ministério cristão*. O caso das Comunidades Eclesiais de base (CEBs) In: Concilium n. 334, 2010, p. 36.

⁷² Francês, exegeta, teólogo, historiador ex-perito do Concílio Vaticano II. É especialista em Mariologia, e autor de "When God Gives a Sign".

⁷³ LAURENTIN, René. *Jesus e as mulheres: uma revolução ignorada*. In: Concilium n. 154, 1980/84, p. 81.

⁷⁴ TEPEDINO, Ana Maria. *Feminismo e libertação na voz de Ana Maria Tepedino*. SRZD. Disponível em site :<http://www.sidneyrezende.com/noticia/13860>. Publicada em 21/06/2008. Entrevista. Acessado em 16/03/2011.

⁷⁵ Maria de Magdala, por exemplo, é a mulher mais citada no N.T. Ela aparece 12 vezes. (Mt 27,56; Mc 15,40; Lc 23, 49; Jo 19,25; Mt 27,61; Mc 15,47; Lc 23:55; Mt 28,1-10; Mc 16,1-5.10.11; Lc 24,1-10; Jo 20,1-18. Cf: EXSURGE DOMINI. *O evangelho de Maria Madalena* Disponível em site: <http://www.exsurge.com.br/apologeticas/canom%20da%20biblia/textos%20canom%20da%20biblia/oevangelhode mariamaddalena.htm>. Acessado em 27/04/2011

⁷⁶ CAMPOS, Mônica B. *As CEBs e o inclusivismo católico na América Latina*, p.9. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st3/Campos,%20Monica%20Baptista.pdf>. Acessada em 03/12/09.

⁷⁷ Frei Dominicano, professor de Novo Testamento no École Biblique em Jerusalém. Autor de Paulo, biografia crítica; A antropologia pastoral de Paulo; etc.

quais ele não tinha nem o desejo, nem a autoridade de se opor”.⁷⁸ No entanto, não encontramos, normalmente, essas leituras nas interpretações dos exegetas tradicionais. Para Elisabeth S. Fiorenza as leituras da Bíblia não fazem jus ao real ‘status’ da mulher nas comunidades primitivas. Nas cartas genuínas de Paulo, por exemplo, podemos ver o título de apóstolo dado a Junia e de diácono a Febe. Além disso, em Fl 4,2-3 Paulo diz que Evódia e Síntequa “combateram” lado a lado com ele. O que nos leva a perceber que “enquanto as reuniões foram feitas em casas de família, diversas mulheres assumiram lideranças, pois este era um lugar permitido às mulheres”⁷⁹.

No entanto, quando a estrutura da Igreja começou a se aproximar do mundo grego e do Império Romano, principalmente da filosofia estoicista, a sexualidade passou a ser vista negativamente, e colocada em função apenas da procriação. A grande revolução trazida por Jesus Cristo, de um Deus repleto de misericórdia, compaixão e amor que aceitava a todos como iguais, e respeitava, valorizava a mulher, foi desaparecendo.

A mulher, não só voltou a ter uma posição de ‘inferioridade em relação ao homem’, mas também foi considerada ‘traíçoeira e pecadora’. O corpo passou de templo do Espírito Santo⁸⁰ a ser concebido como a morada do mal, do prazer e do pecado, e a alma ameaçada pelo demônio precisava ser preservada, pois representava o sentido da existência. As mulheres foram, pouco a pouco, sendo retiradas do trabalho apostólico, e as que decidiram consagrar sua vida a Jesus foram recolhidas a clausuras, obrigadas a usar hábito, a fazer votos solenes, e a trabalharem às margens do poder.

Segundo a professora Ana Maria Bidegain⁸¹ “a história das mulheres a partir daí no cristianismo, é oculta, marginalizada e anedótica”.⁸² Mas, ainda assim, as mulheres continuaram presentes, não deixando de atuar nos mosteiros ou em suas casas onde exerceram uma função catequética, e apesar de invisibilizadas pela história, “foram chamadas a participar da vida apostólica nos momentos de forte

⁷⁸ O’CONNOR, M. Jerome. *Paulo, biografia crítica*. São Paulo: Edições Loyola, SP, 1996, p.285.

⁷⁹ FIORENZA, Elisabeth S. *As Origens Cristãs a partir da Mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992, p. 193.

⁸⁰ Imagem Paulina encontrada no N.T. em Ef 2,22; 1Cor 3, 16; 6,19.

⁸¹ Historiadora e professora na Universidade da Flórida. Autora do livro *Participación y protagonismo de las mujeres em la historia del catolicismo latinoamericano*.

⁸² BIDEGAIN, A. Maria. *Participación y protagonismo de las mujeres en la historia del catolicismo latinoamericano*. Buenos Aires: San Benito, Argentina, 2009, p. 8.

crise da Igreja católica, exercendo funções de organização de redes ligadas ao poder econômico, social, educativo e religioso, dentro dos conventos”.⁸³

Com a ampla difusão da doutrina cristã, aos poucos, a visão negativa da sexualidade e a necessidade da mulher estar somente ligada à procriação, uniu-se às exigências da sociedade da época, servindo de base para a estrutura da sociedade ocidental como hoje conhecemos.

De acordo com Gary Macy⁸⁴ até a metade do século XII, “as mulheres eram cogitadas para a ordenação como qualquer homem. Elas eram consideradas como parte do clero”.⁸⁵ Eram ordenadas diaconisas, serviam como bispas, distribuíam comunhão e até ouviam confissões. “As evidências mais óbvias vêm dos ritos de ordenação”.⁸⁶

Na protoigreja, as mulheres eram viúvas, virgens e diaconisas. Na Igreja medieval, havia não apenas diaconisas, mas também *presbyterae* (mulheres sacerdotes), *episcopae* (bispas) e abadessas. Os termos *presbyterae* e *episcopae* são, às vezes, usados para designar as esposas de sacerdotes e bispos, mas não sempre.⁸⁷

A situação começou a mudar a partir do século XI, quando houve o movimento de reforma gregoriana e parte do programa de reforma era a implantação do celibato:

Alguns dos reformadores denegriam as mulheres para tornar o casamento menos atraente. Além disso, os canonistas optaram por seguir o direito romano mais antigo que negava às mulheres o direito de depor. Os teólogos também sustentaram que as mulheres não eram feitas à imagem de Deus [...].⁸⁸

A combinação do celibato com o direito romano e canônico, e a Bíblia estigmatizou as mulheres como sendo inferiores e incompetentes, tornando impossível que fossem consideradas capazes para ocupar qualquer cargo.

⁸³ BIDEGAIN, *Participación y protagonismo...*, p.16.

⁸⁴ Jesuíta, professor de teologia na universidade Santa Clara, nos Estados Unidos. Autor de *The hidden history of women's Ordination*.

⁸⁵ MACY, Gary. *A igreja deveria cogitar o retorno à ordenação de mulheres*. Entrevista concedida a Márcia Junges para o IHU On-line. Disponível em site: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2596&seção=295. Publicada em 01/06/09. Acessada em 13/02/ 2011.

⁸⁶ Cf. Macy os ritos de ordenação para diáconas estão contidos no pontifical do bispo Egbert de York, do século VIII, no sacramentário gregoriano do século IX e no pontifical romano do século XII. Os papas Bento VIII em 1018; João XIX em 1025 e 1026; Bento IX em 1037; Leão IX em 1049; e Calisto II em 1123, fazem referência, todos eles, a mulheres ordenadas. Gilbert, bispo de Limerick (cerca de 1070-1145), Thietmar, bispo de Merseburg (em 1018), e Atto, bispo de Vercelli (924-961), também fazem referência a mulheres ordenadas. Cf. IDEM. *Ibidem*.

⁸⁷ IDEM. *Ibidem*.

⁸⁸ IDEM. *Ibidem*.

De acordo com Gary Macy, Tomás de Aquino foi bem explícito quanto a isto: “A razão pela qual [as mulheres] estão sujeitas e não no comando é que elas são deficientes em termos de razão, a qual é extremamente necessária para presidir”.

Para Tomás de Aquino essa seria a razão pela qual Aristóteles em sua obra *Política* (livro 4, cap. 11) disse que “existe corrupção do governo quando este cabe às mulheres”.

Gary Macy continua explicando que:

No cerne do conceito de mulher da Igreja Medieval tardia, se encontrava a firme crença de que as mulheres eram, por natureza, inferiores aos homens, e esta compreensão estava parcialmente baseada na filosofia de Aristóteles. [...] Os homens são frios, e as mulheres são quentes. Os homens são ativos, e as mulheres são passivas.⁸⁹

O conhecimento do corpo humano até o século XVIII no mundo ocidental trazia um único modelo de sexo, e a realização máxima desse modelo se dava no corpo do homem. “A mulher era compreendida como um homem invertido e inferior. Invertido porque se considerava que o útero era o escroto feminino, os ovários eram os testículos, a vulva um prepúcio e a vagina um pênis. Inferior porque no modelo metafísico ideal do corpo humano, o grau de perfeição era alcançado pelo homem”.⁹⁰ A diferença entre homem e mulher, na época, acontecia a partir das posições sociais e culturais distintas que cada um exercia. A palavra ‘sexo’ só era usada para designar os órgãos reprodutores”.

No final do século XVIII e início do século XIX, a revolução burguesa e o Iluminismo mudaram a realidade social e as mulheres tornaram-se, em princípio, iguais aos homens. Perante a lei todos eram seres racionais e iguais, e o estado burguês pretendia respeitar a liberdade dos cidadãos. No entanto, a mudança exigida pela igualdade jurídico-política entre homens e mulheres era tão grande que se questionava até que ponto isso seria possível naquela sociedade. Deu-se, então, a procura pela delimitação dessa igualdade, surgindo a necessidade de marcar a diferença de sexos. Os princípios que demarcavam o plano moral eram: a

⁸⁹ MACY, *A igreja deveria cogitar...* Disponível em site: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2596&seção=295. Publicada em 01/06/09. Acessada em 13/02/ 2011.

⁹⁰ SILVA, Adriana. Breve conceituação histórica do conceito de homossexualidade. In: *Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual Internalizado*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2007, p. 20. Disponível no site: http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Bu_sca_etd_s.php?strSecao=resultado&nrSeq=9652@2. Acessado em 20/03/ 2010.

propriedade e o fortalecimento da ideia de individualidade.

As diferenças entre homem e mulher começaram, a partir daí, a ser pensadas em termos de oposição. “Partiu-se do princípio de que havia uma divisão bipolar do sexo, e os dois sexos eram diferentes em todos os aspectos concebíveis: corpo e alma; físico e moral”.⁹¹

Essa divisão bipolar do sexo passou a justificar e impor diferenças morais aos comportamentos femininos e masculinos, seguindo as exigências da sociedade burguesa, capitalista e individualista da época.

A mulher voltou a ser signo da fragilidade da vida privada e da família, enquanto o homem se manteria na esfera do público e da política. “A distinção era dada a partir do encéfalo que determinava uma superioridade intelectual do homem e uma superioridade afetiva da mulher, assinalando a cada sexo um estatuto social diferente”.⁹²

A ‘política científica da sexualidade’ passou a diferenciar o corpo feminino em três níveis distintos: os ossos, os nervos e o prazer sexual. De acordo com a estrutura óssea⁹³ e a constituição nervosa⁹⁴, a mulher foi qualificada para as atividades domésticas e desqualificada para a vida pública. Em relação ao prazer sexual, no momento em que o conhecimento científico da sexualidade dissociou o orgasmo da reprodução, a mulher foi chamada a dispensar o prazer e voltar-se para a família e a procriação. De acordo com esta política a vocação ‘natural’ da mulher era o cuidado da casa, dos filhos e os relacionamentos familiares. Os traços femininos compatíveis com sua vocação seriam ‘dependência, cooperação, afetividade, sensibilidade e lealdade’. Ela deveria procriar para reproduzir a força de trabalho e “a família tornava-se, deste modo, a célula do estado burguês”.⁹⁵

O homem, por outro lado, devido à sua força física e moral passou a ter o papel de protetor; ele era visto como ativo enquanto a mulher era passiva. Esta concepção se estendeu pelos séculos XVIII, XIX e XX, com o papel masculino pressupondo uma série de características, comportamentos e interesses definidos culturalmente como apropriados aos membros do sexo masculino. O homem era o trabalhador, provedor, chefe de família e líder, e para exercer estas atividades

⁹¹ SILVA, Breve conceituação... In: *Homossexualidade*, p. 21.

⁹² IDEM. *Ibidem*, p. 22.

⁹³ Craniana e pelviana.

⁹⁴ A mulher era considerada mais sensível e sugestível.

⁹⁵ IDEM. *Ibidem*, loc. cit.

precisava ter traços masculinos, tais como: confiança, assertividade, racionalidade, seriedade, força, coragem e independência. Segundo Foucault,⁹⁶ principalmente, a partir do século XVII o discurso religioso que ele chama de “dispositivo de aliança” foi unido ao “dispositivo de sexualidade”. O primeiro defendia a aliança entre o casal através do matrimônio, com o sexo acontecendo para marcar as definições de parentesco e a transmissão de bens. O segundo determinava que o sexo deveria ser só para procriação. “Esses dois discursos serviram de suporte aos processos econômicos e à estrutura política existente nos séculos XVIII e XIX”.⁹⁷ Ambos articulavam as parcerias sexuais e familiares” que foram caracterizando a família heterossexual monogâmica, e “uma moral sexual cristã de formação hegemônica”⁹⁸ ainda hoje existente.

Para marcar a necessidade da submissão das mulheres, a Bíblia era citada, principalmente as Cartas Paulinas, como 1Cor 14, 33-40:

Pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz. Como acontece em todas as Igrejas dos santos, “estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não lhes é permitido tomar a palavra”. Devem ficar submissas, como diz também a lei. Se desejam instruir-se sobre algum ponto, interroguem os maridos em casa; não é conveniente que a mulher fale nas assembleias[...]”⁹⁹

Se lermos literalmente este texto, sem contextualizá-lo e sem olhar a intencionalidade total da Bíblia, será possível concluir que, se apenas os homens tinham o poder de falar, só a eles era dado e deve ainda ser dado o poder de decidir, de comandar, etc.

Hoje temos a hermenêutica bíblica contemporânea e a exegese que nos trazem informações que desconhecíamos no século XIX. De acordo com José Severino Croatto¹⁰⁰, Paulo estava inserido numa práxis cultural que idealizava os homens em detrimento das mulheres, e por este motivo precisamos ir além do

⁹⁶ Filósofo, ficou amplamente conhecido pelas suas críticas às instituições sociais, especialmente à psiquiatria, à medicina, às prisões, e por suas ideias e da evolução da história da sexualidade. Autor de inúmeros livros, entre eles: doença mental e psicologia; Teorias e instituições penais; Em defesa da sociedade; Soberania e disciplina; História da sexualidade.

⁹⁷ FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2003, p. 100.

⁹⁸ TORRES, Marco Antônio. *Os Significados da Homossexualidade no Discurso Moral religioso da Igreja Católica em Condições Históricas e Contextuais Específicas*. In: Revista de Estudos da Religião (REVER), n.1, 2006, p.151

⁹⁹ BÍBLIA, 1Cor 14, 33-40.

¹⁰⁰ Era teólogo, biblista. Autor de diversos livros. Entre eles: Hermenêutica bíblica; As linguagens da experiência religiosa; Isaías o profeta da justiça e da fidelidade; Êxodo, uma hermenêutica da liberdade.

texto escrito procurando estabelecer um princípio mais radical, através do prisma cristológico de outra afirmação paulina onde diz, em Gl 3,28, que todos, mulheres e homens, seriam um só em Cristo Jesus.

Segundo O' Connor, “a perícopé de 1 Cor 14, 34-35 onde o texto bíblico diz que ‘as mulheres devem se calar na Igreja’, não foi escrito por Paulo”.¹⁰¹ Foi uma inserção feita posteriormente, assim como aconteceu em diversas outras passagens.¹⁰² Como vemos, dar liderança, voz às mulheres, dificilmente podia ser aceito por muito tempo em uma sociedade com padrões androcêntricos tão fortes.

A abordagem, entretanto, que ficou marcada no inconsciente das pessoas, apesar da conscientização da mulher, dos movimentos feministas que foram surgindo, levando, de modo irreversível à participação da mulher aos mais diferentes setores da sociedade, foi a ideia tradicional de subserviência. E ainda hoje, uma parte da sociedade reage não só à participação da mulher, mas às modificações que surgem com a sua presença efetiva na sociedade. Dessa forma, continuamos a ouvir, de mulheres e homens, leig@s e clérigos, na tentativa de se justificarem, que as mulheres devem ser submissas.

Só a partir da metade do século XX, a mulher, após muita luta, sofrimento e determinação, com a ajuda dos movimentos feministas, principalmente na sociedade ocidental, “conseguiu expandir seus domínios para além da casa e filhos, adquirindo legalmente direitos iguais aos homens, e leis de proteção”¹⁰³. Conquistou o mercado de trabalho e, finalmente, saiu da subserviência do homem. Mas, mesmo na sociedade ocidental do século XXI onde a mulher já assume altos postos nas grandes empresas privadas e públicas, chegando ao mais alto cargo da nação brasileira, que é a presidência da república, ainda é possível encontrar ações discriminatórias e extremamente violentas contra a mulher. Segundo dados do Instituto Patrícia Galvão, “no Brasil, estima-se que, a cada 15 segundos uma

¹⁰¹ O' CONNOR, *Paulo, biografia crítica*, p. 296.

¹⁰² IDEM. *Ibidem*, p.296. A nota de rodapé (145) afirma que esta pequena frase, foi acrescentada tardiamente para ficar em harmonia com a passagem não paulina de 1 Tim 2, 11-14.

¹⁰³ LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006, *Lei Maria da Penha* que cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. Cf. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Disponível no site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acessada em 23/06/2010.

mulher é espancada”.¹⁰⁴ O mapa da violência realizado pelo Instituto Zangari nos informa que, “entre 1997 e 2007, 10 mulheres foram mortas por dia no Brasil”.¹⁰⁵

A Organização Mundial de Saúde afirma que “quase metade das mulheres assassinadas é morta pelo marido ou namorado, atual ou ex”.¹⁰⁶

No Brasil, apesar da lei Maria da Penha, muitos crimes ficam sem solução. Nas casas permanece o espancamento de mulheres pelos maridos, além de inúmeros assassinatos, e a grande quantidade de casos de violência sexual contra meninas é feita pelos próprios pais, tios, avôs, e namorados das mães. Isto nos mostra que no imaginário masculino a mulher ainda é percebida como inferior e sua propriedade.

Profissionalmente, apesar dos cargos de chefia que atinge, seu salário ainda é, na maioria das empresas, inferior ao de um homem na mesma função.

Na Igreja Católica após o Concílio Vaticano II as mulheres tiveram maiores possibilidades de liderança dentro da igreja. Este acesso possibilitou reflexões teológicas e interpretações bíblicas ligadas a reflexões de gênero que passaram a trazer a dimensão feminina de Deus. Para Maria Clara Bingemer, “Cada pessoa da Trindade mostra uma harmonização de características masculinas e femininas. Trata-se de uma comunidade de amor que se revelou também no feminino, assim como no masculino”.¹⁰⁷ Entretanto, mesmo com o surgimento de uma teologia de gênero, e uma maior valorização da mulher nos discursos religiosos e documentos da igreja, a mulher ainda está fora dos seus ministérios principais.

Para esta teóloga, na Igreja Católica a grande discriminação parece referir-se a algo muito mais forte do que a parte intelectual ou prática. “O patriarcalismo sublinha a superioridade do homem não somente numa perspectiva intelectual ou prática, mas no que chamaríamos de uma perspectiva ontológica”.¹⁰⁸

¹⁰⁴ SILVA, Elaine de Fátima; SILVA, Daiana da; SANTOS, Iara amora dos. *Por uma educação não sexista*. RJ: CAMTRA, 2009, p. 13.

¹⁰⁵ Os resultados do Mapa da Violência no Brasil 2010, do Instituto Zangari, com base no banco de dados do Sistema Único de Saúde (Datusus) são: Em dez anos, dez mulheres foram assassinadas por dia no Brasil. Entre 1997 e 2007, 41.532 mulheres morreram vítimas de homicídio – índice de 4,2 assassinadas por 100 mil habitantes. Cf. MANSO, Bruno P. *Dez mulheres são mortas por dia no Brasil*. Estadão.com.br/Brasil. Publicado em 10/07/2010. Disponível em site: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,dez-mulheres-sao-mortas-por-dia-no-pais,575974,0.htm>. Acessado em 21/04/2011.

¹⁰⁶ SILVA; SILVA; SANTOS. *Por uma educação...*, p. 13.

¹⁰⁷ BINGEMER, Maria Clara. O rosto feminino de Deus. In: *Jesus e o abraço universal*. IHU online. S. Leopoldo: Unisinos. Edição 248, 2007, p.31. Entrevista. Disponível em site: www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1197924111.76word.doc. Acessada em 21/04/ 2011.

¹⁰⁸ IDEM, *La mujer*, p.92. Disponível em site: www.uca.edu.ni/diakonia. Acessada em 18/03/2011.

Algumas igrejas cristãs também permanecem na direção tradicional e sua interpretação bíblica, na maioria das vezes, da mesma forma que a Igreja Católica, não traz a real importância da mulher na igreja primitiva, a não ser quando feita pelas próprias mulheres. De acordo com a pesquisa de Magalhães Filho¹⁰⁹, a mulher protestante de denominação calvinista, da periferia de uma grande cidade, ainda está longe de ser aquela mulher livre e independente. “Ela continua submissa, doméstica, e sonhadora, sofrendo com o estigma de uma sociedade cristã, burguesa e machista”.¹¹⁰

Em uma análise sobre os movimentos pentecostais e neopentecostais, Cecília Mariz¹¹¹ diz que “as igrejas pentecostais e neopentecostais tendem, em linhas gerais, a adotar um modelo bastante similar entre si e o modelo tradicional patriarcal”.¹¹² Mas, há uma distinção, observa a pesquisadora, embora a mulher deva ser obediente, a pregação dessas igrejas limita-se à obediência a Deus, e não ao marido. Esta ênfase leva ao rompimento do machismo tradicional, relativizando o modelo patriarcal da sociedade, pois cobra dos homens um compromisso com Deus, a mulher e os filhos, dando mais autonomia e espírito crítico às mulheres.

Já há um bom tempo, um número expressivo de denominações protestantes históricas permite que a mulher assuma postos de comando e o ministério principal, inclusive o bispado.¹¹³ No Brasil em 1985 começou a ordenação de mulheres pela Igreja Anglicana. Em 2001 elegeu-se a primeira mulher para o episcopado da Igreja Metodista no Brasil.¹¹⁴ E em 2007 a Convenção Batista Brasileira já contava com sessenta e cinco mulheres como pastoras¹¹⁵.

De acordo com o NY Times Magazine, em 2007, apesar da Igreja Católica proibir o acesso da mulher ao diaconato e presbitério, a ordenação de mulheres

¹⁰⁹ Mestrando em Ciências da Família pela UCSAL. Desenvolveu uma pesquisa numa igreja histórica calvinista, com mulheres protestantes, de uma comunidade da periferia de Salvador. Estas mulheres responderam um questionário fechado, e foram observadas durante 30 dias.

¹¹⁰ FILHO, M. José Rômulo de. *Mulher protestante: mulher, mãe e trabalhadora*. Disponível em site: http://www.jrmf.pro.br/mulher_protestante.pdf. Acessada em 22/06/2010, p.7.

¹¹¹ Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. É uma das organizadoras de *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno* (2009).

¹¹² MARIZ, Cecília. *O pentecostalismo e a emancipação das mulheres*. Entrevista. Revista HIU on-line. Disponível em site: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=&Itemid=23&task=detalhe&id=2103>. Acessada em 22/06/2010.

¹¹³ É o caso da Igreja Episcopal dos Estados Unidos que em 2006 escolheu, em 2006, a bispa Katharine Schori, como sua nova líder.

¹¹⁴ IGREJA METODISTA DE VILA ISABEL. Disponível em site : <http://www.metodistavilaIsabel.org.br/artigosepublicacoes/descricocolunas.asp?Numero=756>. Acessado em 12/02/2011.

¹¹⁵ STEPHANINI, Valdir Pr. *Mulheres no Ministério Pastoral Batista*. In: Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, v.3, 2009, p. 467.

vem crescendo na clandestinidade.

Desde 2002, cerca de 40 mulheres católicas foram ordenadas como sacerdotes, desafiando as leis do Vaticano. Embora um pequeno número de mulheres trabalhando como sacerdotes possa parecer apenas uma pequena irritação, e não uma ameaça ao Vaticano, o número não pára de crescer. Mais de 120 mulheres, muitas das quais há muito conectadas com a Igreja, como freiras, capelãs e líderes laicas, estão estudando para a ordenação, no momento. Cerca de 11 mulheres norte-americanas esperam ser ordenadas até setembro.¹¹⁶

A ocupação de cargos de decisão pelas mulheres e a ordenação para os ministérios principais das diversas igrejas cristãs favorecem significativamente as mulheres dessas igrejas e as mulheres em geral. No momento em que discurso e ação conseguem se complementar, pouco a pouco, ajudam a mulher a ser vista sob outra ótica e o comportamento do homem pode aos poucos ir se modificando em relação à mulher. Já nas igrejas cristãs que não aceitam a ordenação, incluindo a Igreja Católica, onde visivelmente não há congruência entre discurso e ação, a divergência é sentida pelos fiéis e pela sociedade, ajudando a dar continuidade às ações discriminatórias consequentes da visão sexista.

Ao fazermos este resumo da história da mulher tivemos oportunidade de mostrar o quanto que a visão de inferioridade da mulher em relação ao homem e o discurso religioso das igrejas cristãs unidas ao discurso do Estado colaboraram para a proliferação do preconceito e da discriminação, produzindo violência em relação à mulher através dos séculos. E mesmo na contemporaneidade, quando a mulher conquista seu espaço nos diversos setores da sociedade, assistimos a um aumento de violência doméstica em relação à mulher, que nos indica a necessidade de ações concretas não sexistas por parte das igrejas e da sociedade em geral.

O próximo grupo que contaremos a história, apesar de fazermos sua abordagem a partir do século XVIII devido à escravidão que sofreram, segundo alguns especialistas, ‘o preconceito’ e ‘a discriminação’ em relação a ele, vem desde o início do judaísmo, cristianismo e islamismo, quando a cor negra foi vinculada ao inferno.¹¹⁷

¹¹⁶ RUSSEL, Jan Jarboe. *Sacerdotes mulheres rezam missas proibidas*. Disponível em site: <http://noticias.terra.com.br/revistas/interna/0,,OI1711235-EI8248,00.html>. Acessado em 12/02/2011.

¹¹⁷ HOFBAUER, Andréas. *O racismo no Brasil e o branqueamento da sociedade*. Entrevista Disponível no site CONEXÃO PROFESSOR: <http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/temas-especiais-11c.asp>. Acessada em 27/03/2010.

2.4. A história d@ negr@

Para falar sobre @ negr@ é necessário antes fazer uma diferenciação entre dois termos relevantes: ‘racismo’ e ‘preconceito racial’, já que muitos pesquisadores o fazem. Para Hélio Santos¹¹⁸, ‘racismo’¹¹⁹ parte do pressuposto que um grupo racial é superior ao outro, e que o grupo inferior possui defeitos de ordem moral e intelectual que são próprios da raça. “Preconceito racial é a construção de uma ideia negativa sobre alguém ou um grupo, produzido a partir de uma comparação realizada com um ‘padrão ideal’ estipulado ou aceito por aquele que julga.”¹²⁰ Neste trabalho citaremos o termo ‘racismo’ ou ‘preconceito racial’, de acordo com o autor, pois ambos os termos apontam o negro ou a raça negra como inferior e este é o nosso foco.

O preconceito em relação @o negr@ teve seu início no processo de colonização quando os defensores da escravidão amparados em uma visão hierárquica da sociedade justificavam a escravidão a partir de um conjunto de estereótipos negativos d@ negr@.

No século XVIII, grande parte dos autores acreditava que as diferenças raciais eram dadas por fatores ambientais, como forças climáticas, geográficas, alimentação, e por vezes, ainda fatores religiosos e morais. Conforme aponta Joanne Melish¹²¹, nos Estados Unidos, inicialmente, havia uma certa maleabilidade na definição racial em relação à cor da pele. Existiram, inclusive, cientistas como S. Stanhope Smith (1751-1819) que acreditavam que “@s african@s poderiam passar por um processo de melhoramento envolvendo o branqueamento da pele a partir de um clima mais favorável e da força da

¹¹⁸ É professor, militante histórico do movimento negro, e escritor de *A busca para o caminho para o Brasil*.

¹¹⁹ A palavra racismo foi lançada por alguns intelectuais europeus para conceituar a luta contra práticas específicas de discriminação implementadas por lei. Este conceito surgiu num momento em que a noção de raça, como fator determinante para todas as formas de diferenças humanas, começava a ser posta em xeque pela ascensão das “culturas humanas”, ao mesmo tempo em que regimes políticos, como a Alemanha nazista, aplicavam as velhas teses raciais biologistas e deterministas para promover políticas de discriminação, segregação e até de extermínio de grupos humanos indesejados. Cf. HOFBAUER, *O racismo no Brasil e o branqueamento...*

¹²⁰ SANTOS, Hélio. *Discriminação Racial no Brasil*. In: Gilberto Vergne Saboia; Samuel Pinheiro contra o Racismo, *Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*. Brasília: Ministério da Justiça, 2001, p. 83.

¹²¹ É professora associada de história, na Universidade de Kentucky. Autora de vários livros, entre eles: *Disowning Slavery: Gradual Emancipation and "Race" in New England, 1780–1860*.

civilização cristã-ocidental”.¹²²

É importante ressaltar que, hoje, um grande grupo de historiadores acusa a religião cristã de ter compactuado com a escravidão. No entanto, há grupos dentro das igrejas cristãs que defendem o cristianismo¹²³, dizendo que não se pode julgar os erros do passado com os parâmetros do presente. Se no passado houve aceitação da escravatura, não foi apenas a comunidade cristã, mas toda a humanidade, pois este foi um sistema aceito por todos. De acordo com este grupo, a primeira voz que teria denunciado a escravidão saiu de uma igreja cristã, num movimento liderado pelos Quakers.¹²⁴ Outro grupo afirma que muitos padres da Igreja Católica, mesmo aceitando a escravidão, denunciavam em seus sermões os maus tratos feitos aos escravos. Um exemplo importante desse tipo de discurso é um sermão feito pelo Pe. Antonio Vieira: ‘o Sermão Décimo Quarto’.¹²⁵ Ao falar em uma missa à Irmandade d@s pret@s de um engenho (1633), no dia de São João Evangelista, na Bahia, com a presença dos senhores do engenho e seus/suas escrav@s, o Pe. Antônio Vieira colocou @s ‘pret@s’ como devotos do Rosário de Maria, e filhos privilegiados da mãe de Jesus, nascidos entre as dores da cruz. Seguindo sua exposição, citou a Bíblia, o Salmo III, onde é dada a nomeação genealógica dos pretos por origem.¹²⁶ Mas em seguida, seu discurso avançou para a compreensão do apoio da Igreja Católica ao tráfico de escravos da África, onde afirmou que os negros “[...] como todos os christãos, posto que fossem gentios, e sejam escravos, pela fé e pelo batismo estão incorporados em Christo, e são membros de Christo”.¹²⁷

Nesse momento passou a explicar o projeto colonizador, mostrando através de perguntas e respostas que os filhos de Deus, mesmo @s “aligenígenas” e @s escrav@s, tinham o direito de serem cristãos, e para isso era importante trazê-l@s

¹²² MELISH, Joanne Pope. *Disowning slavery*. Gradual Emancipation and Race in New England, 1780–1860. Ithaca: Cornell University Press, 1998, p.149.

¹²³ VILLAR, H. J. João de. *Cristianismo e escravidão: somos culpados?* Editora Ultimato. Disponível em site: <http://www.ultimato.com.br/?pg=showconteudo&util=1&categoria=3®istro=758>. Acessado em 06/06/2010.

¹²⁴ Originalmente, os Quakers eram os seguidores de George Fox, um pregador Inglês que, por volta de 1647, começou a pregar a doutrina do "Cristo no interior", mais tarde, "luz interior". Embora Fox não tivesse a intenção de estabelecer um corpo religioso separado, seus seguidores logo começaram a se agrupar em forma de organização. A primeira exposição completa da doutrina da "inner light" foi escrita pelo escocês Robert Barclay Quaker. Cf. SOCIEDADE DE AMIGOS - QUAKERS. Disponível em site: <http://mb-soft.com/believe/tcm/quakers.htm>. Acessado em 21/03/2010.

¹²⁵ VIEIRA, Antônio. *Sermões e cartas*: Antologia. Rio de Janeiro: Agir, 1968. p. 296.

¹²⁶ IDEM. *Ibidem*, p. 297.

¹²⁷ IDEM. *Ibidem*, p. 300.

para o convívio d@s branc@s crist@os. Louvou @s negr@s pela sua alta missão como crist@os a serem salvos, dizendo que deveriam dar infinitas graças por terem sido tirad@s das terras onde viviam como genti@s para serem crist@os, e se salvarem. Prosseguindo, insistiu que essas palavras não eram suas, mas da autoridade máxima, a Bíblia, e citou a profecia: “Virá tempo, diz David, em que os Ethyopes (que sois vós), deixada a gentilidade e a idolatria, se hão de ajoelhar diante do verdadeiro Deus e não baterão as palmas como costumam, mas fazendo oração, levantarão as mãos ao mesmo Deus”.¹²⁸

É relevante lembrar que nesta época o tráfico de escravos era visto como uma necessidade para o progresso da colônia, e a indústria açucareira surgia como sua força motriz. Dessa forma um parceiro da coroa portuguesa dificilmente se colocaria contra a escravidão.

Segundo Andreas Hofbauer¹²⁹ a cor negra veio sendo associada, desde o início, no cristianismo, judaísmo e islamismo ao inferno. E devido a uma releitura de Gn 9,25 na qual “o povo negro era da descendência de Cam, filho de Noé, que foi amaldiçoado por Deus para ser escravo dos escravos”,¹³⁰ a cor negra foi associada à maldição e à culpa. Já a cor branca, ao contrário, expressava o divino e a pureza da verdadeira fé. O homem branco era o paradigma, construindo-se a partir daí a inferioridade do negro. “Transformar negr@ em branc@ era um ideal e uma atitude moral-religiosa sempre associada aos processos de conversão”.¹³¹

Embora o processo de evangelização para o cristianismo tenha se diferenciado em cada país, todos partiram dos mesmos paradigmas. Dessa forma, todos os países para onde @s negr@s foram levados como escrav@s, tiveram os seus elementos legitimadores. Aqui, abordaremos, principalmente, o contexto colonial brasileiro, pois se trata da nossa realidade, entretanto apesar de suas características particulares, o Brasil sofreu a influência dos conceitos e paradigmas que predominavam no mundo.

O tráfico negreiro foi incentivado como uma empresa para resgatar as almas pagãs perdidas. Assim, além da visão governamental brasileira em relação à

¹²⁸ VIEIRA, Sermões e ... , p. 303.

¹²⁹ Professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da Unesp, campus Marília. Autor de uma história de branqueamento ou o Negro em questão.

¹³⁰ MARRA, Mariel. *Atuais formas de racismo na Igreja Evangélica Brasileira*. Disponível em site:<http://jornalismogospel.com.br/modules.php?name=News&file=print&sid=9590>. Acessada em 22/06/2010.

¹³¹ HOFBAUER, *O racismo no Brasil...*

escravidão, somava-se o projeto missionário da Igreja Católica, a economia nacional e o próprio direito de propriedade. Todos caminhando juntos em prol de uma política de branqueamento do país.

Logo após a abolição da escravatura (1888) veio à proclamação da República (1889), e com ela a propagação dos ideais de igualdade e cidadania. No entanto, uma sociedade fundamentalmente hierárquica com muita dificuldade aceitaria os direitos individuais d@s negr@s, surgindo, então, formulações racistas¹³² calcadas no conceito de raça com o propósito de cercear os direitos dos negros.

Segundo Hebe Maria Mattos,¹³³ o conceito de raça foi uma “contrapartida possível à generalização de uma concepção universalizante de direitos do cidadão em sociedades que não reuniam condições políticas efetivas para realizá-lo”.¹³⁴ “Esse conceito teve sua origem no ‘racismo científico’ em pleno desenvolvimento na Europa, a partir de 1870”,¹³⁵ tornando-se amplamente aceito entre 1880 e 1920. De acordo com esta teoria, as raças seriam separadas por desigualdades naturais que definiriam as potencialidades individuais e o cenário político-social. Neste cenário a capacidade d@s negr@s era vista com restrições, surgindo uma tese discriminatória da necessidade de haver um branqueamento no Brasil, onde a superioridade branca levaria ao progressivo desaparecimento d@ negr@ cuja presença era mal vista no país.¹³⁶

Após a abolição, o Brasil teve um grande crescimento em seu processo econômico, com trabalhos voltados para a urbanização a fim de desenvolver a indústria. Ferrovias foram construídas, houve a organização de instituições de crédito, o incremento do comércio, e a abertura de novas fronteiras agrícolas a oeste, mas essas oportunidades não puderam ser aproveitadas pela população

¹³² Racista - proveniente de raça, assim como racismo.

¹³³ É professora do Departamento de História da UFF e autora de livros como: *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravagista, e Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*.

¹³⁴ MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 12.

¹³⁵ JACCOUD, Luciana. Racismo e República: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. In: THEODORO, Mario (org.). *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição*. Brasília: IPEA, 2008, p. 47 Disponível em site: http://www.cnbb.org.br/site/images/arquivos/files_4a854db9336eb.pdf. Acessado em 30/05/2010.

¹³⁶ IPEA - Instituto de pesquisa econômica. *Desigualdades raciais, racismo e políticas públicas: 120 anos após a abolição*. Comunicado a Presidência. Diretoria de Estudos Sociais (Disoc) n. 4, p. 3. Disponível no site: [http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf/08_05_13_120 anosAbolicaoVcoletiva.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf/08_05_13_120%20anosAbolicaoVcoletiva.pdf). Acessado em 30/05/2010.

negra livre porque o preconceito da sociedade branca de que @ negr@ era inferior, favorecia a entrada de trabalhador@s europeus/éias que se encontravam dentro do modelo antropológico aceito como ideal e desejado para o Brasil. Neste aspecto, as políticas públicas foram essenciais para o aprofundamento das desigualdades ao promoverem a imigração. Embasados na ideologia do branqueamento, as políticas públicas favoreceram a vinda maciça d@s imigrantes europeus/éias, “deslocando a população negra livre para os trabalhos de menor renda e status dentro do mercado de trabalho, além de não lhes garantir o acesso à educação”.¹³⁷

De acordo com Oracy Nogueira,¹³⁸ “a estrutura social extremamente rígida no período pós-abolição já era um elemento capaz de perpetuar a configuração existente quanto às condições de vida e sociais da população.”¹³⁹ Antes mesmo da abolição da escravatura algumas leis já contribuíam para a exclusão d@ negr@ após tornar-se livre. Entre elas, citamos a lei de Terras¹⁴⁰ que trazia grandes restrições às possibilidades d@ negr@ ter acesso a terra. Esta lei foi promulgada no mesmo ano da lei Euzébio de Queiroz (1850) que proibia o tráfico de escravos. Esta lei foi feita exatamente na época de transição do trabalho escravo para o trabalho livre.

Para @s imigrantes a estrutura permitiu a ascensão social, pois mesmo pobres e ignorantes, el@s eram aceit@s nas boas famílias por serem branc@s, servindo inclusive para branquear as famílias sobre as quais havia qualquer suspeita de impureza racial. Segundo Rafael Osório¹⁴¹, “para o mulato que tinha conseguido ser bem sucedido era a oportunidade de branquear seus descendentes, habilitando-os para voos mais altos em direção ao topo da pirâmide social”.¹⁴²

Dentro desse quadro, podemos dizer que as desigualdades existentes no processo de inclusão econômica d@ negr@ não foram apenas frutos de diferentes pontos de partida, mas um reflexo de oportunidades desiguais para sua ascensão

¹³⁷ IPEA, *Desigualdade raciais...* Comunicado a Presidência, p. 4.

¹³⁸ É sociólogo, professor. Autor de vários livros: Negro político, Político negro; Preconceito de marca; entre outros.

¹³⁹ NOGUEIRA, O. *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga*. São Paulo: Edusp, 1998, p. 168.

¹⁴⁰ Lei nº 601/1850. Cf. IPEA, *Desigualdades raciais*, p. 3.

¹⁴¹ É economista, pesquisador do IPEA, autor de diversos artigos sobre a questão racial.

¹⁴² OSÓRIO, Rafael G. *Desigualdade racial e mobilidade social no Brasil: um balanço das teorias*. In: THEODORO, Mario (org.). *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após abolição*. Brasília: IPEA, 2008, p. 75. Disponível em site: http://www.cnbb.org.br/site/images/arquivos/files_4a854db9336eb.pdf. Acessado em 30/05/2010.

social. @ branc@ foi o privilegiad@, sendo identificad@ como o grupo possibilitador de ascensão de status, e @ negr@ como um grupo inferior, incapaz.

Segundo Petrônio Domingues¹⁴³, houve a segregação d@ trabalhador@ negr@ no período pós-escravidão, através a implementação de um projeto de branqueamento pelas elites. Este projeto era claro e visava à extinção d@ negr@. Pelas estimativas “o tempo necessário para a extinção d@ negr@ no país oscilava entre 50 e 200 anos. Previsões que eram difundidas, inclusive, nos documentos oficiais do governo”.¹⁴⁴

O ideal de branqueamento veio consolidar-se nas décadas de 1920 e 1930, do século XX, mesmo com o enfraquecimento das ‘teorias deterministas da raça’. Naquela época acreditava-se que o problema racial no Brasil se encaminhava para ter um fim com o branqueamento da população. Mas a partir de 1930, o discurso racista começou a desaparecer, tanto no campo político como no processo de desenvolvimento nacional, passando a haver um pensamento racial que via a mestiçagem no Brasil de forma positiva, “baseando-se na unidade do povo como produto das diferentes raças, cuja convivência harmônica permitia ao país fugir dos problemas raciais de outros países”.¹⁴⁵

Na década de 1940 a interpretação do problema racial passou por uma transformação com uma nova ideia; a democracia racial como expressão da experiência brasileira. A partir da obra de Gilberto Freyre¹⁴⁶ na década de 1950 este pensamento ganhou espaço no debate nacional, trazendo uma visão benevolente da época da escravidão, com uma perspectiva otimista sobre a tolerância e a mestiçagem. Houve uma reinvenção da história do Brasil, ao se referir a uma convivência social pacífica entre branc@s e negr@s. No entanto, a substituição do discurso racista pelo mito da democracia racial trouxe uma mudança, e o ideal do branqueamento foi ultrapassado, passando-se a valorizar o povo brasileiro.

Durante o período dos governos militares, o mito da democracia racial

¹⁴³ É professor de história na Universidade Estadual do Oeste do Paraná e autor do livro *Uma história não contada*.

¹⁴⁴ DOMINGUES, Petrônio J. *Negros de alma branca? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930*. Disponível no site: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2002000300006&script=sci_arttext. Acessado em 10/03/20 11.

¹⁴⁵ IPEA, *Desigualdades raciais...* Comunicado a Presidência, p. 9.

¹⁴⁶ Foi educador e catedrático de Economia Política da Faculdade de Direito de Recife. Autor de *Casa Grande e Senzala* (1933); *Sobrados e Mucambos* (1935); *Manifesto Regionalista de 1926* (1952); *Heróis e Vilões no romance brasileiro* (1979); etc.

passou a ser dogma. Em 1970 o Ministro das Relações Exteriores declarou que “não há discriminação racial no Brasil, não havendo necessidade de qualquer medida de natureza legislativa, judicial ou administrativa para determinar a igualdade de raças no Brasil”.¹⁴⁷ Neste período a questão racial desapareceu do cenário nacional e só com a redemocratização o tema do preconceito e discriminação @o negr@, retornou, trazendo à tona a desigualdade racial diluída no debate sobre justiça social, identificando a desigualdade quase que de forma exclusiva através da distribuição de renda.

Como já foi mostrado anteriormente, o discurso religioso cristão, de modo geral, foi favorável a escravidão e se beneficiou com a escravidão ao apoiar o estado. Segundo Rafael Marquese,¹⁴⁸ os protestantes não admitiam a escravidão, mas os católicos conciliavam as condições de cristão e escravo. Segundo este pesquisador, para os protestantes não havia como ser cristão e aceitar este regime. Em um de seus trabalhos¹⁴⁹ Marquese dedicou a primeira parte às teorias cristãs do governo dos escravos, que em sua maioria, foram escritas por religiosos e estavam calcadas em questões importantes para a Igreja Católica.

Apesar da posição do pesquisador acima mencionado, o movimento negro brasileiro¹⁵⁰, em 2008 “apontou as igrejas protestantes históricas como omissas na escravatura”¹⁵¹ e foi feito um manifesto solicitando que estas igrejas se pronunciassem sobre os 121 anos de abolição inacabada, e pedissem perdão por terem sido cúmplices, se omitindo diante da escravidão e do racismo sofrido pelo povo negro. Segundo o manifesto, “o Brasil mantém uma das mais acentuadas desigualdades social e econômica do mundo”,¹⁵² e a população negra encontra-se à margem da riqueza produzida pela sociedade brasileira.

¹⁴⁷ OSÓRIO, *As políticas públicas*, p.52.

¹⁴⁸ É historiador, professor do Departamento de História da USP. Autor de diversos artigos, e do livro *Feitores do Corpo, Missionários da Mente - Senhores, Letrados e o Controle dos Escravos nas Américas, 1660-1860; o Brasil Imperial vol 2, 1931-1870; etc*

¹⁴⁹ MARQUESE, B. Rafael de. *Feitores do Corpo, Missionários da Mente: Senhores, Letrados e o Controle dos Escravos nas Américas, 1660-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

¹⁵⁰ O maior desafio do Movimento Negro no Brasil é acabar com o preconceito racial. O movimento começou a ganhar força na década de 30, com a Frente Negra Brasileira. Mas somente em 1978 nasceu o Movimento Negro Unificado que deu origem a vários grupos de combate ao racismo, como associações de bairro, terreiros de candomblé, blocos carnavalescos, núcleos de pesquisa e várias organizações não governamentais. Cf. KLICK EDUCAÇÃO. Disponível em site:<http://www.klickeducacao.com.br/conteudo/pagina/0,6313,POR-1255-9464-,00.html>. Acessado em 22/06/2010.

¹⁵¹ INFORGOSPEL.COM. Disponível no site: <http://inforospel.wordpress.com/2009/05/16/movimento-negro-diz-que-igrejas-foram-omissas-na-escravatura/>. Acessado em 22/06/2010.

¹⁵² IDEM. *Ibidem*.

O texto convoca a Igreja brasileira ‘a romper com o silêncio e com o mito da democracia racial, a fim de que ocorra uma profunda transformação em toda a sociedade’. Tal pedido de perdão, segundo o manifesto, deve vir acompanhado de ações afirmativas e de reparações.

Algumas igrejas responderam ao manifesto, entre elas o Sínodo Geral da Igreja Anglicana dizendo que estava estudando a possibilidade de pedir desculpas pela participação desta igreja no comércio de escravos. De acordo com o Reverendo Simon Bessant, da diocese de Blackburn, noroeste da Inglaterra, “a Igreja deveria confessar seu pecado perante Deus e reconhecer sua participação ativa na escravidão e o dano causado aos escravos e a seus herdeiros”.¹⁵³ Segundo este reverendo, a Igreja, mesmo que tenha sido fora do Brasil, através de sua filial missionária, foi dona de uma plantação em Barbados, “onde os escravos eram marcados como gados no peito com a palavra ‘Sociedade’, referente à Sociedade para a Propagação do Evangelho no Estrangeiro.”¹⁵⁴

O Conselho da União Batista da Grã-Bretanha (CUBGB) reconhecendo a participação e o benefício que desfrutaram através do tráfico de escravos, preparou uma resolução de desculpas onde diz: “Oferecemos nossas desculpas a Deus e a nossos irmãos e irmãs por toda a dor que causamos, originada no horror da escravatura”.¹⁵⁵

Como o Movimento Negro explica, as consequências de uma abolição não completada são de uma injustiça social que precisa ser redimida. E o manifesto propõe às igrejas uma série de ações afirmativas tais como: o acesso de afrodescendentes aos seminários e cursos teológicos, a ampliação de sua participação em cargos de direção das igrejas, o aumento do número de bispos e bispas, pastores e pastoras, além da criação e fortalecimento de ministérios de combate ao racismo. Em relação ao campo teológico, o manifesto aponta como necessária uma releitura bíblica que resgate o povo negro desde os tempos bíblicos, produzindo uma hermenêutica que possa ser entendida como uma causa

¹⁵³ BLOG DO PERDÃO. *Pedir perdão ao povo negro*. Disponível em: <http://perdaopovonegro.blogspot.com/2008/01/pedir-perdo-ao-povo-negro.html>. Acessado em 22/06/2010.

¹⁵⁴ IDEM. *Ibidem*.

¹⁵⁵ IDEM. *Batistas fazem uma reflexão do pedido de desculpa pela escravidão*. Disponível em: <http://perdaopovonegro.blogspot.com/2008/06/batistas-fazem-uma-reflexo-do-pedido-de.html>. Acessado em 22/06/2010.

política. Esse manifesto foi assinado por dez organizações¹⁵⁶, que solicitam ainda um programa de ação onde esteja incluído o ‘diálogo inter-religioso’.

É importante aqui lembrar que o Papa da Igreja Católica, João Paulo II, no ano 2000 pediu o perdão divino para a culpa que a Instituição e seus seguidores acumularam ao longo dos tempos, e entre essas culpas encontravam-se “os pecados contra os direitos dos povos e o respeito à diversidade cultural e religiosa”.¹⁵⁷ Não se tratava de um perdão direto sobre a escravidão, e tampouco uma preocupação em sugerir medidas positivas, mas reconhecer que houve uma evangelização forçada a serviço da colonização de povos dominados, onde podemos localizar os povos africanos. “A consciência de que a exigência de reconhecer as culpas próprias tem razão de ser para todos os povos e para todas as religiões”.¹⁵⁸

Apesar da enorme relevância deste ‘manifesto’, também é preciso ressaltar que alguns trabalhos já vinham sendo feitos pelas igrejas cristãs, procurando resgatar a dignidade d@ negr@ através da hermenêutica bíblica. Entre esses trabalhos citamos os que têm sido realizados, desde 1980, nas Comunidades Eclesiais de Base. Trata-se de trabalhos organizados pela Igreja Católica, por diversas Igrejas históricas cristãs, e alguns movimentos negros.

Outros passos também marcantes desenvolvidos pela Igreja Católica podem ser citados. Entre eles: - em 1983, a criação dos agentes de pastoral negros. Esses agentes proporcionaram uma maior visibilidade do negro e da luta pelo resgate da sua dignidade, como cidadão e cristão. - em 1988, ao se festejar 100 da Abolição da Escravatura, houve a Campanha da Fraternidade sobre o ‘negro’, refletindo sobre algumas questões muito importantes. - em 1990, a criação pelo Pe. Toninho¹⁵⁹ do grupo Atabaque de Teologia e Cultura Negra, hoje Centro Atabaque, que vem desenvolvendo um importante trabalho ecumênico. Este

¹⁵⁶ Dentre elas, a Comissão Ecumênica Nacional de Combate ao Racismo, os Fóruns de Lideranças Negras Evangélicas e de Afrodescendentes Evangélicos, e a Aliança de Negros e Negras Evangélicos do Brasil. Cf. IDEM. Ibidem.

¹⁵⁷ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Memória e Reconciliação: a Igreja e as Culpas do Passado*. Vaticano, 2000. Disponível em site: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20000307_memory-reconc-itc_po.html. Acessada em 15/04/2011.

¹⁵⁸ IDEM. Ibidem.

¹⁵⁹ Antônio Aparecido da Silva se destacou pelo combate a toda e qualquer forma de discriminação racial. Faleceu em 2010.

grupo¹⁶⁰ surgiu “com o propósito de subsidiar a reflexão e a prática dos agentes de pastoral Negros, intensificando também o intercâmbio com grupos e entidades internacionais envolvidos com a luta pela cidadania plena de todos os afrodescendentes”.¹⁶¹ Apesar da morte do Pe. Toninho, em 2010, este grupo permanece trabalhando para a superação de preconceitos em busca do diálogo afroreligioso.

De acordo com José Geraldo Rocha¹⁶², a luta dos negr@s no Brasil têm sido marcada por uma compreensão teológica, o que “propiciou um encontro com um Deus que se fez um com o povo negro”.¹⁶³ Para ele, “os agentes de pastoral passaram a atuar nas comunidades a partir de uma compreensão teológica em que os empobrecidos, oprimidos e marginalizados foram tornando-se sujeitos do processo histórico.”¹⁶⁴ Essa condição de sujeito histórico fez crescer o desejo de participação na vida eclesial e ajudou a recriar formas de atuação.

Ao se analisar na contemporaneidade como se dá a discriminação d@ negr@ no Brasil, foi percebido que esta ocorre, principalmente, de duas formas: nas relações sócio-pessoais, e nas relações institucionais. A primeira, os movimentos acreditam que possa ser combatida por intermédio de leis¹⁶⁵, e de uma educação voltada para o respeito ao diferente, mas a segunda faz parte do racismo institucional, estrutural ou sistêmico, e é mais difícil de se combater porque acontece no funcionamento cotidiano das instituições e organizações que agem de forma diferenciada na distribuição de serviços, benefícios e oportunidades aos diferentes grupos raciais. Estas instituições seguem as forças

¹⁶⁰ É formado por homens e mulheres; leigos e presbíteros; católicos, protestantes e iniciados na tradição dos orixás; filósofos, educadores, teólogos e terapeutas.

¹⁶¹ OLIVEIRA, Irene Dias. *Memória: Antonio Aparecido da Silva (Pe.Toninho)*. Adital. Entrevista. Disponível em site: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=44128>. Acessada em 14/04/2011.

¹⁶² Professor na UNIGRANRIO/Rio e autor, entre outros do livro *E Deus se fez negro*; e de diversos artigos tais como: *Retalhos da nossa história* e *Um clamor de justiça*.

¹⁶³ ROCHA, José Geraldo. *E Deus se fez negro*. In: PUC-Minas periódicos. Disponível em site: <http://periódicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/viewPDFInterstitial/1224/2091>, p. 215.

¹⁶⁴ IDEM. *Ibidem*.

¹⁶⁵ As constituições no Brasil, desde 1937 fazem alusão ao Princípio de Igualdade, porém as leis ordinárias que regulamentam o preceito constitucional surgiram em 1951 com a Lei Afonso Arinos (nº 1390 de 03/07/51) e a Lei Caó, criminalizando o racismo em 1989, e a Lei 9459, de 13/05/97 de autoria do então Deputado Federal Paulo Renato Paim. Juntam-se a estas leis internacionais tais como: Declaração dos Direitos Humanos (1948), Convenção Internacional Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (1965). Cf. SILVA, P. Nivaldo. *As leis antirracistas como combate ao preconceito e à discriminação racial em estados do Nordeste e Sudeste do Brasil*. Escola Superior do Ministério Público: FESMIP-BA, 2005. Disponível em site: <http://www.fesmip.org.br/arquivo/monografia/MONO%20NIVALDO.pdf>. Acessado em 31/05/2010, p. 38.

sociais reconhecidas como legítimas pela sociedade, o que contribui para a reprodução contínua da discriminação baseada na hierarquia racial que ainda vê @negr@ como proveniente de uma raça inferior à raça branca.¹⁶⁶

Por fim, abordaremos a história do último grupo: @ 'homossexual'. Como vocês poderão perceber, 'o preconceito' e 'a discriminação' a este grupo, seguiu e segue na mesma direção dos outros dois.

2.5. A história d@ homossexual

Em todas as épocas e culturas, o amor entre pessoas do mesmo sexo sempre existiu, e isto pode ser comprovado pela arqueologia, artes e literatura através das descrições que trazem sobre amizades, aventuras e romances.

A história também nos mostra que a aceitação do ato sexual entre 'homem e mulher' está ligado à cultura, da mesma forma que a aceitação ou rejeição do ato sexual entre iguais. Nas sociedades onde os atos sexuais entre iguais são rejeitados, essas relações são proibidas e esses atos sexuais considerados pecaminosos; já nas sociedades onde essas relações são aceitas, os atos homossexuais são percebidos como naturais.

Na interpretação tradicional bíblica encontramos: - em Gn 1, 26-27 que Deus criou os seres humanos conforme a sua imagem: 'macho e fêmea', o que significa que a humanidade está dividida em 'homens e mulheres' - em Lev 18,22¹⁶⁷ lemos "Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação..."

De acordo com releituras mais contemporâneas, essas passagens possuem outras interpretações. Gn 1, 26-27 poderia indicar que a imagem de Deus expressa em nós é 'macho e fêmea', portanto temos qualidades femininas e masculinas, dentro de nós.¹⁶⁸ Em Lev 18,22, de acordo com Daniel Helminiak¹⁶⁹ havia a proibição do ato sexual entre iguais, mas esta proibição estava ligada à

¹⁶⁶ IPEA, *Desigualdades raciais...* Comunicado a Presidência, p. 7.

¹⁶⁷ BÍBLIA, Lev. 18,22.

¹⁶⁸ HELLENS, J. Harold. *Sexo na Bíblia*. Novas considerações. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 64.

¹⁶⁹ É padre jesuíta, teólogo, psicoterapeuta, professor do Instituto Pastoral de Pittsburgh, e autor de *The Same Jesus: A Contemporary Christology*; *Spiritual Development: An Interdisciplinary Study*; *What the Bible Really Says about Homosexuality*, etc.

idolatria, à infidelidade de Israel a Deus, e ao sacrifício de crianças.

Segundo este autor, os atos sexuais entre iguais são tratados no livro do Levítico, numa seção chamada ‘O Código Sagrado’, onde encontramos leis e punições para que Israel permaneça ‘sagrada’ aos olhos de Deus. Nesta seção são considerados impuros ou abomináveis e proibidos: certos animais como a lagosta, o camelo, o porco e o camarão, e algumas práticas que, envolviam diferentes tipos de elementos, ou dois tipos de sementes, ou dois tipos de fibra, ou um homem fazendo sexo com outro homem como se fosse mulher.

Em Lev 20,13¹⁷⁰ consta: “O homem que se deita com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometeram uma abominação; deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles”. Para Helminiak, embora o ato sexual entre iguais não fosse considerado uma ofensa sexual, ele era considerado uma ‘traição religiosa’. Israel tinha com o Senhor uma aliança e por isso não poderia repetir comportamentos atribuídos a costumes étnicos de outros povos. A realização de qualquer comportamento pagão era entendida como traição, merecer a pena de morte.¹⁷¹

Além disso, havia ainda em Israel grande preocupação com a semente desperdiçada, fato que remonta a Abraão. Israel precisava formar uma grande nação, e para o entendimento da época, qualquer semente que não fosse lançada para procriação seria perdida, e estaria impedindo a formação desta grande nação. Gn 38, 6-10 nos mostra a importância dada à procriação para se atingir a posteridade. Nesta passagem, Onan querendo impedir que sua cunhada engravidasse, pois isto serviria para dar posteridade ao seu irmão que havia morrido e não a ele próprio, ao ter relações sexuais com ela, joga seu sêmen fora. Isto desagradava a Deus que o castiga com a morte.

Outro aspecto importante, é que para o judeu, a troca de papéis de gênero indicava desonra. Na Torah encontramos relatos que mostram que era comum ao exército vencedor de uma batalha humilhar o perdedor, sodomizando-o”.¹⁷²

Em Israel o gênero era visto na mesma perspectiva de perceber o indivíduo

¹⁷⁰ BÍBLIA, Lev 20,13.

¹⁷¹ HELMINIAK, Daniel A. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Edições GLS, 1998, p. 49.

¹⁷² Significa que os soldados vencedores obrigavam os perdedores a fazerem coito anal eles, como forma de humilhação.

como um microcosmo do universo. Nesse quadro de referência, os garotos que se aproximavam do feminino, mostrando-se frágeis fisicamente, eram considerados apropriados apenas para exercerem papéis passivos, e isto, para os homens, era desonroso. “A hierarquia determinava que o masculino estivesse acima do feminino, a força acima da fraqueza, e assim, cada corpo deveria ocupar o seu lugar”.¹⁷³ O corpo feminino era considerado inferior e a masculinidade de um homem estava na prontidão que ele possuía para agir com honra em prol do interesse público. O gênero era uma questão de ‘identidade social’ e não de ‘identidade pessoal’ ou de ‘desejo sexual’.

Para os Romanos os atos sexuais entre iguais eram ‘aceitos e comuns’. Segundo Xavier Pikasa,¹⁷⁴ encontramos no Novo Testamento em Mt 8, 5-13 Jesus curando o ‘amante’ doente do centurião. Segundo este pesquisador, não era permitido nos quartéis o militar viver com esposa e filhos, pois não podiam ali ter família própria. Dessa forma era comum terem ‘criados que serviam de amantes’. Este deveria ser o caso deste centurião, que também em Lucas 7,1-10 aparece pedindo que cure o seu servo, mas dizendo a Jesus que não entrasse em sua casa, pois não era digno de recebê-lo. Pikasa explica que o centurião sabia que Jesus poderia ter problemas se fosse a sua casa. Jesus era judeu, e ele, um centurião que tinha um amante, o que não era aceito pelo judaísmo. Mas, ele acreditava que Jesus possuía o poder para curar, e para isso bastaria apenas ordenar. Jesus o fez, e curou o servo do centurião, elogiando ainda tamanha fé. Segundo Pikasa:

A palavra ‘pais’ pode ter três significados: servo, filho e amante (quase sempre jovem) e pode resultar escandalosa. O texto paralelo de Jo 4, 46b evita o escândalo e coloca ‘huios’ (filho), em vez de ‘pais’; mas com isto temos que mudar toda a cena, pois os soldados não costumavam viver com a família, nem cuidar dos filhos até depois de se formarem. Por isso, o centurião aparece aqui como um membro da corte real de Herodes (um *basilikós*). Também Lc 7,2 pretende evitar as complicações e apresenta esse ‘pais’ como ‘*doulos*’, um simples criado a serviço do centurião. Com isto resolveu um problema, mas criou outro: é verossímil que um soldado ame tanto ao seu criado? Por isso preferimos manter a tradução mais óbvia de ‘pais’ dentro do seu contexto militar.¹⁷⁵

Para este autor o mais simples e normal neste texto é que tenha sido um

¹⁷³ HELMINIAK, *O que a Bíblia realmente diz.*, p.169.

¹⁷⁴ Foi padre Jesuíta e professor da Pontifícia Universidade de Salamanca. É autor de vários livros: Panorama de la teología española, Verbo Divino, Diccionario de teólogos contemporáneos.

¹⁷⁵ PIKASA, Xavier. *Jesus cura o amante do centurião*. ECOS (Rumos Novos), Set. 2009. Disponível em site: <http://www.diversidadecidarelipucricio.com.br/?cat=11>. Acessado em 22/02/2011.

jovem amante e que outras passagens bíblicas como Rom 1,24-27¹⁷⁶ estivessem se referindo a ela, ao condenar o ato entre iguais.

Por isso Deus os entregou a paixões aviltantes: as suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza; igualmente os homens, deixando a relação natural com a mulher, arderam em desejo uns para com os outros, praticando torpezas homens com homens e recebendo em si mesmos a paga de sua aberração.

Segundo Leland White¹⁷⁷ o termo ‘natureza’ no texto de Paulo enquadra-se num modelo de percepções, julgamentos e afirmações sobre o corpo, de acordo com a hierarquia social e o gênero mediterrâneo tradicional da época. Isto é reafirmado em Rm 1,26-27¹⁷⁸ As afirmações de Paulo na Carta aos Romanos eram dirigidas a um público composto por judeus que se encontravam em Roma e que tinham aceitado Jesus Cristo como Messias de Israel. Paulo se referia na carta aos atos que eram cometidos pelos romanos. Para ele, a característica dos gentios era a ‘idolatria’, e a característica dos judeus era a ‘fidelidade ao Deus de Israel’.

O uso da palavra ‘natureza’ por Paulo na carta aos Romanos, significava o que era ‘costumeiro e comum’. Paulo se referia a este ato como ‘antinatural ou contra a natureza’ porque o ato se opunha ao ‘convencional’ ou o que era ‘legal’. Quando se refere ‘de acordo com a natureza’, Paulo queria dizer “de acordo com os costumes de Israel’, ou seja, comportamento puro e santo”.¹⁷⁹

De acordo com Robert E. Goss,¹⁸⁰ não é possível traduzir uma palavra bíblica como ‘homossexual’. O conceito de orientação sexual não existia no mundo mediterrâneo antigo. É importante que hoje tenhamos em mente que “A Bíblia não fala sobre orientação sexual, identidade de gênero ou sobre a heterossexualidade, ou subjetividades modernas, homossexualidade, bissexualidade e identidade transgênero”.¹⁸¹ Essas identidades não existiam na cosmovisão bíblica, apenas o ato em si.

Na Grécia antiga, de acordo com Plutarco as relações heterossexuais não

¹⁷⁶ BÍBLIA, Rm 1,26-27.

¹⁷⁷ Leland J. White é editor do Biblical Theology Bulletin.

¹⁷⁸ VITO, R. *Interrogações sobre a construção da sexualidade: relações entre pessoas do mesmo sexo na Bíblia Hebraica*. In: P. JUNG & J.CORAY (org). *Diversidade Sexual e Catolicismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p.165.

¹⁷⁹ IDEM. *Ibidem*, p.192.

¹⁸⁰ Robert E. Goss foi padre Jesuíta, é teólogo. Autor de *A Gay and Lesbian Manifest* (1993); *Queering Christ: Beyond Jesus ACTED UP* (2002), etc.

¹⁸¹ GOSS, Robert E. *La homosexualidad, la Biblia y la Practica de Textos Seguros*. Disponível em http://www.mccinthevalley.com/safetexts_sp.html. Acessado em 24/02/2011.

estavam ligadas ao amor, pois a mulher era vista como intelectual, física e emocionalmente inferior ao homem, “eram as relações com pessoas do mesmo sexo que possibilitavam aos homens superar as necessidades de relações pessoais não vividas no casamento e no relacionamento de pais e filhos”.¹⁸²

No cristianismo primitivo, o ato sexual entre iguais era recriminado por não fazer parte dos costumes de Israel, como vimos em Paulo. Na época da Patrística encontramos a condenação sendo feita por diversos Padres da Igreja, e no Concílio de Toledo (693), a condenação já era explícita. Mas, de acordo com Marciano Vidal¹⁸³, “o critério da condenação era basicamente a frustração da finalidade procriadora”¹⁸⁴, e existem sinais que mostram uma certa ‘tolerância’ pelo clero. Porém, “em 1025, o bispo Burkhard de Worms encontra-se a palavra ‘sodomia’ no livro penitencial *Decretum*,”¹⁸⁵ e em 1049, durante a Reforma Gregoriana Pedro Damião, “usou a palavra ‘sodomia’ como substantivo em uma carta que escreveu ao Papa Leão IX, dizendo que desejava sacudir a Igreja por causa do ‘vício sodomítico’ no clero e nas comunidades religiosas”.¹⁸⁶ Sua proposta era a de que os ‘sodomitas’¹⁸⁷ sofressem castigos que poderiam ir de uma simples suspensão à pena de morte. Em vida, ele não conseguiu o seu intento, pois o papa respondeu a sua petição com a seguinte expressão: “... *sed Nos humanius agentes*”¹⁸⁸, mas em 1179, no Terceiro Concílio de Latrão, algumas destas exigências foram aceitas.

Após o quarto Concílio de Latrão, em 1215, Paulo da Hungria, utilizou a palavra ‘sodomia’ com certa constância a fim de convencer os confessores de que se tratava de um pecado grave, já que não havia consenso católico manifesto sobre esse assunto. Para ele, tais ações seriam as responsáveis pelas epidemias de fome, pestes e terremotos, trazendo como base diversas passagens bíblicas como Gn 19;

¹⁸² Conclusão de Sir Kenneth Dover, em seu estudo *Magistrae* sobre as relações sexuais entre pares na Grécia antiga. Cf. CORINO, L. C. P. *Homoerotismo na Grécia Antiga: Homossexualidade e Bissexualidade, Mitos e Verdades*. In: *Biblos*. Rio Grande: Dep. de Biblioteconomia e História, vol. 19, 2006, p. 19-24.

¹⁸³ É teólogo moralista na Universidade Pontifícia Comillas (Madrid). Entre outros, autor de *Psicologia de Sentido Moral; Sexualidade e condição homossexual na Moral Cristã; Feminismo e ética. Como feminizar a moral; e Nova Moral fundamental*.

¹⁸⁴ VIDAL, Marciano. *Sexualidade e condição homossexual na Moral Cristã*. Aparecida: Ed. Santuário, SP, 2008, p. 139.

¹⁸⁵ RECK, Norbert. *Desejos perigosos*. O discurso católico sobre a sexualidade homossexual. In: Regina A Quinn et outros. *Revista Concilium*, fasc 324, Petrópolis: Ed. Vozes, 2008/1, p.19.

¹⁸⁶ IDEM. *Ibidem*. p. 20. Nota 16.

¹⁸⁷ Sodomitas eram os homens que praticavam ato sexual com outros homens.

¹⁸⁸ [...] Porém nós atuamos de forma humana. Cf. VIDAL, *Sexualidade e condição*, p. 143.

Lv. 18,20; Rm 1,26s.¹⁸⁹

“Com o tempo, a expressão ‘sodomia’ tornou-se conceito para ações sexuais entre pessoas do sexo masculino”¹⁹⁰ e “os sodomitas passaram a ser não mais os habitantes da cidade de Sodoma no mar Morto, tampouco aqueles que agissem como os habitantes de Sodoma, mas aqueles que praticavam sodomia”.¹⁹¹

De acordo com Norbert Reck¹⁹², em Gn 19, 1-11, a interpretação sobre o pecado de Sodoma até a Idade Média era a de que a cidade havia sido destruída devido à forte desobediência à lei praticada. O povo de Sodoma havia esquecido os princípios básicos da lei mosaica tais como: respeito ao outro, solidariedade e hospitalidade. Dessa forma, a cidade já estava condenada antes mesmo do atentado aos visitantes. “O atentado veio mostrar como o povo de Sodoma estava afastado de Deus, o que provocou a destruição da cidade”.¹⁹³

No texto não havia ‘condenação moral’ como as leituras tradicionais bíblicas, na atualidade, procuram dar. O contexto e as preocupações eram outras, inclusive a moral vigente era diferente. Como exemplo, citamos: Lot ofereceu suas filhas para terem relações com os habitantes da cidade em troca dos estrangeiros. Na contemporaneidade, nenhuma pessoa que seguisse os preceitos religiosos como Lot, pensaria em oferecer suas filhas em troca da proteção dos visitantes.

De acordo com Helminiak, esta passagem não pode ser analisada isoladamente. É preciso observar outras passagens que fazem referência a este episódio. Por exemplo, em Ezequiel o episódio de Sodoma é descrito da seguinte maneira:

Por minha vida – oráculo do Senhor Iahweh – Sodoma, tua irmã e tuas filhas não agiram como tu e tuas filhas. Eis em que consistia a iniquidade de Sodoma, tua irmã: na voracidade com que comia o seu pão, na despreocupação tranquila com que ela e suas filhas usufruíam os seus bens, enquanto não davam nenhum amparo ao pobre e ao indigente. Eram altivas e cometeram abominação na minha presença. Por isso as eliminei, como viste.¹⁹⁴

Nesta passagem a ‘abominação’ descrita se referia ao fato dos moradores da cidade de Sodoma não cumprirem a lei em que se deveria dar hospitalidade ao

¹⁸⁹ RECK, *Desejos perigosos*, p. 21. Nota 19.

¹⁹⁰ IDEM. *Ibidem*. p. 20. Nota 18.

¹⁹¹ IDEM. *Ibidem*. p. 21.

¹⁹² Teólogo alemão. Entre outros livros, autor de *Abenteuer Got; Beim Gehen entsteht der weg...*

¹⁹³ IDEM. *Ibidem*, p. 43.

¹⁹⁴ BÍBLIA, Ez. 16, 48-49.

estrangeiro, não receberem os viajantes necessitados. Naquela região desértica era muito frio à noite, e um viajante que ficasse à noite ao relento poderia morrer.

No Novo Testamento, em Mateus também Jesus cita Sodoma, quando se refere à rejeição dos mensageiros de Deus. “Mas se alguém não vos recebe e não dá ouvido às vossas palavras, saí daquela casa ou daquela cidade e sacudi o pó de vossos pés. Em verdade vos digo: no Dia do julgamento haverá menos rigor para Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade.”¹⁹⁵

Segundo Helminiak, o paralelo entre esta passagem e Sodoma é “o coração fechado que rejeita o estrangeiro, a maldade daqueles que não dão as boas-vindas aos arautos divinos”.¹⁹⁶

De acordo com Marciano Vidal, ao se relacionar o texto de Sodoma com outras passagens do A.T. podemos inferir que:

- Havia injustiça e violação das leis da hospitalidade pelos habitantes da cidade [...]
- Não é possível afirmar que se tratasse de violação homossexual [...] - e que havendo violação homossexual esta tivesse recebido uma desqualificação tão grande que justificasse a destruição total da cidade.¹⁹⁷

No entanto, as interpretações aqui citadas foram feitas através de uma hermenêutica bíblica na qual a contextualização foi essencial para se chegar a uma leitura próxima de como era percebida, na época, a passagem de Sodoma. Mas esta hermenêutica bíblica não existia no século XII, quando o relato de Sodoma foi usado para condenar a homossexualidade, porque ‘supostamente Deus teria condenado e punido os cidadãos de Sodoma por suas atividades homossexuais’. Aos poucos a causa da destruição de Sodoma, foi sendo modificada, e a interpretação tradicional bíblica passou explicar que a destruição de Sodoma teria acontecido porque o grupo formado por homens desejava fazer sexo entre eles, como uma espécie de orgia.

Para Norbert Reck, a argumentação teológica apresentada como condenação da ‘sodomia’ era fraca e contraditória. As referências bíblicas giravam em torno da pureza ritual, as considerações teológicas focalizavam a procriação e os órgãos sexuais para a reprodução. Apesar disso, o que foi divulgado e ficou gravado na memória cristã é que ‘a prática da sodomia transforma a pessoa em sodomita’, ou seja, torna a pessoa em uma espécie diferente, inferior. Segundo Reck, para a

¹⁹⁵ IDEM. Ibidem. Mt. 10,14-5

¹⁹⁶ HELMINIAK, *O que a Bíblia*, p. 45.

¹⁹⁷ VIDAL, *Sexualidade e condição*, p.128.

teologia medieval “o ato sexual com uma pessoa do mesmo sexo era percebido como uma atitude não danosa ao outro”,¹⁹⁸ embora alguns teólogos da época lutassem contra esta visão. No entanto, de modo geral, ‘a sodomia’ era considerada uma ‘tentação’ e, como tal, teria que ser considerada ‘perigosa’.

Após o Concílio de Trento isto mudou. O ‘sodomita’ passou a se encontrar entre aqueles que eram considerados ameaças à religião católica junto com os luteranos e os pagãos. “Um inimigo do qual se deve defender e mesmo atacar como mostram os processos inquisitoriais católicos”.¹⁹⁹

Do século XV ao XIX o discurso moral da Igreja Católica trazia em seu fundamento a função do sexo como exclusivamente procriadora e os pecados sexuais eram concebidos de duas maneiras: “os de acordo com a natureza (fornicação, adultério, incesto, estupro e rapto), e aqueles contrários à natureza (masturbação, sodomia e bestialidade)”.²⁰⁰ Os pertencentes ao segundo grupo, tornavam-se mais graves por ferir o critério da procriação, sendo vistos como ‘abusivos à sexualidade humana’. Com o passar do tempo, o discurso religioso enfatizando esta mesma posição passou a fazer parte da abordagem das demais igrejas cristãs.

A palavra homossexualidade surgiu em 1869 com o austro-húngaro Karol Maria Benkert visando introduzi-la no pensamento médico-científico a fim de tirar a condenação moral da palavra sodomia, e substituí-la pelo conceito de diversidade psicofísica.²⁰¹ Quem a praticasse seria doente, e possuidor de um distúrbio mental devido a um determinado tipo de personalidade. A palavra ganhou o sufixo ‘ismo’, significando ‘patologia’, e transformou-se em ‘homossexualismo’. A homossexualidade²⁰² inicialmente foi definida como uma perversão do instinto sexual causada pela degenerescência de seus portadores. @ homossexual junto com outr@s considerad@s ‘pervers@s’ do século XIX passou a ser rigorosamente estudad@ pela ciência e vist@ como uma grave ameaça à família, à raça e à sociedade.

¹⁹⁸ RECK, *Desejos perigosos*, p.164.

¹⁹⁹ TORRES, Marco Antônio. *Os significados da homossexualidade no Discurso Moral-Religioso da Igreja Católica em condições históricas e Contextuais Específicas*. In: Revista de Estudos da Religião (REVER), n. 1, 2006, p. 148-149. Disponível no site: http://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/index.html. Acessada em 20/05/2009.

²⁰⁰ IDEM. *Ibidem*, p.149.

²⁰¹ RECK, *Desejos perigosos*, p.24.

²⁰² A palavra a ser usada aqui seria ‘homossexualismo’, mas, como na atualidade a ‘homossexualidade’ não é mais considerada doença, o uso da palavra ‘homossexualismo’ poderia confundir os leitores e optamos por colocar como hoje é usada: ‘homossexualidade’.

Segundo Foucault a ‘teoria da degenerescência’ que surgiu no século XIX teve como objetivo explicar a origem patológica do comportamento desviante, alertar para a importância de se fortalecer as táticas de controle sobre o corpo, e prevenir a população do surgimento das perversões, da prática dos desajustados e desequilibrados de todas as espécies que pudessem prejudicar o projeto existente na época de uma sociedade saudável. “Esta teoria encheu os hospitais, manicômios e pavilhões, isolando um contingente de marginalizados, formado por todos que eram considerados ‘degenerados’”.²⁰³

Com a colocação do homossexual como doente, a busca de causas para este comportamento passou a ser objetivado pela psiquiatria que foi definindo a personalidade do homossexual como uma ‘personalidade patológica especial’. Muitas pesquisas e teorias foram levantadas desde então sobre a homossexualidade. Na psicanálise, Sigmund Freud²⁰⁴, considerava a homossexualidade como uma inversão da sexualidade. “Não se tratava de vício, degradação ou doença, e sim uma variação da função sexual, produzida por uma certa parada no desenvolvimento sexual”.²⁰⁵ Para Jacques-Marie-Émile Lacan também não era doença, mas Ana Freud e Melanie Klein a patologizaram, e na bioenergética, Wilhelm Reich e Alexander Lowen também a patologizaram.²⁰⁶

No entanto, após rever estudos e provas, sem encontrar nada que revelasse que a homossexualidade se enquadrasse nos critérios utilizados na categorização de doenças mentais, em 1975, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) retirou a homossexualidade do seu Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais (DSM).

Em 1985 Robert Jessé Stoller²⁰⁷ afirmou que os trabalhos psicanalíticos sobre a homossexualidade estavam contaminados pela retórica, e não havia conseguido reunir elementos que sustentassem que a homossexualidade seria uma

²⁰³ MOUKARZEL, *Sexualidade e deficiência*, p. 28.

²⁰⁴ Fundador da psicanálise. Autor de inúmeros livros. Entre outros, citamos: Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo; A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher e três ensaios sobre a teoria da sexualidade.

²⁰⁵ COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. SP: Escuta, 1995, p. 255.

²⁰⁶ CECCARELLI, Paulo Roberto. *A invenção da homossexualidade*. In: BAGOAS. Estudos gays, gêneros e sexualidades, Natal, 2, 71-93, 2008, p. Disponível em site: <http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/doc/invhomo.pdf>. Acessado em 23/04/2010, p.75.

²⁰⁷ Foi psiquiatra com formação psicanalista. Autor de *Excitação sexual: Dinâmica da vida erótica* (1981); *Observando a imaginação erótica* (1989), etc. Fez uma extensa pesquisa sobre o tema, envolvendo inclusive o transexual.

patologia. Neste mesmo ano, o Conselho Federal de Medicina do Brasil passou a desconsiderar o artigo 302.0, da classificação internacional de doenças que considerava a homossexualidade uma doença, e outros conselhos fizeram o mesmo. Em 1993 a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou o termo 'homossexualismo' do Catálogo Internacional de Doenças (CID), e em 1999, o Conselho Federal de Psicologia no Brasil publicou a portaria 01/99 onde o psicólogo está sujeito à sanção caso direcione sua prática para a 'cura' da homossexualidade. Diz a resolução: "os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades".²⁰⁸

Apesar de todas as revisões, análises e concordância dos conselhos em afirmarem que a homossexualidade não é doença, e da aquiescência da grande maioria dos médicos, psiquiatras, psicólogos, e dos cientistas em geral, ainda encontramos alguns profissionais que continuam a não concordar que a homossexualidade esteja dentro dos padrões da 'normalidade' e acreditam que possa haver 'cura'²⁰⁹ para a homossexualidade. O psicólogo Gerard Aardweg²¹⁰ pertence a este grupo de especialistas. Para ele o homossexual é um neurótico. Tem dificuldade até para amar, pois o seu complexo o direciona para si mesmo.

De modo geral, as igrejas cristãs continuam a não aceitar a homossexualidade como uma expressão da sexualidade. Para essas igrejas, e os profissionais ligados a elas, a homossexualidade é um desvio, uma patologia que precisa de tratamento e cura.

Para as Igrejas Pentecostais e Neopentecostais, a homossexualidade deve ser profundamente recriminada, pois é uma conduta antinatural, pecaminosa; uma perversão ou abominação. Elas acreditam que "as igrejas devem acolher os homossexuais desde que eles reconheçam que precisam de ajuda para mudar o seu comportamento".²¹¹ É comum aos adeptos dessas igrejas e muitos de seus pastores, reagirem com violência à exposição atual dos homossexuais.

Outro pensamento que encontramos entre os cristãos é o que considera a

²⁰⁸ Cf. KNIEST, Rihl Gustavo. Resolução CFP N^o 001/99 de 22 de março de 1999. In: *A relação terapêutica frente a homossexualidade*. Recife: UNICAP, 2005, p. 218. Disponível em site: http://www.unicap.br/tede//tde_busca/processaArquivo.php?codArqui vo=74. Acessado em 24/04/2010.

²⁰⁹ A reversão da homossexualidade para a heterossexualidade.

²¹⁰ É psicólogo, especialista no tratamento de problemas de homossexualidade e casamento. Autor de *A batalha pela normalidade sexual; Neurótica autopiedade e Terapia antiqúeixa, A atração homoerótica no sacerdócio, A Humanae Vitae e os efeitos da paternidade homossexual*.

²¹¹ JURKEWICZ, Regina S. *Cristianismo e homossexualidade*. Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/regina.pdf>. Acessado em 04/05/2010, p.4.

homossexualidade como consequência da queda do ser humano, e por isso @s homossexuais não possuem capacidade para modificar esta orientação. Essa era a visão do Teólogo Luterano Helmut Thielicke.²¹² Ele acreditava que o homossexual deveria se ajustar ao estilo de vida heterossexual. No entanto se isso fosse impossível aconselhava “canalize a atividade sexual para uma relação de casal estável, eticamente responsável”.²¹³

Para os anglicanos que seguem o pensamento do teólogo Norman Pittenger²¹⁴, “Quando homens e mulheres homossexuais procuram viver ‘no amor’[...] eles estão agindo cumprindo a vontade deles próprios e agindo de acordo o propósito de Deus”.²¹⁵ Para eles o que é pecaminoso não é a homossexualidade como tal, mas sim a exploração de outra pessoa e isto pode ocorrer também em relações heterossexuais.²¹⁶ Na Igreja Anglicana, na atualidade, algumas dioceses já possuem pastor@s e bisp@s homossexuais.

O catecismo da Igreja católica (1997) afirma que a homossexualidade se reveste de formas muito variáveis ao longo dos séculos e das culturas (§2357), e apoiando-se na Sagrada Escritura que os apresenta como depravações graves (Cf. Gn 19, 1-29 ; Rm 1, 24-27 ; 1Co 6, 10 ; 1 Tm 1, 10) e na Tradição que declara serem inclinações e atos "intrinsecamente desordenados" (CDF, décl. "Persona humana " 8) e contrários à lei natural, pois fecham o ato sexual ao dom da vida, em caso algum podem ser aprovados. No entanto, este catecismo reconhece que um número não negligenciável de homens e de mulheres apresentam esta tendência profundamente enraizada, e estes devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza (§2358), evitando-se com eles todo sinal de discriminação injusta. O catecismo chama ainda as pessoas homossexuais à castidade e a procurar se aproximar da perfeição cristã (§2359).²¹⁷

O Magistério da Igreja Católica tem sido bastante rigoroso em relação à homossexualidade e seus documentos mostram-se contrários a qualquer tipo de

212 Helmut Thielicke era teólogo luterano e foi reitor da Universidade de Hamburgo. Autor de *The Ethics of Sex*. Morreu em 1986.

213 THIELICKE, Helmut. *The Ethics of Sex*. Cambridge: James Clarke & Co.Ltda, 1978, p. 280.

214 Foi professor do General Theological Seminary. Escreveu 90 livros, foi o responsável pela primeira campanha respeitável para a aceitação de relações homossexuais entre os cristãos. Cf. BNET. Disponível em site: http://findarticles.com/p/articles/mi_qa3818/is_1997_10/ai_n8782625/. Acessado em 20/06/2010.

215 Este foi o caso do “reverendo Gene Robinson, que em 2003 se tornou o primeiro bispo anglicano declaradamente gay, escolhido pelo Estado de New Hampshire”.²¹⁵

216 PITTENGER, Norman. *Time for Consent*. London: SCM Press, 1967, p. 103.

217 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. B. H.: Ed. O Lutador, 5ª edição, MG, 1997.

concessão para adoção, casamento, etc²¹⁸. Em 1994 o Papa João Paulo II escreveu uma “carta às famílias do mundo inteiro” enfatizando, entre outros temas sexuais, a sua posição contrária à união homossexual. E diante da diretora executiva da ONU²¹⁹ afirmou enfaticamente "Uma família é um marido, uma mulher e suas crianças. E o casamento é a única base de uma família. Os homossexuais e as lésbicas não são famílias".

O Papa Bento XVI também tem se colocado contrário à adoção, e ao casamento gay, e os documentos da Igreja continuam rígidos quanto a isso.

Entretanto, segundo o Pe. Luis Correa Lima ²²⁰ alguns fatos chamam a atenção sobre a modificação que vai acontecendo por parte da Igreja desde a entrada de Bento XVI.

Em 2008 o Papa declarou que a família é a célula de comunhão que fundamenta a sociedade. Para ele, “a família é constituída pela união de vida e amor, baseada no matrimônio entre um homem e uma mulher”[...] Um bem insubstituível para toda a sociedade, que não pode ser confundido ou equiparado a outras formas de união”. ²²¹ Para alguns, isto significa dizer que ‘somente as uniões heterossexuais são morais’. Mas, Correa Lima explica que “as uniões gays não substituem as uniões héteros”. [...] Não há concorrência entre esse tipo de união”.²²² A maior parte das legislações reconhecem as uniões afetivas como ‘união civil’ e não como ‘casamento’. E o Papa se posicionou em relação ao casamento.

Ainda no ano de 2008, quando houve a proposta da França de todos os países descriminalizarem a homossexualidade, a delegação da Santa Sé

²¹⁸ Cito alguns documentos: Declaração sobre alguns pontos da ética sexual (1972); Sobre o cuidado pastoral de pessoas homossexuais (1986); Algumas considerações concernentes à resposta a propostas legislativas sobre a não-discriminação das pessoas homossexuais (1992); Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais (2003); Congregação para a Educação Católica sobre os candidatos ao sacerdócio com orientação homossexual (2005).

²¹⁹ A paquistanesa Nafis Sadik, diretora executiva das Nações Unidas para População e Desenvolvimento. Cf. VEJA on-line. *O papa da certeza*. Edição histórica. Publicada em 6 de abril de 2005. Disponível em site: http://veja.abril.com.br/especiais/papa/p_038.html. Acessada em 17/04/2011.

²²⁰ Teólogo, doutor em história, coordenador do grupo de pesquisa diversidade sexual, cidadania e religião da PUC-Rio. autor de inúmeros artigos sobre o tema. Entre eles: Os gays e o papa; Os gays o acesso ao sacerdócio; ONU, gays e Vaticano; O ranço moralista; O papa e a ameaça gay.

²²¹ LAGO, Marta. *Política não pode ignorar o grito de socorro da família, alerta o papa*. Disponível em site: <http://www.zenit.org/rssportuguese-18445>. Acessado em 17/04/2011.

²²² LIMA, Luis Correa. *Os gays e o papa*. Disponível em site: <http://www.diversidadecidareli.pucrio.com.br>. Acessado em 16/04/2011.

presente nas Nações Unidas, embora visse com reservas algumas colocações da proposta francesa, “manifestou apreço em condenar todas as formas de violência contra pessoas homossexuais, e incentivou os Estados a tomarem as medidas necessárias para pôr fim a todas as penas criminais contra eles”.²²³

Segundo Correa Lima, essas são mudanças pequenas, mas significativas.

Uma outra corrente teológica que cresce consideravelmente, com pessoas oriundas de diferentes denominações cristãs, é a de teólog@s e exegetas que basead@s na perspectiva posmoderna da leitura bíblica, afirmam ser possível perceber através da hermenêutica bíblica que não há uma interpretação única.²²⁴

Esse grupo se baseia em reflexões profundas sobre a hermenêutica bíblica, tais como as do filósofo Hans-Georg Gadamer.²²⁵

Fazem parte deste grupo os teólogos católicos Todd A. Salzman²²⁶ e Michael G. Lawler²²⁷, para os quais a orientação homossexual é inata, profundamente assentada e equilibrada, apenas sendo voltada para pessoas do mesmo sexo. A ética que deve existir em relação a esta orientação, é que seus atos sejam livres e realizados por pessoas responsáveis. Para eles “o que a determina não é nenhum aspecto moral, ela simplesmente é”.²²⁸

Também fazem parte deste grupo alguns pastores que sentindo a necessidade de viver a fé sem exclusão, criaram as Igrejas Evangélicas Inclusivas²²⁹. Essas igrejas, de modo geral, têm realizado um trabalho que vai além da aceitação, pois buscam romper com o paradigma da homossexualidade entendida como pecado e permitem que eles conciliem a vida religiosa e suas preferências sexuais. Participam ativamente dos cultos, e das atividades pastorais

²²³ LIMA, Luis Corrêa. *ONU, Gays e Vaticano*. Disponível em site: <http://www.Diversidadecidarelipuc.rio.com.br>. Acessado em 17/04/2011.

²²⁴ SANTOS, P. P. A. *Breve Percurso Histórico da Hermenêutica Bíblica*. In: *Atualidade Teológica*, Ano XII, 2008, Fasc 28, p.40.

²²⁵ Alemão, filósofo, foi considerado como um dos maiores expoentes da hermenêutica filosófica. Morreu em 2002. Cf. ANTROPOSMODERNO. *Hans-Georg Gadamer*. Biografia. Disponível em site: http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=183. Acessado em 20/05/2010.

²²⁶ É professor de teologia católica e diretor do Departamento de Teologia, na Universidade Creighton. Autor de livros sobre ética e tradição na igreja católica.

²²⁷ É professor emérito de teologia católica na Universidade Creighton. Autor de diversos livros, tais como: *A dialética da experiência*; *Teologia e casamento*, entre outros.

²²⁸ SALZMAN, Todd. A & LAWLER, Michael G. *The sexual person*. Toward a renewed catholic anthropology. Washington, DC:Georgetown University Press, 2008, p. 233.

²²⁹ Igrejas inclusivas no Rio de Janeiro: Comunidade Betel, e Igreja Cristã Contemporânea.

com seus companheiros e companheiras, e inclusive ordenam-se pastor@s²³⁰

Essas igrejas dão suporte aos homossexuais e a suas famílias, e muitos lugares que começaram com cultos voltados apenas para @s homossexuais, agora recebem as famílias d@s homossexuais e estão abertas a todos.

Dentro da Igreja Católica como nas igrejas históricas tradicionais, de modo geral, existe a ‘aceitação do pecador, mas não do pecado’, e a orientação de que @ homossexual deve fazer uma ‘terapia de cura’ ou ‘reversão’. Isto tem afastado muit@s homossexuais que desejam viver sua sexualidade, e serem cristãos. Entretanto, existem padres, pastores e leigos que trabalham com grupos gays, procurando dar a eles e as famílias, acolhimento, respeito e amor, seguindo a orientação evangélica da inclusão.²³¹

Existe também um crescente número de pesquisas acadêmicas dentro de universidades cristãs sobre homossexualidade e religião, cursos sobre diversidade sexual e religião²³², como também tentativas em algumas igrejas católicas e protestantes d@s homossexuais frequentarem as missas²³³ e os cultos junto com @s companheir@s. Mas estes ainda são trabalhos isolados que atingem uma minoria, e normalmente são feitos em poucas igrejas, em metrópoles, e sob forte tensão.

De acordo com as ciências sociais, a aceitação da diversidade sexual, na atualidade, encontra forte oposição pela visão negativa construída por séculos. A rejeição da homossexualidade nas próprias famílias, nas igrejas, e nas escolas ainda é uma realidade, com @s jovens sofrendo o bullying, muit@s chegando a abandonar a escola, as comunidades religiosas, e até cometendo suicídio.²³⁴

Apesar de todas as dificuldades que o grupo LGBT enfrenta para exercer a

²³⁰ HIRSCH, Olívia. *Igrejas inclusivas*. CLAM. Disponível em site: <http://www.clam.org.br/publicue/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=5032&sid=43>. Acessado em 17/05/2010.

²³¹ Um exemplo é o trabalho feito pelo Pe. Luis Correia Lima que além de ser coordenador do Grupo de pesquisa Diversidade sexual, Cidadania e Religião da PUC-RIO, possui um grupo de oração e leitura bíblica’ formado por LGBTs.

²³² Trata-se do curso ‘Diversidade sexual, Cidadania e Fé Cristã’ realizado no Centro Loyola de Fé e Cultura da PUC-RIO.

²³³ Paróquia São Luis Gonzaga, localizada na Av. Paulista em São Paulo.

²³⁴ Estudos realizados em diversos países mostraram que a taxa de ideação e tentativa de suicídio em jovens gays, lésbicas e bissexuais é 3 vezes superior a de heterossexuais, devido ao preconceito e discriminação que recebem. Cf. QUINTAS, Pedro Manuel P. A homofobia e os comportamentos para a saúde da população LGBT. In: *Heteronormatividade no contexto dos cuidados de saúde*. Atitudes dos profissionais de enfermagem em Razão da Orientação Sexual do Utente. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Portugal, 2008, p. 139. Disponível em : <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/6813/simple-search?query=Pedro+Manuel+Pereira+Quintas>. Acessado em 20/01/2012.

sua cidadania em igualdade com o heterossexual, o dia 5 de maio de 2011 representou um marco na história da homossexualidade no Brasil. “Por unanimidade, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu [...] legalmente as uniões entre pessoas do mesmo sexo”.²³⁵ Numa decisão histórica, o STF decidiu que a partir desta data, casais gays terão os mesmos direitos de heterossexuais previstos no código civil, diminuindo a desigualdade de direitos entre este grupo e os heterossexuais.²³⁶

2.6. Resumo do capítulo

Neste capítulo iniciamos analisando a violência na sociedade ocidental contemporânea, verificando as características positivas e negativas desse período, e como essas características podem ter provocado um aumento na violência. Depois, procurando formas de eliminar ou diminuir os dois fatores geradores de violência, ‘o preconceito e a discriminação’, vimos como estes fatores caminharam na história, junto com o discurso religioso e as decisões governamentais, atingindo alguns grupos: a mulher, @ negr@ e @ homossexual, e como ainda, na contemporaneidade, esses fatores estão presentes.

Traçando a trajetória desses grupos verificamos que os movimentos feministas, negr@s e LGBTs²³⁷, que surgiram no século XX para defender os direitos destes grupos, trabalham ativamente para a difusão de conhecimentos sobre esses temas a fim de amenizar o preconceito e as ações discriminatórias diárias que sofrem esses grupos. Segundo a psicologia social, o preconceito é algo internalizado e o processo de aceitação acontece de forma lenta e gradativa, pois é preciso tempo para se substituir imagens negativas introjetadas por séculos por outras imagens positivas. No entanto, só o ‘conhecimento’ e o ‘tempo’ não parecem diminuir o ‘preconceito e a discriminação’. Esses dois fatores de violência, como vimos anteriormente, têm sido direcionados à mulher, @o negr@, e @o homossexual, mas também podem ser encontrados direcionados a outros grupos, tais como o judeu, a judia, @ obes@, @ deficiente mental, o que tem

²³⁵ BRIGIDO, Carolina. *Contra a discriminação, a lei*. Supremo reconhece, por unanimidade, união civil entre pessoas do mesmo sexo. O globo, Rio de Janeiro, 6 de março, 2011. O País, p.3.

²³⁶ Estamos apenas trazendo ao leitor o conhecimento da decisão do STF. Não temos aqui a intenção de expressar qualquer julgamento quanto a esta decisão.

²³⁷ Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

necessidades especiais, etc. Grupos que fogem ao ‘padrão ideal antropológico da sociedade ocidental’: homem, branco, cristão, forte, viril, provedor, e fisicamente perfeito.

Diante desta constatação surgem alguns questionamentos, tais como: 1. Por que há tanta dificuldade na aceitação daqueles que fogem ao padrão ideal antropológico da sociedade? 2. Por que cresce a ‘violência’ em relação a esses grupos? 3. O que leva o ser humano a menosprezar o diferente? 4. De onde vem o desejo de dominar o ‘outro’? 5. Haverá uma forma de transformar uma sociedade ‘preconceituosa e discriminatória’ em uma ‘sociedade inclusiva’? Como? 6. Que tipo de evangelização poderá ser feita para que o cristão não seja aquele que discrimina o ‘outro’, diferente dele mesmo, mas, ao contrário, possa ser um agente de mudança dele próprio, da sua comunidade e da sociedade ocidental?

Nos próximos capítulos procuraremos: trazer subsídios para entendermos o que se encontra por trás das dificuldades pessoais e institucionais de aceitar como iguais às pessoas pertencentes aos grupos que aqui trabalhamos, responder às perguntas que formulamos, e buscar alternativas de mudanças. Escolhemos para embasar nossa exposição o pensamento de Emmanuel Lévinas, que aqui será apresentado, principalmente através das reflexões teológicas de Luis Carlos Susin.

3 O reino do ser

Embora os grupos escolhidos por nós para serem tratados nesta dissertação sejam os da mulher, d@ negr@, e d@ homossexual, no capítulo anterior tivemos oportunidade de perceber que, apesar dos discursos e justificativas diferentes que sempre existiram nas diversas épocas sobre ‘o preconceito e a discriminação’, algumas causas que motivaram e motivam estes fatores geradores de violência são as mesmas dirigidas a qualquer grupo que foge ao padrão antropológico ideal construído pela sociedade ocidental. Por este motivo, acreditamos que ninguém melhor do que Lévinas, filósofo, judeu, conhecedor da Bíblia, que sofreu e viu sofrer as consequências e os absurdos causados pelo ‘preconceito e a discriminação’ às pessoas de origem judaica, para trazer o seu pensamento que, como ele próprio afirma, foi fortemente marcado por essa experiência.

Neste capítulo iremos acompanhar a antropologia filosófica de Emmanuel Lévinas sob o olhar de Luis Carlos Susin²³⁸, numa perspectiva ‘teológica’. Mas trataremos também reflexões de outros comentadores de Lévinas, a fim de enriquecer nossa análise. Seguiremos a trajetória da subjetividade no ‘ser’ em busca da sua autossatisfação, e veremos, como o Ocidente tem fortalecido a superioridade da totalidade e da ‘subjetividade do Mesmo’, por uma dialética autolegitimadora que neutraliza a ‘diferença’ e incentiva o ‘preconceito e a discriminação’ ao diferente. Conheceremos também a solução que Lévinas aponta para modificarmos a sociedade ocidental, e finalmente, com base nas reflexões feitas, procuraremos responder as perguntas que formulamos no capítulo anterior.

De acordo com Lévinas, a solução para a sociedade ocidental diminuir ou amenizar a violência que temos vivido por séculos, e vemos atingir um alto grau de ‘crueldade’ na contemporaneidade, não está nos absolutismos, nem nos universalismos, mas na experiência metafísica, situada por ele como ‘ética’.

A ética é a filosofia primeira, aquela a partir da qual os outros ramos da metafísica adquirem sentido. A questão primeira pela qual o ser se dilacera e o humano se instaura como ‘diversamente de ser’ e ‘transcendência relativamente ao mundo’, aquela sem a qual, ao invés, qualquer outra interrogação do pensamento é apenas vaidade e corrida atrás do vento.²³⁹

²³⁸ Seguiremos o seu livro *O homem messiânico. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas*.

²³⁹ LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70 Lda, 2007, p. 8.

Segundo Philippe Nemo,²⁴⁰ esta tese é essencial no pensamento de Lévinas, a quem chama de “filósofo da ética: o único moralista do pensamento contemporâneo”.²⁴¹

Para Luiz Carlos Susin, a obra de Lévinas, especialmente sua antropologia, é possível de ser estudada em um ‘contexto teológico’ porque para este filósofo a humanidade do homem ou da mulher se refere à sua ‘vocação transcendental’.

O homem²⁴² vem ao ser, relaciona-se e separa-se no ser, domina ou sofre o ser, mas o ser não contém o homem. É para além do ser, na relação ao bem e ao infinito, como criatura pensada e eleita, nomeada e chamada à existência para uma missão que comporta ser e agir, mas também doar e imolar o ser, obra de paciência, que se descortina uma vocação para o homem. Esta ultrapassagem do ser na vocação é possibilitada ao homem porque o homem é relação ao outro: a subjetividade é pensada na relação à alteridade – o outro homem e Deus. Assim também a finitude e a dramaticidade do homem são pensadas na relação ao infinito e aos desígnios do bem.²⁴³

De acordo com Susin, na antropologia de Lévinas existem dois reinos. O primeiro é o ‘reino do ser’, onde o ‘ser’ torna-se soberano para dar a última palavra, como princípio e ultimidade. “Um reino que abarca todos os horizontes (o mal e o bem) e depois, o reino do Bem, que se estende para além dos horizontes do ser, ao firmamento, ao infinito”.²⁴⁴ É exatamente, pela ética que o ser pode alcançar o reino do Bem, e humanizar-se.

Em cima dessa linha de raciocínio acompanharemos neste capítulo a trajetória antropológica da subjetividade no reino do ser, como ela se comporta diante do ‘outro’ até sua entrada no ‘reino do Bem’.

Para entendermos o pensamento de Lévinas, no entanto, acreditamos ser importante conhecer, pelo menos resumidamente, um pouco da sua biografia e obra.

²⁴⁰ Escreveu a apresentação do livro ‘Ética e Infinito’, e entrevistou Lévinas neste livro. Os diálogos foram gravados pela France-cultura em Fevereiro e Março de 1981, e posteriormente adaptados e completados pela editora para a edição do livro.

²⁴¹ LÉVINAS, *Ética*, p. 8.

²⁴² Apesar de procurarmos fazer sempre a diferenciação entre ‘homem e mulher’ nesta dissertação, Lévinas e Susin usam a palavra ‘homem’ referindo-se aos dois sexos, generalizando. Sempre que pudermos, faremos a distinção, ou usaremos ‘humano’, ‘ser’, ‘ser humano’, ‘indivíduo’, ‘sujeito’, ‘pessoa’, etc, mas quando estiver em citação conservaremos como tal. É importante aqui colocar que em correspondência, Susin reconheceu a necessidade de adequar-se à nova consciência e linguagem inclusiva de gênero, e explicou que esta não era utilizada no tempo da elaboração de sua obra.

²⁴³ SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico*. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas. P.A: EST/ Petrópolis: Ed. Vozes. RS/RJ, 1984, p. 13.

²⁴⁴ IDEM. *Ibidem*, p. 15.

3.1. Emmanuel Lévinas

Nasceu em Kaunas, na Lituânia, no ano de 1906. Desde pequeno teve contato com os clássicos da literatura russa, pois seu pai era dono de uma livraria, o que lhe possibilitou a leitura de Tolstói, Gogol, e principalmente Dostoievski. Ao mesmo tempo, como judeu, era constante a leitura da Bíblia.²⁴⁵

Em 1916, com oito anos, teve que ir para a Ucrânia a fim de fugir da Guerra Russa. No entanto, com a expansão da Revolução Bolchevique que incorporou a Ucrânia em 1920 à Rússia, Lévinas em 1923 mudou-se para a França, onde acabou se naturalizando. Estudou com Husserl e Heidegger, tendo sua tese de doutorado versado sobre a Teoria da Intuição na fenomenologia de Husserl.²⁴⁶

Casou-se em 1932, e em 1935 nasceu sua primeira filha e lançou sua primeira obra filosófica: *De L'évasion*, no V Tomo de *Recherches philosophiques*.

Em 1939, durante a Segunda Grande Guerra foi convocado pelo exército francês para servir de intérprete das línguas russa e alemã, porém, em 1940 foi capturado pelos nazistas, tornando-se prisioneiro de guerra.

Sua esposa e filha permaneceram em Paris e sofreram as perseguições nazistas. Inicialmente, foram protegidas pela comunidade judaica, mas em 1943, mãe e filha, para escapar do holocausto, esconderam-se no convento das Irmãs de São Vicente de Paula, em Orleans.²⁴⁷ Seus pais e irmã foram mortos pelos nazistas na Lituânia, e a sogra desapareceu após ser deportada.

Lévinas esteve preso em ‘campos para oficiais’, na Bretanha e na Alemanha, onde ficou até o final da guerra. Segundo os prisioneiros, Lévinas carregava sempre um caderno, e quando lhe era possível, nele fazia anotações que no final da guerra se transformaram no livro *“Le Temps et l'Autre”*, publicado em 1947.

Ao retornar à França após a guerra, de 1946 a 1964, dedicou-se à direção da Escola Normal Israelita Oriental de Paris e ao ensinamento da filosofia no Collège Philosophique. A partir de 1964 lecionou na Universidade de Potiers, na

²⁴⁵ IHU ON-LINE. *Emmanuel Lévinas – biografia*. Disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2223&secao=277. Acessada em 10/05/2011.

²⁴⁶ PILONETO, Luiz Éderson *A ética como reconstrução do sentido do humano em Emmanuel Lévinas*. Disponível em site: http://lampoatomico.blogspot.com/2010/08/por-ederson-luiz-pilone-to-publicado_06.html. Acessado em 14/06/2011.

²⁴⁷ MELO, Nélio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, RS, 2003, p.15.

Universidade de Nanterre, na Sorbonne, etc.²⁴⁸ Durante todo este tempo, e mesmo após parar de lecionar, continuou a escrever suas reflexões filosóficas que se tornaram respeitadas em todo o mundo através de suas obras. Entre elas:

Totalité et infini. Essai sur l'extériorité. La Haye: Martinus Nijhoff, 1961. (Totalidade e Infinito. Trad.: José P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.); Quatre lectures talmudiques. Paris: Minuit, 1968. (Quatro leituras talmúdicas. Trad.: Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2003.); Humanisme de l'autre homme. Montpellier: Fata Morgana, 1972. (Humanismo do outro homem. Trad.: Pergentino S. Pivatto (coord.). Petrópolis: Vozes, 1993); Ethique et infini. Dialogues avec Philippe Nemo. Paris: Librairie Arthème Fayard et Radio France, 1982. (Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo. Trad.: João Gama. Lisboa: Edições 70, 1988), etc.²⁴⁹

Morreu em 25 de dezembro de 1995.

3.1.1. Lévinas e o mundo do ser.

Como constatamos, Emmanuel Lévinas vivenciou duas grandes guerras. Durante a primeira fugiu duas vezes, e na segunda esteve preso em campo de concentração podendo sentir e presenciar os horrores do nazismo.

Ficou longe de sua mulher e filha por cinco anos, perdeu pai, mãe, irmã, viu inúmeros companheiros serem torturados e mortos: cerca de seis milhões de judeus.

Viveu em uma sociedade caracterizada pelo darwinismo social, político e cultural. Sociedade que vivia a guerra e ansiava a paz através da dominação do ser humano sobre 'outro' ser humano, submetendo-o aniquilando-o totalmente, transformando-o em objeto manipulável, sem a menor dignidade, sem alteridade.

Presenciou como o humano pode se tornar desumano, vendo "o menosprezo no rosto dos vencidos, e a indiferença pela vida e pelo 'outro' no rosto dos vencedores".²⁵⁰ Uma sociedade insensível onde o egoísmo era a marca registrada em qualquer um que procurasse estabelecer relacionamentos. "Não havia compromisso para com o Outro, portanto, não havia co-responsabilidade.

²⁴⁸ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 12.

²⁴⁹ WICKIPÉDIA. A ENCICLOPÉDIA. Disponível em site. http://en.wikipedia.org/wiki/Emmanuel_Lévinas. Acessado em 14/08/2010.

²⁵⁰ No texto de 'Piloneto', encontramos a tradução de 'visage' como 'rosto', mas Susin coloca como 'olhar'. Conservamos 'rosto' por ser uma citação. Cf. PILONETO, *A ética como...*. Disponível em site: http://lampiaoatomico.blogspot.com/2010/08/por-ederson-luiz-piloneto-publicado_06.html. Acessado em 14/06/2011.

Segundo Levinas, a sociedade estava marcada por um anti-humanismo.²⁵¹

Estas terríveis experiências levaram Lévinas a refletir de modo profundo sobre o ser humano e a formular sua antropologia filosófica que, embora traga convergências com o seguimento fenomenológico de Husserl, traz também acentuadas divergências que a configuram segundo características próprias e únicas, na forma de perceber o ser humano.

Susin, no início do seu livro, nos alerta para o fato de que na contemporaneidade, apesar de todo o progresso tecnológico que atingimos, a paz ou a violência continua nas mãos do ser humano:

O progresso das ciências e da técnica, a emancipação e as facilidades criadas, não asseguram por si mesmas contra a violência de uns sobre outros, contra a injustiça para com as lágrimas e o sangue misturados à ordem e ao progresso, mas se tornaram ‘faca de dois gumes’ nas mãos do homem que pode instaurar a paz, mas também aumentar a violência. É no humano que se decide o resto.²⁵²

De acordo com Lévinas o ser humano é um homem-em-relação e a existência é uma transcendência. Mas sua subjetividade está voltada para si mesma, e é necessário despertá-la para esta transcendência e para o ‘outro’. No entanto, o pensamento filosófico ocidental fundamenta a organização da subjetividade e seu relacionamento com o ‘outro’ na autoafirmação de uma consciência autônoma e racional que incentiva a assimilação do ‘outro’ no si mesmo, e procura através de suas mediações: história, estado, religião, ciências, etc, justificar e legitimar uma forma de pensar o ‘outro’, partindo de princípios universais. Este pensamento encontra na autovalorização da epistemologia²⁵³, da ética e da política, os elementos necessários para a assimilação do ‘outro’ porque parte de uma ‘mesma’ matriz racional e identitária, a qual todos devem seguir, por ser considerada a mais legítima e desenvolvida na história da civilização. Dessa forma, “as outras culturas, religiões e organizações sociais passam a ser hierarquizadas e julgadas sempre a partir desta posição referencial.”²⁵⁴ É o mesmo procedimento que nos referimos no primeiro capítulo. Há um modelo de ser humano considerado como ideal e este deve ser seguido. Todo aquel@ que fugir

²⁵¹ PILONETO, *A ética como...*

²⁵² SUSIN, *O homem messiânico*, p. 11.

²⁵³ Conhecimento humano que reflete sobre a sua natureza e validade. Cf. HOUAISS. *Dicionário Houaiss...*

²⁵⁴ MIRANDA, José Valdeinei. *Ética da Alteridade e Educação*. UFRS. Porto Alegre: Faculdade de Educação, 2008. Disponível em site: <http://hdl.handle.net/10183/14654>. Acessado em 10/11/2010.

ao referencial universal proposto de gênero, raça, sexualidade, religião, etc, será discriminado, excluído ou perseguido. E a subjetividade é estimulada a continuar em seu movimento de retorno a si mesmo, buscando transformar o ‘outro’ em um ‘Mesmo’.

Lévinas condena e questiona o rumo que a filosofia ocidental seguiu e sua escolha pelos princípios universais em detrimento da singularidade do ser humano, e de sua transcendência. Traz em suas reflexões uma importante análise do desenvolvimento da subjetividade.

É importante registrar que, diante da grandiosidade, e complexidade do pensamento de Lévinas, da profunda e extensa abordagem feita por Susin sobre este pensamento, foi necessário fazer um recorte voltado para o tema desta dissertação. Estamos cientes de que até mesmo este recorte não conseguirá ser completo, nem tão profundo como gostaríamos, pois o tema é muito extenso. Mas desejamos neste capítulo trazer, segundo Lévinas, a trajetória da subjetividade no ‘mundo do ser’ e como ela se comporta frente à alteridade, a fim de nos ajudar na compreensão do comportamento do ‘ser’ no mundo²⁵⁵ para chegarmos à única possibilidade de inversão do movimento do ‘eu’, a ‘ética,’ e termos, como sugere Lévinas, um ‘melhor que ser’. Com isso pretendemos iluminar o estudo das três categorias que mencionamos anteriormente: a mulher, @ negr@ e @ homossexual.

3.2. O ‘eu’ no mundo do ser

Na ética levinasiana, a subjetividade tem grande importância. Ela determina as relações entre as pessoas, tornando possível a vivência da ética com a quebra da totalidade do ‘ser’ voltado apenas para si mesmo. Segundo Lévinas, a subjetividade é “fundada na idéia do infinito”.²⁵⁶ Para entendermos a complexidade desse processo, acompanharemos a formação da interioridade, e o

²⁵⁵ Nosso foco, neste capítulo, será mostrar como o indivíduo se desenvolve e comporta no mundo do ser’ em busca de sua felicidade’, de modo a relacioná-lo com o ‘preconceito e a discriminação’ que vimos no capítulo anterior. Como este desenvolvimento é muito complexo e extenso, para não nos alongarmos excessivamente, não traremos, nessa dissertação, detalhes ‘minuciosos’ do processo, nem as diferenças do pensamento de Lévinas e dos demais filósofos. Contemplaremos os aspectos gerais mais importantes ao tema do ‘preconceito e discriminação’ que possam ajudar a nossa compreensão.

²⁵⁶ LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70 Lda, Portugal, 2008, p.12.

movimento da subjetividade do ‘mundo do ser’.

Para Lévinas, a primeira relação do ‘eu’ no ‘mundo do ser’, “é uma relação de gozo²⁵⁷ e de alegria de viver (jouisement)²⁵⁸, uma ‘fruição’ do mundo na ‘fricção’ ao mundo, gozo que comporta também a surpresa, o perigo e a dor”.²⁵⁹

Uma relação que, embora envolva ‘surpresa, perigo e dor’, é boa e positiva, pois se trata de uma relação de prazer que acontece através da boca e dos alimentos. O alimento, porém, vai além da boca, pois qualquer coisa pode servir de alimento ao prazer de viver, e alimentar a felicidade. Após a consumação do alimento e o prazer, o ‘eu’ volta a si mesmo para repousar em si. Mas a relação com o mundo não termina aí. O mundo se coloca entre o ‘eu’ e o ‘si mesmo’, fazendo com que o ‘eu’ não retorne logo a ‘si mesmo’. Ele faz “uma volta pelo mundo, atravessa um espaço, acaba por ex-tender-se, e assim se dis-tende e se desenrola, ou se desatola de si mesmo, num primeiríssimo êx-tase”.²⁶⁰

Ao final dessa trajetória feliz surge uma lembrança e uma necessidade que reconduzirá sempre o ‘eu’ através do mundo para si mesmo. Um retorno que será feito procurando saciar a ansiedade do ‘eu’ por si, ou seja, uma forma original da identificação que busca a própria felicidade.

Essa transcendência instantânea, Lévinas explica ser uma transcendência que se dá na imanência. Um ‘egoísmo estrutural do ser no mundo’, necessário ao nascimento do ‘eu’, e que ocorre antes de existir qualquer problema de consciência. Ocorre quando ainda o ‘eu’ não tem referências à outra pessoa, é surdo e não quer se comunicar. O ‘eu’ como está faminto, quer nutrir-se, mas não se relacionar. Para Lévinas, “a solidão e o egoísmo são características do homem feliz que goza do mundo”.²⁶¹ e pela mediação do mundo ‘dá-se a si mesmo’.

Quando o ‘eu’ atinge a felicidade, esta vai servir para encobrir a alteridade

²⁵⁷ É importante colocar que como Lévinas usava palavras e expressões marcantes em suas reflexões filosóficas, e Susin fez questão de mantê-las. Neste capítulo conservaremos alguns termos e expressões importantes usados por ele, desejando ser fiel ao seu pensamento. Só faremos modificações quando o uso dessas palavras nos levarem ao risco de dificultar a compreensão do tema.

²⁵⁸ “Jouisement” ou “jouissance” pode ser traduzido por “gozo”, mas de modo largo como fruição, alegria de viver, vibração no contato com o mundo, com toda gama de conotações, que vão do corpo, do afetivo até o grau mais espiritual. A vibração da sensibilidade no sofrimento também se inclui em “jouisement”, no pensamento de Lévinas. É palavra-chave na análise da existência, na filosofia do nosso autor. Cf. SUSIN, *O homem messiânico*, p.35. Nota 12.

²⁵⁹ IDEM. Ibidem.

²⁶⁰ IDEM. Ibidem.

²⁶¹ IDEM. Ibidem, p. 39.

ou seja, a diferença, o ‘outro’, colocando todos felizes no mundo do ‘eu’. Como exemplo citamos aquela pessoa que vive sem se chocar com nada, ou a criança pequena que está centrada nela mesma. Elas se sentem como centro do mundo, só o seu ‘eu’ importa. Lévinas se refere a isso como ‘consciência biológica ou consciência vital’.

De acordo com Lévinas, ‘a promessa e a vontade de ser feliz’ fazem parte da trajetória do ser, mas são anteriores e estão acima do ser. Estes são os motivos pelos quais é possível uma pessoa preferir a morte diante da perda de valores e promessas que julga serem essenciais. Se o indivíduo perder a esperança que vai alcançar a felicidade, auto-realizar-se, viver deixa de ter significado para ele. “Com eles morremos e, por vezes, preferimos morrer a passar sem eles.”²⁶²

No nascimento, “a sensibilidade é apenas sentimento, afetividade, afetação e consentimento”.²⁶³ Originariamente, a sensibilidade no ‘ser’ se contenta com a finitude, atendendo ao que for imediato. Ela se encontra em um mundo elementar, não precisando recorrer a fundamentos, pois ela não faz distinção, não tem entendimento. O que sente, percebe como verdade, sem se preocupar em distinguir. “A sensibilidade essencialmente ingênua basta-se num mundo insuficiente para o pensamento”.²⁶⁴

3.2.1.

Da interioridade à subjetividade

De acordo com Lévinas, o psiquismo original e originante do ‘ser’ desde a sensibilidade abre espaço à interioridade, e quando o ‘eu’ em sua volta pelo mundo dá o consentimento afetivo à relação de gozo, surge o psiquismo que sente. “No sentir começa a interioridade do ‘ser’, acarretando o surgimento da ego-idade. A sensibilidade [...] a partir da fruição dos elementos não pertence à ordem do pensamento, mas à do sentimento, ou seja da afetividade onde tremula o egoísmo do eu.”²⁶⁵

Susin chama a atenção para o fato de que, para Lévinas o surgimento do psiquismo acontece ‘antes do saber’, e através do contato com uma exterioridade.

²⁶² LÉVINAS, *Totalidade e...*, p.101.

²⁶³ IDEM. *Ibidem*.

²⁶⁴ IDEM. *Ibidem*, p. 128.

²⁶⁵ IDEM. *Ibidem*, p. 127.

Nem o psiquismo nem a sensibilidade que condicionam o ‘eu’ estão ligados ao racional, mas no psiquismo ocorre o que Lévinas chama de independência dependente. A felicidade e o gozo se identificam com o ‘eu’: ‘eu sou feliz’. O prazer sentido pelo saciar do alimento (comida, carinho, dinheiro, etc) faz o ‘eu’ se achar pleno, único, soberano, acreditando que é autossuficiente. Com isso o ‘eu’ em seu retorno a si mesmo, não fica apenas como um consumidor do ‘outro’, mas rompe com a totalidade dos elementos permitindo-se ser autossuficiente e livre: egoísta, sem problema de consciência, um egoísmo ‘inocente’ de si.

Quando o ser sai em busca da sua felicidade, a alteridade não é limite para ele, ao contrário, surge como oportunidade ao ‘eu’. O ‘outro’ não é reconhecido como diferente de si mesmo, e o ser aproveita para usufruir ao máximo a relação. “No gozo o eu não se opõe à relação, [...] usufrui, explora, consome e volta feliz a si mesmo”.²⁶⁶ O ‘reino do ser’ é feito daquilo que o alimenta, em um mundo que ele percebe como tendo sido feito para ele, não existindo mais nada, nem razões, nem limites. Dessa forma, o ‘eu’ “pode viver liberto de todas as implicações, de todos os prolongamentos que o pensamento oferece”²⁶⁷ O ser, então, está no mundo apenas corporalmente para usufruir o gozo soberanamente, mas não se sente parte do mundo, nem se integra no mundo, existindo apenas em si mesmo.

Quando o ‘eu’ rompe com a ‘totalidade dos elementos’, realiza um movimento contrário à extensão. Faz um movimento centrípeto, uma involução a si mesmo. Nesse caso, o ‘eu’ parece ser autônomo, não vindo de nenhum lugar, como se viesse de si mesmo. O ser, então se vê como sujeito, soberano e soberbo. Uma soberania que traz uma dependência a alguém ou alguma coisa, no domínio de onde o ‘eu’ depende.

Para Lévinas:

A identidade do eu-no-mundo se mantém perseverando nessa soberania, nesse primeiro domínio de consumação do outro, nesse retorno a si, nessa separação e nessa autossuficiência, nesse egoísmo ‘justo consigo mesmo’, sem referências senão a si e nesse ateísmo feliz.²⁶⁸

Lévinas acredita ainda que este rompimento com a totalidade, esta separação possa vir a ser radical, não sendo apenas uma separação, eu-mundo,

²⁶⁶ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 44.

²⁶⁷ LÉVINAS, *Totalidade e ...*, p.131.

²⁶⁸ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 46. Cf. nota 65.

mas também uma separação de causa-efeito e criatura-criador.

Para Susin, este filósofo encontra no *ex-nihilo*²⁶⁹ da Bíblia uma indicação da origem (ou não origem) ontológica do humano:

Ser ‘para si’ numa dependência é por um lado, não ser ‘vindo-de-si.’ E no entanto, poder retornar a si como identificação, como voltar à interioridade de onde se partiu, é não ser ‘vindo-de-outro’. Nem de si, nem de outro, é ontologicamente *ex-nihilo*. É um absoluto, absolvido de causa, sem origem.²⁷⁰

Isto nos indica que o ‘eu’, ao considerar-se um ser para si, no gozo do mundo, percebe que sua origem possa ser independente de um Infinito, de uma eternidade, da divindade, e que sua existência não tenha relação com um criador. Essa percepção do ‘eu’ *ex-nihilo*, Lévinas diz ser o ateísmo, que de acordo com ele, ‘é importante e necessário para a subjetividade’.

A subjetividade leva a superação de todos os elementos míticos, divinizados, em relação às forças da natureza, e a terra. Pela subjetividade consegue-se ser simplesmente ‘eu’. Segundo Lévinas, “O ser separado deve correr o risco do paganismo que atesta a sua separação e onde essa separação se realiza, até ao momento em que a morte desses deuses o reconduzirá ao ateísmo à verdadeira transcendência”.²⁷¹ O pensamento é ateu e não existe uma obrigação ontológica de se aderir a um Deus. O ser acredita que é *ex-nihilo*, que ninguém o criou.

De acordo com Susin, o ateísmo desta interioridade ou subjetividade inocente, no pensamento de Lévinas não está negando Deus. Simplesmente não está preocupado com Deus. Trata-se de não precisar professar ou pensar qualquer relação pessoal com a divindade, pois o ser não está exigindo a presença de Deus, podendo até rejeitar esta presença.

Quanto à religião, Lévinas afirma que só haveria uma religião autêntica se a mesma fosse fundada em cima dessa não exigência de Deus por elementos naturais ou pelo pensamento. Nesse caso, a religião seria ‘fruto de uma revelação não-natural, entre ab-solutos’, e poderia até ser recusada.

²⁶⁹ *Ex-nihilo* - vir do nada, do Infinito, de uma separação ao invés de uma origem comum. Cf. BRANDER, Elza Cristina de Lima A. Amorim. *Ética como responsabilidade na filosofia de Emmanuel Lévinas*, p.8. Disponível em site: <http://www.scribd.com/doc/7207601/Levinas-Etica-Como-Responsabilidade-Na-Filosofia-de-Emmanuel-Levinas> . Acessada em 07/09/2010.

²⁷⁰ SUSIN, *O homem messiânico* , p. 46.

²⁷¹ LÉVINAS. *Totalidade e ...* , p. 134.

Só uma ‘revelação’ diferente desta condição natural no ser poderá modificar esta situação, tornando possível ao ‘ser’ descobrir que é criatura e que existe um criador. Susin descreve este processo de separação do ‘eu’ do mundo até ao ateísmo, como sendo uma espécie de ‘transcendência do eu’. O ser não se criou, mas vai se permitir ser o único senhor de si mesmo, numa relação soberana com o mundo onde o próprio ‘eu’ comanda e dá um sentido para si, tornando-se o primeiro, o ‘príncipe’, soberano absoluto no reino do ser.

Para Lévinas o ateísmo possui um lado positivo, e o batiza como ‘glória do criador’. A glória de Deus não estaria no fato de Deus ser Deus, criador de tudo e de todos. Esta glória estaria na sua bondade, sem o menor egoísmo, na concretização do bem. Sua glória consistiria, antes, em existir um universo sem criador e sem limites, onde alguém *ex-nihilo* reina.

Entretanto, Lévinas chama a atenção para o fato de que este mesmo Deus deixa o ser livre para agir como desejar. O ser tem liberdade para permanecer na soberania do ‘eu’, ou para se proteger desse ‘absoluto’, e recorrer a uma integração num todo. Para ele:

Dessa integração surgem as religiões, as filosofias ou as políticas de unidade, de monismo, de sistema [...] ou a participação mítica à divindade, ao ser, ao destino, à história, à hereditariedade, ou ainda o conformismo, a abdicação num “nós tribal ou social, etc.”²⁷²

Quando a subjetividade diz ‘eu’, colocando-se na primeira pessoa, significa estar vivendo na ‘soberania da interioridade’. Quando esta é conduzida a ‘ele-ela’, na terceira pessoa, a ligação é feita com a objetividade, a totalidade, a história, o universal, o conceito.

Segundo Susin, este ser aqui apresentado por Lévinas seria ainda um vivente, um ser que não conhece possibilidades melhores. “Vive de sua sensibilidade, das suas necessidades, no exercício de seu poder de saborear, de coincidir e de absorver pelo gozo a totalidade do universo, vivendo por isso de modo ‘intimista’”.²⁷³ Ele o associa ao “primeiro Adão”, mostrando que há positividade existente nesse primeiro ser, pois a separação existencial que ocorre do todo, o fez nascer como um ‘ser livre’ e capaz de ‘relação metafísica’. De

²⁷² SUSIN, *O homem messiânico*, p.50.

²⁷³ IDEM. *Ibidem*.

acordo com Lévinas, só “um ‘eu’ sem raízes, sem passado, solitário e autossuficiente em sua solidão, pode também se abrir ao ‘outro’ sem totalitarismo”.²⁷⁴

Este vivente que antecede ao animal racional é aberto a múltiplas possibilidades. Todo ser, inicialmente, é vivente, e pode permanecer como tal, tornando-se um animal feliz. Nem mesmo elementos da racionalidade como a economia, a produção, a arte, a teoria, a cultura e a política, etc, podem modificá-lo se este ser permanecer no movimento centrípeto, voltado só para si mesmo. Esses elementos racionais podem até torná-lo animal racional, belo, prático, saudável, político, culto, etc, mas não há nada que possa forçá-lo a modificar essa atitude de vivente, natural, se ele próprio não quiser se relacionar com o ‘outro’.

3.2.2.

O mundo econômico

Na busca do prazer, o movimento do ‘eu’ leva o ser ao desconhecido, provocando tensão e ansiedade. Este desafio ao desconhecido pode ocorrer de várias formas, pelo esporte, dança, jogos, etc. Mas qualquer um deles ao finalizar, leva a inquietação também finalizar, e o ‘eu’ volta a si mesmo. Já na relação com o meio ambiente, isto não acontece, pois este se encontra sempre presente, e não pode ser possuído, apenas aproveitado. É o caso da terra. Podemos aproveitar sua fecundidade, mas não a terra. Podemos usufruir a água, mas não todo o mar.

O elemento que o meio ambiente nos apresenta é imenso, e acima das possibilidades de posse do ‘ser’. O ser só pode usar o meio ambiente, retirar dele sua nutrição para viver, mas não consegue se apossar do todo.

Esta indefinição junto com a instabilidade e inconstância desses elementos faz surgir no ‘eu’ uma insegurança, provocando a tentação da adoração dos elementos da natureza. Além de inconstantes, estes elementos da natureza possuem espessura própria e uma resistência que obriga a sensibilidade à “adiar a boa hora do gozo a fim de assegurá-la para amanhã”.²⁷⁵ Esse é o mundo da economia. A fruta que hoje se colhe, amanhã não poderá ser usufruída, pois sua

²⁷⁴ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 106.

²⁷⁵ IDEM. *Ibidem*, p. 53.

colheita depende do tempo, do clima, da época do ano, etc. Dessa forma, surge a necessidade de se assegurar do futuro, provocando uma tensão do presente em relação ao tempo futuro. O momento certo para usufruir a boa hora do gozo, e o momento para guardar. Perde-se a noção do imediatismo, surgindo o tempo, a técnica e a consciência econômica.

É preciso, então, um projeto que assegure economicamente o gozo. Uma vitória sobre o desconhecido na qual o mundo venha a ser uma ‘casa permanente e organizada.

Essa organização do mundo da economia segue o mesmo processo da identificação no gozo. O ‘eu’ sai e se relaciona no mundo, mas agora surgem as novidades do trabalho e da produção. Em seguida vem o retorno do eu em si mesmo, porém, importando e conservando o mundo exterior como propriedade estável. “Esta nova forma de viver faz surgir novas categorias e leis no ser: a fundação de um lar; a casa”.²⁷⁶

De acordo com Evaldo A. Kuiava,²⁷⁷ “ a condição a partir da qual, [...] o homem faz ‘economia’ – busca para assegurar a estrutura do gozo para o amanhã – é a casa.”²⁷⁸

Para Lévinas, a casa não é apenas um lugar para se morar, afastado do resto do mundo. A casa é um lar, pois é o lugar onde se vive o recolhimento da vida interior, a intimidade, o afeto, e a porta da casa é a separação entre o mundo que se estende e o espaço interior do ‘eu’. A casa é a responsável por ligar corporeidade e materialidade à interioridade. Da casa o humano vai ao mundo e o mundo gira em torno da casa, mas a casa é um importante ponto de referência que impede o ‘eu’ de se perder no mundo.

A casa antecede o atuar economicamente, e é a condição necessária para o fazer e o saber econômico. É ela que traz a possibilidade de se conciliar o adiamento do gozo com o tempo da economia. A casa é o centro de um mundo econômico, de onde se organiza a economia, e impede o esvaziamento imediato do gozo. Torna possível haver o mundo econômico, e permite ao ‘ser’ conservar a sua interioridade. Nela o ‘eu’ pode se espalhar.

²⁷⁶ SUSIN, *O homem messiânico*, p.54.

²⁷⁷ Professor e diretor do Centro de Filosofia e Educação – CEFE. Autor dos livros *Ética, Política e Subjetividade*; *Filosofia, formação docente e cidadania*; etc.

²⁷⁸ KUIAVA, Evaldo Antônio. *Subjetividade transcendental e alteridade: um estudo sobre a questão do outro em Kant e Lévinas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003, p. 163.

Para este filósofo a figura feminina tem um papel importantíssimo, pois é através da mulher que o lar oferece o afeto necessário para a ligação entre interioridade e casa, com as condições necessárias para a suspensão do gozo e o necessário recolhimento ao ‘outro’. Para ele, “a mulher é a condição do recolhimento, da interioridade da casa e da habitação”.²⁷⁹

A primeira alteridade completa está na diferença do humano feminino para o humano masculino. Entretanto, é importante frisar que não se trata de uma diferença de conteúdo empírico ou psicológico ou sociológico, e sim no sentido de ‘ser’.

Segundo Lévinas, a mulher é calor humano, afeto, doçura. Uma doçura que se espalha e possibilita haver um espaço interior para fortalecer o ‘eu’. Entretanto, é importante acrescentar que, embora para este filósofo a mulher seja um dos pontos cardeais para a vida interior, “a ausência empírica do ser humano de ‘sexo feminino’ numa morada nada altera à dimensão de feminilidade que nela permanece aberta, como o próprio acolhimento da morada”.²⁸⁰ Quando Lévinas se refere ao feminino não significa que ele esteja apontando à mulher, enquanto gênero, do mesmo modo que o masculino não se relaciona necessariamente ao homem, mas à dimensão da afetividade. O feminino traz a dimensão da familiaridade, da hospitalidade, etc, e o masculino, a dimensão da caça ao elemento, da construção da obra, etc. A diferença é econômica, e importante para a passagem do gozo imediato ao mundo econômico.

A mulher é a ligação entre alteridade e feminilidade, e a novidade da relação erótica está em distingui-la dos elementos do gozo. De acordo com Magali Menezes,²⁸¹ “ao invés de se dividir a humanidade em duas espécies, deveria se mostrar que o feminino e o masculino são próprios de todo ser humano”.²⁸² A sexualidade e a diferença ‘masculino-feminino’ são condições para a existência do mundo econômico.

A relação erótica segue a mesma dinâmica que nós vimos do gozo. Há um êxtase, uma consumação e um retorno. Há um retorno em si que passa pelo

²⁷⁹ LÉVINAS, *Totalidade e ...*, p. 148.

²⁸⁰ IDEM. *Ibidem*, p.150.

²⁸¹ É filósofa de diversos artigos: Da academia da razão à academia do corpo; A trama do corpo e da palavra em um dizer que se faz feminino; O pensamento de Emmanuel Lévinas: uma filosofia aberta ao feminino; etc.

²⁸² MENEZES, Magali M. *O pensamento de Emmanuel Lévinas: uma filosofia aberta ao feminino*. Revista de estudos feministas, vol. 16, n^o 1, Florianópolis, S.C., Jan/Abr, 2008.

‘outro’, embora na verdade “seja um dar-se a si mesmo através do ‘outro’”.²⁸³ Lévinas percebe na busca amorosa um relacionamento solitário a dois que chama de ‘egoísmo a dois’. Porém, neste relacionamento egoísta permanece a dualidade e a transcendência de ambos, pois o ‘outro’ não é consumido. É um relacionamento necessário e positivo. Trata-se de um relacionamento que traz ‘intimidade’.

A mulher para Lévinas é, ao mesmo tempo, presente e porta do futuro. Através do filho, pela fertilidade, impõe-se como o ‘futuro no ser’. Nesse caso, o *eros* é a possibilidade de uma descendência, de um futuro do eu, e a família é a possibilidade de concretização do lar e da economia.

No mundo econômico, o ‘eu’ continua a viver em relação e separação. A independência econômica é tirada da dependência ao mundo, através da submissão ao trabalho, ao domínio e à importação. O ser pode tornar-se um soberano através da habitação, das posses, e do dinheiro, passando “a economia a ser, então, garantia de continuidade de um paraíso terrestre”.²⁸⁴ A permanência nesse paraíso dependerá do trabalho e da posse.

O ser vive em um mundo exterior, e relaciona-se com ele economicamente. O mundo é feito para ele, e através do fazer econômico e do ter, incorpora o mundo a si.

De acordo com Susin, se seguirmos o pensamento de Lévinas, o ser é soberano :

A inversão fenomenológica, o fato de o ‘anterior’ chegar ‘a posteriori’, a ausência de leis externas ou divinas no universo, tornam o homem inteiramente soberano e inteiramente responsável pelo mundo. [...] O homem é existencialmente soberano e nada resiste à sua apropriação.²⁸⁵

Dessa forma, o ‘eu’ pode perseverar em sua soberana solidão, ou então ser conduzido pelo afeto familiar e a promessa de futuro através da fecundidade e do filho ao encontro com o feminino, - “a luz que inaugura este novo modo de ser, luz através da qual se vê o mundo da economia”.²⁸⁶

²⁸³ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 59.

²⁸⁴ IDEM. *Ibidem*, p. 68.

²⁸⁵ IDEM. *Ibidem*, p. 69.

²⁸⁶ IDEM. *Ibidem*.

3.2.3. O saber

A economia possui leis de representação e por isto precisa de uma racionalidade para poder ser operada, para representar os símbolos, e teorizar a realidade. Assim, o saber surge como uma necessidade econômica, na qual Lévinas procura responder a pergunta: porque e para que é necessário saber.

Para ele, o conhecimento não é apenas um gozo gratuito do mundo. Embora haja o gozo, ele é a ligação com algo fora de si mesmo, e em confronto com a economia, o conhecimento dá uma volta ainda mais ousada no mundo para depois retornar em total soberania.

Para se teorizar, então é necessário haver uma suspensão e um distanciamento do agir, da mesma forma que para poder agir, o ‘eu’ precisa ter um distanciamento do ‘gozo’. O ser está sempre em ação: vive, goza, trabalha, etc, mas a vida não pode ser apenas ação, ela também é ‘pensamento sobre a vida’.

O pensar sobre a vida é um passo à frente no ser. É liberdade na qual o ser é capaz de parar a ação e refazer seu caminho. Susin nos diz que “esta capacidade crítica, complexificação do *sapiens no faber*²⁸⁷, se apoia num *surplus*²⁸⁸ de liberdade que toma distancia, e que remonta em contra corrente até às origens do ato”.²⁸⁹

Cada novidade pela qual o ser passa é uma superação. A base deste salto que nos referimos neste momento é a ‘desconfiança’. Lévinas chama de ‘a primeira perda de inocência’, possível de acontecer por dois fatores:

O primeiro é quando a pessoa considera seus atos como falhos, incompletos e/ou errados devido a uma experiência de fracasso. Dessa experiência surge a teoria como garantia e iluminação do ato. Mas o objetivo principal neste caso é o saber para a compreensão de si e do mundo. Na realidade, uma ‘afirmação de si mesmo’.

O segundo ocorre quando há desconfiança sobre a moral dos próprios atos em relação ao ‘outro’. A teoria, então, surge objetivando ser justa, ou seja, correta pelo aspecto moral. Lévinas afirma que neste caso a teoria está ligada à ética, a uma experiência metafísica, e é necessário haver o reconhecimento de uma

²⁸⁷ Pensante que não age, que pára a ação.

²⁸⁸ Surplus - excesso.

²⁸⁹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 70.

alteridade. Desta forma, todo o caminho a ser percorrido é fruto de uma recordação crítica que vem de um questionamento originado pela presença do ‘outro’.

Entretanto, um ‘eu’ separado pode continuar ignorando o ‘outro’, surgindo a possibilidade de afirmar sua autonomia pela teoria através de um reforço de correções e potencialização da autonomia. É neste ponto que Lévinas critica e questiona a sociedade ocidental, como já nos referimos na introdução desta dissertação. Trata-se de uma sociedade que escolheu dar prioridade ao si mesmo, usando a moral como freio, e a teoria como forma de defender a liberdade do ‘eu’.

Para ele, a liberdade que aparentemente encontra-se protegida pelo trabalho, no momento em que surge a possibilidade desta liberdade levá-lo ao fracasso, o ‘eu’ desperta a razão para a crítica. Porém, o ‘eu’ crítico não pode se criticar:

Esta liberdade espontânea não critica a si mesma e nem se justifica no seu novo lugar: como olho, não pode se ver. Mesmo quando reflete sobre si, reflete desde um eu ‘desdobrado’ em dois, e o ‘eu crítico’ fica livre e espontâneo fora da crítica, recolhido numa interioridade intocável, como um absoluto inquestionável.²⁹⁰

Nesse caso podemos dizer que a razão provém de uma necessidade de crítica, e ela nos dá condição de analisar tudo e a todos. Porém, a razão não permite analisar o próprio ‘eu’, e sem existir esta possibilidade de crítica, o ‘eu’ torna-se transcendental e puro, com o máximo de interioridade e de soberania.

Como vimos, o saber teórico dá ao ser a possibilidade de superação e de procurar o ‘sentido’ daquilo que faz. Esta busca do sentido é importantíssima para a teoria, existindo, segundo Lévinas, um estágio do ser entre a economia e a teoria. Um estágio sacral onde o ser, normalmente, procura em uma religião o endeusamento tático, uma idolatria originária.

Este estágio começa quando o ser percebe que há algo maior que ele e deseja atingir o que não consegue sozinho. O desejo transforma-se em fome do inatingível, através do sagrado. Mas, essa admiração pelo sagrado tem a finalidade oculta de adquirir o que a pessoa deseja. Pode até parecer que seja um amor desinteressado ao saber, mas na realidade o que existe é a dissimulação de desejo e de conquista. Neste caso a economia está disfarçada no sagrado, mas no

²⁹⁰ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 70.

momento em que se atinge o que deseja, “seculariza e expulsa o sagrado e os deuses no saber dominam soberanamente”.²⁹¹

O processo do ‘conhecimento’ segue o mesmo caminho e transitoriedade do gozo, da posse, e da economia. O ‘eu’ sai de si, tem contato com a exterioridade, e retorna a si mesmo. Permanece também o fato da interioridade pela teoria conseguir extrair sua independência da própria dependência, e reforçar na relação a sua solidão soberana através da transcendência na imanência. Conhecer nada mais é do que: “possuir, tomar, agarrar, absorver e gozar, mesmo na forma mais lúcida e mais extática”.²⁹² Entretanto, mais uma vez Lévinas chega à independência dependente, onde o ‘eu’ rompe com a totalidade e traz novas categorias e articulações técnicas.

Segundo Susin:

Uma luz exterior que se passa por nada permite haver – ‘luz própria’ -: luz da consciência, intencionalidade, compreensão, identificação, apropriação, absorção, como um ‘trem da vitória’, pois nada no mundo – mundo de dados, objetos que se apresentam à luz, que são fenômenos – pode resistir ao novo poder de ecumenismo, o saber.²⁹³

3.3.

O ‘eu’ e o ‘outro’

O clímax do processo do conhecimento acontece na identificação e na consciência do eu, através da autoidentificação. Após a trajetória pelo mundo, o ‘eu’ volta a si confirmado pelo eu-mesmo, devido a uma ênfase de si dada pelo sentido. Neste caso, é importante notar que para Lévinas o sentido de ‘identidade’ é diferente do que é dado na Psicologia. A ‘identidade’ para a Psicologia se refere à identidade individual e pessoal de cada indivíduo. Trata-se de uma construção dinâmica onde o indivíduo toma consciência de si através das relações subjetivas e objetivas, da linguagem e das experiências sociais. É um processo ativo, afetivo e cognitivo da representação de si no ambiente em que se encontra, o que implica o surgimento do sentimento de permanência e de continuidade.²⁹⁴ Já para Lévinas ‘identidade’ é perseverar em si mesmo, transformando o ‘outro’ em si mesmo, no ‘eu’ mesmo.

²⁹¹ IDEM. Ibidem, p. 73.

²⁹² IDEM. Ibidem, p. 74.

²⁹³ IDEM. Ibidem, p. 79.

²⁹⁴ INFOPÉDIA. Porto: Porto Editora, 2003. Disponível em: www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$identidade-\(psicologia\)>](http://www.infopedia.pt/$identidade-(psicologia)>). Acessado em 21/01/2012.

3.3.1.

O eu mesmo: afirmação de identidade

Segundo Lévinas, o ‘eu’ é o fundamento e a origem do processo. É o único elemento que permanece em todo o processo de identificação sem se modificar. O mundo, incluindo espaço e tempo, através do gozo, da posse e do conhecimento, é a casa do ser, mas não resiste ao poder de identificação do ‘eu’, e não forma com ele uma totalidade. O que temos no fim é o Mesmo. Na representação dos objetos, o ‘eu’ deixa de ser antagônico a estes. Sobressai então a identidade do ‘eu’ diante da multiplicidade de objetos, mantendo-o inalterável.

O ‘eu’ sai de si, vai ao mundo, e diante do ‘outro’ interrompe o que poderia ser o reconhecimento de sua alteridade, voltando-o para si através da representação do ‘outro’, “transformando o eu em o Mesmo. E o ‘outro’ não permanece outro, mas é assimilado através da representação no Mesmo, só o eu idêntico e mesmo permanece. O outro é então, outro-para-o-mesmo, e finalmente outro-no-mesmo”.²⁹⁵ Para Lévinas, isto é a concretização do egoísmo, e o princípio do idealismo.

O processo de identificação acontece na saída do ‘eu’ ao mundo exterior e retorno a si. A identidade do ‘eu’ toma todo o espaço e não dá possibilidade ao novo de se manifestar. E o ‘outro’ é percebido apenas para ser transformado no Mesmo, ou subjugado ao Mesmo. O interesse no ‘outro’ está apenas em sua tematização para representá-lo conceitualmente. Por sua vez, é importante frisar, como diz Kuiuava, “o ‘outro’ ao ser objeto de tematização já está expatriado de sua alteridade”.²⁹⁶

O fundamento do ser que reina é o Mesmo, e apesar de todos os obstáculos que surgem na história do ‘eu’, ele continua sendo o Mesmo, e transforma o ‘outro’ em ‘si Mesmo’. A ligação ‘fundamento-princípio-identidade’ e ‘ser-para-si’ trazem toda a experiência do ser para o ‘eu’, sendo sempre este o critério de sentido. Este critério permanece até mesmo através da ‘crítica’ e da ‘autocrítica’.

Como já vimos, ao desconfiar de si, o ser pode lançar mão da ‘recordação crítica’, mas se esta encontrar resistência é possível que a iniciativa do ‘eu’ venha a fracassar, surgindo ‘a identificação’ como forma de esclarecimento e compreensão.

²⁹⁵ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 91.

²⁹⁶ KUIUAVA, *Subjetividade transcendental e ...*, p. 170.

Além da resistência há ainda um outro fator pronto para impedir a crítica e a autocrítica: o desejo de dominação através das representações intelectuais. Um desejo frágil, pois não há consciência do domínio. Por isso as representações podem apagar o sentido de dominação, deixando uma abstração sem sentido, dirigida à realidade de modo inadequado, provocando a necessidade de ultrapassar essa abstração para conseguir uma nova intencionalidade. As justificativas dadas, então, para a rejeição são frágeis, e não cabem na atual conjuntura da sociedade, mas o receio de perder o domínio da situação traz a intransigência e novas intencionalidades e justificativas.

Segundo Lévinas, quando o ser desconfia de si, isto já é uma desconfiança da consciência e do saber, e obriga o próprio 'eu' fazer uma análise da consciência. Dessa forma, a crítica pode se tornar autocrítica, e a luz se voltar para dentro do 'eu'. "O 'eu' passa a ser um dado para si mesmo como reflexão, provocando uma espécie de cisão do 'eu'. O 'eu' crítico interroga a má consciência".²⁹⁷ Por sua vez, como esta foge ao controle, precisa ser resgatada ao 'para-si' da identificação. "A nova tarefa consistirá em recuperar, limpar, explicitar, clarificar, aproveitar as intencionalidades implícitas".²⁹⁸

Susin nos explica que a autocrítica ocorre devido ao excesso de liberdade, que permite ao 'eu' uma suspensão de si mesmo:

O *surplus* de liberdade permite não só um salto sobre a realidade e uma colocação em parêntesis da realidade, mas também do próprio eu, uma neutralização e uma suspensão de si mesmo, do homem vivente que passa do ser ao ter, como posse do eu crítico.²⁹⁹

A 'autocrítica' leva a pessoa diante de um objeto absorver tanto a consciência na sua identificação, como o objeto pelo seu sentido. Ao mesmo tempo dá condições à pessoa de conservar a distância e a transparência necessária para esta autocrítica. No entanto, como já vimos, o 'eu' não consegue se criticar totalmente, e o trabalho da crítica, apesar de chegar a sua culminância, não consegue criticar tudo, existindo sempre algo que não foi criticado.

De acordo com Lévinas, o interesse está presente em todos os movimentos do ser. O 'eu' está sempre em busca da sua identificação, e nem mesmo o saber, a

²⁹⁷ A má consciência no mundo do ser é ingênua e provoca questionamentos. Trata-se de uma preconsciência.

²⁹⁸ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 94.

²⁹⁹ IDEM. *Ibidem*, p. 95.

crítica e a autocrítica conseguem, no mundo do ser, modificar o seu objetivo. “O ser é egoísta. Ou para não entendermos de forma moralista, o ser é egótico”.³⁰⁰

O objetivo do ‘eu’ quando retorna a si é a transformação do outro no Mesmo, sem reconhecer o outro em sua ‘alteridade’, enquanto ‘outro’. E quando esta redução do ‘outro’ para o mesmo não consegue ser feita, o ‘outro’ pode ser visto como uma ameaça, por colocar em risco a afirmação da identidade do ser.

3.3.2.

O outro: ameaça da identidade

Na interioridade não há alteridade em si. Se a alteridade aparecer já se expõe à assimilação, à posse, ao conhecimento. Mas, sem a presença do ‘outro’ ou seja, sem a exterioridade, não existirá interioridade, pois esta “se forma na relação de gozo, economia e saber”.³⁰¹ A esta relação com o ‘outro’; na qual o ‘eu’ não considera a alteridade do ‘outro’, Lévinas chama de ‘relação análoga de transcendência’. O ‘outro’ apesar de estar rodeando o ‘eu’, não é reconhecido pelo ‘eu’ como ‘outro’. Esta é a primeira autonomia do ser, havendo, então, uma separação que forma a interioridade.

Susin nos dá alguns subsídios importantes para entendermos as razões de Lévinas. Ele nos diz que apesar do ‘outro’ participar do gozo, estar junto dos elementos, sendo mediador, ele sempre aparece vestido.

Um vestuário que vai desde o rosto asseado, o corpo velado, a observância de regras de decência até às instituições e posições sociais, funções, etc, desde as quais se apresenta velado pela função, pela ação, pelo ‘enquadramento’. Sem as formas e a formalidade, o outro se apresentaria ‘nu’ em sua alteridade, e provocaria perturbação. Escandalizar-se será então o modo de inculir-lhe vergonha e obrigá-lo a se retirar como ‘in-coveniente’.³⁰²

O ‘outro’ aparece vestido através do charme, da beleza. Sem isso a nudez não é aceita, e precisa se retirar. Por exemplo, a nudez feia, brutal, doente, deficiente, etc., não traz gozo. Só na arte é que encontramos a exposição da nudez e mesmo assim, ela provoca inquietação e mistério. Na arte o ‘outro’ pode até fazer parte de algo, mas de qualquer forma não consegue ser como é realmente.

No nível econômico, o ‘outro’ é promessa de intimidade, de energia, de

³⁰⁰ IDEM. Anotações pessoais de SUSIN, enviadas para mim por email, 2011.

³⁰¹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 102.

³⁰² IDEM. *Ibidem*, p. 103.

saída em direção ao futuro através do eros, da voluptuosidade e carícia. No entanto, continua a não ser visto pela sua ‘alteridade’.

Na casa, a alteridade é resguardada, pois a partilha acontece na intimidade, de modo a ficar distante de novas posses. Segundo Lévinas “A morada, a habitação, pertence à essência – ao egoísmo – do eu”.³⁰³ Entretanto, até na intimidade da casa e do outro, o ‘eu’ também pode ir além de sua condição, e apropriar-se do ‘outro’ negando a alteridade por trás da intimidade.

Já o colaborador, o trabalhador, o companheiro de negócios, o comerciante, etc, podem se inquietar, pois são separados como alteridades, e possuem as mesmas possibilidades de quem está a sua frente e também quer possuir: terra, trabalho, dinheiro, etc. Mas essa aproximação não se dá pela alteridade, pois não há condição de fazer negócio com a alteridade; apenas com e pela economia. Para a relação econômica acontecer, ela traz regras de mediação que resguardam ‘um’ do ‘outro’. Essas mediações são as leis econômicas para ser possível fazer o intercâmbio.

O grande perigo existente na negociação ocorre quando um ‘eu’ quer ir além das condições, e ele próprio coloca as condições, tirando a força da mediação externa e resguardadora. Quando isso acontece, provoca um confronto baseado na lei do mais forte: assassinato, guerra, corrupção, tirania, hegemonia. Trata-se de um processo que pode ir até o fim, levando às piores consequências por não haver o reconhecimento da alteridade.

No nível do saber, o ‘outro’ é representado. Mas, como realmente ‘outro’, ele fica de fora. Para Lévinas, o que impede de se pensar o ‘outro’ com sua alteridade é que normalmente a exterioridade está interiorizada para si mesmo. Mesmo “quando se pretende conservar um relacionamento, na simpatia ou na empatia, a intencionalidade existente no ‘eu’ que acolhe e compreende o ‘outro’, irá reduzi-lo a um *alterego*”.³⁰⁴ Por outro lado, o respeito ao ‘outro’ não se submete apenas à razão, pois esta é insuficiente para deter o ‘eu’ em expansão. O que rege o princípio do gozo e da posse é o prazer.

Quando o ‘outro’ aparece, e ameaça a identificação do ‘eu’, o ‘eu’ procura torná-lo um mesmo para si, e depois no mesmo. Na economia através das regras

³⁰³ LÉVINAS. *Totalidade e ...*, p. 136.

³⁰⁴ *Alterego* – um outro eu.

de mediação, mesmo não reconhecendo a alteridade, pode haver um relacionamento pela ‘necessidade’, embora o ‘eu’ possa ir além para apropriar-se do ‘outro’.

Na realidade, o ‘outro’ quando não é um igual capaz de se tornar o Mesmo é sempre ameaça para o ‘eu’. Em casa, no trabalho, nos relacionamentos sociais, políticos, religiosos, na vida em geral, o ‘outro’ ou não é reconhecido por estar vestido, ou acaba por inquietar, perturbar, sendo visto como uma ameaça.

3.4.

A revelação da alteridade chocante

Após acompanharmos a trajetória do ‘eu’ no reino do ser, vendo como o ‘eu’ reduz tudo a si mesmo, e como o ‘outro’ aparece diante do ‘eu’ sem alteridade, como ameaça da identidade, podemos, segundo Susin, dizer que para Lévinas, “ser mesmo é mal”.³⁰⁵ Não se trata de um mal que precise ser curado. “Se é culpado por algo por ser erradamente: é-se culpado simplesmente por ser”.³⁰⁶ Korelc³⁰⁷ confirma essa posição. Para ela, segundo Lévinas, a necessidade de se pensar a evasão do ser acontece pela “necessidade da superação do mal no ser”. [...] “O ser é a afirmação de si, o movimento de persistência no próprio ser que, no ente humano, impõe interesse por si e indiferença diante dos outros.”³⁰⁸

De acordo com Lévinas, a primeira possibilidade de resposta ao ser pode acontecer no ‘sofrimento’ e na ‘proximidade da morte’. Uma resposta misteriosa e ao mesmo tempo ameaçadora, pois a morte relaciona-se com o ser, mas ela não é melhor que o ‘ser’; não tem palavras. Só a fecundidade, a família e a descendência podem trazer uma resposta consoladora no ser. Porém, Susin nos diz, “elas estão acima do ser, com os pés no ser”.³⁰⁹ Acima, porque a fecundidade, a família e a transcendência, ultrapassam o ser, não findam com ele, estão ligadas à diacronia do tempo. Estão com os pés no ser, porque dependem do ser. É através do ser que ocorre a fecundidade, a formação de uma família e sua descendência.

³⁰⁵ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 195.

³⁰⁶ IDEM. *Ibidem*.

³⁰⁷ Doutora em filosofia pela PUC-RS, é professora da Universidade Federal de Goiás. Autora de diversos artigos sobre Lévinas. Entre eles; Sobre a subjetividade como condição de sentido na fenomenologia de Lévinas.; O problema do ser na obra de Lévinas; etc.

³⁰⁸ KORELC, Martina. *O problema do ser na obra de Lévinas*. Disponível em site: http://bibliotec.a.universia.net/html_bura/ficha/params/title/problema-do-ser-na-obra-levinas/id/10841348.html.

Acessado em 15/04/2011.

³⁰⁹ SUSIN, *O homem messiânico*, p.195.

A procura de Lévinas “não é por um ser melhor, mas um melhor que ser, um diferente do ser”.³¹⁰ A palavra ser com todos os seus significados não encontra no ‘mundo do ser’ sentido para o ‘ser humano’. O que pode romper e resgatar o ser é a imposição de algo que venha de fora do mundo, provocando uma saída do ‘eu’ dele mesmo e do seu ser.

O ‘outro’ que vem de fora é o ‘bem além do ser’. O bem puro e incontaminado. Não se trata de um novo ser, mas do ‘Outro’³¹¹ que vem ao ser e se revela porque é o ‘Bem’.

Este é o destino da subjetividade:

Um destino de eleição, de responsabilidade de um-para-o-outro e de universalismo, onde se articula a messianidade da subjetividade em resposta ao Bem, superando a idolatria de si mesmo e a errância pagã no ser.³¹²

Para Lévinas, o ‘reino do Bem’ surge a partir do ‘outro’, pois só nesta relação com o ‘outro’, o ‘eu’ poderá ser salvo do ‘mal de ser’. Mas quem é este ‘outro’ que Lévinas persegue, cuja alteridade é pura e real?

Susin nos informa que este ‘Outro’ não está ‘no mundo, nem no ser’. O ‘Outro’ vem de ‘outro tempo’, mas transporta ‘o tempo ao presente’ através da diacronia dos tempos. O ‘Outro’ é impensável, incompreensível, mas ao mesmo tempo é positivamente e concretamente ‘outro’.

O ‘outro’ é o pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro, modelos concretos de alteridade que o Antigo Testamento³¹³ mostra como aliados da transcendência mesma de Deus que toma a sua ‘causa’, zelando por eles, exigindo que lhes faça justiça. Para o cristão, o Novo Testamento³¹⁴ traz como o ‘escândalo do cristianismo’ Deus se colocando ao lado dos que sofrem, dando a eles prioridade, atendendo as suas necessidades, ao mesmo tempo em que o próprio Deus sofre, é marginalizado, e morre numa cruz.

A tríade bíblica representada pelo pobre, o doente, o fraco, o discriminado, o perseguido, e o escravo; enfim, todo aquele que está no mundo, mas se encontra perdido em relação ao mundo e a si mesmo, pois não é aceito pela

³¹⁰ SUSIN, *O homem messiânico*, p.195.

³¹¹ Infinito, Deus.

³¹² IDEM. Ibidem.

³¹³ BÍBLIA, Ex 22,22; Dt 10,18; Dt 14, 29 ; Dt 16, 11. 14 ; Dt 24, 17.19. 20. 21; Sl 146, 9; Jr 22, 3; Zc 7,10.

³¹⁴ IDEM. Ibidem. Tg, 1,27; 1 Tim 5,4, etc.

sociedade, não tem cidadania. Todo aquele que não tem gozo no mundo, nem felicidade, não pode dominar, pois está impossibilitado de satisfazer suas necessidades. Sua interioridade não tem projetos, nem possibilidades, pois é “solitário, sem obras, sem história, sem recursos e sem economia, sem energia humana e sem bondade no ser”.³¹⁵

Lévinas, como judeu, traz das Escrituras ‘o marginalizado’ que sofre todas ‘as impossibilidades de ser’, e por este motivo está ligado às exigências morais de reconhecimento e justiça. De acordo com este filósofo, só a ‘consciência moral’ pode reconhecer o ‘outro’, e a única possibilidade disso acontecer ocorre pela ‘intervenção moral do outro’, sob a iniciativa do ‘outro’. Esta ‘consciência moral’, Lévinas não admite que seja fruto de uma ‘boa vontade’, ou de uma ‘opção do eu’, pois isto retiraria do ‘outro’ sua ‘alteridade’. Nem tampouco aceita qualquer caridade piedosa que ofenda a ‘alteridade’ do marginalizado por fazer parte da ‘boa vontade’ e da ‘liberdade’. A justiça ao ‘outro’ precisa existir independente de projetos, de liberdade, de opções. Ela existe porque o ‘outro’ é eleito por Deus antes de vir ao ser; ele é hospede e mestre a partir da sua transcendência de alteridade. O marginalizado não pode ser equiparado a quem está à sua frente porque é mais alto do que o outro por estar mais perto de Deus, e mais baixo por não ter cidadania.

A quatríade bíblica nos indica que o ‘outro’ é hospede, olhar, palavra.

O ‘outro’ é ‘hóspede’ absoluto neste mundo, e se entrega ao dono numa relação ‘proprietário e estrangeiro’ em todas as suas necessidades. Não pertence a este mundo. É ‘olhar’, pois é aquele que ‘não tem nada’. Seu ‘olhar’ é ‘nudez informe’, exposição externa e extrema, sem nenhuma defesa, e por isso é imediata sinceridade. É uma ‘palavra-olhar’ cheia de honra. É ‘palavra de mestre’ que como vem de fora, pode ser ‘alteridade e magistério’. Pode ser o autor da sua própria ‘palavra’, indo muito além de ensinar, pois é capaz de ultrapassar as obras, os fatos e as idéias.

O ‘outro’ ensina ainda a ‘transcendência’, pois é autoridade e mandamento. Uma autoridade que não está fundamentada no ‘ser’ ou na ‘razão’, mas na ordem do mandamento ‘não matarás’. Para Lévinas “a fruta proibida do paraíso é ‘o outro’”.³¹⁶ A criação do mundo por Deus teria sido colocada no início das

³¹⁵ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 201.

³¹⁶ IDEM. *Ibidem*, p. 211.

Escrituras para que sejamos capazes de compreender que o ser humano é apenas um hóspede na terra, e que todos nós temos direito à mesma hospitalidade oferecida por Deus. A própria narrativa já é um mandamento, e “quando se diz Deus é misericordioso, o mandamento está ordenando, sede misericordiosos”.³¹⁷

O mandamento é ‘palavra’, é o ‘olhar’ dizendo ‘não violência’, junto com os mandamentos ‘não matarás, não furtarás, etc’. Entretanto, a obrigação para com o mandamento é apenas ‘ética’. A ‘ética’ é a impossibilidade de se escapar ao ‘olhar’ que observa desde o mandamento, mesmo quando este é violado. ‘É o mesmo ‘olhar’ onipresente a Caim após o crime, dizendo que diante do ‘olhar’ não há desculpas.

De acordo com Lévinas, a relação ‘face a face’ é uma atitude moral que impede a totalização. Por exemplo, o que uma pessoa exige de si própria, não pode exigir do ‘outro’ porque não decide por ele. Não há como o outro ser obrigado a reagir igual, pois está separado d@ seu/sua interlocur@. Dessa forma, é uma relação assimétrica metafísica e ética que provoca uma irreciprocidade interpessoal. Só é possível se relacionar com o ‘outro’ como ele é.

Susin nos diz que para Lévinas “a autoridade de quem está face a face com o outro vem da sua interioridade, e a autoridade do outro é oriunda da sua alteridade”.³¹⁸ Uma relação que não pode ser comparada, pois como a orientação vem do ‘outro’, - e ele é sempre imprevisível, - a relação é incerta, pois é impossível saber como agirá. O ‘Outro’ é Infinitude, transcendência, e possui uma perfeição de outra ordem que traz brilho próprio. “Só à luz do Infinito e perfeito é possível ver o finito e o imperfeito”.³¹⁹

O ‘outro’ não é deste mundo e não se acomoda ao presente, não obedecendo ao tempo. A ‘alteridade é uma novidade que revela uma antiguidade desconhecida, pois o ‘outro’, - que é anterior,- não pode ser dominado neste tempo, e “é por causa de sua irrupção, imprevisibilidade e a impossibilidade de medidas que o ‘outro’ se torna incômodo, inquietante, desarticulante, inconveniente, indomável, livre”.³²⁰

³¹⁷ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 211

³¹⁸ IDEM. *Ibidem*, p. 217.

³¹⁹ IDEM. *Ibidem*.

³²⁰ IDEM. *Ibidem*, p. 219.

O ‘outro’ é separado em relação ao mundo, e esta ‘alteridade’ é que o constitui como ‘outro’, e não permite transformá-lo em identificação do Mesmo. Dessa ‘relação com o outro’ totalmente diferente vem a ideia de Infinito. “O ‘outro’ é o ideal mais alto que a noção de ideal que provém dele”.³²¹ E por ser ‘ideal’ é que o ‘outro’ suscita respeito à sua diferença e alteridade’ radical. É o distante, o infinito que visita, que se aproxima e se torna mais próximo do que a própria pessoa. Mas, apesar de ‘vir de além’, não significa que esteja chegando de um novo horizonte ou de outro lugar. O ‘outro’ se encontra no mundo do ser. E é através dele, com o choque que provoca, e através da ética, constituída pelo questionamento que o outro provoca, pela vergonha e o recuo do movimento solitário de domínio sobre o outro, que pode se dar à inversão da subjetividade, saindo de si para o ‘outro’, e reconhecendo sua alteridade.

A ética é um processo que começa no finito, mas no momento que ocorre a revelação, ocorre a inversão. Na ética o ser humano é chamado a dar o grande passo para a maturidade, a assumir responsabilidades através da sua própria decisão. A primeira palavra cabe ao ‘outro’, e questiona. “A expressão que o rosto introduz no mundo não desafia a fraqueza dos meus poderes, mas o meu poder de poder.”³²² Ela reúne as características necessárias para dar responsabilidade à subjetividade, ao mesmo tempo em que aprofunda sua unidade com ‘responsabilidade’ e ‘bondade’. Ela traz em si o relacionamento social e o religioso, sem ideologia ou mito, permitindo que o ser humano possa ser um adulto sociável e religioso.

3.5 As dificuldades do mundo do ser

Deveria ser fácil fazer essa inversão para vivermos a ética, transcendendo e nos direcionando para o ‘outro’, assumindo a responsabilidade pelo ‘outro’, já que, como veremos, esta é a missão que nos foi dada antes de virmos ao ser. Se vivêssemos a ética como nos propõe Lévinas teríamos um mundo sem violência,

³²¹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 225.

³²² LÉVINAS, *Totalidade e...*, p.192.

um mundo de justiça, de glória e paz. Mas a finitude do ser humano lhe traz uma série de dificuldades que junto com a filosofia da sociedade ocidental, parece ser quase uma utopia pensar em uma experiência metafísica. Por este motivo, achamos importante refletir um pouco sobre as dificuldades do humano no mundo do ser.

3.5.1. Possibilidades e impossibilidades

O ser, em seu mergulho existencial no mundo do ser, enfrenta uma série de possibilidades e impossibilidades. A primeira é dada pelo corpo. Sua primeira impossibilidade é provocada por um outro ser, pela sua vontade e materialidade.

O ser é frágil e precisa enfrentar sua nudez e lutar pela vida através do seu próprio esforço. Ao acompanharmos a trajetória da subjetividade vimos que ela precisa tirar sua independência da dependência. Portanto, se os elementos dos quais tirava sua independência faltarem, a subjetividade se perde, e não há mais a independência feliz e soberana. Susin nos diz que essa é a dramaticidade existencial: “o esforço e a dor por ser”.³²³ O ser precisa trabalhar para sobreviver.

Dessa forma, quando o trabalho não sustenta as necessidades básicas, ou falta trabalho, não existe uma base para que o ser seja soberano e nem para ir ao ‘outro’. Se não houver pão, não haverá casa, não haverá porta, não haverá proteção para se ter intimidade, ameaçando toda a interioridade e a possibilidade econômica. O trabalho será sem gozo, sem economia. Será apenas trabalho por sobrevivência, mas sem futuro. Este tipo de trabalho é uma realidade no Brasil, e no mundo, pois é fruto de “uma sociedade desorganizada que não deixa tempo, nem consciência, colocando uma distância entre o ser e o mundo do qual depende”. É o caso do pobre, do órfão, da viúva e do estrangeiro. Todos estão ligados ao mesmo destino, estão excluídos e marginalizados. Suas necessidades são insatisfeitas, e “eles não têm intimidade, nem futuro, nem habitação, portanto não há como existir o eu soberano”.³²⁴

Para Lévinas, a ação faz parte do ser no mundo, pois está ligada ao ‘eu’ corporal e à vontade que exerce materialmente. Portanto, o ser, para se sentir vivo,

³²³ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 114.

³²⁴ IDEM. *Ibidem*, p. 116.

necessita agir, empreendendo e aspirando alguma coisa. É preciso agir, e ser no mundo, e o caminho disto é a luta. O trabalho é fruto do suor, do esforço feito pela necessidade.

Na interioridade do ser surge a vontade e dela “vem o agir no trabalho, na obra, e torna-se fenômeno, surgindo o risco de traições, apropriações, roubos, violência”.³²⁵ Para tratar das inúmeras vontades existentes, toda sociedade tem suas intermediações para agirem como defesa, administrando os ‘eus’ em expansão, procurando cuidar dos interesses de todos de modo igualitário. Para conseguir seu intento, dentro da racionalidade pública do Estado, a ‘administração’ leva à supressão de singularidades, e o indivíduo é tratado como universal, pois os critérios usados pela administração para medir o indivíduo são externos e gerais. Dessa forma, muitas vezes existe a dificuldade do indivíduo se reconhecer nas administrações que existem para seu auxílio. Apesar dessa dificuldade, Lévinas acredita que ainda assim esses ‘critérios’ sejam melhores do que a proliferação da violência, pois “os primeiros a sofrerem com o aumento da violência são os marginalizados, os oprimidos, os que não tem reconhecimento, e já vivem na dificuldade de ser”.³²⁶ Entretanto, este combate à violência, usado na administração, pode se expandir e tornar-se propagação da violência e tirania.

Para haver um equilíbrio social é preciso se conseguir harmonizar as diversas forças antagônicas, produzindo uma paz oriunda de uma violência controlada, necessária e racional. Quando não se consegue este equilíbrio a violência se expande e como conseqüência pode surgir a tirania, ou seja, a dominação da vontade alheia, que acontece pela corrupção e usurpação do corpo e animalidade.

A mediação que procura harmonizar as diversas autonomias e evitar a tirania é feita pelo Estado. Uma ordem racional cuja função é de vigiar e normatizar a liberdade e a vontade nas relações entre ‘outros’ e ‘entre si’ através de “leis visíveis e duradouras, e autoridades com poderes reconhecidos de instituir, sancionar e revogar, havendo proteção contra o abuso, reconhecimento e igualdade”.³²⁷ Mas o Estado também pode tirar as mediações e colocar as leis de modo não equilibrado, partindo para dominar as pessoas e instituições em função de seus interesses, exercendo violência, e perseguindo aqueles que de alguma

³²⁵ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 116.

³²⁶ IDEM. *Ibidem*, p. 194.

³²⁷ IDEM. *Ibidem*.

maneira não se enquadram dentro dos interesses do Estado. Normalmente estes são grupos minoritários e marginais, que apesar de serem os que mais precisam do Estado, ficam à margem, e de modo geral, só recebem atenção quando são vistos como ameaça. Para esses grupos, a lei pode desaparecer pela assimilação ou pela destruição dos que a ameaçam. Como diz Lévinas, “a razão garante poder e vitória a quem tem mais poder”.³²⁸

Mas na sociedade de tantos ‘eus’, podem surgir situações que nem o próprio Estado seja capaz de controlar. Entre eles, citamos o estado de guerra, que Lévinas afirma ser a situação mais ‘antimessiânica’ existente, já que “a paz é o grande bem da era ‘messiânica’”.³²⁹

Ao verificar as condições ontológicas e antropológicas que possibilitam o estado de guerra, Lévinas constata que a guerra revela o ser, totaliza, e instaura a sua própria ordem. Para quem está envolvido é como se fosse apenas um trabalho. Só quando consegue enxergar a transcendência do ‘outro’, percebendo o seu antagonista como ‘outro’, um hóspede no mundo do ser, possuidor de um olhar e de uma palavra, o ser percebe que a guerra não é apenas um trabalho, mas ‘violência e guerra’.

Na transcendência do ‘outro’ que se recusa à totalização e à dominação, encontra-se o maior perigo no mundo do ‘eu’; a recusa do outro à totalidade. Esta recusa pode receber a recusa do ‘eu’ a transcendência, e este desejar totalizar o outro de qualquer forma: vivo ou morto.

A violência da guerra traz a morte. O assassinato atinge o auge da violência, e transforma-se em impotência. Nele não se precisa manter mais nada, é a totalização pela total negação, pela aniquilação e desaparecimento da vítima.

O assassinato é a visibilidade de uma vida sem ética, e a única resistência da vítima acuada é a ética pelo seu poder de alteridade. Quando se mata alguém não se busca apenas destruir um corpo, mas a sua alteridade.

Segundo Lévinas

Só posso querer matar um ente absolutamente independente, aquele que ultrapassa infinitamente os meus poderes e que desse modo não se opõe a isso, mas paralisa o próprio poder de poder. Outrem é o único ser que eu posso querer matar.³³⁰

³²⁸ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 129.

³²⁹ IDEM. *Ibidem*, p. 130.

³³⁰ LÉVINAS. *Totalidade e ...*, p. 193.

Entretanto, a alteridade expressa no olhar da vítima, leva, mesmo que seja por um momento, @ assassina@ ao desferir o golpe, reconhecer moralmente o ‘outro’ em sua transcendência, sabendo que não há desculpa para a sua violência. “O infinito apresenta-se como rosto na resistência ética que paralisa os meus poderes, e se levanta dura e absoluta do fundo dos olhos, sem defesa na sua nudez e na sua miséria”.³³¹ Se o ‘eu’ conseguir compreender esta miséria, esta nudez, não mata, ao contrário, se aproxima do Outro, “mas a identificação da morte com o nada convém à morte do Outro no assassinato”.³³²

O grande problema de quem faz a mediação da sociedade, mesmo os neutros, como a história, as ciências, a linguagem e a ontologia, que estão ligados ao conhecimento e foram feitos para servir a soberania do ‘eu’, é que se tornaram totalidades, servindo para medir o ser, tornando-se mais uma barreira para o ‘outro’ enfrentar. Um deus que possui a verdade e sua explicação é a final.

A história busca conquistar o ser como história, e para isso se une ao poder, colocando-se como horizonte último. As ciências, principalmente, as ciências humanas, da mesma forma que a história, desejam ser a explicação última e estabelecem o padrão antropológico ideal, não contando com as singularidades. Neste caso o mediano que coincide com o padrão é obsoleto, e o caso fracassado é posto à margem. Até a linguagem é deturpada e usada para iludir decidindo a verdade pelo tema. A subjetividade fica reduzida e obrigada a uma obediência que vem da astúcia e corrupção da vontade e da liberdade. E a ontologia como filosofia primeira, acabou deixando de articular a missão do ser como cumprimento da justiça para transformar-se na filosofia da injustiça e do poder, procurando colocar a sociedade contra aqueles que reagem à suposta ‘não-violência’ de uma totalidade harmoniosa apenas na aparência.

Segundo Lévinas,

Para a tradição filosófica, os conflitos entre ‘o Mesmo e o Outro’, resolvem-se pela teoria em que o Outro se reduz ao Mesmo ou, concretamente, pela comunidade do Estado em que sob o poder anônimo, ainda que inteligível, o Eu reencontra a guerra na opressão tirânica que sofre da parte da totalidade.³³³

Dessa forma quando o ‘ser’ responde, procurando romper com a totalidade,

³³¹ LÉVINAS, *Totalidade e ..*, p. 194.

³³² IDEM. *Ibidem*, p. 230.

³³³ IDEM. *Ibidem*, p. 34.

ele possivelmente provoca sofrimento e morte.

Para Lévinas, a morte está relacionada com o ser, mas não é melhor que ele. Para responder e romper com a totalidade harmoniosa da sociedade, onde se reduz tudo ao Mesmo, de modo a humanizar o ser e a sociedade, a única possibilidade é encontrar ‘um melhor que ser’, algo ‘diferente do ser’. Para Lévinas, o que pode romper a subjetividade e resgatá-la é o que vem de fora do mundo, o ‘Outro’, com sua chegada provocando um impacto tão forte que venha a forçar o ‘eu’ a sair de si mesmo e transcender; a ética.

3.6.

A tríade bíblica da atualidade.

Com base em tudo que vimos neste capítulo iremos, agora, relacionar o pensamento de Lévinas ao nosso tema: ‘o preconceito e a discriminação’ da sociedade contra os grupos que fogem ao padrão ideal antropológico criado pela sociedade ocidental. Em destaque, a mulher, o negr@ e o homossexual; a tríade bíblica da atualidade. E a partir daí, responder algumas perguntas que surgiram ao final do nosso primeiro capítulo. 1. Porque há tanta dificuldade na aceitação daquel@s que fogem ao padrão paradigmático da sociedade? 2. De onde vem o desejo de dominar o outro? 3. Porque o desejo de eliminar o diferente? 4. Este desejo ocorre em todo o ser humano? 5. Haverá uma forma de se transformar uma sociedade violenta, onde o preconceito e a discriminação tem sido sua marca, em uma sociedade inclusiva? 6. Como se fará essa transformação? 7. Que tipo de evangelização poderá ser feita para que o Crist@o não seja aquel@ que discrimina o ‘outro’, diferente del@ mesmo, mas, ao contrário, possa ser um@ agente de mudança del@ próprio, da sua comunidade e da sociedade ocidental?

Para responder a estas perguntas, vamos penetrar na trajetória do ‘eu’ no ser Levinasiano mergulhado na existência.

O ser vem ao mundo do ‘ser’ e o seu ‘eu’ sai ao mundo em busca da sua própria felicidade. Esta busca é o seu principal objetivo. Ele sai de si, vai ao mundo e sempre volta para si. E, como tem dificuldade de reconhecer a alteridade, pois o ser tem sua subjetividade fechada para o ‘outro’ por estar na busca da

afirmação da sua identidade, procura reduzir sempre o ‘outro’ a si mesmo, a um igual, a um mesmo.

Para impedir que o ‘eu’ faça essa redução e possa haver relações econômicas, existem regras de mediação no ‘mundo do ser’ que resguardam um ser do outro a fim de se poder realizar o intercâmbio. Essas mediações são leis de economia, organizadas pelo Estado que visam harmonizar os inúmeros eu’s. Mas o ‘outro’ quando não é visto em sua alteridade, e não pode ser reduzido a um mesmo, pode ser percebido como uma ameaça, e o ser pode ir além das condições impostas pelas mediações, colocando suas próprias condições, tirando, portanto, a força da mediação externa. Sem a intermediação o ‘eu’ procura anular ou eliminar o diferente.

É exatamente isso que acreditamos ocorrer em relação ao preconceito e a discriminação contra a mulher, o negro, e o homossexual. Est@s são as alteridades não reconhecidas pelo ‘eu’. Pertencem a grupos que diferem do padrão antropológico ideal, e quando seus interlocutores os vêem como inferiores e rejeitam suas alteridades, querem reduzi-los a si mesmos. Devido às normas trazidas pelas mediações sociais, o ser pode conseguir conviver com o diferente, obedecendo às normas, reprimindo e controlando seus atos discriminatórios, embora estes existam ocultos e subjetivos. Porém, ao sentir-se ameaçado pela alteridade que não aceita no ‘outro’, o ser pode ultrapassar as mediações e procurar anular ou excluir o diferente através de atos ‘discriminatórios’ abertos e objetivos, que podem chegar à extrema violência e até à morte.

Ao apresentarmos a história d@ homossexual, no primeiro capítulo, mostramos que para a psicologia social já existe, na atualidade, uma transformação quanto ao preconceito em relação a este grupo, e que a sociedade ocidental está em processo de aceitação @o homossexual. Um processo demorado porque as imagens negativas estão interiorizadas, e levar-se-á um tempo não muito curto para transformá-las em positivas.

De acordo com Susin, em Lévinas este processo de aceitação só é possível acontecer pela ética. O ‘outro’ que vem de fora se desvela, e ao se chocar, provoca na má consciência³³⁴ um questionamento que pode desencadear um desejo ético

³³⁴ Para Lévinas, a má consciência é a consciência sem a máscara de um personagem que contempla o mundo para se ver. É ela que nos permite resistir à compreensões intelectuais, e à

metafísico. Este desejo, então leva o ‘eu’ a inverter ou converter a sua trajetória, saindo de si mesmo para o outro.

Para Lévinas, “o desejo metafísico tem uma outra intenção – deseja o que está para além de tudo o que pode simplesmente completá-lo. É como bondade – o desejado não o cumula, antes lhe abre o apetite.”³³⁵

Lévinas situa a mulher na casa, no relacionamento familiar, como aquela que se apresenta com alteridade, que constitui o lar e ao mesmo tempo reside no mistério além da posse e da intimidade, por isso mesmo importantíssima enquanto ‘*famme*’ na relação familiar.³³⁶ No entanto, ao longo da história e até mesmo na atualidade, verificamos a tentativa de transformar a mulher num mesmo, ou abafá-la, e em situações mais graves, eliminá-la. Em relação @o negr@ e @o homossexual, também sempre foi visível a tentativa de afastá-los, transformá-los ou eliminá-los da sociedade.

Como vemos, a reação ao diferente de si é sempre muito forte, e nem o conhecimento e o saber através da crítica e da autocrítica consegue transformar o ser porque são elementos do ‘mundo do ser’. Por este motivo vemos que com todo conhecimento que, hoje, se possui sobre estes grupos, capaz de desfazer as questões relativas às diferenças que os consideravam inferiores, sempre existem pessoas, inclusive cientistas, que contestam e não conseguem modificar sua visão de inferioridade. E constatamos a dificuldade de diminuir o preconceito e a discriminação na sociedade ocidental.

Até mesmo as intermediações, que surgiram pela necessidade de se agir em defesa dos cidadãos e administrar em prol de interesses comuns da sociedade consideram como ameaça, os grupos que diferem do padrão ideal ou paradigmático. Os critérios que os responsáveis pelas intermediações usam para medir o indivíduo são externos, universais e racionais, não havendo lugar para singularidades, nem para minorias. O Estado, por exemplo, procura harmonizar as diversas autonomias e evitar a tirania, mas sua administração visa o interesse de um ‘eu’ universalizado. Quando o Estado em favor do ‘bem comum’ passa a impor condições, os grupos que não se enquadram de alguma forma no padrão

razão, tornando-nos capazes de sair de nós mesmos para o outro. Cf. LÉVINAS, *De Deus que vem...*, p. 229.

³³⁵ IDEM. *Totalidade e ...*, p. 20.

³³⁶ O feminino na relação familiar. IDEM. *Ibidem*, p.147.

são, logo, perseguidos. Alguns desses grupos são minoritários, como @s homossexuais (cerca de 10% da população)³³⁷, mas outros, como os da mulher não são minoritários, porém estão ou estiveram fora do poder por muitos séculos. Por isso são mais fracos, precisando da ajuda do Estado em sua defesa e em projetos de políticas públicas. @s negr@s, no Brasil, após a abolição, tiveram uma diminuição considerável pela política de branqueamento. Mas, ao se chegar ao término desta política, e ao início da democracia racial, voltaram a crescer e hoje, se contarmos pard@s, mulat@s e negr@s já se estima que tenhamos 50% da população³³⁸ ou até mais um pouco. Entretanto, apesar disso, ainda, na atualidade, “o analfabetismo da população afrodescendente no Brasil, de 15 anos ou mais, está na faixa de 14,1%, enquanto a faixa da população branca é de 6,1%”.³³⁹

Todas estas realidades nos fazem voltar ao marco teórico de Lévinas.

Em relação à dominação do ‘outro’, Lévinas nos diz que no nível do saber, o ‘outro’ é representado intelectualmente, mas como ‘Outro’³⁴⁰, sua alteridade fica fora da interioridade. Por isso, é impossível o ‘eu’ pensar no ‘Outro’ como ‘outro’, não estando aquele interiorizado em si mesmo.³⁴¹ O ‘eu’, na verdade, desconhece o ‘Outro’.

A desconfiança do ‘eu’ em si mesmo, pode provocar uma recordação crítica, mas o ‘eu’ encontra resistência durante o processo crítico, surgindo o esclarecimento e a compreensão como uma teoria de justificação. Por exemplo: ao se rejeitar um cargo de comando à mulher, afirma-se que “a mulher é feita para obedecer”³⁴²; ou afirma-se que “o negro tem dificuldade de aprender”,³⁴³ sendo

³³⁷ CAMARGO, Aline. *População gay equivale a 10% do povo brasileiro*. Livrevista: a revista do senso incomum. Disponível em site: <http://www.livrevista.com/article.php?id=805>. Acessada em 26/03/2011.

³³⁸ Em 1976 a população branca era de 57,2% e a de negros 40,1%. Em 1987 negros e pardos eram de 43%; em 1996 eram de 44, 3% ,e em 2006, 49,5%. Estima-se que a partir de 2010 seja de 50%. Cf. IPEA - Instituto de pesquisa econômica. *Desigualdades raciais*p.6

³³⁹ LUISE, Desirrée. *Para debater desigualdade racial, ONU institui 2011 como ano dos afro descendentes*. Disponível no site : <http://convivencianegra.blogspot.com/2011/02/para-debater-desigualdade-racial-onu.htm> l. Disponível em 08/02/ 2011. Acessado em 19/02/2011.

³⁴⁰ Colocamos o ‘Outro’ em maiúsculo aqui para diferenciar do ‘outro’. O Outro é o diferente, que não é possível reduzir em um ‘si mesmo’. O ‘outro’ é o que não sou eu, mas pode se assemelhar a mim, portanto possível de se reduzir em um ‘si mesmo’.

³⁴¹ IDEM. Ibidem, p. 91.

³⁴² MIRANDA, Liliansa C. de. Revisão da Literatura. In: *A percepção da mulher no mercado de trabalho: Emprego, Carreira ou Vocação*. RJ: Ibmecc, 2006, p.62. Disponível em site: www.ibmeccrj.br/sub/RJ/files/ADM_lilianamiranda_set.pdf. Acessada em 16/05/2011.

³⁴³ Para Rosemberg há uma ideologia racista que já é transmitida dentro da própria escola. "A criança negra é considerada, de antemão, o candidato mais provável à repetência por todo o aparato educacional -do professor ao diretor e ao secretário de Educação." Desde pequeno @

melhor contratarmos um branco; ou ainda, “não aceito gays porque a Bíblia diz que são abomináveis”³⁴⁴, etc.

Além disso, o ‘ser’ enfrenta o condicionamento da realidade pelo desejo de dominação. Este desejo, muitas vezes, é frágil e o seu sentido pode ser apagado, ficando apenas um desejo de dominação dirigido à realidade de modo inadequado, existindo, então, a necessidade de dar um novo sentido, uma nova intenção. Como exemplo, podemos citar uma instituição que não quer perder o domínio sobre seus membros, e coloca sua justificativa em cima de questões que já não fazem sentido para os nossos dias. Porém, ela insiste, porque por trás de toda justificativa está o desejo de dominação.

O desejo de dominação está em cada ser humano, na vontade de reduzir o outro a si mesmo. Mas este desejo pode passar do particular para o universal, e embora as mediações, como os órgãos institucionais do Estado, tenham a função de harmonizar as autonomias, as medidas empregadas para combater a violência podem se expandir e gerar ‘o despotismo, a ditadura, a hegemonia, a tirania’.

Junto com os órgãos institucionais do Estado, podemos colocar todo aquele que busca uma hegemonia no pensamento. Neste caso citamos o cristianismo que como vimos, caminhou lado a lado com o estado por muito tempo, e ainda hoje, no Brasil, apesar da separação existente ‘estado e religião’, “as igrejas cristãs continuam a lutar para que as leis e políticas públicas feitas pelo governo estejam de acordo com a moral oficial cristã estabelecida pelas igrejas.”³⁴⁵

Diante desta sociedade tão violenta, deste ser antropológicamente fechado, e voltado para si, Lévinas nos mostra que para transformá-lo em ‘diferente do ser’, em ‘melhor que ser’ só existe um caminho: a ética, pois esta abrange o ‘ser-para-além-do-ser’. Só a ética é capaz de unir o relacionamento social e o relacionamento religioso, sem ideologia ou mito, e sem verdades universais, totalizadoras, mas transformando o ser humano em um adulto sociável e religioso.

Na ética, o outro representado pelo ‘pobre, o órfão, a viúva, e o estrangeiro’,

negr@ já carrega este estigma. Cf. EQUIPE DE TRAINEES. *Desigualdade racial começa na pré-escola*, 2001. disponível em site: http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/menos_iguais/x1310200115.htm. Acessada em 16/ 05/2011.

³⁴⁴ Cf. PLUGADOS COM DEUS. Disponível em blog: <http://plugadoscomdeus.blogspot.com/2009/02/biblia-gay.html>. Acessado em 16/ 05/2011.

³⁴⁵ É o caso das leis que envolvem a população LGBT. Como as igrejas não admitem em suas doutrinas, procuram impedir suas promulgações.

pode ser a luz, a abertura para que o ‘eu’ se abra à exterioridade e possa ver a luz do ser. Mas, diante do face a face, do choque ocasionado pela alteridade, o ser pode também rejeitar a alteridade, não transcendendo a si e continuando a ser um vivente. Como vimos anteriormente, pode ser alguém culto, bonito, mas não humanizado. Permanece cheio de preconceito, praticando atos discriminatórios cabíveis de conter forte violência. Porém, se a má consciência começar a se questionar, desconfiada do seu comportamento, pode surgir o processo de inversão do ‘eu’ de si para o ‘outro’, levando o ser a transcender, humanizando-se pelo desejo metafísico; que é a ética.

A ética é o único meio de nos levar a um ‘humanismo baseado no outro’. “Um projeto que visa resgatar a transcendência da libertação do homem pelo homem”.³⁴⁶

Não é fácil em uma sociedade que estimula a autonomia e o Mesmo conseguir viver a ‘ética da alteridade’ proposta por Lévinas, pois os limites causados pela finitude do ser, trazem possibilidades e impossibilidades ao ser, e a injustiça tem sido uma realidade. Mas é dentro desse projeto de humanização do ser comandado pelo ‘outro’ que acreditamos estar a possibilidade de mudança da sociedade.

3.7.

Resumo do capítulo

Iniciamos este capítulo trazendo um pequeno resumo da biografia e obra de Emmanuel Lévinas. Em seguida refletimos sobre a vida de Lévinas dentro da perspectiva do ‘mundo do ser’. Depois passamos a conhecer o que Lévinas chama de ‘mundo do ser’ e de ‘mundo do Bem’. Vimos de modo resumido a trajetória do ‘eu’ no ‘mundo do ser’, onde estão presentes o mal e o bem, e o ‘eu’ em busca da sua felicidade, saindo de si mesmo para o mundo, e retornando a si. Nesse processo constatamos a formação do mundo econômico, a importância da casa e da família, onde a mulher é essencial para o humano enfrentar o mundo econômico e dar o salto para o saber, passando de vivente a racional. Mas, mesmo assim o ser no ‘mundo do ser’ continua a voltar para si, e nem a crítica e a autocrítica conseguem mudar o seu objetivo. E este volta sempre

³⁴⁶ MELO, *A ética da...* p. 278.

para si, reduzindo o outro a um mesmo para afirmação de sua identidade.

Ainda ‘no mundo do ser’, conhecemos ‘o outro’, e a dificuldade do ser em reconhecer a alteridade, surgindo então as intermediações para harmonizar os diversos ‘eu’s e procurar impedir a violência quando, apesar das mediações do mundo do ser, este ‘outro’ se desvela e é percebido como ameaça ‘ao eu’.

Vimos, então, que Lévinas percebe o ser fechado em si, egoísta, sem que haja possibilidade dele se transformar no ‘mundo do ser’. Então, Lévinas procura algo diferente do ser, além do ser, no mundo do Bem. Através da revelação da alteridade chocante, descobre o outro marginalizado, excluído, discriminado: ‘o pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro’, que de tão diferentes, não podem ser transformados ‘em um mesmo’.

Pelo olhar sincero, a quatríade bíblica nos revela Deus e nos remete a Ele. E Deus que pelos mandamentos nos observa no ‘face-a-face’ do ser humano, através do olhar do ‘outro’, nos nega a possibilidade de eliminar o ‘outro’. Ele, - Deus-, é bondade e não violência. O outro é ‘Olhar-palavra’ que como Mestre nos ensina, e nos possibilita através dele, nos transformar. A relação com o outro, com a alteridade, Lévinas nos mostra que só é possível através da ética, que é o ‘além do ser’, o Bem, o Infinito, ao qual chegamos pelo finito. Pois é só através do ‘outro’ que podemos chegar a Deus.

No próximo capítulo procuraremos responder as três últimas perguntas, aprofundando nosso conhecimento sobre a ‘ética da alteridade’, de ‘como’ realizaremos este projeto de humanismo, e finalmente, como o cristão poderá ser um agente de transformação constante dele mesmo, da sua comunidade e da sociedade ocidental, de modo que ‘a mulher, @negr@ e @homossexual’, e todos os discriminados façam parte deste projeto. Mas, da mesma forma que a quatríade bíblica, todo aquele que sofre injustiça é subjugado, explorado, desrespeitado, e por isso, encontra-se mais baixo do que aquel@ que está a sua frente, pois não tem a mesma cidadania, e mais alto porque está mais perto de Deus. Deus se encontra junto com os sofredores, os discriminados e excluídos, como o escândalo do cristianismo nos revela, e são eles que podem ajudar a cada um de nós, não nos guiarmos por um ‘modelo universal’, mas respeitarmos e aceitarmos o Outro’, na sua singularidade, como ele é.

4

A reconstrução da Identidade como ética: no Reino do Bem

Vimos no capítulo anterior que o ser humano é fechado em si, busca sempre a própria felicidade, e sozinho não consegue se modificar, sendo necessário a alteridade chocante³⁴⁷ para levar a subjetividade³⁴⁸ transcender para além do ser. Para Lévinas, isso só pode acontecer porque a ‘alteridade’ vem de fora, através do ‘outro’³⁴⁹ que ao chocar, pela ‘ética’, interpela, levando o ser para além do ser.

Neste capítulo continuaremos a conhecer o pensamento de Lévinas, seguindo o olhar de Susin³⁵⁰ e traremos outros comentadores para complementar nossas reflexões. Desejamos mostrar que se vivenciarmos ‘o amor incondicional de Deus’ na ‘ética levinasiana’, teremos a chave para avançarmos além do ‘mundo do ser’ e começarmos a viver aqui ‘o reino do Bem’, ‘o reino de Deus’. Dessa forma, poderemos trocar a violência, - que conforme Lévinas nos mostra, é calcada no egoísmo exacerbado do ser, - pelo respeito e responsabilidade ao ‘outro’ e por ‘todos’. Despertando para viver não mais um humanismo centrado no eu, mas um humanismo centrado no outro, onde todos possam estar incluídos.

Não pretendemos trabalhar a ética como a seção moral da teologia, mas como uma compreensão da teologia que nos ajude, como explica Luis Carlos Susin, a despertar para uma vida voltada ao ‘outro’ para a qual fomos ‘eleitos’ e criados pelo ‘Outro’³⁵¹, antes de nos tornarmos ser. Trata-se de uma compreensão possível de nos ajudar como seres humanos a irmos além do ser, a fim de que cada um de nós possa se descobrir como um ser humano ‘desde-o-Outro-para-o-outro’, onde a primazia seja a ética como responsabilidade pelo outro, aceitando-o com toda sua alteridade.

³⁴⁷ Alteridade chocante refere-se ao ‘outro’: o pobre, a viúva, o estrangeiro, o doente. Em suma, aos excluídos da sociedade.

³⁴⁸ Subjetividade, o eu, o ente consciente, a consciência.

³⁴⁹ Continuaremos neste capítulo usando ‘outro’ para representar tanto o feminino como o masculino, pois é assim que Lévinas e Susin procedem.

³⁵⁰ SUSIN, Luiz Carlos. *O homem Messiânico: Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas*. RS/ RJ: EST/Vozes, 1984.

³⁵¹ Neste capítulo permaneceremos usando o ‘Outro’ Infinito, Deus, com letra maiúscula. Quando se tratar do ‘outro’ ser humano, colocaremos com letra minúscula. Entretanto, o próprio Lévinas diz existir uma ‘equivocidade’ entre os dois, cuja diferença só consegue ser vista no mundo do Bem. Esta ‘equivocidade’ aparecerá também em nosso texto.

4.1. Ética e metafísica

Segundo Lévinas a sociedade ocidental “concebeu a moral como um conjunto de regras de conduta fundamentadas sobre a universalidade das máximas ou sobre um sistema hierarquizado dos valores. A moral possuía em si mesma uma razão,³⁵² mas sua relatividade histórica comprometeu as próprias normas morais e a ética.

Por sua relatividade histórica, por suas desenvolturas normativas que se diz regressivas, a ética é a primeira vítima da luta contra a ideologia que ela suscita. Ela perde seu estatuto de razão por uma condição precária na astúcia. Ela passa por um esforço inconsciente, seguramente, mas suscetível também de tornar-se consciente e, conseqüentemente, corajosa ou negligente, com a intenção de enganar os outros e seus próprios fiéis ou pregadores.³⁵³

Para ele, ética significa ‘metafísica’ porque diz respeito à transcendência do outro. Uma transcendência que não é somente física e aponta para o futuro.

O desejo metafísico tende para uma coisa inteiramente diversa, para o absolutamente outro [...] O desejo metafísico não aspira ao retorno, porque é desejo de uma terra onde de modo nenhum nascemos. [...] O desejo metafísico não assenta em nenhum parentesco prévio; é desejo que não poderemos satisfazer. [...] O desejo metafísico tem uma outra intenção – deseja o que está para além de tudo o que pode simplesmente completá-lo. [...] Morrer pelo invisível – eis a metafísica.³⁵⁴

“Por metafísica Lévinas entende uma relação ao ‘outro’ que se produz no desenrolar da existência terrena sem culminar na totalidade divina ou humana, e na qual os sujeitos intervenientes se mantêm absolutos, transcendentos”.³⁵⁵

O pensamento ético de Lévinas, embora seja herança da tradição filosófica ocidental, rompe com a tradição. Lévinas defende uma anterioridade da ética em relação à ontologia. Segundo José Valdinei Miranda, “demarca o início de um novo pensamento ético não mais subordinado à ontologia do ser ou ao modo de ser, mas descrito como um ‘outro modo que ser’ ou para além do ser”.³⁵⁶

Lévinas não aborda a ética a partir da construção de um código de regras e

³⁵² LÉVINAS, Emmanuel. *De Deus que vem à ideia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002, p. 19.

³⁵³ IDEM. *Ibidem*, p. 21.

³⁵⁴ IDEM. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, Lda, Portugal, 2008, p. 20-21.

³⁵⁵ PILONETO, Luiz Éderson. *A ética como reconstrução do sentido do humano em Emmanuel Lévinas*. Disponível em site: http://lampooatomico.blogspot.com/2010/08/por-ederson-luiz-pilone-to-publicado_06.html. Acessado em 14/06/2011.

³⁵⁶ MIRANDA, José Valdinei A. *Ética da alteridade e Educação*. Porto Alegre, 2008. Tese de doutorado, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em site: <http://hdl.handle.net/10183/14654>. Acessado em 10/11/2010, p. 108

leis para normatizar o agir moral das pessoas, nem mostra interesse na ética no sentido de uma reflexão crítica sobre valores morais. Ele não procura responder como se deve agir. Lévinas diz: “A minha tarefa não consiste em construir a ética; procuro apenas dar-lhe o sentido”.³⁵⁷

Segundo Miranda, em Lévinas,

A ética não é descrita desde o formalismo do ‘dever ser’, e sim como relação face a face, relação de proximidade com o Outro. Enfim, a ‘ética’ é um acontecimento que inaugura o humano e inscreve, na relação ‘um-para-o-outro’ o sentido ético da sociabilidade entre os homens.³⁵⁸

A ética é fundamentalmente a relação primordial entre o Eu e o Outro, aproximando dois mundos: o Mesmo e o Outro. “Uma relação caracterizada pelo movimento de transcendência que possibilita a saída do egoísmo do Mesmo em direção ao absolutamente Outro”.³⁵⁹

Para Lévinas, o ‘outro’ ao se colocar frente a frente, não é só alguém que difere de quem está à sua frente, mas é muito mais que isso. Ele é “transcendência, altura, excelência, mandamento e ensinamento, meu senhor”.³⁶⁰ Ele é enviado como quem necessita da bondade daquel@³⁶¹ que está a sua frente. Mas est@ é alguém que também precisa receber alguns aspectos importantes, como ‘sua altura, excelência, e o próprio ser’, pois só através del@ a subjetividade de quem está a sua frente nascerá como bondade, e se resgatará do mal. Só através deste ‘outro’ a ‘subjetividade’ será capaz de receber dando, e poderá começar uma nova história, um novo destino.

4.2. Ser-para-o-outro

A partir do ‘outro’, o ‘eu’ receberá, então, o verdadeiro ser, afastado do mal e da solidão, com o ‘ser-para-si’ transformando-se em ‘ser-para-o-outro’. E este ser poderá ir ainda mais longe para o além do ser, o ‘um para o outro’, e

³⁵⁷ LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70, Lda, Portugal, 2007, p. 73.

³⁵⁸ MIRANDA, *Ética da alteridade*, p. 108.

³⁵⁹ IDEM. *Ibidem*, p. 109.

³⁶⁰ SUSIN, *O homem messiânico*, p.257.

³⁶¹ Continuaremos colocando este sinal @ para representar diversidade de gênero.

finalmente, em o ‘ser para todos’, que segundo Susin, é ‘o homem messiânico’. “Messianidade’ que surge pela irrupção do ‘outro’”.³⁶²

O Ser-para-o-outro é um caminho que vai na contra corrente do ‘eu’. O ‘para’ muda de direção, como se fosse um novo nascimento, saindo do ‘para si’ e transformando-se em ‘para o outro’. Um modo de ser que ocorre pela “consciência moral, linguagem moral, conhecimento moral, pensamento moral, diaconia, bondade e justiça, nas quais fica inteiramente convertido todo o ser anterior. Ser moralmente é ser justificado”.³⁶³

Para Lévinas a ética é mais ampla que a ontologia. Seu sentido é anterior ao ser, e está ligado à bondade, pela qual vale a pena ser e sacrificar o ser. A ética não está relacionada com ‘o bem e o mal’, tampouco com a ordem de valores. Trata-se de uma ‘relação interpessoal fundacional’.

De acordo com Nélio Vieira Melo³⁶⁴:

O para-o-outro não é senão o modo de ser existente, o para-o-outro é toda a materialidade da pessoa humana. É o sujeito frente a frente à realidade do outro, como um outro, como uma totalidade. Não como uma totalidade universal que, pela sua facticidade totalizadora é nadificada pelo fato da sua própria existência ser para-a-morte, mas uma totalidade destotalizadora, na qual o sujeito é senhor de seu próprio existir, graças ao apelo do outro que o libera e o põe em um estado de êxodo.³⁶⁵

A partir do ‘outro’, o ser pode despertar e mostrar uma capacidade de libertação em relação ao mundo como princípio, e a subjetividade que se encontra alienada dentro do mundo, percebendo como sua origem nas mediações: a história, o destino, a sociedade, a política, a ciência, etc; vê a possibilidade de sair da prisão em que se encontra.

Surge aqui a importante pergunta, como isso acontece? Como ocorre essa transformação? É o que procuraremos ver, passo a passo.

³⁶² SUSIN, *O homem messiânico*, p.257.

³⁶³ IDEM. *Ibidem*, p.258.

³⁶⁴ Professor da Faculdade de pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Autor de diversos artigos e do livro *A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas*.

³⁶⁵ MELO, Nélio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 83.

4.2.1. Consciência e desejo

Para Lévinas a ética não é uma etapa.³⁶⁶ No face a face, o ‘outro’ que é exterioridade e anterioridade, é capaz de colocar aquele que está à sua frente em uma crise total, e a partir daí romper todo o egoísmo, desmontando as justificativas, provocando uma explosão que desarma e leva o ‘eu’ a enxergar o ‘outro’ que está diante dele.

O ‘Outro’, concretizando a idéia do Infinito possibilita este despertar através da consciência moral. Essa contracorrente começa com um questionamento que vem do ‘outro’, tira o ser do foco de si mesmo, e com a má consciência vai provocando a paralisação do movimento soberano. Esse questionamento moral vem de uma exterioridade que não pode ser reduzida ao eu, e coloca o ser em crise.

Este ‘outro’ é diferente de si, e não pode ser transformado em um Mesmo, pois como ‘o pobre, o órfão, a viúva, e o estrangeiro’ está a questionar, a chamar à diaconia. Este chamamento coloca o ser em direção contrária a si mesmo, ao seu egoísmo, levando-o a nascer novamente. Mas um nascer como servo, não mais como a pessoa autosuficiente e soberana de antes, mas alguém mais livre e humilde. Como nos diz Susin “é a questão que me porta para além da minha vontade e consciência.[...] porta-me para além da existência solitária.”³⁶⁷

Segundo Lévinas existe a boa consciência e a má consciência. A boa consciência traz proposições que podem ser verdadeiras ou falsas, mas estas são transformadas em verdades que levam à identificação, não trazendo mudanças. Já a má consciência é a resistência à compreensão intelectual e à força da razão.

Consciência confusa, consciência implícita que precede toda intenção - ou retomada de toda intenção - ela não é ato, mas passividade pura. [...] Consciência que, antes de significar um saber de si, é apagamento ou discrição da presença. Má consciência: sem intenções, sem visadas, sem a máscara protetora do personagem contemplando-se no espelho do mundo, seguro e a se posicionar; sem nome, sem situação e sem títulos.³⁶⁸

A má consciência provoca o nascimento do eu oriundo do ‘Outro’, levando o ser a uma resposta ao ‘outro’ pela ruptura da identidade, e a capacidade para assumir responsabilidades pelo ‘outro’. Ela paralisa o movimento soberano, e a

³⁶⁶ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 260.

³⁶⁷ IDEM. *Ibidem*, p. 261.

³⁶⁸ LÉVINAS, *De Deus que vem...*, p. 229.

preocupação com o mundo, mas amplia a preocupação com o ‘outro’, devolvendo ao eu o seu ponto de origem para além da ontologia, despertando a subjetividade para o questionamento inquietante diante do ‘outro’.

Junto com o questionamento surge a vergonha moral que pode levar à dor e às lágrimas. Isto significa a “ruptura do círculo da totalidade onde se fechava a subjetividade solitária, é sintoma da presença do Infinito e abertura ao Infinito”.³⁶⁹ Para Lévinas, a vergonha é importante, positiva, e dá a possibilidade da subjetividade de nascer novamente, como um processo de cura.

Da vergonha moral surge o desejo. “Um desejo que vem do ‘outro’, do seu Olhar, da sua palavra e do seu infinito”.³⁷⁰ Pode-se tentar passar indiferente pelo ‘outro’ ou procurar não notar quando este passa, mas a presença do ‘outro’ é capaz de provocar um estremecimento e o desmoronamento do mundo, fazendo surgir “o desejo do absolutamente ‘Outro’, para além da fome que se satisfaz, da sede que se mata e dos sentidos que se apaziguam, a metafísica deseja o ‘Outro’ para além das satisfações”.³⁷¹ “No desejo, o Eu (Moi) põe-se em movimento para o ‘Outro’, de maneira a comprometer a soberana identificação do Eu (Moi) consigo mesmo, cuja necessidade não é mais que nostalgia e que a consciência da necessidade antecipa”.³⁷² O desejo é a subjetividade se abrindo e começando um caminho que não tem retorno em si, pois o desejo leva a subjetividade a sentir mais desejo, a penetrar mais no Infinito, sem jamais se saciar. “O desejo do Outro, que nós vivemos na mais banal experiência social, é o movimento fundamental, o elã puro, a orientação absoluta, o sentido”.³⁷³

O desejo vem de fora como revelação. É palavra, mandamento do bem, e consciência moral. Liberta do mundo e de si, da riqueza, do ter, do ser, do poder, levando a pessoa a dar mais do que tem e do que pode doar. “No desejo, o ser do Eu apresenta-se ainda mais alto, dado que pode sacrificar a própria felicidade ao seu desejo”.³⁷⁴ É a transformação radical do ser em bondade como ‘resposta e responsabilidade’.

³⁶⁹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 264.

³⁷⁰ IDEM. *Ibidem*, p. 265.

³⁷¹ LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p. 20-21.

³⁷² IDEM. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1993, p. 49.

³⁷³ IDEM. *Ibidem*.

³⁷⁴ IDEM. *Ibidem*, p.51.

4.2.2. Linguagem e Verdade

No pensamento de Lévinas, a linguagem desempenha um papel decisivo no ser-para-o-outro, desde uma simples saudação até a linguagem do sacrifício expiatório e o testemunho, que vão além das palavras.

O ‘outro’ que visita é olhar, palavra, questionamento e mandamento. Este Olhar questiona e a consciência moral traz a vergonha, o desejo, e o discurso. Lévinas prioriza o discurso, e não o diálogo. No discurso há desigualdade entre os seres humanos, e o que sai do ‘outro’ e vice-versa’ não pode ser trocado entre eles, pois não possui a mesma significação. Entretanto, a palavra do ‘outro’ é revelação e mandamento, e como tal é a imagem de Deus revelando-se, anunciando-se. A palavra do sujeito será, então, “invocação e resposta, ou seja, responsabilidade”.³⁷⁵

Para Lévinas, do nascer para o ‘outro’, face a face, surge a linguagem, e nela a saudação, a invocação e a oração.

A saudação de quem recebe e responde vem da subjetividade que renuncia a solidão, expõe-se e invoca o ‘outro’. O ‘outro’ ao responder traz uma nova revelação, e um novo choque que leva a consciência voltar a se surpreender e a indagar. E a invocação vai acontecendo cada vez mais, como uma oração.³⁷⁶

Na invocação e na oração existem dois momentos: falar e escutar; revelar-se ao ‘outro’ e desejar a revelação. Neles estão presentes a alteridade e a subjetividade, mas não há reciprocidade entre elas.

O olhar que suplica e exige - que só pode suplicar porque exige - privado de tudo porque tendo direito a tudo e que se reconhece dando [...] Reconhecer outrem é reconhecer uma fome. Reconhecer outrem - é dar. Mas é dar ao mestre, ao senhor. Àquele que se aborda como ‘o senhor’ numa dimensão de altura.³⁷⁷

A palavra é o princípio entre pessoas, mas antes da palavra há uma face que olha e fala. Uma face que vem antes do princípio e envia o princípio. Ou seja, envia a palavra. “A linguagem só pode dizer-se se o interlocutor for o começo do seu discurso, e se, por conseguinte, ele permanecer para além do sistema, ou seja, se não permanecer no mesmo plano que eu”.³⁷⁸ O princípio da relação entre

³⁷⁵ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 269.

³⁷⁶ IDEM. *Ibidem*, p. 270.

³⁷⁷ LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p. 65.

³⁷⁸ IDEM. *Ibidem*, p. 92.

peças vem da palavra reveladora de cunho moral, capaz de criar resposta e responsabilidade. Palavra que vai além do simbolismo e do reino do ser, sendo capaz de fazer justiça, onde a história não fez.

Nesta palavra original que é resposta ao Infinito, surge a possibilidade de falar de si, sem precisar de intermediação e sem o processo solitário de auto-identificação. Do face a face surge a sinceridade e a justiça, tornando possível o ‘eu ser eu’ em resposta ao chamado do ‘outro’.

Susin nos diz que a palavra original segue um caminho ético, o qual envolve bondade e justiça. “A palavra desperta na obrigação e na urgência de uma resposta a dar ao mandamento [...] é resposta ao infinito, palavra insuficiente e insatisfação ao mais ou menos, ao desigual, ao meu senhor e ao pobre”.³⁷⁹

Desta relação com o ‘outro’ surge a verdade fiel, justa e obediente. Mas do ‘outro’ pode também vir o erro, e a teoria. Para isso não acontecer é necessário que tenhamos uma verdade intelectual que venha de uma alteridade absoluta anterior à ontologia, uma transcendência na qual não haja o domínio da compreensão, mas que comande a compreensão.

De acordo com Lévinas, para se obter a verdade na relação com o ‘outro’, é necessário assumir uma posição de discípulo, tendo atenção e resposta, e conservar a objetividade do mundo entre o ‘outro’ e eu. “Estar atento significa um acréscimo de consciência que supõe o apelo do ‘Outro’. Estar atento é reconhecer o domínio do ‘Outro’, receber a sua ordem ou mais exatamente, receber dele a ordem de mandar”.³⁸⁰

A resposta ao ensinamento do mestre é a consciência cognitiva despertando como consciência moral, aderindo à revelação e ao mandamento.

Para Lévinas, a chave para se entender o mundo está no ensinamento sobre o mundo que o ‘outro’ traz através da sua palavra. Este por ter uma transcendência absoluta em relação ao mundo, e pela relação anterior e exterior ‘outro-palavra-mundo’ não corre o perigo de formar totalidade e absorver o mundo.

³⁷⁹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 276.

³⁸⁰ LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p. 173.

4.2.3. Razão e Liberdade

Para este filósofo a razão precisa vir de fora, através da linguagem, pois dessa forma rompe o antigo processo que sai da razão e do pensamento à linguagem. Ela não serve à razão, mas é o seu princípio.

A linguagem não tem lugar no interior de uma consciência, vem-me de outrem e repercute-se na consciência pondo-a em questão, o que constitui um acontecimento irreduzível à consciência, onde tudo sobrevém a partir do interior, mesmo a estranheza do sofrimento.³⁸¹

Susin explica que a palavra, ao ser enviada pelo ‘outro’, provoca uma explosão na razão que até então queria ser pensamento e ordem universal, doadora última de sentido. Porém, ao ser iluminada pela palavra do ‘outro’, a razão descobre estar sendo usada para corromper ou entrar em acordos dentro de sua totalidade. A luz tira a razão da solidão e da prisão da identidade, despertando-a para a universalidade da multiplicidade e da paz.

Para Lévinas, a palavra do ‘outro’ dá um sentido, uma direção, uma missão que se torna a razão da razão. “O sentido é o rosto de outrem e todo o recurso à palavra se coloca já no interior do frente a frente original a linguagem”.³⁸²

O pensamento, quando é despertado pelo ‘outro’, volta-se ‘para o outro’. “O pensamento é, então, um apelo e uma oferta, uma tensão e uma ocupação moral”.³⁸³ Por isso podemos dizer que a importância de uma ideia não está na sua genialidade ou não, “mas pela responsabilidade, pela vigilância e pela inquietude no seio de uma obediência e de um imperativo categórico externo à razão e que anima a razão[...] apóia-se no amor sem eros da responsabilidade por outro”.³⁸⁴

A existência da razão se justifica na razão da razão ser voltada para o serviço da justiça, pois o pensamento justo é aquele que consegue ouvir por trás da razão a palavra do ‘outro’, como mandamento e súplica.

De acordo com Lévinas, no drama a três:

Ele -Deus - deixou inseparadamente no seu vestígio o Olhar nu e a palavra, que são mandamento e princípio da razão, sem contudo perder sua transcendência enigmática de ‘Ele’, e sem que o Olhar e a palavra, na aliança a Ele e como imagem dele, possam se tornar ‘objetos da razão’ submetendo-se a mim.³⁸⁵

³⁸¹ LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p. 199.

³⁸² IDEM. *Ibidem*, p. 202.

³⁸³ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 286.

³⁸⁴ IDEM. *Ibidem*, p. 287.

³⁸⁵ IDEM. *Ibidem*.

Para Lévinas, a liberdade e a vontade são características do humano soberano e *ex-nihilo*. No entanto, quando estão diante do ‘outro’, a razão e a verdade estão condicionadas à palavra e ao ensinamento do ‘outro’, e a liberdade se desarma. Diante do questionamento do ‘outro’ a liberdade vê sua irracionalidade, arbitrariedade, capacidade para a mais cruel violência, e não conseguindo dar uma razão a si mesma, um sentido além de si mesma, fica injustificada. “O tu não cometerás assassinio que esboça o rosto em que o Outrem se produz, submete minha liberdade a julgamento”.³⁸⁶

O choque que a presença do ‘outro’ provoca, desperta a liberdade dando-lhe consciência da injustiça, da imoralidade, levando-a a recuar. “Diante da palavra do ‘outro’, no questionamento que vem da sua altura e nudez, que na vergonha e no recuo, a liberdade expulsa de si mesma, sem reservas a arbitrariedade”.³⁸⁷

A separação entre liberdade e arbitrariedade dá à liberdade possibilidade de tomar outro rumo. Esta mudança só é possível porque é o ‘Outro’ em sua altura e humildade, quem convoca e julga a liberdade.

Justificação moral da liberdade não é nem certeza, nem incerteza. Não tem estatuto de um resultado, mas realiza-se como movimento e vida. Consiste em apresentar à sua liberdade uma exigência infinita [...] em relação a si, na superação de toda a boa consciência.³⁸⁸

Ao julgar a liberdade o ‘outro’ sem condenar ou acabar com a ‘liberdade’, retira a violência, investindo-a de missão. Esta missão é a justificação da liberdade que se torna reta, voltada para a justiça. Uma liberdade voltada para a responsabilidade do outro, cujo fundo é a bondade. Um relacionamento de respeito, obediência, docilidade e fidelidade, onde o ‘outro’, que é mandamento, sustenta, ensina e estimula a liberdade. É o mestre da liberdade.

4.2.4.

Vontade e Bondade

A vontade está ligada a liberdade. Apesar disso, Lévinas vê na vontade capacidade de caminhar em sentido oposto, em direção ao ‘outro’, percorrendo o mesmo caminho feito pela verdade, linguagem, e a liberdade.

³⁸⁶ LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p. 301.

³⁸⁷ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 288.

³⁸⁸ IDEM. *Ibidem*, p. 302.

Diante do ‘outro’, no face-a-face, a vontade pode seguir no caminho inverso do eu, pois a verdade, a razão e a liberdade não estão mais em função da vontade em si, permitindo que a vontade possa tornar-se bondade.

Para Lévinas, é possível se educar a vontade. Uma educação cujo objetivo não seria apenas procurar impedi-la de ser razão última, ou aniquilá-la para torná-la um ser sem força, sem pulsões. Educar a vontade é deixar surgir no face-a-face com o ‘outro’ a invocação e o mandamento para se chegar ao ‘outro’ como bondade. A vontade pode dizer ‘não’, e ignorar a revelação do ‘outro’, recusando-se a caminhar em direção a ele, ou pode tornar-se uma vontade ética, sendo “a força, a pulsão e a potência da bondade, ensinada pela verdade da linguagem do mestre, pela razão, pela retidão da liberdade”,³⁸⁹. “Vontade capaz de resistir à pressão tirânica e à corrupção”.³⁹⁰ Vontade que é diaconia: boas obras, oração e fidelidade, dirigida para fora de si, em relação com a bondade. Diaconia é o despertar da vontade no seio da consciência moral que se torna primordialmente uma devoção de servo. E ao se ter vontade de servo não há mais como produzir uma obra apenas para si próprio, para seu único benefício. A vontade age agora voltada para o outro, sem as mediações de dominação.

A partir do Olhar do ‘outro’ surge a obrigação que pode fazer com que a casa deixe de ser fechada para a intimidade; e passe a ser casa-para-o-outro, com as portas abertas e vulneráveis. A propriedade passe a ser “alienável como doação e precisamente assim é transcendência”.³⁹¹ Uma transcendência econômica que ultrapasse as coisas do mundo, onde a transcendência do eu não está em ver, conhecer ou receber o que está além, mas em dar, não do supérfluo, mas do necessário. “Uma transcendência que ocorre dentro do mundo econômico, que acontece nesta terra e não num além.”³⁹²

4.3. Um-para-o-outro

Quando o ser humano desperta para o ‘outro’, transcende para além do ser, passando então a ser regido pelo que Susin aponta como ‘Reino do Bem’.

³⁸⁹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 293.

³⁹⁰ LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p. 234.

³⁹¹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 294.

³⁹² IDEM. *Ibidem*.

Sua preocupação não é mais de ser; o sentido de existir não é o de perdurar a totalidade; e sua subjetividade diferenciada do ‘mundo do ser’ “pode ser resumida em responsabilidade, aliança ao bem e temporalização”.³⁹³

De acordo com Lévinas, no ‘mundo do Bem’ a subjetividade muda de lado, não ficando mais do lado do ser ou do Dito³⁹⁴. Quando a subjetividade é significada, ela desperta do lado do Dizer³⁹⁵, e dali é enviada levando a significância do Dizer (do ‘infinito’) ao ‘outro’ e ao mundo. “O dizer é o facto de, diante do rosto, eu não ficar simplesmente a contemplá-lo, respondo-lhe. O dizer é uma maneira de saudar outrem, mas saudar outrem e já responder por ele.”³⁹⁶ “O dizer faz sinal a outro, mas significa neste sinal a própria doação do sinal. Dizer que me abre a outrem antes de dizer um dito.”³⁹⁷

4.3.1.

Eleição e responsabilidade

Para Lévinas todo ser humano antes de se tornar ser foi eleito. “A ‘eleidade’ é a origem da alteridade do ser”.³⁹⁸ A ‘eleição’ no nascimento surge como ‘sensibilidade’. E esta sensibilidade possui propriedades que influenciarão a subjetividade por toda a vida. Em primeiro lugar, a sensibilidade foi assignada.³⁹⁹ Além disso, ela é vulnerável⁴⁰⁰, e tem uma materialidade corporal cuja vocação é estar voltada ‘desde-o-Outro’ e ‘para-o-outro’.

A ‘assignação’ é uma marca anterior ao ‘ser’ feita originalmente pelo ‘Outro’. Marca que se revela como ‘vestígio’, através de três características importantes: o acusativo, o nome, e a sensibilidade corporal.

O ‘acusativo’ vem de um ‘Outro’ que não se manifesta como ‘princípio’, e por isso mesmo acaba não sendo assumido e absorvido pelo ‘eu’. Um ‘acusativo’ ainda confuso no ser, mas que no ser *ex-nihilo* aparece como interrogação.

³⁹³ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 310.

³⁹⁴ Dito se encerra o ontológico, o mundo, o natural. O dito se refere ao tempo da essência, o tempo atual. Cf. IDEM. *Ibidem*.

³⁹⁵ O Dizer – Significância que traz significação diferente do mundo do ser, tornando-se sinal a todo significado, e a toda substância como substância significada. Cf. IDEM. *Ibidem*. IDEM. *Ibidem*.

³⁹⁶ LÉVINAS, *Ética e Infinito*, p.71.

³⁹⁷ IDEM, *De Deus que vem...*, p.109.

³⁹⁸ IDEM, *Humanismo do outro...*, p. 67.

³⁹⁹ Assignada - marcada originalmente por outro. Cf. HOUAISS, Antônio (Ed). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. RJ: Ed. Objetiva, 2009.

⁴⁰⁰ Vulnerável – exposto com possibilidade de ser ferido ou atacado. Cf. IDEM. *Ibidem*.

O ‘ser’ quando descobre a presença deste acusativo em si, percebe nele o vestígio do Infinito, pois foi nomeado, convocado, criado originalmente como ‘dívida’ e ‘resposta’ pelo Infinito, antes mesmo de ter consciência. O ser percebe ter uma dívida original e originante da qual, sente como um ‘dever’. E quanto mais o ser se abre ‘para o outro’, mais este acusativo o persegue.

Para Lévinas, esta ‘acusação’ ou endividamento é uma marca positiva. O vestígio do divino no ‘ser’ é sinal, comunicação do ‘Outro’, do Infinito. “Somente um ser que transcende o mundo - um ser absoluto - pode deixar um vestígio”.⁴⁰¹ Pelo ‘Se’ a ‘subjetividade’ pertence ao ‘Outro’ e desde a sua origem o ‘Se’ se expõe, tornando-se ‘ser-para-o-outro’ antes de se tornar ‘ser-para-si’.

Para este filósofo “o nome também indica criaturalidade e eleição”.⁴⁰² Ele vem antes da ‘consciência’ e é criador da ‘consciência’ e ‘identidade’. O nomeado é criado pela nomeação, e levado a uma ‘resposta’ e ‘responsabilidade’ por uma vocação criada pelo ‘Outro’, que leva ao ‘outro’.

O mesmo acontece com a ‘sensibilidade corporal’. Como marca da eleição, surge antes da ‘consciência’, e se expõe à ‘proximidade’ tornando-se ‘vulnerável’. A sensibilidade, ao ser tocada, desperta a ‘subjetividade’ para uma significação, devolvendo-a a sua ação original, e levando-a ‘para o outro’. Quando a proximidade ao ‘outro’ se dá regida pelo ‘mundo do Bem’, sem mediações mundanas, sem intermediações, a ‘sensibilidade’ vibra em função do ‘outro’. Ela sente alegria e sofrimento ‘pelo outro’ e ‘para o outro’. Nesse caso a sensibilidade se torna ‘potência passiva’, obedecendo ao ‘outro’ antes da ‘consciência’.

Pela sua assignação a ‘subjetividade’ é capaz de ser ‘sinal’. “Criação, eleição e missão não são processos separados, mas um ‘único processo’ que se opera na ‘subjetividade em passividade e temporalização desde-o-outro e para-o-outro’”.⁴⁰³

Susin explica que o sujeito já é destinado à missão ‘desde antes’ de ser, e por isso sofre em passivo, e desperta para a ‘missão’ devido a uma ‘inadequação’ que sente no tempo presente. Essa ‘inadequação’ leva a ‘subjetividade’ a uma tensão, e a um movimento de retorno que não é a si como ‘identificação’ e nem ao

⁴⁰¹ LÉVINAS, *Humanismo do outro...*, p.65.

⁴⁰² SUSIN, *O homem messiânico*, p. 315.

⁴⁰³ IDEM. *Ibidem*, p. 318.

‘mundo do ser’, mas a um passado que vai para além da relação ‘Eu-Se’, depondo o ‘eu’, e o ‘Se’ ficando único, sendo capaz de retornar à sua pré-origem. Para ele, “Lévinas enfatiza esta recorrência como contração, retirada, exílio, deportação, não-lugar, incondição [...] aquém do ponto de partida, aquém de limites e até aquém de nada”.⁴⁰⁴ É um recuo à ‘diacronia do tempo’, chegando à angústia mais profunda, a ‘angústia de nascimento ao Outro ou conversão ao Outro’, à proximidade do ‘Outro’. “Uma proximidade anárquica, e já absolutamente passada, o que permite ao mesmo tempo à subjetividade ser ex-nihilo e, no entanto em recorrência ao Infinito”.⁴⁰⁵ Recorrência que não é um retorno à eternidade. Trata-se de uma volta à diacronia do tempo, pois ela é um ‘desígnio do tempo’.

Para Lévinas, o vestígio, o chamado, e a acusação que ocorrem pela ‘eleição’, são os responsáveis por direcionar a ‘subjetividade’.

A resposta dada à vocação criada pelo ‘Outro’ em um tempo anterior ao ‘ser’ chama-se responsabilidade. Uma ‘responsabilidade’ que só é despertada quando o ‘outro’, face-a-face, leva a ‘subjetividade’ para ‘além do ser’, para o ‘mundo do Bem’.

A ‘responsabilidade’ está ligada à ‘eleição’. Sua inscrição é pré-originária, pertencente a uma ‘subjetividade’ que não está subordinada aos domínios do ‘ser’ e da consciência, e por isso capaz de transformar o ser em um ‘outro modo que ser’. Para Lévinas esta transformação ocorre quando “a condição ontológica desfaz-se, ou é desfeita na condição ou incondição humana. Ser humano significa: viver como se não se fosse um ser entre os seres”.⁴⁰⁶

No ‘mundo do Bem’ a consciência mais profunda da ‘subjetividade’ é a de ‘eleição’, ‘responsabilidade’ e ‘paciência.’

A ‘eleição anárquica’ da ‘subjetividade’ possibilita ao ‘ser’ uma ‘transcendência’ que é anterior à história, e à liberdade da subjetividade permitindo-lhe dizer um ‘sim incondicional’. “Quando na presença de outrem digo ‘Eis-me aqui!’, este é o espaço por onde o Infinito entra na linguagem, mas sem se deixar ver”.⁴⁰⁷

⁴⁰⁴ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 320.

⁴⁰⁵ IDEM. *Ibidem*, p. 321.

⁴⁰⁶ LÉVINAS, *Ética e Infinito*, p. 83.

⁴⁰⁷ IDEM. *Ibidem*, p. 88.

O ‘Eis-me aqui’ reconduz a criatura ao seu original, à ‘passividade’ de ‘resposta’ antes de conhecer a pergunta feita como convocação, antes da decisão. ‘Resposta’ que é obediência à convocação feita pelo Infinito.

Lévinas diz: “Como responsabilidade eu compreendo a responsabilidade por ‘outrem’, portanto como responsabilidade por aquilo que não fui eu que fiz, ou não me diz respeito; ou que precisamente me diz respeito, é por mim abordado como rosto”.⁴⁰⁸

Para ele, a consciência de ‘eleição’ traz a consciência de ‘responsabilidade’, e esta vê a vocação como um dever, tornando cada sujeito responsável independente da resposta do ‘outro’. Ele é o “único comprometido com o ‘bem’ como responsabilidade assimétrica”.⁴⁰⁹ O ‘outro’ não é obrigado a responder, e quando o fizer sua reação será sempre inesperada. Responsabilidade sem limites.

A responsabilidade para com o outro é o lugar em que se coloca o não-lugar da subjetividade, ali onde se perde o privilégio da pergunta onde. Ali é onde o tempo do dito e da essência deixa escutar o dizer pré-original, responde à transcendência, à diacronia, ao descarte irreduzível que navega aqui entre o não-presente e todo o responsável, descarte ao seu modo - um modo que fala, que obriga - serve de signo ao responsável.⁴¹⁰

Trata-se de uma ‘responsabilidade’ oriunda de uma ‘aliança ao Bem’ na qual ‘o eleito’ torna-se ‘responsável’ pela vivência da ‘ética.’ A ‘subjetividade’, então, assignada, é separada, isolada, de modo que venha se sentir como ‘responsável’. Um isolamento que ultrapassa a cultura, a história e os interesses.

4.3.2. Paciência

Para Lévinas, o tempo em que o ‘Se’ foi assignado pertence a um passado e não pode ser recuperado, nem assumido no presente. Vem desde um ‘antes’, absoluto, incapaz de ser lembrado. A esse modo do tempo ele chama de ‘síntese passiva do tempo’. Síntese comandada desde ‘Outro’, nomeada positivamente de ‘eternidade’. Tempo que, visto a partir da ‘síntese ativa presente’, onde nos encontramos, corre ‘descontinuamente’, pois o presente é uma ‘passagem’ que através do ‘envelhecimento’ se atinge o futuro. No presente a corporeidade (Se) se

⁴⁰⁸ LÉVINAS, *Ética e Infinito*, p.79.

⁴⁰⁹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 329.

⁴¹⁰ LEVINAS, Emmanuel. *De outro modo que ser*, o más Allá de la esencia, Salamanca: Sígueme, 2003, p. 54.

encontra sempre em saída da juventude para o ‘início de envelhecimento’, num processo de perda para trás e para frente. O futuro é o tempo que se estende, ultrapassando a ‘síntese ativa do tempo.

A ‘paciência’ é o último modo da síntese passiva do tempo. É tempo como espera, tempo na passividade. É este tempo e modo que movem a subjetividade eleita e responsável, em forma de ‘doação e sacrifício’ no mundo do Bem.

A síntese passiva do tempo, a paciência, é espera sem fim esperado, traída pelas expectativas determinadas e satisfeitas com aquilo que vem sob a forma de uma apreensão e compreensão. O tempo como espera - paciência, mais passiva que toda passividade correlativa a atos - espera o inapreensível.⁴¹¹

Para Lévinas, paciência diz respeito à relação ao ‘outro’, à proximidade anárquica do outro, no mundo do Bem. Tempo de esperança humana em ‘Deus e no outro’, tempo de uma vocação que vai ‘além’. Tempo em que a ‘subjetividade’ poderá vivenciar a consciência mais profunda do ser humano, que como já vimos, é a de ‘eleição, responsabilidade e paciência’. Consciência que é possível atingir porque a ‘eleição do outro’ incide na corporeidade, e é anterior à consciência, à vontade, e à liberdade.

De acordo com Lévinas, é no ‘reino do Bem’, oriundo da passividade, que a ‘paciência’ tem a sua obra: um ‘drama a três’ de linguagem ‘ética’. Nessa obra, ‘paciência’ e ‘drama a três’ se movem sob dois aspectos importantes. O primeiro é que a relação existente entre o ‘eu’ e o ‘outro’ não busca reciprocidade. O ‘um vai ao outro’ sem a exigência da responsabilidade do ‘outro’ em relação ao ‘um’. O segundo é que o ‘bem’ e o ‘outro’ não podem ser dissociados. O ‘bem’ não deixa o ser humano ir a Deus, sem o ‘outro’ ou seja, sem ‘bondade’, e tampouco o ser humano pode ir ao ‘outro’ sem o ‘Bem’, Deus. Dessa forma, o ‘Bem’ vem ao ser humano sob forma de ‘dever’ que este sente em relação ao ‘outro’. Um ‘dever’ tão forte que chega a ‘desejar o indesejável’.

Nessas duas relações acima encontramos o ‘desígnio do bem sem eros’. É o ‘Bem’ que surge junto com o ‘pobre’, o ‘marginalizado’, o discriminado e obriga a subjetividade a caminhar em direção ao ‘outro’. Para Lévinas, neste drama de pura ‘bondade’ está a ‘transcendência do bem’ e de ‘Deus’.

Na obra da paciência o ‘outro’ está sempre presente, e a ‘aproximação’ do ‘ser’ e o ‘outro’ é importantíssima. Mas quem é o ‘Outro’ e o ‘outro’?

⁴¹¹ LÉVINAS, *De Deus que vem...*, p. 80.

Outrem permanece infinitamente transcendente, infinitamente estranho, mas o seu rosto, onde se dá a sua epifania e que apela para mim, rompe com o mundo que nos pode ser comum e cujas virtualidades se inscrevem na nossa natureza e que desenvolvemos também na nossa existência.⁴¹²

O ‘Outro’ invisível surge no olhar do ‘outro’, ‘do próximo’, do irmão através da ‘aproximação’. “Aproximação’ é desígnio da ‘síntese passiva do tempo”.⁴¹³ “A proximidade do próximo é minha responsabilidade por ele: aproximar-se é tornar-se responsável pelo irmão; ser responsável por seu irmão é ser refém”.⁴¹⁴ Isto acontece neste mundo, onde ambos, o ‘ser’ e o ‘outro’ se encontram como ‘corporeidade’ e ‘imediatez’.

Na ‘aproximação’ o ‘contato’ é decisivo. O ‘Outro’ que não pertence a este mundo, localizado no Infinito, aproxima-se sem intermediários mundanos, sem qualquer simbologia ou imagens. Nesse contato, a ‘imediatez’ e a ‘corporeidade’ são essenciais. O invisível faz contato, e devido à ‘imediatez’ o contato não está dominado pela ‘intencionalidade’. No contato, o corpo que em passividade recebe uma significação ainda mais profunda, vibra e estremece já como ‘resposta’ e demonstração de ‘responsabilidade’.

De acordo com Lévinas, este relacionamento aos poucos vai se tornando mais do que um simples contato, passando a ser desejo incontrolável de aproximação, chamada por Lévinas de ‘obsessão’.

Obsessão é uma forma de manifestação da responsabilidade. Um dinamismo de resposta. É uma forma incontrolável de possuir o ‘outro’, num relacionamento assimétrico e irrecíproco. Não se trata de patologia, “mas o modo positivo de universalização passiva, universalização do *passio*⁴¹⁵ pelo outro e por todos”.⁴¹⁶ Esta universalização vem de se saber eleito, com uma dívida originante em atraso que cresce a cada crédito que recebe como mais dívida. Cada ‘um’ é responsável por todos os ‘outros’. Uma universalidade que confirma a unicidade da ‘subjetividade’ de todos, por todos e por tudo.

Segundo Susin, quando o ‘Outro’ se aproxima, passa a animar e inspirar a ‘pneuma do psiquismo’.⁴¹⁷ Uma corporeidade psíquica que ao ser despertada,

⁴¹² LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p.188.

⁴¹³ SUSIN, *O homem messiânico*, p.334.

⁴¹⁴ LÉVINAS, *De Deus que vem...*, p.106.

⁴¹⁵ *Passio* - do latim, paixão.

⁴¹⁶ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 338.

⁴¹⁷ Pneuma do psiquismo ou alma da alma - Dentro da ‘subjetividade’ há uma exterioridade mais interior do que a interioridade. Cf. SUSIN, *O homem messiânico*, p.338.

coloca a subjetividade a serviço do ‘outro’, perseverando no ‘bem’.⁴¹⁸

Para Lévinas, “A maneira como o ‘Outro’ ou o ‘Infinito’ se manifesta na subjetividade é o próprio fenômeno da ‘inspiração’ e, por consequência define o elemento psíquico, e até o pneumático do psiquismo”.⁴¹⁹

Outro forte elemento dinamizador é a ‘encarnação’. O corpo criado e vulnerável já despertou para o ‘outro’, e passa a enxergar o ‘outro’ com olhar tocado e inspirado, doando-se totalmente através das coisas e de si mesmo.

Isto ocorre quando, no contato com o pobre, o oprimido, ou no nosso caso, no contato com a tríade que estamos focando, a mulher, @ negro e @ homossexual, surge o clamor e o sofrimento de ter tudo, enquanto o ‘outro’ não tem nada, de poder gozar de seus direitos, enquanto o ‘outro’ é discriminado, excluído por preconceito. Dessa forma, sentindo-se envergonhado e em dívida, a pessoa alimenta àquele que no corpo é excelência da alteridade, ou doa o seu tempo, energia e trabalho para lutar pelos seus direitos, etc. Gestos que são alimentados pela ‘fome de justiça’ que nunca termina, sempre quer mais, que possui um desejo infinito. Fome que deixa o ser humano inquieto, solidário e inspirado, levando-o a dar-se, transcender-se.

A culminância da encarnação acontece na ‘maternidade’. Mas, a paternidade e a filiação também podem assumir esta dimensão. “O amor do pai pelo filho realiza a única relação possível com a própria unicidade de um outro e, nesse sentido, todo o amor se deve aproximar do amor paterno”.⁴²⁰ Nos desígnios do Bem as relações familiares formam o drama a três, ‘subjetividade, o outro e Deus’, numa relação irrecíproca, assimétrica, e de modo ético. Fora dessa relação, só a ‘fraternidade’ possui essas três dimensões e tem abertura à universalidade.

A fraternidade é a própria relação com o rosto, em que se realiza ao mesmo tempo a minha eleição e a igualdade, ou seja, o domínio exercido sobre mim pelo Outro. A eleição do eu, a sua própria ipseidade⁴²¹, revela-se como privilégio e subordinação – porque não o põe entre os outros eleitos, mas precisamente em frente deles para os servir, e porque ninguém se pode substituir a ele para medir a extensão das suas responsabilidades.⁴²²

⁴¹⁸ Em um primeiro momento, ‘o Infinito’, apesar de ser exterioridade, se torna, de certa maneira, interioridade. Depois, “esta exterioridade que é ‘mais’, explode em voz, em testemunho, e a alma inspirada se revela nesta explosão”. Cf. IDEM. *Ibidem*. IDEM. *Ibidem*.

⁴¹⁹ LÉVINAS, *Ética e Infinito*, p. 90.

⁴²⁰ IDEM, *Totalidade e Infinito*, p.277.

⁴²¹ Ipseidade – o que faz com que um ser seja ele próprio e não outro.

⁴²² LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p. 277-278.

A fraternidade é o lugar da singularidade e unicidade pela responsabilidade, irreciprocidade e obsessão. Mas é também o lugar da multiplicidade porque só através da comunidade é possível se unir no dever ao ‘outro’ em um encontro onde não haja reciprocidade. Ser fraterno é ser irmão, é ser ‘guardião do irmão’. É fruto de uma ‘eleição’ feita pelo ‘Bem’ e que o ‘eleito’ em primeiro lugar, o primogênito, não recebe regalias, mas ‘responsabilidade’ em relação a todos.

4.3.3. Expição e Substituição

Para Lévinas, o sofrimento e a morte têm um sentido diferente daquele que estamos acostumados a ouvir em nosso dia a dia. Como criaturas que possuímos uma materialidade corporal (Se), marcada originalmente por ‘outro’ ‘antes de vir ao ser’, nosso envelhecimento biológico e a morte não são puros acidentes. São fatores que contribuem para um acontecimento que vai ‘além do ser’.

Para Susin, “a expiação se delinea na sensibilidade e na corporeidade, na passividade e na paciência, no sofrimento e finalmente na morte”.⁴²³

O sofrimento reduz a soberba do ‘eu’, e coloca quem sofre em passividade corporal, canalizando sua vulnerabilidade e expectativas para um futuro ‘além do ser’, na possibilidade de encontrar o ‘Outro’. Sofrer não significa suportar apenas a dor humana, mas a ‘dor de sofrer’, o que é muito mais abrangente, pois é a dor de suportar, de sofrer ‘desde alguém’ e ‘para alguém’.

A subjetividade, a constituir-se no próprio movimento em que lhe incumbe ser responsável pelo outro, vai até a substituição por outrem. Assume a condição ou a incondição - de refém. A subjetividade como tal é inicialmente refém; responde até expiar pelos outros.⁴²⁴

Expiar é sofrer ‘desde o Outro’, mostrando a origem do sofrimento. É o ‘Outro’ que persegue, perturba, e confunde pela impossibilidade de ser controlado. Quanto mais o ‘Outro’ persegue, e mais justo for o sofredor, maior é a dor. Além disso, somos responsáveis pela nossa própria perseguição. “O eu é perseguido e, em princípio, ele é responsável pela perseguição que ele sofre”.⁴²⁵

Para Lévinas todo o sofrimento humano está ligado à relação interpessoal. A própria violência em que vivemos na atualidade, mostra isso. No entanto, sempre

⁴²³ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 363.

⁴²⁴ LÉVINAS, *Ética e Infinito*, p. 83.

⁴²⁵ IDEM., *De Deus que vem...*, p.121.

existe a possibilidade de se evitar o aumento da violência não revidando, pelo ‘poder de sofrer pelo outro e expiar’. Um poder que não vem do ser humano, mas provém do ‘surplus’ de piedade do ‘Bem além do ser’. Uma força capaz de fazer a “transformação da ‘violência’ e do ‘sofrimento’ em ‘redenção’ que resgata da violência e do sofrimento”.⁴²⁶

Redenção que pode ainda ser entendida como ‘piedade’. Passa-se do sofrer ‘desde o Outro’ para sofrer ‘para o outro’. Reinterpreta-se o que causa o sofrimento, surgindo a ‘piedade’. Nesse caso, a ‘expição’ é possível pelo *surplus* na ‘passividade’ que a corporeidade ‘assignada’ possui, provocada pela ‘responsabilidade’. Segundo Susin:

A passividade - o sofrimento vindo a mim ‘desde o outro’ - dobra-se na concha acolhedora e parabólica da piedade, reflexiona no encontro da dor com a significância sustentada pela piedade e retorna ao outro no modo da paciência, sofrimento de mim para-o-outro.⁴²⁷

A expiação é viver e morrer por alguém. Isto pode ser uma simples intercessão ou chegar a dar a vida por alguém. Abraão é um exemplo de alguém que foi servo de Deus, não teve direitos para si, e somente deveres com todos.⁴²⁸ Segundo Susin, “Abraão só ganha o filho, a descendência e o futuro, porque ouve a ordem de Deus e a obedece, tudo isso pertencendo, pois, a Deus”.⁴²⁹

No Servo Sofredor de Isaías também podemos encontrar aspectos profundos da ‘expição’ que nos diz que, a humanidade libera em ‘um’ o último sofrimento solitário e irrecíproco, ampliando, ao mesmo tempo, o sofrimento de ‘todos e por todos’. Este ‘um’ é o responsável que apóia e suporta a todos como ‘servo sofredor’, e carrega em si o sofrimento de todos, podendo se aniquilar totalmente.⁴³⁰

Este sofrer por último sem retribuir a violência, mas suportando-a e ao sofrimento do mundo, sem que o outro sofra igualmente, por tudo e por todos, segundo Lévinas, faz parte da estrutura da ‘subjetividade’. “Sou responsável de uma responsabilidade total que responde por todos os outros e por tudo o que é dos outros, mesmo pela sua responsabilidade. O eu tem sempre uma

⁴²⁶ SUSIN, *O homem messiânico*, 365.

⁴²⁷ IDEM. *Ibidem*, p.367.

⁴²⁸ BÍBLIA, Gn12-25.

⁴²⁹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 370.

⁴³⁰ BÍBLIA, Is 42-53.

responsabilidade a mais do que todos os outros.”⁴³¹ Para ele, cada um de nós deve ser o ‘Messias’.

Esse aniquilamento só é possível por sermos marcados originalmente pelo ‘Outro’ e pela obediência ao ‘outro’. Estes dois fatores despertam a ‘subjetividade’, tornando-a totalmente voltada e responsável pelo ‘outro’, seguindo os desígnios do ‘Bem’, no drama a três. Para Lévinas, o sofrimento que ocasiona a piedade, é um sofrimento para Deus. Traz o vestígio de Deus que está sofrendo com aquele@ que sofre.

‘Expição’ e ‘Substituição’ estão interligados. De modo geral ‘substituir’ alguém significa ocupar o seu lugar, o seu espaço. No entanto, ‘substituir’ é ‘fazer o serviço ao outro’, colocando-se ao seu serviço, sem nome, autoridade, sem dinheiro e conceitualização. É colocar-se como ‘servo’ sob o nome e autoridade de quem substitui. “Todo serviço é substitutivo e todo servo é um substituto”.⁴³²

A obra da paciência é um percurso ético e tanto a expiação como a substituição são partes deste processo. Para haver a substituição é necessário haver um esvaziamento da eguidade do ‘eu’. Processo que vai desde a exposição do (“Se”) à expiação, ocorrendo a inversão da ‘identidade’ em ‘substituição’. A substituição ocorre pela ‘liberdade’ desobrigada de limites cuja base é a ‘inversão’, “não se colocando acima e nem em correlação dentro, mas substitutivamente abaixo de tudo e de todos”.

A identidade quando morre, apesar de não ser amparada por mais nada, ela se torna condição para o ‘outro’, um ‘universal concreto’, ou seja ‘um ponto de apoio para o universo.’ A identidade, então, fica sem ter onde repousar e torna-se uma base ética para outros repousarem: o ‘subjectum universal’, que será ‘servo de todos’. “Subjectum é aquele@ que sofre e suporta o que lhe vem ao encontro como acusação, não dominando e nem identificando mas servindo, ou seja substituindo e tomando sobre si a carga dos outros.”⁴³³ “Posso substituir a todos, mas ninguém pode substituir-me”.⁴³⁴ Segundo Lévinas. “quando se começa a dizer que alguém pode substituir-me começa a imoralidade”.⁴³⁵

O substituir o outro é uma condição na qual se encontram presentes: a

⁴³¹ LÉVINAS. *Ética e Infinito*, p. 82.

⁴³² IDEM. *Ibidem*, p. 378.

⁴³³ SUSIN. *O homem messiânico*, p. 380.

⁴³⁴ IDEM. *Ibidem.*, p. 84.

⁴³⁵ LÉVINAS, *De Deus que vem...*, p. 121.

submissão de ser refém, e a excelência da própria subjetividade. Nesse caso, a excelência do ‘outro’ e o serviço do ‘um ao outro’ “exaltam o um como servo e refém à liberdade e à atividade no cumprimento da vocação de Subjectum para além do mundo”.⁴³⁶ “Tornam possível ao ser tornar-se expiação e substituição para o outro”.⁴³⁷

O ‘indivíduo’ no “modo subjectum, não domina, não se iguala, não se homogeneiza, nem se defende, pondo-se em dialética de contrários que terminam num todo de forças antagônicas”.⁴³⁸ Um ‘indivíduo’ mais forte que a morte, singular, vestígio e resposta.

‘Singularidade’ que é vista na ética como ‘bondade pura’. Bondade que está ligada ao modo de ser de cada ‘um’. Nesse modo o indivíduo é simples e singular, pois “é a ‘bondade’ que possui o indivíduo e não o indivíduo que possui a bondade”.⁴³⁹

Do Subjectum nasce um novo poder capaz de obedecer ao Bem e suportar o insuportável, aguentando o peso do universo: o poder messiânico’. “O Subjectum é o encarnado que expira na realização do que humanamente não poderia realizar”.⁴⁴⁰ Um ‘poder’ que parte do Bem, do Infinito, parte de um dever que vem antes do ‘poder’ e gera o ‘ser humano voltado para a humanidade.

4.4.

Ser-para- todos

O ser humano voltado para todos é aquele que se sente responsável pela humanidade. O ‘outro’, o oprimido que sofre e morre é sua responsabilidade, e com isso a subjetividade exige de si sacrifícios, chegando a abrir mão de si mesma, dos seus direitos e até de defender a própria vida. Qualquer direito, seja político, psicológico, etc, passa a não existir para atender às necessidades do ‘outro’. Neste caso, os direitos legítimos são os do ‘outro’ antes mesmo dele ter conhecimento desses direitos.

⁴³⁶ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 380.

⁴³⁷ LAZARE, Benaroyo. *The notion of vulnerability in the philosophy of Emmanuel Levinas and its significance for medical ethics and aesthetics*. Disponível em site: www.api.or.at/aebm/download/docs/web_levinas.pdf. Acessada em 15/12/2010.

⁴³⁸ SUSIN. *O homem messiânico*, p. 384.

⁴³⁹ IDEM. *Ibidem*, p. 385.

⁴⁴⁰ IDEM. *Ibidem*, p. 387.

Nessa nova compreensão do ‘ser’ em que o ‘outro’ é primazia, quem dita os direitos da ‘subjetividade’ é o ‘outro’. Há uma missão a cumprir que atingirá a muitos. “Ser é responsabilidade dentro da responsabilidade de encarnação e devotamento”.⁴⁴¹ O ‘ser’ agora é ‘bondade’, é ‘singularidade e unicidade’, mas também ‘pluralidade’, porque “a transcendência ou a bondade produz-se como pluralismo”.⁴⁴² Neste caso o ser é responsável pelos muitos ‘outros’.

Estes ‘outros’ que se apresentam, Lévinas os chama de ‘terceiro’ e aqui representará todos os ‘outros’. Susin nos diz “Na nudez do ‘outro além do ser’, no seu desfalecimento do ‘ser’, no seu infinito de altura e de despojamento ‘cabem todos os outros’”.⁴⁴³

Mas ‘ser para outrem’ não é negar o ‘eu’ que se encontra na universalidade, é não fazer do frente a frente apenas uma modalidade. De acordo com Lévinas, “a bondade não irradia sobre o anonimato de uma coletividade que se oferece panoramicamente para nela se absorver. Implica um ser que se revela num rosto”.⁴⁴⁴

Devido à exposição e vulnerabilidade da sensibilidade, o ‘ser’ se abre a ‘todos os outros’, sem escolher quem é o ‘outro’. Do ‘olhar do outro’ propondo por toda a humanidade surge a ‘família sem fronteiras’, com o universo pesando e exigindo que o ‘ser’ seja suporte ‘universal’. Se olharmos a humanidade, então, como uma família, teremos uma relação de ‘proximidade plural’ na qual será necessário fazer justiça à ‘singularidade’ de ‘todos’. Isto significa que há necessidade de se ter uma ‘relação de igualdade ética’, responsável, na qual todos, sem exceção, estejam incluídos. Numa relação de responsabilidade, e de justiça. Onde mesmo na proximidade haja um afastamento para que possa se fazer ‘justiça’ na igualdade a todos, no reconhecimento da singularidade e na diferença de cada um. Trata-se de uma responsabilidade de ‘proximidade’ que faz justiça conhecendo as distâncias, incluindo os próximos e os distantes. Em Isaías encontramos “Paz, paz ao próximo e ao distante”.⁴⁴⁵

Nesse caso na relação entre duas pessoas a justiça se apresenta como ‘dom e perdão imediato’, pois é uma relação íntima, e absorve as distâncias. Mas, quando

⁴⁴¹ SUSIN. *O homem messiânico*, p. 409.

⁴⁴² LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p.303.

⁴⁴³ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 410.

⁴⁴⁴ LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p.303

⁴⁴⁵ BÍBLIA, Is 57, 19.

há multiplicidade, aquele@ que está distante é sempre o ‘terceiro’ e representa os muit@s que estão na ‘proximidade e fraternidade’, mas não estão presentes. É necessário, então, trazer medidas que combatam ao mal e promovam a ‘justiça’ para todos.

Se só houvesse outrem diante de mim, diria até o fim: devo-lhe tudo. Sou para ele. E isto vale inclusive para o mal que me faz; não sou seu igual, estou sempre sujeito a ele. Minha resistência começa quando o mal que me faz é feito contra um terceiro que é também meu próximo.⁴⁴⁶

Segundo Lévinas, se o mal está atingindo ‘o terceiro’ é necessário desfazer este mal. Susin nos diz que para Lévinas, “é na obra e não apenas na intenção que se permanece ligado ao mal.”⁴⁴⁷ O ser humano é mais do que sua intenção e consciência, e por este motivo pode não ser o autor do mal, mas o seu instrumento. Para combater este mal são necessárias, então, medidas de justiça.

Nesse caso, a voz do ‘terceiro’ instiga a cobrança na ‘subjetividade’ da responsabilidade por todos, e clama por ‘justiça’, exigindo o combate ao mal.

Na relação com o outrem sempre estou em relação com o terceiro. Mas, ele também é meu próximo.[...] na realidade, a relação com outrem nunca é só relação com outrem; desde já o terceiro está representado em outrem; na própria aparição do outro o terceiro já está a me olhar. Isto faz com que a relação entre a responsabilidade para com outrem e a justiça seja extremamente estreita.⁴⁴⁸

Para impedir a violência ao terceiro, Lévinas vê, inclusive, a necessidade de reprimir o ‘outro’ que violenta o terceiro: a repressão justificada. “Violência sofrida pelo terceiro que justifica que se pare com violência a violência do outro (...) não se pode admitir que se persiga terceiros”.⁴⁴⁹

É hora do ocidente! Hora da justiça que toda caridade exigiu. Eu o tenho dito: é em nome da responsabilidade por outrem, da misericórdia, da bondade às quais apela o rosto do outro homem que todo discurso da justiça se põe em movimento, sejam quais forem as limitações.⁴⁵⁰

O ser humano ‘Subjectum’ é refém da justiça, e como tal responsável pela realização e ‘medidas para todos’. Medidas que devem conter cuidados especiais,

⁴⁴⁶ LÉVINAS, *De Deus que vem...*, p. 120-121.

⁴⁴⁷ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 414.

⁴⁴⁸ LÉVINAS, *De Deus que vem...*, p. 119.

⁴⁴⁹ IDEM. *Ibidem*, *Ibidem*.

⁴⁵⁰ LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós - Ensaio da alteridade*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005, p. 294.

pois delas nascerá à ‘consciência’ para se ter ‘justiça’ entre muitos.

O ‘Subjectum’, então, ao tomar qualquer decisão, deve ter a preocupação:

1. de tomar medidas contra o ‘outro’, quando este violentar o ‘terceiro’. Medidas que não envolvam ideologia ou violência, a fim de fazerem a mediação para se obter a justiça e a paz.
2. ter na universalidade a preocupação com a ‘singularidade de cada um’, analisando suas necessidades e possibilidades.
3. ‘Todos’ devem estar em um lugar ‘visível’ para que seja possível, cuidadosamente, analisar cada situação e todos os envolvidos.

Para Lévinas, quem persegue a justiça não consegue se calar, e não dar o ‘testemunho’. O ‘testemunho’ externaliza a dor do ferimento que foi feito antes de se tornar ‘ser’, e extravasa na ‘sinceridade’, rompendo barreiras e interesses. Ele não precisa de provas, é um ‘Dizer’ inspirado no Infinito. “O sujeito que diz ‘Eis-me aqui!’, dá testemunho do Infinito”.⁴⁵¹ É um profeta do Infinito.

Na voz do Subjectum, na sua responsabilidade universal e incondicional encontramos o ‘vestígio do Infinito’.

O infinito não está diante de mim. Sou eu quem o exprime, precisamente ao fazer sinal da doação do sinal, sinal do ‘para-o-outro’, em que me des-interesso; eis me aqui. Acusativo maravilhoso: eis-me aqui sob vosso olhar, obrigado, vosso servidor. Em nome de Deus. Sem tematização!⁴⁵²

‘Profeta e testemunho profético’ caminham juntos. “O profeta não só proclama e dá glória com sua boca ao gesto ético do Subjectum, mas o universaliza com ‘proclamação’ e mandamento’ a todo”.⁴⁵³ ‘Yahweh e Eloim’, ‘misericórdia e igualdade’ juntos no anúncio de justiça. ‘Profeta’ e ‘Subjectum’ estão juntos, um no grito profético, outro no gesto, mas ambos fazem parte da mesma força e desígnio.

Nessa tarefa profética Lévinas inclui não só o ‘profeta’, mas o sábio, o pensador, a filósofo, o teólogo e todas as tarefas referentes à economia, política, literatura, arte, etc. as diversas mediações movidas pelo ‘mundo do Bem’, partem da ‘imolação e substituição’ e se convertem em serviço à ‘universalidade’. É o ‘ser-para-todos’ guiado pelo ‘grito do profeta’ que clama por ‘justiça’. Todos

⁴⁵¹ LÉVINAS, *Ética e Infinito*, p.88.

⁴⁵² IDEM, *De Deus que vem...*, p.110.

⁴⁵³ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 419.

baseados na mesma linha de sentido, a igualdade calcada na singularidade, e na responsabilidade de cada Subjectum como ser-para-todos.

As mediações, ao se encontrarem livres da violência produzida pela posse e totalitarismo, tornam-se necessárias e vitais. A ‘economia’ calcada em regras, dentro da estrutura de compra e venda, na intercambialidade encontra a possibilidade de construir uma sociedade voltada para ‘muitos’, com ‘bens para todos’. As mediações ‘obra e dinheiro’ permitem que o ‘ser humano’ possa cumprir sua ‘responsabilidade’ por aqueles que não conhece, podendo haver relação social onde seja possível trocar e mensurar o que se quer trocar.

Susin nos diz que “A tarefa messiânica está na revelação do modo como Deus criou o mundo: a fazer, e eu apporto minha parte no acabamento de um mundo em devir”.⁴⁵⁴ Cabe a cada ser humano fazer a sua parte.

A ‘justiça’ é o fundamento de toda base social, mas ela só se realizará sem distorções se for feita “por quem for capaz primeiro de distribuir começando pela doação do próprio bocado”.⁴⁵⁵ Cada um deve ser capaz de expiar e substituir.

A base da política deve ser a ‘responsabilidade pelo outro’, visando leis que favoreçam as medidas de justiça, protejam o ‘outro’ e o terceiro, resguardando a todos, de modo a haver uma unidade na pluralidade.

Para Lévinas,

A unidade da pluralidade é a paz, e não a coerência de elementos que constitui a pluralidade. A paz não pode, pois, identificar-se com o fim dos combates por falta de combatentes, pela derrota de uns e a vitória dos outros, isto é, com os cemitérios ou os impérios universais futuros. A paz deve ser a minha paz, numa relação que parte de um eu e para o Outro, no desejo e na bondade em que o eu ao mesmo tempo se mantém e existe sem egoísmo.⁴⁵⁶

Mas nem mesmo o Estado pode ser a última palavra sobre universalidade social, pois se assim o fizer, trocará a estrutura universal a serviço de todos, para se tornar uma totalidade opressora. Toda universalização deverá ter como objetivo incluir todos, a grande família humana, numa sociedade centralizada em torno dos grupos menos favorecidos. Por este motivo, Lévinas não entende qualquer separação entre vida pública e privada, entre vida religiosa e vida política.

Susin nos explica que para este filósofo:

⁴⁵⁴SUSIN, *O homem messiânico*, p. 422.

⁴⁵⁵IDEM. *Ibidem*.

⁴⁵⁶LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p. 304.

Religião é a relação ética de responsabilidade an-árquica ao outro que tem fome e frio e de responsabilidade universal na justiça a todos, a religião deve se tornar politicamente promoção, zelo, crítica e inclusive possibilidade de revolução.⁴⁵⁷

Para comandar o Subjetctum na sua missão de ‘responsabilidade pela justiça’, onde ele precisa ser a ‘voz da justiça’, Lévinas afirma que “o sábio é insubstituível porque coincide com o homem responsável que se define mais por esta vigilância oral e mental ao outro do que pelo seu conhecimento”.⁴⁵⁸

Finalmente, Susin na busca da ‘messianidade do ser’ em Lévinas chega à importância da recuperação do ‘eu’ de cada pessoa. Se a cada pessoa é dada a ‘responsabilidade’ do compromisso com o ‘outro’, é preciso tomar medidas para cumprir a responsabilidade com todos e consigo mesmo’.

Nesse caso, cada pessoa deve ter “em primeiro lugar o direito de ser”⁴⁵⁹, mas também o direito de ter, de sonhar, de amar, etc. Ter tempo e atenção para ‘si próprio’, e de se tornar ‘um-para-si’.

Segundo Susin, Lévinas deseja uma revolução permanente. Uma revolução que tenha como objetivo a obtenção dos valores pelos quais se luta. Onde possa haver crítica, e alternância de poder sem violência. Uma revolução regida pelo ‘mundo do Bem’, na qual “o ser humano responsável por todos, está, graças a esta energia transcendental, além da alternância”.⁴⁶⁰ Uma revolução ‘singular’ e ‘responsável’, feita no ‘face a face’.

Uma revolução que nos permitirá ter uma sociedade voltada ao ‘outro’, na qual a justiça será o único grande objetivo. Onde ‘todos’ possam ser aceitos, respeitados e amados em sua singularidade, sem preconceito, discriminação, nenhum tipo de violência. Onde a ‘justiça’ será o único grande objetivo.

A paz messiânica é aquela em que está incluída toda a humanidade, como uma grande família. Surge como fruto de uma incondicional não indiferença da fraternidade universal para a qual o sujeito se define e na qual desperta à vocação e à ação política.⁴⁶¹

⁴⁵⁷ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 424. Vide nota 511.

⁴⁵⁸ IDEM. *Ibidem*, p. 430.

⁴⁵⁹ IDEM. *Ibidem*, p. 431.

⁴⁶⁰ IDEM. *Ibidem*, p. 438.

⁴⁶¹ IDEM. *Ibidem*, p. 425. Vide nota 512.

4.5.

O amor incondicional de Deus

Após conhecermos o reino do Bem e a ética da alteridade de Lévinas, é possível percebermos a forte proximidade do pensamento deste filósofo com o cristianismo. Embora existam pontos, tais como, a não necessidade de uma religião⁴⁶², a rejeição de Jesus como filho de Deus, e o seu messianismo⁴⁶³, etc, que afastam o seu pensamento do cristianismo, há também pontos muito próximos, importantíssimos e marcantes que aproximam. Diante disto, acreditamos que a ética, ponto essencial do pensamento de Lévinas, pode ser inspiradora e motivadora para um novo ‘modo que ser’ cristão a partir do ‘Outro’, voltado para o ‘outro’, como deve ser a fê cristã. E acreditamos ainda, que para se viver a ética levinasiana, é preciso ter na base dessa vivência, a essência do cristianismo’: o amor incondicional de Deus pela humanidade.

4.5.1.

Identidade cristã a partir do outro

‘O viver voltado para o outro, e outros, inclusive o terceiro’, é o modo de viver solidário e fraternal como o que fazia parte do ‘cristianismo primitivo’ e foi por um tempo a base da filosofia judaico-cristã. Mas acabou se distanciando do cristianismo na medida em ele se voltou para uma ontoteologia, e passou a buscar uma salvação individual desvinculada do social.

Entretanto, desde que o Concílio Vaticano II proclamou à volta as fontes da revelação’, houve um retorno aos textos bíblicos e Patrísticos, gerando, novamente, o desejo de um cristianismo comunitário, missionário. Como diz a *Gaudium et Spes*: “O Concílio Vaticano II não hesita em dirigir a palavra somente aos filhos da Igreja e a todos os que invocam o nome de Cristo, mas a todos os homens.”(GS2)⁴⁶⁴ “Os povos oprimidos pela fome interpelam os povos mais ricos. As mulheres reivindicam, onde ainda não a conseguiram, sua paridade de

⁴⁶² CRITCHLEY, Simon. *Religião, para Lévinas, é ética*. Entrevista à IHU on-line. Disponível em site: http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia =11113&cod_canal=41. Acessada em 27/12/2010.

⁴⁶³ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 476.

⁴⁶⁴ Sigla referente a *Gaudium et Spes* (constituição pastoral do Vat. II sobre a Igreja no mundo de hoje). Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO DO VATICANO II. *Constituição Pastoral “GAUDIUM ET SPES”* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: VIER, Frederico, OFM (Coord. geral) *Compêndio Vaticano II. Constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000, GS2.

direito e de fato com os homens...”(GS27)⁴⁶⁵ Um cristianismo solidário com toda e qualquer pessoa humana, de modo especial com os pobres e sofredores, [...] os povos oprimidos, as mulheres que ainda não conseguiram ter sua dignidade respeitada...”⁴⁶⁶ Um cristianismo onde o ‘outro’ (o próximo) é o caminho para se chegar a Deus, e Deus o caminho para se chegar ao ‘outro’ (o próximo).

Desde o concílio, mudanças consideráveis aconteceram na Igreja Católica, que passou a procurar uma aproximação com as igrejas cristãs históricas, a realizar o diálogo inter-religioso com outras religiões, a protagonizar os leigos, a buscar um cristianismo mais autêntico, comunitário, voltado ao próximo, e ao messianismo. Mas, não só na Igreja Católica ocorreram e ocorrem mudanças, pois a contemporaneidade com suas características próprias, trouxe mudanças nas igrejas cristãs históricas, além da presença de diversas novas denominações cristãs.

Nesta difícil caminhada de avanço e retrocessos pela busca da essência cristã, na própria história, no Novo Testamento e na voz de alguns teólog@s que trabalham para esse fim, encontramos a forte proximidade de Lévinas.

No cristianismo primitivo as comunidades cristãs eram organizadas sobre dois princípios fundadores sem os quais jamais haveria o cristianismo, ‘Jesus Cristo’ e o ‘Espírito Santo’. As opções preferenciais dessas comunidades eram os ‘excluídos da sociedade’, e a vida comunitária calcada em ‘experiências solidárias’, essencialmente ‘fraternas.’ “A Igreja se inicia com o Jesus histórico através de seu grupo de discípulos/as, de suas opções pelos mais desfavorecidos, pela sua vida solidária, passa pela cruz e ressurreição, até chegar à efusão do Espírito Santo em Pentecostes.”⁴⁶⁷

A partir de Pentecostes os apóstolos começaram a anunciar e as comunidades foram sendo criadas tendo como base a vida, o ensinamento e ações de Jesus Cristo, cujo ‘amor’ era o traço principal das comunidades. Estas comunidades inspiradas pelo ‘Espírito Santo’, viviam em comunhão, igualitariamente, sem qualquer discriminação, pois partiam dos ensinamentos de Jesus, nos quais todos eram filh@s do mesmo Pai. Eram comunidades

⁴⁶⁵ CONCÍLIO ECUMÊNICO DO VATICANO II. Constituição Pastoral GAUDIUM ET SPES, GS27.

⁴⁶⁶ TEPEDINO, Ana Maria. *Encontro com a Igreja de Jesus Cristo* (Eclesiologia). Edição experimental, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 200, p.112.

⁴⁶⁷ IDEM. *Ibidem*, p. 24.

carismáticas onde, através de seus dons, cada pessoa deveria servir a todos, pois cada um@ era ‘responsável’ por todos, formando o corpo de Cristo, “Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo; judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito”.⁴⁶⁸ Essas comunidades, - da mesma forma que Jesus se encarnou e viveu entre nós, “O verbo se fez carne, e habitou entre nós...”,⁴⁶⁹ - estavam encarnadas dentro da cultura e do lugar, procurando instaurar o ‘Reino de Deus’, um reino regido pela ‘Bondade’. Reino análogo ao que Lévinas chama de Reino do ‘Bem’, regido pelo Infinito.

O perdão do qual Jesus nos fala é ‘incondicional’, pois seu amor é incondicional, e para ele o ser humano deve sempre perdoar, “Não te digo sete, mas até setenta e sete vezes!”⁴⁷⁰ O evangelho de Lucas⁴⁷¹ nos mostra no encontro de Jesus com Zaqueu, um homem rico, chefe dos publicanos, que apesar de ter recebido o perdão e a oportunidade de renovar sua vida, sentiu a necessidade de fazer ‘justiça’, removendo o mal, e para isso disse a Jesus: “Senhor, eis que dou a metade dos meus bens aos pobres, e se defraudei alguém, restituo-lhe o quádruplo”.⁴⁷² Conforme a lei, Zaqueu se comprometeu em restituir a quem roubou, mas foi ainda além do que mandava a lei, com a disposição de mudar de vida. Jesus não lhe exigiu que devolvesse o que roubou, disse apenas que a salvação havia entrado naquela casa, ou seja, no seu coração. Lévinas prefere falar em responsabilidade ao invés de amor, mas quem encontra o ‘Amor’, se abre ao ‘Outro’, desperta o ‘Outro’, sente-se responsável pelo ‘outro’ e o ‘terceiro’, precisando fazer ‘justiça’.

Nessas comunidades primitivas onde a ‘solidariedade’ e a ‘fraternidade’ eram características primordiais, podemos ver o pensamento de Lévinas presente quando ele diz que é na ‘fraternidade’ que o indivíduo ganha sua identidade⁴⁷³. O ‘outro’ é quem dita a identidade de quem está à sua frente, pois cada um de nós é ‘responsável’ e ‘guardião’ de seu irmão.

⁴⁶⁸ BÍBLIA, 1Cor 12, 13.

⁴⁶⁹ IDEM. Ibidem, Jo 1,14.

⁴⁷⁰ IDEM. Ibidem, Mt 18, 22.

⁴⁷¹ IDEM, Ibidem, Lc 19, 1-9.

⁴⁷² IDEM. Ibidem, Lc 19, 8.

⁴⁷³ Neste caso, identidade deixou de ser, ‘perseverar em si mesmo para transformar o outro em si’, para ser o ‘outro’ a ditar a identidade.

Atitude diferente de Caim que quando Deus perguntou: “Onde está teu irmão Abel?” respondeu: “Não sei. Acaso sou guarda de meu irmão?”⁴⁷⁴ Para Lévinas somos responsáveis, e cada um de nós é ‘irmão-guardião’, fomos eleitos antes de ‘ser’ pelo Bem, e ‘ser responsável’ é um mandamento até possível de se negar, mas como “o bem além e antes do ser tem sua onipotência e onipresença de bem”⁴⁷⁵, não é possível à pessoa se esconder para sempre, pois cada um de nós é assignado, e essa eleição anterior torna a pessoa capaz de reconhecer essa dependência do ‘outro’, e a responsabilidade que possui.

De acordo com Zygmund Bauman,⁴⁷⁶ esta passagem e principalmente a pergunta de Caim, marca para Lévinas, o início da ‘imoralidade’. Mas, o pensamento deste filósofo sobre a ‘responsabilidade’ de cada indivíduo em relação ao ‘outro’ e a aceitação dessa responsabilidade, é o fundamento da ‘moralidade’.

Quer eu admita, quer não, sou o guardião de meu irmão porque o bem estar do meu irmão depende do que eu faço ou do que me abstenho de fazer. Eu sou uma pessoa moral porque reconheço essa dependência e aceito a responsabilidade que ela implica. No momento em que questiono essa dependência, e peço, como fez Caim, que me dêem razões para que eu me preocupe, renuncio à minha responsabilidade e deixo de ser um ser moral. A dependência de meu irmão é o que me faz um ser ético. A dependência e a ética estão juntas, e juntas elas caem.⁴⁷⁷

Para Bauman, apesar de Lévinas usar outra terminologia, este foi o fundamento da filosofia judaico-cristã que ajudou a humanidade a se tornar civilizada.

Até o início da era cristã, o sentido de ‘pessoa’ era embrionário. Os filósofos levavam em consideração o pensamento impessoal cuja ordem imóvel regulava a natureza com as idéias. Foi o cristianismo que trouxe uma noção decisiva de pessoa, escandalizando o pensamento e a sensibilidade grega. “O cristianismo criou uma nova dimensão do homem: a pessoa humana”.⁴⁷⁸ Este modelo baseava-se na figura real de Jesus, e este, por ser considerado na revelação cristã como Filho de Deus, cada ser humano, individualmente, adquiriu um valor absoluto,

⁴⁷⁴ BÍBLIA, Gn 4,9.

⁴⁷⁵ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 362.

⁴⁷⁶ Professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia. Tem diversas obras publicadas no Brasil, dentre as quais *Amor Líquido*, *Globalização: as Conseqüências Humanas e Vidas Desperdiçadas*

⁴⁷⁷ BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada*. Vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 96.

⁴⁷⁸ MOUNIER, Emmanuel. *Il personalismo*. AVE, Roma, 1966, p 14 passim.

pois também foi considerado filho de Deus. Nesta nova dimensão, o ser humano passava a ser integrado em ‘corpo e espírito como pessoa’, tendo o Filho de Deus, como modelo do humano e do processo de humanização. “O homem e a mulher são chamados ao seguimento de Jesus Cristo, inspirando-se na vida, atitudes, comportamentos e opções.”⁴⁷⁹ É o amor a Deus e ao próximo caminhando juntos.

O ser humano, como pessoa, foi estudado por teólogos e filósofos, alguns dos quais fizeram da pessoa o centro de suas reflexões. E hoje, segundo Batista Mondin⁴⁸⁰, “a pessoa é considerada um indivíduo dotado de autonomia quanto ao ser, de autoconsciência, de comunicação e de autotranscendência”.⁴⁸¹

No entanto, o doar-se ao ‘outro’, a responsabilidade para com o ‘próximo’, o amor ao ‘próximo’ do cristianismo primitivo foi sendo abandonado na medida em que a ideia de indivíduo crescia.

Segundo o filósofo Lipovetsky, a sociedade contemporânea na qual vivemos, privilegia a satisfação imediata, a primazia do ego e da autorealização, depreciando qualquer ideal de abnegação. Não há lugar para doação, entrega, qualquer esvaziamento em prol do ‘outro’.

Para Lévinas este não é apenas um ‘mal’ da sociedade contemporânea. O ‘*surplus*’ do egoísmo, da ‘individualidade’, faz parte do ‘mal de ser’, que no ‘mundo do ser’ vive uma subjetividade voltada para si mesma. O único caminho para o ser humano abrir-se à alteridade do ‘outro’ é a ética, levando-o a ‘além do ser’, pois cada indivíduo já foi marcado originalmente pelo Bem, como responsável pelo ‘outro’ antes de ‘ser’, e para ele, “a humanidade do homem se refere a sua vocação transcendental”.⁴⁸²

O caminho das religiões, entre elas o cristianismo, afastando-se da sua base, passou a ser, quando se refere a valores morais, o de privilegiar os universais imutáveis e partir deles para o indivíduo, esquecendo que Jesus mandou segui-lo, o que significa partir da ‘singularidade para o universal’, pois como disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim”.⁴⁸³ O

⁴⁷⁹ RUBIO, A. Garcia. *Nova Evangelização e Maturidade afetiva*. S. Paulo: Paulinas, 1993, p. 21.

⁴⁸⁰ Professor de filosofia na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Urbaniana, em Roma. Entre a sua obra, citamos, Curso de Filosofia vol. 1,2,3; Introdução a filosofia; O homem, quem é ele?; Em busca da política; Modernidade; A Sociedade individualizada, etc.

⁴⁸¹ MONDIN, Battista. *O homem, quem é ele?* Elementos de Antropologia Filosófica. São Paulo: Paulinas, 1980, p.303.

⁴⁸² SUSIN, *O homem messiânico*, p. 12.

⁴⁸³ BÍBLIA, Jo 14,6.

caminho de Jesus era o de servir ao ‘outro’, ajudando o ‘próximo’ naquilo que ele precisava. E estas necessidades eram individuais e únicas. Mas, quem é o meu ‘próximo’?

Um exemplo é dado por Jesus em Lucas⁴⁸⁴ quando mostra o Samaritano, diferente do sacerdote e do levita, não questionando quem é o ‘próximo’, mas acolhendo, respeitando, e cuidando. Ele vê a necessidade daquele que está diante dele, e a partir da proximidade do ‘outro’ o inclui como o seu ‘próximo’.

Em Mateus na passagem do Juízo Final, Jesus nos diz,

Então dirá o rei aos que estiverem à sua direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai, recebi por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me. Então os justos lhe responderão: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos forasteiro e te recolhemos ou nu e te vestimos. Quando foi que te vimos doente ou preso e fomos te ver? Ao que lhes responderá o rei: Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes.’⁴⁸⁵

Os parâmetros dados por Jesus em relação à escatologia, não foram prescrições ritualísticas, nem morais de cunho sexual, mas ações morais que diziam respeito ao ‘outro’, ligado às necessidades individuais do estrangeiro, do pobre, do doente, de cada um que é o ‘próximo’, perto ou distante.

Tanto o pensamento levinasiano como o cristianismo, trazem como modelo de ‘outro’, de ‘próximo’, os modelos bíblicos do pobre, do órfão, da viúva e do estrangeiro. Eles representam todos os outros marginalizados, e excluídos, todos aqueles que se encontram impossibilitados de satisfazer suas necessidades, de ter os seus direitos protegidos, como era o caso do Samaritano, e de todos os citados por Jesus.

Embora Lévinas diga que o cristianismo não é viável do ponto de vista teológico e tampouco necessário do ponto de vista antropológico, é no ‘Servo Sofredor’ em que ele elaborou sua antropologia, que a sensibilidade cristã reconhece a sua identidade.

Lévinas nos traz o Servo Sofredor como o ‘humano’ insubstituível que é perseguido pelo ‘outro’. Nos profundos aspectos de ‘expiação’ e ‘substituição’ é o sujeito responsável que apóia e suporta tudo, carregando em si o sofrimento de

⁴⁸⁴ BÍBLIA, Lc,10, 29-37.

⁴⁸⁵ IDEM. Ibidem. Mt 25, 34-40.

todos, chegando à aniquilação total. Para Lévinas, carregar o sofrimento do mundo sem que o ‘outro’ também sofra, é parte da subjetividade, e por isso, para ele, cada um de nós é um Messias.

Foi na figura do Servo Sofredor de Isaías, e em alguns cânticos do Servo de Javé que a comunidade primitiva encontrou as respostas para as perguntas que faziam sobre Jesus. Inicialmente, o povo dizia que Jesus havia sido castigado por Deus, mas os seguidores de Jesus tiveram uma percepção que subverteu a compreensão, pois “seu sofrimento e sua morte foram vicários”.⁴⁸⁶

Deus colocou seu Espírito sobre ele e lhe abriu os ouvidos, para ouvir sua palavra para os exilados cansados e alquebrados. Mas com sua mensagem, ele encontra rejeição e hostilidade, é injuriado, ferido, desfigurado, e por fim – embora não seja culpado, nem violento, nem enganador – é morto e enterrado como um criminoso comum [...] Ele carregou nossa enfermidade; foi traspassado por causa de nossos pecados; por suas feridas fomos curados.⁴⁸⁷

Essa ideia de Messias está ligada à esperança de um mundo renovado por Deus, um mundo de justiça e paz, íntegro e redimido. O Messias é aquele que inaugura este novo tempo, o Reino de Deus entre os homens. Por isso trata-se de uma ideia e esperança profundamente revolucionárias, pois fez a humanidade dar um verdadeiro salto qualificativo. Por isso, “foi o fundamento de muitos movimentos libertários na história ocidental. Nunca mais o mundo foi o mesmo depois que surgiu a fé no Messias.”⁴⁸⁸

A figura do Servo sofredor faz parte do ideal cristão do ‘justo que sofre por todos. Dentro desse ideal, além das interpretações dogmáticas, existe uma específica para a América Latina⁴⁸⁹ feita por Dom Oscar Romero e Ignacio Ellacuría⁴⁹⁰ cuja releitura de Jon Sobrino⁴⁹¹ identifica ‘o servo sofredor de Javé com o povo sofredor’. Jon Sobrino nos traz uma profunda reflexão sobre esta

⁴⁸⁶ KESSLER, Hans. D. Cristologia. In: SCHNEIDER, Theodor (Org). *Manual de dogmática*. Vol I, Petrópolis: Vozes, 2002, p. 233.

⁴⁸⁷ IDEM. Ibidem. In: IDEM. Ibidem, Is 42,1;50, 4 ; 42,3 ; 49, 2 ; 42, 4a ;49, 4;50, 5s ;53,14; 53, 2b.3; 53, 8s; 53, 4a.5.

⁴⁸⁸ BINGEMER, M. Clara L. *O messianismo cristão: um segredo ainda não totalmente revelado*. Disponível em site: http://wwwusers.rdc.puc-rio.br/agape/vida_academica/artigos_cris.htm. Acessado em 20/01/2011.

⁴⁸⁹ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 368

⁴⁹⁰ Na época Oscar Romero era Monsenhor. Don Romero, bispo de El Salvador foi assassinado em 24/03/1980. Mais tarde foi a vez do Pe. Ignacio Ellacuría e mais 5 pessoas, também serem assassinadas pelo esquadrão da morte apoiado pelo exército de El Salvador. Cf. BARROS, Marcelo. *O risco de defender a vida*. AMAI-VOS. Disponível em site: http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=17440&cod_canal=86. Acessado em 20/06/2001.

⁴⁹¹ É padre jesuíta. Autor de diversos livros, entre eles: Jesus, o libertador – A história de Jesus de Nazaré ; A fé em Jesus Cristo; ensaio a partir das vítimas.

passagem de Isaías quando este refere ao “homem de dores habituado ao sofrimento:”⁴⁹²

Essa é a condição normal do povo crucificado: fome, doença, casebres, analfabetismo, frustração por falta de educação e emprego, dor e sofrimento em resumo. E se suas aflições não têm limite em tempos de ‘normalidade’, crescem ainda mais quando, como o servo, por causa disso, eles e outros se decidem a ‘estabelecer a justiça e o direito’. Então recai sobre eles a violência e o veredicto, ‘é réu de morte’. Sobrevêm a perseguição e a morte, e se parecem ainda mais com o servo: ‘tão desfigurado ele estava que já não parecia homem e nem tinha aspecto humano [...] E então, como o servo, causam espanto e asco: ‘muitos se sentiram horrorizados à vista dele’.⁴⁹³

Para Sobrino o povo crucificado participa de forma análoga do mesmo destino do servo. Uns como profetas denunciando e lutando para implantar a justiça, outros pelo testemunho de suas ações, e outros na vivência de uma realidade cruel. Todos cumprindo a missão de ser um ‘servo sofredor’, na qual o servo é morto por estabelecer o direito e a justiça. Para ele, só erradicando toda a injustiça presente será possível tirar os crucificados da história das cruzes atuais.

Como nos diz Nilo Ribeiro Junior⁴⁹⁴,

A cristologia quenótica, na qual a ‘carne se faz verbo’ no corpo de cada ser humano messiânico, é o topo da teologia. É na encarnação de cada um como messias que a palavra de Deus pode ser proclamada com sentido num mundo em que a crise do monoteísmo cristão coloca em xeque o sentido dessa palavra e onde a destruição da linguagem (sujeito da fala) compromete a identidade do ser humano.⁴⁹⁵

Identidade que só pode ser encontrada se cada um seguir os passos de Jesus e se tornar um messias, vivendo sua identidade cristã a partir do ‘Outro’ para o ‘outro’, na vocação fundamental do cristão que é a de ser ‘redentor do outro. Um messianismo que só pode ser vivido no amor. Em um intenso e imensurável amor! No amor incondicional de Deus!

⁴⁹² BÍBLIA, Is 53,3.

⁴⁹³ SOBRINO, *Jesus, o libertador*, p. 368. Passagens bíblicas: Is. 42, 4-7 ; 52,14 ; 53,2.

⁴⁹⁴ Professor na UNICAP em Recife. Autor de artigos sobre Lévinas. Entre eles: *Ética e alteridade: a educação como sabedoria da paz; O centenário do nascimento de Emmanuel Lévinas*, etc.

⁴⁹⁵ JUNIOR, Nilo Ribeiro SJ. *O centenário do nascimento de Emmanuel Lévinas*. *Perspectiva Teológica* 38, n. 106, 2006, p. 391 Disponível em site: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/25>. Acessada em 01/01/2011.

4.5.2

O amor incondicional na ética da alteridade.

Para Lévinas o rosto significa o Infinito. Como ele próprio afirma, “Não tenho receio da palavra Deus, que aparece muitas vezes nos meus ensaios. O Infinito vem-me a ideia na significância do rosto. [...] Isto é, no fato de que quanto mais justo eu for, mais responsável sou; nunca nos livramos de outrem”.⁴⁹⁶

De acordo com este filósofo, Deus é invisível. Trata-se de um Deus não tematizável no pensamento, mas não indiferente. É o Infinito que antes do ‘ser’ se tornar ‘ser’, escolheu-o, e depois se retirou, mas marcando o ser originalmente de tal forma que a convocação acompanhará o ‘ser’ por toda a sua vida, incomodando-o, deixando-o inquieto. Entretanto, esta convocação só será descoberta quando diante do ‘Outro’, que é vestígio do Infinito, o ser despertar para o outro, abrindo sua subjetividade ao outro, deixando o mundo do ser para ser regido pelo reino do Bem.

Este Deus invisível, que pela sua Bondade, e desejo de aprofundar a bondade do ser humano, visando o que a pessoa poderá fazer, envia o ‘outro’, ‘o pobre, o órfão, a viúva, e o estrangeiro’. Estes, por se encontrarem fora e acima da história realizam um julgamento constante com cada ser, indicando no dia a dia, o direcionamento a seguir.

Ser julgado assim não consiste em ouvir um veredicto, que se enuncia impessoal e implacavelmente a partir de princípios universais. [...] o julgamento em que a defesa se faz ouvir deveria confirmar na verdade a singularidade da vontade que ele julga. [...] A exaltação da singularidade no juízo produz-se precisamente na responsabilidade infinita da vontade que o julgamento suscita.⁴⁹⁷

Para Lévinas, amor é responsabilidade, é se doar, imolar, expiar e substituir. É messianismo. Chega-se ao Bem através do ‘outro’, mas para se chegar ao ‘outro’ precisa-se do Bem.

Para o Cristão "Deus é amor".⁴⁹⁸ Mas, qual é a dimensão desse amor de Deus? Qual a importância deste amor para o cristão? Em que esse amor poderá influenciar nas atitudes, nas ações, na vida de um cristão?

De acordo com a interpretação cristã, a Sagrada Escritura narra a ‘história do amor’ de Deus pelos homens. Um processo de amor que vai se clarificando a

⁴⁹⁶ LÉVINAS, *Ética e Infinito*, p. 88.

⁴⁹⁷ IDEM, *Totalidade e Infinito*, p. 243.

⁴⁹⁸ BÍBLIA, 1Jo 4,8.

partir da revelação do próprio Deus. Começa na criação do mundo e tem seu clímax com a vinda de seu filho, que se esvazia dos privilégios de sua divindade para se tornar humano, e por seu imenso amor dá a vida pelo ser humano. “Ele estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem, abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz”.⁴⁹⁹

De acordo com a teologia da criação, o primeiro livro da Bíblia nos revela que a causa de toda a criação é a ‘bondade’ de Deus. “Deus viu que a luz era boa. [...]”⁵⁰⁰ e criou inúmeros elementos. O último foi aquele que Deus criou à sua imagem e semelhança. “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança. [...] Homem e mulher ele os criou”.⁵⁰¹

Tudo que Deus criou é bom: a natureza, os animais, o ser humano, etc. No topo da criação está o ser humano. Criou o homem e a mulher para serem seus cocriadores, multiplicarem-se e administrarem o mundo. Ambos foram criados à imagem e semelhança deste Deus relacional que criou o ser humano relacional, aberto ao outro, capaz de cuidar, zelar, amar. O primeiro ato salvífico de Deus foi a criação, e esta foi feita pelo ‘infinito amor’ que Deus nutre por seus filhos. Deus cria e salva imediatamente.

Um amor tão intenso que a Bíblia, do Antigo Testamento ao Novo Testamento dá testemunho e faz dele o fio condutor de seu texto. Mas, o “coração da fé Cristã” é cristocêntrico. Deus cria o ser humano para salvar, e esta salvação se dá pelo amor de Deus e se manifesta de modo concreto na pessoa de Jesus. Por este motivo, podemos dizer, que a “subjetividade cristã” na relação com toda alteridade, e é a subjetividade do “seguidor” de Jesus como discípulo e apóstolo, a condição “messiânica” do “cristão”.

“Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.⁵⁰² É desse amor incondicional, misericordioso, cheio de compaixão que nos fala a parábola do Filho pródigo, onde o amor do Pai é tão grande que recebeu o filho que estava

⁴⁹⁹ BÍBLIA, Fl 2,

⁵⁰⁰ IDEM. Ibidem, Gn 1,4.

⁵⁰¹ IDEM. Ibidem, Gn 1,26; 27.

⁵⁰² IDEM. Ibidem, Jo 3, 16.

perdido sem recriminações, sem condições. Sua alegria era tanta que não esperou que este fosse até ele, e correu em sua direção. “Ele estava ainda longe, quando seu pai viu-o, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos”.⁵⁰³

Este mesmo ‘amor misericordioso’ nós encontramos tanto na parábola da ‘ovelha perdida’ como na da ‘dracma perdida’: “Eu vos digo que do mesmo modo haverá mais alegria no céu por um só pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento”.⁵⁰⁴ Trata-se de um Deus cuja lógica difere da nossa, pois é baseada no seu intenso amor, como ainda nos mostra as parábolas dos ‘dois servidores’, dos ‘trabalhadores da undécima hora’, e do ‘fariseu e do publicano’.⁵⁰⁵ “É um Deus que não avalia o homem pelo que ele realiza no campo religioso ou moral, mas um Deus que aceita o homem como é, que o ama e perdoa sem impor condições”.⁵⁰⁶

O próprio Jesus no evangelho de Lucas, quando nos apresenta o reino de Deus afirma que este é um reino cujo domínio não é o do juízo, mas do ‘amor’, onde prevalece o ‘perdão e a misericórdia’. “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso. Não julgueis para não serdes julgados; não condeneis, para não serdes condenados; perdoai e vos será perdoado. [...] pois com a medida com que medirdes sereis medidos também.”⁵⁰⁷

De acordo com França Miranda⁵⁰⁸, o Novo testamento nos apresenta a soberania de Deus não mais baseada em leis para serem obedecidas. O reino surge de uma realidade voltada para o ser humano e as bem-aventuranças nos trazem uma nova imagem de Deus. “Um Deus que ama os homens sem impor condições, um Deus que é Pai, com predileção pelos mais necessitados, sempre aberto aos pecadores”.⁵⁰⁹

Como vimos no primeiro capítulo, Xavier Pikasa mostra Jesus curando o amante do centurião.⁵¹⁰ Jesus não se colocou como moralista, não exigiu que o

⁵⁰³ BÍBLIA, Lc 15, 20.

⁵⁰⁴ IDEM. Ibidem, Lc 15, 7.

⁵⁰⁵ IDEM. Ibidem,, Lc, 7, 41-43 ; Mt 20,1-15; Lc 18, 9-14.

⁵⁰⁶ MIRANDA, Mario França. *Libertados para a práxis da justiça*. A teologia da Graça no atual contexto Latino-Americano. São Paulo: Edições Loyola, 1991, p. 28.

⁵⁰⁷ BÍBLIA, Lc 6, 36-38.

⁵⁰⁸ França Miranda é padre jesuíta, professor do departamento de teologia da PUC-Rio. Autor de *Salvação de Jesus Cristo; Existência cristã hoje; Aparecida: a hora da América Latina*, etc.

⁵⁰⁹ MIRANDA. *Libertados para...*, p. 26

⁵¹⁰ BÍBLIA. Mt, 8,5-13.

centurião rompesse o seu amor, e como disse Pikasa, libertou-os para “que o vivam na fé e no amor do Reino”.⁵¹¹

O Deus cristão é ‘Amor’, e um amor tão intenso, tão verdadeiro, que poderíamos repetir Michael Himes e dizer que Deus é o próprio ‘verbo Amar’.

Não podemos experimentar a Deus se não amamos nossos irmãos, e não podemos amar nossos irmãos se não experimentarmos a Deus. [...] Deus é muito mais um verbo do que um substantivo, e é muito mais o verbo amar do que alguém que ama. [...] De certo modo, a demonstração cristã da existência de Deus pode ser resumida na seguinte frase: “Eu amo você, logo Deus existe”.⁵¹²

O Deus cristão é um Deus que chora e ri com as tristezas e alegrias do ser humano, um Deus como o qual o povo se identifica na dor, na crucificação e a quem entrega a sua luta pela justiça. Um Deus que a Bíblia nos diz que a preferência foi o pobre, a viúva, o órfão e o estrangeiro. Os excluídos da sociedade, e no qual “concretiza uma dimensão da salvação e exprime a esperança de libertação dos pobres”.⁵¹³

Jesus não revogou nenhum dos mandamentos escritos por Moisés, mas o evangelho de Marcos nos diz que deixou dois mandamentos e reconheceu no escriba que demonstrou entender a profundidade deste amor, que ele não estava longe do reino de Deus.

O primeiro é: Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor, e amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma, de todo teu entendimento, e com toda a tua força. O segundo é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não existe outro mandamento maior do que este.⁵¹⁴

Na fé cristã o ‘amor passa pelo irmão’, e ao se referir ao amor Jesus não colocou regras morais ou rituais. Para ele, o importante é ‘amar concretamente’. Quem ama como o Pai ama ao ser humano vê as necessidades do seu irmão para procurar saná-las. Não pode ver o seu irmão passar fome, ser discriminado, ficar calado diante da injustiça. Quem ama não discrimina, não persegue, não mata. Quem ama trabalha em prol do seu irmão, luta pela justiça. Paulo afirma: “Em Cristo Jesus, nem a circuncisão tem valor, nem a incircuncisão, mas apenas a fé

⁵¹¹ PIKASA, Xavier. *Jesus cura o amante do centurião*. Disponível em site: <http://www.diversidadecidarelipucricio.com.br/?cat=11>. Acessado em 22/02/2011.

⁵¹² HIMES, Michael J. *Praticar a verdade no amor*. Conversas sobre Deus, relacionamentos e serviço ao próximo. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

⁵¹³ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Ed.Vozes, 2000, p. 217.

⁵¹⁴ BÍBLIA, Mc 12, 29-31

agindo pela caridade”.⁵¹⁵ A norma moral que irá determinar o comportamento de cada cristão deverá ser o ‘amor maior’; a ‘caridade’.⁵¹⁶

E em João temos a dimensão do amor que Deus tem por nós e deseja que tenhamos por nosso irmão. “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”.⁵¹⁷

A dimensão que deve ter o ‘amor’ pelo nosso ‘irmão’, o nosso ‘próximo’, ou o ‘outro’ é o amor ‘incondicional’ de Deus. O amor que dá a vida pelos amigos e também pelos seus inimigos, pois Jesus nos manda amar até mesmo os nossos inimigos. “Por aqueles que conhece e que não conhece. Pelos justos e pecadores, porque o sol nasce igualmente para todos. E foi por todos que Jesus deu a sua vida”.⁵¹⁸

Um Deus amor que comia com os pecadores. Fez da mesa lugar da partilha e sagrado, a antecipação do grande banquete escatológico onde todos participarão. Jesus jamais exclui alguém. Nem ricos, pobres, pecadores, e tampouco aquele que o traiu. Um Deus-Agape que se tornou homem-servidor e deixa como legado de seus discípulos o ‘serviço’ ao outro. Como ele fez em sua vida.

Durante a ceia [...] depõe o manto e, tomando uma toalha, cinge-se com ela. Depois põe água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido. [...] ‘Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais de Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. Se, portanto, eu, o Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu fiz, também vós o façais.’⁵¹⁹

Segundo Rubio A. Garcia este “é um Deus solidário com o sofrimento de cada ser humano, um Deus que assume o sofrimento e a morte de Jesus, e, inseparavelmente, o sofrimento e a morte de todos os seres humanos”⁵²⁰

Um Deus que em Tiago nos diz, “com efeito, a religião pura e sem mácula diante de Deus, nosso Pai, consiste nisto: visitar os órfãos e as viúvas em suas tribulações e guardar-se livre da corrupção do mundo”.⁵²¹

⁵¹⁵ BÍBLIA, Gl 5, 6.

⁵¹⁶ IDEM. Ibidem, 1Cor 13, 1-13.

⁵¹⁷ IDEM. Ibidem, Jo 15,12 -13.

⁵¹⁸ IDEM. Ibidem, Mt 26, 26-29.

⁵¹⁹ IDEM. Ibidem, Jo 13, 2-15.

⁵²⁰ RUBBIO, Alfonso Garcia. *O encontro com Jesus Cristo Vivo*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 93.

⁵²¹ BÍBLIA, Tg 1, 27.

Diante desse amor tão grandioso, qual deve ser a base das reflexões e ações de um cristão em sua vida? Alguém que foi escolhido antes de ser, e gratuitamente recebeu a graça de Deus? Alguém que deseja seguir os passos de Jesus Cristo como discípulo e missionário?

Seguir Jesus é seguir o Amor. É praticar aquilo que Lévinas chama de ‘responsabilidade e Justiça’, mas que para o cristão é ‘perdão e libertação’. Seguir Jesus é fazer do amor incondicional de Deus a base para se viver a ‘ética da alteridade’.

4.6.

Em busca de respostas para a tríade da atualidade

Para finalizar este capítulo, vamos procurar responder as últimas perguntas feitas no início desta dissertação: Do que se trata esta ética, ‘como’ realizaremos este projeto de humanismo, no qual incluiremos ‘a mulher, @ negr@ e @ homossexual’. E que tipo de evangelização poderá ser feita para que o cristão possa ser um agente de transformação da sociedade?

Como vimos, ‘ética’ para Lévinas não são normas morais. Ética é um processo de ‘inversão’ ou ‘conversão’ do ‘eu’, no qual o ser humano diante do ‘Outro’ que é vestígio do Infinito, é capaz de sair do seu enorme egoísmo, e despertar para o ‘outro’. A ética leva o ser a abrir-se para o seu próximo, e descobrir-se eleito por Deus. Uma eleição capaz de tornar o ‘ser’ possuidor de uma responsabilidade assimétrica, e desmedida pelo ‘outro’. A ética torna o ser capaz da expiação e substituição pelo ‘outro’, assumindo o papel de Messias, num humanismo centrado no ‘outro’. O próximo é o ‘outro’, ao qual estou inapelavelmente chamado à aproximação, independente de se encontrar perto ou distante. São todos os representados pela quatriade bíblica, os discriminados, e como já citamos: a mulher, o negro e o homossexual, que por não se enquadrarem no modelo de ser humano universal criado pela sociedade ocidental ficam à margem, sem poder gozar dos mesmos direitos da grande maioria.

Pela diferença marcante e a impossibilidade de reduzir ‘o outro a si mesmo’, o ‘ser’ que se encontra dentro desses padrões se choca, fica constrangido, inquieto, e a consciência moral questiona. Pode então sentir vergonha de seus atos discriminatórios, e ter o desejo de se abrir ao ‘outro’, passando a ser ‘razão da razão’ e a ‘vontade’ levando-o a enxergar o ‘Outro’ que está atrás de um ‘Olhar’

que invoca e suplica por uma resposta, dando início a transformação ética de abertura ao ‘outro’ e a ‘todos’.

Se tivermos o ‘amor incondicional de Deus’ que Jesus viveu em comunhão com o Pai como base para a ética levinasiana, seguindo a sua pedagogia, poderemos aos poucos modificar esta sociedade. Talvez não venhamos eliminar totalmente sua violência, pois sempre existirão pessoas a não se deixarem onde seguiremos o exemplo de Jesus envolver pelo Olhar do outro, pela singularidade. Mas poderemos desenvolver um projeto voltado para a ‘ética da alteridade’, na qual, viveremos a disponibilidade ao outro, experienciando o ‘amor incondicional de Deus’. Um projeto que deverá incluir educação, cultura, evangelização e envolver todas as mediações da sociedade, objetivando a justiça, e a não violência, buscando uma sociedade centrada no humanismo do ‘outro’, vivendo a ética da alteridade.

Este projeto educacional-experiencial-transdisciplinar atingirá a área social, educacional, e cultural unido a uma evangelização que objetive viver como premissa máxima o mandamento deixado por Jesus: ‘Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo’, ou como diz Lévinas, “... o outro que é tu mesmo”, significando que a dimensão humana do teu ‘eu’ só ganha lugar por e neste amor pelo ‘outro’.⁵²²

Como nossa dissertação encontra-se na área teológica, nossa sugestão estará voltada para a evangelização.

Para se atingir o objetivo aqui proposto, poder-se-á nas igrejas cristãs levar seus membros: 1. Por meio de pequenos grupos ler, refletir, procurando experienciar a Palavra de Deus. 2. Uma experiência que parta do Amor incondicional de Deus procurando ver à ‘singularidade’ de seus membros, e levando cada participante sentir-se responsável por aquele que está a sua frente. 3. Ao vivenciar este Amor incondicional, perceber a importância de não se fugir à responsabilidade do irmão, como fez Caim, mas, ao contrário, sentir a responsabilidade pelo próximo, como fez o Samaritano. Responsabilidade proveniente do amor de Deus que o escolheu, e lhe deu a graça de poder participar do reino de Deus.

⁵²² BONAMIGO, Gilmar Francisco. *Autonomia e heteronomia na moral*. Síntese, B. Horizonte: DFIL/UFES, v.33, n 107, 2006, p.349.

Um projeto que siga a ‘pedagogia de Jesus’, cuja característica era o contato, a experiência pessoal no dia a dia, onde Jesus verificava através do face a face, do olhar daquele que estava a sua frente, qual a sua real necessidade, vendo este ‘outro’ como um ‘ser humano’, ultrapassando a sua condição de ‘pecador’.⁵²³ Dessa forma, com o seu amor incondicional, Jesus acolhia e incluía. Uma pedagogia que constava de afeto, de compaixão e amor, que pode ser denominada de ‘pedagogia da inclusão’.⁵²⁴

Um projeto, então, que propicie uma vivência comunitária que leve cada um a conhecer o ‘outro’, o diferente: seja negro, branco, mulher, homem, idoso, jovem, homossexual, heterossexual, deficiente, especial, gordo, pobre, cristão de outra denominação, judeu, budista, etc, de modo a conviverem, trocarem experiências de vida, e se mostrarem, de tal forma que o ‘outro’ possa ser visto além do preconceito e dos rótulos que lhe colocaram. Dentro dessa experiência, trabalhar o grupo para que perceba que Cristo nos ama exatamente como somos, e nós também precisamos respeitar, aceitar e amar o absolutamente ‘outro’.

Proporcionar experiências que levem as pessoas perceberem que fazemos parte de um corpo, o corpo de Cristo, no qual cada membro tem a sua importância e função. Se um faltar, todos sofrerão as conseqüências.

Estruturar um trabalho que possa ser vivido nas igrejas locais e comunidades, constantemente, sem interrupção. Uma evangelização que atinja cada pastoral ou ministério, afim de que com o tempo essa forma de agir seja rotineira e não a exceção, e tenhamos uma igreja cristã sem divisões sexistas, sem distinções, preocupada com o próximo, com o Amor responsável pelo ‘outro’ e por todos, onde o ser humano possa viver sua vocação transcendental.

Uma evangelização cujo ‘discurso’, voltado para o pequeno e o grande público, mostre sempre a responsabilidade, a assimetria, a expiação e a substituição de cada fiel pelo ‘outro’ e ‘terceiro’, sempre próximos, perto ou longe, pois cada um, é membro da família universal. Um trabalho que utilize o profeta e o ‘Subjectum’ na busca constante da justiça, do respeito, da inclusão, do amor. Um cristianismo onde ‘discurso’ e ‘ação’ sejam harmoniosos, baseados no ‘Outro’ para o ‘outro’, ou seja, no AMOR INCONDICIONAL DE DEUS.

⁵²³ PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus*. O mestre por excelência. Rio de Janeiro: JUERP, 1980, p.33. Disponível em site: <http://pt.scribd.com/doc/2366253/A-Pedagogia-de-Jesus-J-M-Price>. Acessado em 10/14/ 2011.

⁵²⁴ MAZZAROLO, Isidoro. *Jesus e física quântica*. Rio: Ed. PUC-RIO, 2011, p. 24.

4.7.

Resumo do capítulo

Nossa proposta neste capítulo foi trazer o conhecimento sobre o reino do Bem, e sabermos como ocorre ‘a reconstrução da identidade do eu’ como ‘ética’. Para isso, inicialmente vimos que a ética levinasiana é ‘metafísica’, e está ligada a transcendência. Por este motivo, a ética pode ir além do ‘ser’ e como tal transformar um ser, cuja subjetividade é fechada, em um ser humano capaz de assumir uma responsabilidade irrestrita pelo ‘outro’, aproximando-se do que o cristão chama de conversão, e amor incondicional pelo próximo.

Depois, percorremos todo o processo de conversão. Começamos pelo ‘ser para o outro’, onde através do face a face do ‘outro’ ocorre a inversão. A subjetividade fechada voltada ‘para si’, diante do Outro, do Infinito invisível, transforma-se em ‘para o outro’, com o ser humano passando a ser regido pelo reino do Bem. Nessa explosão causada pelo ‘Outro’, que Lévinas diz não ser etapa, - mas uma revolução que acontece no ser, - a subjetividade desperta para o modo ‘um para o outro’.

Nesse modo, o ser humano descobre ter sido eleito e assignado pelo Infinito antes de ter se tornado ‘ser’. Isto lhe proporciona uma responsabilidade assimétrica que aumenta cada dia em relação ao ‘outro. Uma responsabilidade que o leva a viver ligado não mais à sincronia do tempo, mas à diacronia. Dessa forma, ele experiencia a dimensão da fraternidade nas obras da paciência, ‘expição e substituição’, tornando-se ‘servo sofredor’, um Subjectum universal, vivendo por todos e para todos.

Como ‘Subjectum’ dá testemunho de suas ações e como profeta clama pela justiça, buscando a justiça para o ‘outro’ e o ‘terceiro’. Sente ser parte da grande família universal, onde cada pessoa é extremamente importante. E por ser parte desta família é preciso não só perdoar, mas fazer justiça, eliminando o mal que se faz ao ‘terceiro’.

A partir daí o ‘Subjectum’ transforma cada ser humano, inclusive a si próprio, e aqueles que fazem a mediação da sociedade. Procura realizar uma revolução constante através de medidas de justiça que partam da ‘singularidade para a universalidade’, a fim de que seja possível se viver a ‘paz’ na ‘pluralidade’ e o respeito pela singularidade de cada pessoa. Desse modo, podendo-se ter uma

sociedade em que as diferenças sejam respeitadas e não eliminadas, onde todos possam ter seus direitos resguardados. E a violência causada pelo profundo egoísmo do ser humano devido a sua subjetividade fechada, venha a dar lugar a um ser humano responsável pelo ‘outro’, podendo-se viver um humanismo voltado para o ‘outro’, o messianismo do ‘outro’.

Lévinas e cristianismo possuem forte proximidade. E até mesmo nas diferenças, como a sua não aceitação do perdão do cristianismo, e a existência de um deus messiânico, proximidades podem ser encontradas. O perdão cristão é incondicional, e quem vive o amor incondicional sente a necessidade de fazer justiça, como nos mostra a passagem sobre Zaqueu⁵²⁵, no Novo Testamento. Em relação a cada cristão ser um Messias, o modelo do ser humano cristão é Jesus Cristo, e este amou tanto a humanidade que viveu o sacrifício expiatório como Servo sofredor, dando a sua vida por todos. É a ele que o cristão deve seguir, na sua singularidade, e messianidade.

Na grandeza do amor incondicional do Deus cristão, a nosso ver está a base para o cristão viver a ética de Lévinas, e resgatar o cristianismo vivido pelas primeiras comunidades no Novo testamento. O mesmo cristianismo proclamado pelo Concílio Vaticano II e no documento de Aparecida, quando a Igreja convoca “todos os seus membros discípulos e missionários de Cristo, Caminho, Verdade e Vida, para que todos os povos tenham vida nEle”.⁵²⁶ Para podermos ter a inclusão de todos na grande família universal cristã, sugerimos uma evangelização-educativa-experiencial constante através da qual nas diversas paróquias grupos formados por mulheres, homens, negros, brancos, índios, homossexuais, heterossexuais, etc... se encontrem procurando conhecer e experienciar o amor incondicional através da ética da alteridade.

Para Lévinas ‘Amor’ é responsabilidade total, e assimetria em relação ao ‘Outro’. É ‘dar-se totalmente ao Outro’, é ser ‘Servo’, Expição, Substituição, Subjectum e Profeta.

Para o cristão ‘Amor’ é Serviço, Misericórdia, Libertação, Fraternidade, Expição, Substituição, Messianismo. É o próprio Verbo Amar, Caridade, Incondicionalidade.

⁵²⁵ BÍBLIA, Lc 19, 1-9.

⁵²⁶ DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília/São Paulo: CNBB, Paulus e Paulinas, 2007, p.9.

Apesar do uso de palavras diferentes, o amor para Lévinas e o amor cristão caminham juntos, na mesma direção. Dessa forma, acreditamos que a ‘chave’ para transformarmos a sociedade em uma sociedade inclusiva está em deixarmos que Deus nos ame incondicionalmente, e encontrar nesse amor, a força para nos abrir ao outro, e amá-lo como ele é, com suas diferenças e características pessoais, vivendo enfim, a ‘ética da alteridade’.

5 Conclusão

Escolhemos para nossa ‘dissertação de mestrado em teologia’ analisar profundamente dois importantes fatores geradores de violência: ‘o preconceito e a discriminação’ na sociedade ocidental. Nossa intenção foi refletir sobre estes fatores, a sua relação com ‘a religião cristã e o estado’, e o que vem ocasionando no ser humano e na sociedade ocidental a vivência desses fatores que causam tanto sofrimento, pois levam a exclusão. A partir daí então, procuramos pensar, como será possível, baseado no ‘amor incondicional de Deus’ através da ‘ética levinasiana’, humanizar o ‘ser’ de modo que venhamos ter um ser humano voltado para o ‘outro’ e o ‘terceiro’, e como uma grande família universal, possamos ter a sociedade ocidental vivendo a ‘ética da alteridade’, na qual todos estarão incluídos.

Iniciamos nosso trabalho mostrando que a ‘violência’ existe desde o início da existência do ser humano, sendo considerada como consequência da condição humana, e elemento importante para a conservação da espécie humana. Das diversas posições que trouxemos em nosso trabalho, concluímos que ao longo do tempo algumas ‘formas’ de violência diminuíram; entretanto outras foram descobertas e até refinadas através do uso de alta tecnologia. Segundo especialistas, a violência vem crescendo na contemporaneidade tanto nas relações macro, como nas micro, e o fator preocupante é que relações violentas tendem a gerar pessoas desequilibradas e violentas que viverão seus relacionamentos também com violência, num crescer de violência sem fim.

Em vista dessa premissa, procuramos verificar as possíveis causas do aumento da violência na sociedade contemporânea, e destacamos: a velocidade com que as mudanças estão acontecendo na atualidade, não deixando parâmetros fixos a seguir; o afastamento das instituições religiosas tradicionais que traziam valores morais rígidos, surgindo o questionamento desses valores e a procura por novas formas de religiosidade, e finalmente a perda dos freios institucionais que se colocavam contrários à expansão da singularidade, o que possibilitou o extravasamento dos desejos subjetivos. Não há mais modelos prescritos pelas instituições sociais, ou normas impostas sem que haja anteriormente discussão, o que tem levado a quebra de valores e de verdades que até então eram

incontestáveis, obrigando o indivíduo a escolher e decidir por si mesmo. Houve uma mudança estrutural nas sociedades que levou à fragmentação das visões culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que estruturaram as sociedades por séculos. Isso acabou deslocando e descentrando as pessoas do lugar que tinham no mundo social, cultural, religioso, e em relação a si mesmas, provocando a dúvida e a incerteza, além do surgimento de novas identidades.

As pesquisas mostram que se está vivendo um momento de transição inevitável do qual não haverá retorno e que faz parte do processo evolutivo da sociedade. Acreditamos, entretanto, que essa modificação seja natural e possa ser benéfica ao trazer a possibilidade de rever e descobrir novos conceitos e ações nos diversos campos, - científico, cultural, político, econômico, e religioso -, provocando transformações que levem o ser humano a uma forma diferente de viver.

Em nosso trabalho, ao analisarmos a ‘história da humanidade’, vimos que junto com a violência estão sempre presentes ‘o preconceito e a discriminação’. O preconceito é a forma negativa como um determinado grupo é visto, sendo considerado inferior ao ser comparado com o ‘ideal padrão’ daquele que julga. A discriminação é a manifestação ou um comportamento, induzido pelo preconceito, que prejudica certa pessoa ou grupos de pessoas. A violência existente neste ato pode ser sutil ou chegar à violência física e até a morte.

Nesta dissertação procuramos mostrar que o ‘ideal padrão’, de modo geral é dado pelo padrão sócio-cultural e religioso em que @ interlocutor@ está inserid@, e é ele que serve de parâmetro para classificar os grupos que serão incluídos e os excluídos. Quanto mais próximas as características das pessoas de um grupo se aproximarem do ‘padrão ideal’, mais lhes serão reconhecidos os seus direitos, e mais humanos serão considerados. Normalmente, este ‘padrão ideal’ está ligado à ‘construção social e histórica das relações de poder’, e das ‘relações materiais de produção’ que são estabelecidas nos períodos históricos, determinando os grupos que social e economicamente estão incluídos ou excluídos da sociedade.

O que caracteriza uma sociedade é a cultura na qual está envolvida, e a cultura ocidental foi concebida pelos padrões do cristianismo. Embora hoje, na

maior parte dos países ocidentais não haja mais a aliança ‘estado-religião’ e as pessoas vivam em meio a uma pluralidade de religiões e valores, no passado não era assim, e cada pessoa, independente, hoje, de ser cristã, possui no seu inconsciente as marcas do tempo em que havia hegemonia cristã no pensamento religioso.

Por séculos, na sociedade ocidental, ‘estado e religião cristã’ caminharam juntos, pois em quase todos os países havia uma igreja cristã como religião oficial. A mais poderosa e abrangente foi a Igreja católica, mas as Igrejas: ortodoxa, anglicana, calvinista, luterana, entre outras, também se tornaram religiões oficiais em diversos países. E por ser religião oficial, o cristianismo participou e protagonizou importantes decisões, com os discursos religiosos orientando e guiando seus fiéis de acordo com os interesses tanto do estado como da religião. Essa constatação nos mostra que, nas decisões do ‘estado’ onde o ‘preconceito’ esteve presente, o ‘discurso religioso’ também se apresentava, apoiando, e legitimando as ações discriminatórias.

Por razões variadas, diversos grupos sofreram e sofrem com o preconceito e discriminação, mas três grupos, embora tenham diferenças entre si, possuem alguns aspectos comuns que acreditamos importante ressaltar: 1. os grupos foram e são considerados diferentes e inferiores ao padrão ideal construído culturalmente na sociedade ocidental; 2. a justificativa para o preconceito e para as ações discriminatórias aos grupos era e ainda é feita baseada na Bíblia e na moral religiosa, chegando ao povo através, principalmente, do discurso religioso.

O ‘padrão ideal’ ao qual nos referimos é: ‘homem, branco, cristão, forte, heterossexual, viril, provedor, e esteticamente perfeito’. A pessoa ou grupos de pessoas que fogem a este padrão, ainda hoje, provocam preconceito e ações discriminatórias que têm se colocado, entre outras tantas coisas, como obstáculo à obtenção de seus direitos e emancipação. São eles: ‘a mulher, @ negr@ e @ homossexual’.

Como mostramos no primeiro capítulo, a mulher tem sido ao longo da história vítima de violência. O judaísmo não lhe reconhecia direitos, e no cristianismo, apesar da revolução empreendida por Jesus, da importância que lhe deu, valorizando, respeitando, levando-a a participar do grupo dos apóstolos, fazendo-a discípula, além de assumir liderança em muitas comunidades, ao longo

do tempo à igreja cristã tornou-a invisível. Já foi chamada de sexo frágil, inferior, pecadora, traiçoeira, procriadora, doméstica, a rainha do lar, entre outros, e na contemporaneidade, quando consegue conquistar o mundo do trabalho, a violência em casa aumenta. A menina, por ficar mais vulnerável pela saída da mãe, muitas vezes é vista como objeto sexual, sendo objeto de pedofilia por pais, avós, padrastos, tios, etc. Muitos maridos continuam a ver suas esposas como seres inferiores, exigindo obediência e submetendo-as a todo tipo de violência, chegando muitas vezes ao assassinato. Nas igrejas cristãs embora na atualidade os discursos valorizem a mulher, e em algumas igrejas ela já assuma o ministério principal, em outras, ainda atua como ajudante, não tem acesso aos postos de comando, e tampouco ao ministério principal.

@ negr@ já foi visto como um animal, sem alma, sofreu humilhações, foi subjugad@, maltratad@, usad@, espancad@ e assassinad@. No Brasil, após a escravidão ficou à margem da sociedade, com o estado não lhe dando oportunidade de crescer igualmente ao branco, tanto na educação como sócio-econômicamente. A política exercida por muito tempo foi a do ‘branqueamento’, cujo projeto visava à extinção d@ negr@. No judaísmo e depois no cristianismo a ‘cor negra’ era associada ao inferno, ao diabólico, à culpa, à imoralidade e à escravidão. Já a ‘cor branca’ expressava o divino e a pureza da verdadeira fé. Transformar “negr@” em “branc@” era um ideal e uma atitude moral e religiosa associada aos processos de conversão.

Hoje, no Brasil existem leis que lhes asseguram os direitos de cidadania iguais @o branc@. Nas igrejas cristãs a ‘teologia negra’ vêm realizando um trabalho de valorização da autoestima e da dignidade cristã d@ negr@, ajudando a resgatar sua cidadania, com as igrejas reconhecendo e pedindo perdão por terem aceito, e incentivado, no passado, a escravidão. Entretanto, ainda são necessárias uma série de ações afirmativas que devem abranger todas as igrejas cristãs como o acesso aos seminários, aos cursos teológicos, ampliação da participação negra em cargos de direção, e de bisp@s, pastor@s, e padres, assim como o fortalecimento de pastorais e ministérios que combatam o racismo.

A realidade é que na sociedade brasileira, @ negr@ ainda se encontra à margem da educação especializada, da riqueza produzida, e embora as ações

discriminatórias a el@s sejam tolhidas pelas leis, ‘o preconceito e a discriminação’ ainda são visíveis na sociedade.

@ homossexual na história da humanidade já foi chamado de frac@, inferior, diferente, abominável, pecador@, inimig@ da igreja e da sociedade, doente, perversid@. Até hoje, apesar d@ homossexual ser reconhecid@ pelas ciências situando-se dentro dos padrões de ‘normalidade’, muitos não aceitam esta posição. Vemos parte dos governos democratas do ocidente procurar, apesar de enfrentar forte oposição, elaborar leis que inibam ações discriminatórias. Mas no Brasil a população LGBT, até o início de maio de 2011, não possuíam 37 dos direitos dados @o cidad@o heterossexual. E mesmo, depois da decisão do Supremo Tribunal Federal que lhes deu diversos direitos que não possuíam, muitos direitos ainda não lhe são reconhecidos, e o Brasil continua sendo o país com o maior número de assassinatos de homossexuais no mundo.

Em grande parte das igrejas cristãs, embora a hermenêutica bíblica tenha avançado, trazendo outras interpretações, @ homossexual continua sendo considerad@ como portador@ de um desvio, e abominável. Em muitas igrejas el@ só é incluíd@ se fizer tratamento para ser ‘curad@’, ou seja, precisa se transformar em heterossexual, e em outras igrejas é aceit@ se viver a castidade. Somente as Igrejas Cristãs Inclusivas, parte da Igreja Anglicana e alguns grupos isolados em diversas denominações cristãs, inclusive na Igreja Católica, têm realizado um trabalho voltado para o respeito e aceitação da homossexualidade, conjugado à vivência da fé cristã.

Como vemos, apesar do Concílio Vaticano II objetivar uma Igreja Católica que volte às fontes evangélicas, da Conferência de Aparecida mostrar a necessidade de seus membros serem ‘discípulos e missionários de Jesus Cristo’, das Campanhas da fraternidade ecumênicas enfocarem a paz, o respeito pela vida, pelo planeta, etc, como também as outras igrejas cristãs em seus documentos valorizarem a paz e o respeito ao ‘outro’, o cristianismo ocidental continua a ter dificuldade de olhar a singularidade do ‘outro’ como Jesus fazia. Não consegue ver as necessidades de cada um, partindo do singular para o universal, como Jesus ensinava aos seus apóstolos. A pedagogia de Jesus não consegue ser seguida.

Mazzarolo nos diz que “na pedagogia de Jesus, a fé, como ato de crer, não está pautada em dogmas, jejuns, oferenda de animais cevados (c. Is, 1, 10-20),

mas no compromisso fundamental com a verdade, com a vida e com a justiça (Jo 1, 9-14)'' ⁵²⁸ Uma pedagogia que constava de gesto simples de afeto, de compaixão e amor, que podem ser denominados 'pedagogia da inclusão'. ⁵²⁹

Apesar de todos os esforços feitos pelos governos e movimentos organizados trabalhando ativamente para a difusão de conhecimentos sobre estes três grupos. E a procura por amenizar o preconceito e as ações discriminatórias, quanto maior o espaço e voz que esses grupos conseguem na sociedade, maior a violência em relação a eles.

Diante desta realidade, levantamos alguns questionamentos que expusemos em nossa introdução. Com o desejo de responder a estas perguntas, procurando encontrar uma maneira de transformar a sociedade ocidental, fomos buscar Emmanuel Lévinas, filósofo, lituânio, que sofreu e viu sofrer como prisioneiro nos campos de oficiais na Segunda Grande Guerra, a 'violência' ocasionada pelo 'preconceito e a discriminação' por ser judeu. Lévinas, através da sua antropologia filosófica, nos ajudou a compreender melhor o ser humano, e seguindo a 'ética' proposta por ele nos proporcionou a possibilidade de chegar à transformação que desejamos.

Como já dissemos anteriormente, não tivemos nesse trabalho, a pretensão de entrar em aspectos da teologia moral, visto que para Lévinas a ética não está ligada a normas morais, mas à metafísica, à transcendência do ser humano através do face a face. Para ele, o 'ser' é fechado em si mesmo, com dificuldade de aceitar a alteridade, aquele que é diferente de si. A única forma do ser humano se transformar, passando a ser voltado para o 'outro', é pela ética. O ser humano, por ser assignado ⁵³⁰ pelo Infinito antes de se tornar 'ser', pela ética pode realizar sua principal vocação, que é a transcendência ao 'Outro'.

Embora Lévinas traga em seu pensamento marcantes diferenças do pensamento cristão, em alguns aspectos a aproximação é muito grande, e acreditamos que a ética levinasiana possa ser relevante para esta dissertação, devido à humanização que propõe em relação ao ser. Como a proposta ética de Lévinas está ligada à vocação transcendental do ser humano, percebemos nas reflexões de Luis Carlos Susin a existência da possibilidade de aprofundar dentro

⁵²⁸ MAZZAROLO, Isidoro. *Jesus e física quântica*. Rio: Ed. PUC-RIO, 2011, p. 35.

⁵²⁹ IDEM. *Ibidem*, p. 24.

⁵³⁰ Marcado originalmente pelo 'Outro'.

da teologia o pensamento de Lévinas. Para isto fizemos um ‘recorte’, pois o tema é muito extenso e complexo, e procuramos resumir a trajetória da subjetividade no mundo do ‘ser’, e como ela se comporta diante da alteridade, de modo a compreendermos o comportamento do ‘ser’ no mundo.

Inicialmente vimos a formação da interioridade do ser, da sensibilidade no nascimento do ‘ser’ à subjetividade. Depois acompanhamos a trajetória do ‘ser’ no mundo com suas inseguranças, medos e necessidade de afeto, e a busca da felicidade, levando o ‘eu’ sempre a voltar a si mesmo. Procuramos mostrar que por trás de toda justificativa pessoal e institucional, das reações de violência sutil ou aberta, devido ao preconceito e discriminação à mulher, @o negr@, @o homossexual, que não se enquadram no padrão antropológico ideal, normatizado pela sociedade, encontra-se o fechamento do ser, a dificuldade de reconhecer a alteridade do ‘outro’, colocando os interesses de poder e as normas sociais, econômicas e religiosas regidas por conceitos universais, acima da singularidade do ser humano. Verificamos então, que só a partir da vivência ética, teremos oportunidade de transformar o ser cheio de preconceito e capaz de atos discriminatórios. Atos que podem chegar à violência física e até a matar para eliminar aquel@ que não consegue tornar em um igual, em um ser voltado para o ‘outro’.

Pela ética, no face a face com o ‘Outro’ totalmente diferente, que colocamos como a tríade bíblica, representando a mulher, @ negr@, e @ homossexual, pelo choque que estes causam, podem produzir uma explosão de consciência. Esta explosão provoca questionamentos capazes de levar a pessoa a sair do viver só ‘para si’ e despertar ‘para o outro’, indo ‘além do ser’, e reconhecendo a alteridade do ‘outro’. O ‘ser’, por ter sido escolhido e marcado originalmente por Deus, antes de se tornar ‘ser’, ao ir além do ‘ser’ vive sua vocação transcendental, assumindo a responsabilidade assimétrica pelo ‘outro’, prosseguindo em seu ‘processo de humanização, guiando-se não mais pelos interesses do ‘reino do ser’, embora nele viva, mas sendo regido pelo ‘reino do Bem’, que podemos dizer se aproximar do que nós cristãos chamamos de ‘reino de Deus’.

Ao deixar-se reger por Deus, a incondicionalidade do seu amor pode ser sentida e vivida através de cada obra da paciência, tornando o ser em um messias, um Subjectum universal que busca a paz, a justiça, procurando resgatar os que

fazem as mediações sociais, econômicas e religiosas. E essas mediações, a partir da escuta da Palavra daquele que está à sua frente, respondem à singularidade e procuram incluir cada pessoa na grande família universal sem restrição de raça, gênero, etnia, orientação sexual, religião, nacionalidade, estética, etc.

Para se vivenciar a ‘ética’ e termos as transformações na sociedade, acreditamos que seja preciso um trabalho ‘educativo-evangelizador’ que traga possibilidades de experienciar o ‘Outro’ totalmente diferente: o pobre, a viúva, o órfão, e o estrangeiro, na figura atual da mulher, d@ negr@, e d@ homossexual. Podendo-se estender @o que tem dificuldades especiais, @o deficiente, @o gord@, @o judeu/ a judia, @o muçulman@. Enfim a tod@s @s discriminad@s, @s excluíd@s, àquel@ que não tem cidadania reconhecida. Dessa forma, através da ‘interpretação da Palavra de Deus à luz do seu amor incondicional’, a ‘ética’ poderá ser vivida, e o ‘ser’ poderá se tornar verdadeiramente ‘humano’. E seguindo os passos de Jesus, amar incondicionalmente, com total responsabilidade e respeito, incluindo cada um e todos os seus irmãos como membros da família universal.

A partir daí então, as pessoas poderão “passar a considerar as outras como diferentes de si mesmas; elas são o *alter*, com suas cargas neurais próprias, com suas manifestações religiosas que as distinguem e também as identificam no seu DNA”.⁵³¹ Afinal, “em Cristo caem todas as diferenças, visto que nele acontece uma recriação do plano original do Pai. Assim, sendo Deus não faz acepção de pessoas”.⁵³² Pois, como disse Paulo: “Já não há judeu nem grego; não há servo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo”.⁵³³

⁵³¹ MAZZAROLO, *Jesus e a física...*, p. 36.

⁵³² IDEM. *Ibidem*, p. 36. Cf. BÍBLIA, Dt 10,17.

⁵³³ BÍBLIA. Gl 3, 28.

6 Referências bibliográficas

6.1. Obras de referência

ALÉM DA NOTÍCIA. *Número de assassinatos no Brasil bate recorde histórico*. Disponível no site: http://www.alemданoticia.com.br/ultimas_noticias.php?Cod_noticia=3871. Acessada em 25/01/2011.

ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo: Teológica/ Ed. Loyola, 2005.

ANTROPOSMODERNO. *Hans-Georg Gadamer*. Biografia. Disponível em site: http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=183. Acessado em 20/05/2010.

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada*. Vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BARROS, Marcelo. *O risco de defender a vida*. AMAI-VOS. Disponível em site: http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=17440&cod_canal=86: Acessado em 20/06/2001.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.

BIDEGAIN, A. Maria. *Participación y protagonismo de las mujeres en la historia del catolicismo latinoamericano*. Buenos Aires: San Benito, Argentina, 2009.

BINGEMER, Maria Clara L. *A identidade crística*. SP: Ed. Loyola, 1998.

_____ (org.); Edson Damasceno... [et al]. *Violência e Religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo*. R.J: Ed. PUC Rio; São Paulo: Ed.Loyola, 2002.

_____. *La mujer: protagonista de la evangelización*. Revista Diakonia. El Salvador, CA. N. 125, 03/2008. Disponível em site: www.uca.edu.ni/diakonia. Acessado em 18/03/2011.

_____. *O Batismo, fonte do ministério cristão*. O caso das Comunidades Eclesiais de base (CEBs) In: Concilium n. 334, 2010.

_____. O rosto feminino de Deus. In: *Jesus e o abraço universal*. IHU on-line. S. Leopoldo: Unisinos. Edição 248, 2007. Entrevista.

Disponível em site: www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1197924111.76word.doc. Acessada em 21/04/2011.

_____. *O messianismo cristão: um segredo ainda não totalmente revelado*. Disponível em site: http://wwwusers.rdc.puc-rio.br/agape/vida_academica/artigos_cris.htm. Acessado em 20/01/2011.

BLOG DO PERDÃO. *Pedir perdão ao povo negro*. Disponível em: <http://perdaopovonegro.blogspot.com/2008/01/pedir-perdo-ao-povo-negro.html>. Acessado em 22/06/2010.

BNET. Disponível em site: http://findarticles.com/p/articles/mi_qa3818/is_199710/ai_n8782625/. Acessado em 20/06/2010.

BONAMIGO, Gilmar Francisco. *Autonomia e heteronomia na moral*. Síntese, B. Horizonte: DFIL/UFES, v.33, n 107, 2006.

BRANDER, Elza Cristina de L. A. A. *Ética como responsabilidade na filosofia de Emmanuel Lévinas*. Disponível em site: <http://www.scribd.com/doc/7207601/Levinas-Etica-Como-Responsabilidade-Na-Filosofia-de-Emmanuel-Levinas>. Acessada em 07/09/2010.

BRIGIDO, Carolina. *Contra a discriminação, a lei*. Supremo reconhece, por unanimidade, união civil entre pessoas do mesmo sexo. O globo, Rio de Janeiro, 6 de março, 2011. O País.

CAMARGO, Aline. *População gay equivale a 10% do povo brasileiro*. Livrevista: a revista do senso incomum. Disponível em site: <http://www.livrevista.com/article.php?id=805>. Acessada em 26/03/2011.

CAMPOS, Mônica B. *As CEBs e o inclusivismo católico na América Latina*. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st3/Campos,%20Monica%20Baptista.pdf>. Acessada em 03/12/09.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. S. P.: Cultrix, 2006.

CARTILHA CIDADANIA PARA TODOS. *Preconceito, racismo e discriminação o social*. Disponível em site: <http://www.dhnet.org.br/w3/ceddhc/bdados/cartilha14.htm>. Acessado em 12/03/2011.

CAVALCANTI, Tereza Maria. *Relações Interpessoais em uma narrativa do evangelho de Marcos*. In: Revista Atualidade Teológica, fasc. 12, 2002.

CECCARELLI, Paulo Roberto. *A invenção da homossexualidade*. In: BAGOAS. Estudos gays , gêneros e sexualidades, Natal, 2, 71-93, 2008. Disponível em site: <http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/doc/invhomo.pdf>. Acessado em 23/04/2010.

CHAUÍ, Marilena. *Contra a violência*. Disponível no site: <http://fpabramo.org.br/contraviolencia-por-marilena-chau>. Acessada em 12/02/2011.

COLETIVOS DE ENTIDADES NEGRAS. *Lançamento da Comissão de Gênero, Etnia e Diversidade sexual no RJ*. Disponível no site : <http://cenbrasil.blogspot.com/2010/06/lancamento-da-comissao-de-genero-etnia.html>. Acessado em 20/06/2010.

CORINO, L. C. P. *Homoerotismo na Grécia Antiga: Homossexualidade e Bissexualidade, Mitos e Verdades*. In: Biblos. Rio Grande: Dep. de Biblioteconomia e História, vol. 19, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. SP: Escuta, 1995.

CRITCHLEY, Simon. *Religião, para Lévinas, é ética*. Entrevista à IHU on-line. Disponível em site: http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?Cod_noticia=11113&cod_canal=41. Acessada em 27/12/2010.

DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo*. In: Universidade do Sagrado Coração, Bauru, SP, em 05/06/09. Conferência. Disponível no site: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2420,1.shl>. Acesso do em 15/06/09.

DOMINGUES, Petrônio J. *Negros de alma branca? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930*. Disponível no site: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X200200030006&script=sci_arttext. Acessado em 10/03/2011.

EQUIPE DE TRAINEES. *Desigualdade racial começa na pré-escola*, 2001. disponível em site: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/menosiguais/xx1310200115.htm>. Acessada em 16/05/2011.

EXSURGE DOMINI. *O evangelho de Maria Madalena*. Disponível em site: <http://www.exsurge.com.br/apologeticas/canom%20da%20biblia/textos%20canom%20da%20biblia/oevangeliomariamadalena.htm>. Acessado em 27/04/2011.

FEITOSA, Alexandre. *Bíblia e homossexualidade: verdade e mitos*. Rio de Janeiro: Metanoia Editora, 2010.

FIORINZA, Elisabeth S. *As Origens Cristãs a partir da Mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992.

FILHO, M. José Rômulo de. *Mulher protestante: mulher, mãe e trabalhadora*. Disponível em site: http://www.jrmf.pro.br/mulher_protestante.pdf. Acessada em 22/06/2010

FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GOSS, Robert E. *La homosexualidad, la Biblia y la Practica de Textos Seguros*. Disponível em http://www.mccinthevalley.com/safetexts_sp.html. Acessado em 24/02/2011.

GLOBO.COM. *Movimento GLBT decide mudar para LGBT*. Disponível em site: http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL_593295-5598,00.html. Acessado em 02/02/2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. R. J.: DP&A, 2006.

HELMINIAK, Daniel A. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Edições GLS, 1998.

HIGHWATER, Jamake. *Mito e sexualidade*. São Paulo: Saraiva, 1992.

HIMES, Michael J. *Praticar a verdade no amor*. Conversas sobre Deus, relacionamentos e serviço ao próximo. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

HIRSCH, Olívia. *Igrejas inclusivas*. CLAM. Disponível em site: <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=5032&sid=43>. Acessado em 17/05/2010.

HOUAISS, Antônio (Ed). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. RJ: Ed. Objetiva, 2009.

HOFBAUER, Andréas. *O racismo no Brasil e o branqueamento da sociedade*. Entrevista. Disponível no site CONEXÃO PROFESSOR: <http://www.conexao-professor.rj.gov.br/temas-especiais-11c.asp>. Acessada em 27/03/2010.

IGREJA METODISTA DE VILA ISABEL. Disponível em site : <http://www.metodistavilaIsabel.org.br/artigosepublicacoes/descricaocolunas.asp?Numero=756>. Acessado em 12/02/2011.

IHU ON-LINE. *Emmanuel Lévinas – biografia*. Disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2223&seção=277. Acessada em 10/05/2011.

INFOPÉDIA. Porto: Porto Editora, 2003-2012. Disponível em: [www: <URL: http://www.infopedia.pt/\\$identidade-\(psicologia\)>](http://www.infopedia.pt/$identidade-(psicologia)>). Acessado em 21/01/2012.

INFORGOSPEL.COM. Disponível no site: <http://inforgospel.wordpress.com/2009/05/16/movimento-negro-diz-que-igrejas-foram-omissas-na-escravatura/>. Acessado em 22/06/2010.

IPEA - *Desigualdades raciais, racismo e políticas públicas: 120 anos após a abolição*. Comunicado a Presidência. Diretoria de Estudos Sociais (Disoc) n. 4. 3. Disponível em 13/05/2008, no site: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf/080513120anosAbolicaoVcoletiva.pdf>. Acessado em 30/05/2010.

JACCOUD, Luciana. Racismo e República: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. In: THEODORO, Mario (org.). *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição*. Brasília: Ipea, 2008. Disponível em site: [ttp://www.cnbb.org.br/site/images/arquivos/files_4a854db9336eb.pdf](http://www.cnbb.org.br/site/images/arquivos/files_4a854db9336eb.pdf). Acessado em 30/05/2010.

_____ ; BEGHIN, Nathalie. *Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental*. Brasília: IPEA, 2002. Disponível em site: <http://www.ufgd.edu.br/reitoria/neab/downloads/desigualdades-raciais-no-brasil-um-balanco-da-intervencao-governamental-2013-jacoudd-beghin/view>. Acessado em 31/05/2010.

JUNIOR, Nilo Ribeiro SJ. *O centenário do nascimento de Emmanuel Lévinas*. Perspectiva Teológica 38, n. 106, 2006, p. 391 Disponível em site: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/25>. Acessada em 01/01/2011.

JURKEWICZ, Regina S. *Cristianismo e homossexualidade*. Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/regina.pdf>. Acessado em 04/05/2010.

KESSLER, Hans. D. Cristologia. In: SCHNEIDER, Theodor (Org). *Manual de dogmática*. Vol I, Petrópolis: Vozes, 2002.

KLICK EDUCAÇÃO. Disponível em site: <http://www.klickeducacao.com.br/comteudo/pagina/0,6313,POR-1255-9464-,00.html>. Acessado em 22/06/2010.

KNIEST, Rihl Gustavo. Resolução CFP N^o 001/99 de 22 de março de 1999. In: *A relação terapêutica frente a homossexualidade*. Recife: UNICAP, 2005.

KORELC, Martina. *O problema do ser na obra de Lévinas*. Disponível em site: http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/title/problema-do-ser-na-obra-levinas/id/10841348.html. Acessado em 15/04/2011.

KUIAVA, Evaldo Antônio. *Subjetividade transcendental e alteridade: um estudo sobre a questão do outro em Kant e Lévinas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

LAGO, Marta. *Política não pode ignorar o grito de socorro da família, alerta o papa*. Disponível em site: <http://www.zenit.org/rssportuguese-18445>. Acessado em 17/04/2011.

LAURENTIN, René. *Jesus e as mulheres: uma revolução ignorada*. In: Concilium n. 154, 1980/84.

LAZARE, Benaroyo. *The notion of vulnerability in the philosophy of Emmanuel Levinas and its significance for medical ethics and aesthetics*. Disponível em site: www.api.or.at/aebm/download/docs/web_levinas.pdf.

LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70 Lda, 2007.

_____. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70 Lda, 2008.

_____. *De Deus que vem à ideia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

_____. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1993.

_____. *De outro modo que se: o más Allá de la esencia*. Salamanca: Sígueme, 2003.

_____. *Entre nós - Ensaios da alteridade*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

LIMA, Luis Correa. *Os gays e o papa*. Disponível em site: <http://www.diversidadecidarelipucio.com.br>. Acessado em 16/04/2011.

_____. *ONU, Gays e Vaticano*. Disponível em site: <http://www.diversidadecidarelipucio.com.br>. Acessado em 17/04/2011.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastian. *Os tempos hipermodernos*. S.P: Barcarolla, 2007.

LUISE, Desirrée. *Para debater desigualdade racial, ONU institui 2011 como ano dos afrodescendentes*. Disponível no site : <http://convivencianegra.blogspot.com/2011/02/para-debater-desigualdade-racial-onu.html>. Acessado em 19/02/2011.

MACIEL, T. Carolina. *A construção social da deficiência*. In: II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. Florianópolis: UFSC. Anais do Seminário, 2007.

MACY, Gary. *A igreja deveria cogitar o retorno à ordenação de mulheres*. Entrevista concedida a Márcia Junges para o IHU On-line. Disponível em site: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2596&seção=295. Publicada em 01/06/09. Acessada em 13/02/ 2011.

MANSO, Bruno P. *Dez mulheres são mortas por dia no Brasil*. Estadão.com.br/Brasil. Publicado em 10/07/2010. Disponível em site: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,dez-mulheres-sao-mortas-por-dia-nopais,575974,0.htm>. Acessado em 21/04/2011.

MARIZ, Cecília. *O pentecostalismo e a emancipação das mulheres*. Entrevista. Revista HIU on-line. Disponível em site: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=&Itemid=23&task=detalhe&id=2103>. Acessada em 22/06/2010.

MARQUESE, B. Rafael de. *Feitores do Corpo, Missionários da Mente: Senhores, Letrados e o Controle dos Escravos nas Américas, 1660-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MARRA, Mariel. *Atuais formas de racismo na Igreja Evangélica Brasileira*. Disponível em site: <http://jornalismogospel.com.br/modules.php?name=News&file=print&sid=9590>. Acessada em 22/06/2010.

MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MAZZAROLO, Isidoro. *Jesus e física quântica*. Rio: Ed. PUC-RIO, 2011.

MELANDER, Verônica. *Gênero e ministério na Igreja Sueca*. Disponível em site: www.iserassessoria.org.br/novo/arqupload/99.DOC. Acessado em 22/06/2010.

MELISH, Joanne Pope. *Disowning slavery. Gradual Emancipation and Race in New England, 1780–1860*. Ithaca: Cornell University Press, 1998.

MELO, Nélio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, RS, 2003.

MENDES, Leo. *Histórias – siglas do movimento*. Disponível em: <http://lgbtt.blogspot.com/2009/06/historia-siglas-do-movimento.html>. Acessado em 26/09/2011.

MENEZES, Magali M. *O pensamento de Emmanuel Lévinas: uma filosofia aberta ao feminino*. Revista de estudos feministas, vol. 16, n^o 1, Florianópolis, S.C., Jan/Abr, 2008.

MERCER, Kobena. Welcome to the jungle. In: Rutherford, J. (Org). *Identity*. Londres: Lawewnce & Wishart, 1990.

MIRANDA, Mario França. *Libertados para a práxis da justiça*. A teologia da Graça no atual contexto Latino-Americano. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

_____. *A Igreja no atual pluralismo cultural e religioso*. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0jNowPHUw-cJ:www.cnl.org.br/pub/publicacoes/d6e73947c1c1d05c4b057420b5bbe7ab.doc+A+Igreja+no+atual+pluralismo+cultural+e+religioso+Fran%C3%A7a+de+Miranda&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em 15/06/2010.

MIRANDA, José Valdinei. *Ética da Alteridade e Educação*. UFRS. Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2008. Disponível em site: <http://hdl.handle.net/10183/14654>. Acessado em 10/11/2010.

MIRANDA, Liliana C. de. Revisão da Literatura. In: *A percepção da mulher no mercado de trabalho: Emprego, Carreira ou Vocação*. RJ: Ibmec, 2006, p.62. Disponível em site: www.ibmecrj.br/sub/RJ/files/ADM_lilianamiranda_set.pdf. Acessada em 16/05/2011.

MONDIN, Battista. *O homem, quem é ele?* Elementos de Antropologia Filosófica. São Paulo: Paulinas, 1980, p.303.

MOUNIER, Emmanuel. *Il personalismo*. AVE, Roma, 1966.

MOUKARZEL, M. Graças das. Heranças históricas sobre sexualidade e deficiência na tradição ocidental. In: *Sexualidade e deficiência: superando estigmas em busca da emancipação*. Campinas: UEC, Faculdade de Educação, 2003.

NOGUEIRA, O. *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga*. São Paulo: Edusp, 1998.

O' CONNOR, M. Jerome. *Paulo, biografia crítica*. São Paulo: Edições Loyola, SP, 1996.

OLIVEIRA, Irene Dias. *Memória: Antonio Aparecido da Silva (Pe.Toninho)*. Adital. Entrevista. Disponível em site: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=44128>. Acessada em 14/04/2011.

PILONETO, Luiz Éderson. *A ética como reconstrução do sentido do humano em Emmanuel Lévinas*. Disponível em site: http://lampiaoatomico.blogspot.com/2010/08/por-ederson-luiz-pilonetopublicado_06.html. Acessado em 14/06/2011.

PINKER, Steven. *Uma história de violência*. Disponível em Edge The third culture: http://translate.google.com.br/translate?hl=ptBR&sl=en&tl=pt&u=http%3A%2F%2Fwww.edge.org%2F3rd_culture%2Fpinker07%2Fpinker07_index.html. Acessado em 27/05/2010.

PIKASA, Xavier. *Jesus cura o amante do centurião*. ECOS (Rumos Novos), Set. 2009. Disponível em site: <http://www.diversidadecidarelipucurio.com.br/?cat=11>. Acessado em 22/02/ 2011.

PITTINGER, Norman. *Time for Consent*. London: SCM Press, 1967.

PLUGADOS COM DEUS. Disponível em blog: <http://plugadoscomdeus.blogspot.com/2009/02/biblia-gay.html>. Acessado em 16/ 05/2011.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Disponível no site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acessada em 23/06/2010.

PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus*. O mestre por excelência. Rio de Janeiro: JUERP, 1980. Disponível em site: <http://pt.scribd.com/doc/2366253/A-Pedagogia-de-Jesus-J-M-Price>. Acessado em 10/14/2011.

QUINTAS, Pedro Manuel P. A homofobia e os comportamentos para a saúde da população LGBT. In: *Heteronormatividade no contexto dos cuidados de saúde*. Atitudes dos profissionais de enfermagem em Razão da Orientação Sexual do Utente. Porto: Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Portugal, 2008. Disponível em : <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/6813/simple-search?query=Pedro+Manuel+Pereira+Quintas>, Acessado em 20/01/2012.

RECK, Norbert. *Desejos perigosos*. O discurso católico sobre a sexualidade homossexual. In: Regina A Quinn et outros. Revista Concílium, fasc 324, Petrópolis: Ed. Vozes, jan, 2008.

ROCHA, José Geraldo. *E Deus se fez negro*. In: PUC-Minas periódicos. Disponível em site: <http://periódicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/viewPDFInterstitial/1224/2091>.

RUBIO, Alfonso Garcia. *Nova Evangelização e Maturidade afetiva*. S. Paulo: Paulinas, 1993.

_____. *O encontro com Jesus Cristo Vivo*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 93.

RUSSEL, Jan Jarboe. *Sacerdotes mulheres rezam missas proibidas*. Disponível em site: <http://noticias.terra.com.br/revistas/interna/0,,OI1711235-EI8248,00.htm>. Disponível em 25/06/ 2007. Acessado em 12/02/2011.

SALZMAN, Todd. A & LAWLER, Michael G. *The sexual person. Toward a renewed catholic antropology*. Washington, DC:Georgetown University Press, 2008.

SANTOS, Hélio. Discriminação Racial no Brasil. In: Gilberto Vergne Saboia; Samuel Pinheiro. *Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*. Brasília: Ministério da Justiça, 2001.

SANTOS, P. P. A. *Breve Percurso Histórico da Hermenêutica Bíblica*. In: Atualidade Teológica, fasc 28, Ano XII, 2008.

SILVA, Adriana N. N. Breve conceituação histórica do conceito de homossexualidade. In: *Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual Internalizado*. Rio de janeiro: PUC-RIO, 2007, p. 20. Disponível no site: http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=9652@2. Acessado em 20/03/2010.

SILVA, Alaine de F.; SILVA, Daiana da; SANTOS, Iara A. dos. *Por uma educação não sexista*. RJ: CAMTRA, 2009.

SILVA, P. Nivaldo. *As leis antirracistas como combate ao preconceito e à discriminação racial em estados do Nordeste e Sudeste do Brasil*. Escola Superior do Ministério Público: FESMIP-BA, 2005. Disponível em site: <http://www.fesmip.org.br/arquivo/monografia/MONO%20NIVALDO.pdf>. Acessado em 31/05/ 2010.

SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOCIEDADE DE AMIGOS - QUAKERS. Disponível em site: <http://mb-soft.com/believe/tcm/quakers.htm>. Acessado em 21/03/2010.

STEPHANINI, Valdir Pr. *Mulheres no Ministério Pastoral Batista*. In: Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, v.3, 2009.

SUA PESQUISA. COM. *Reforma Protestante e Contrarreforma*. Disponível em site: <http://www.sua.pesquisa.com/protestante/>. Acessado em 16/06/2010.

SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico*. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas. P. A.: EST/ Petrópolis: Ed. Vozes. RS/RJ, 1984.

TAMEZ, Elza. *As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo*. S. Leopoldo: Sinodal, 2004.

TEPEDINO, Ana Maria. *Iniciação teológica: Encontro com a Igreja de Jesus Cristo (Eclesiologia)*. Rio: PUC-Rio, 2000.

_____. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. *Feminismo e libertação na voz de Ana Maria Tepedino*. Site Sidney Rezende. Entrevista. Disponível em: <http://www.sidneyrezende.com/noticia/13860>. Publicada em 21/06/2008. Acessado em 16/03/2011.

_____. *Encontro com a Igreja de Jesus Cristo (Eclesiologia)*. Edição experimental, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2000.

THEODORO, Mario (org.). *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após abolição*. Brasília: IPEA, 2008.

THIELICKE, Helmut. *The Ethics of Sex*. Cambridge: James Clarke & Co.Ltda, 1978.

TORRES, Marco Antônio. *Os significados da homossexualidade no Discurso Moral-Religioso da Igreja Católica em condições históricas e Contextuais Específicas*. In: REVER, n. 1, 2006. Disponível no site: http://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/index.html. Acessada em 20/05/2009.

UOL. *A homossexualidade é legal em apenas cento e quinze países* Notícias. Internacional. Disponível no site: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/internacional/2009/05/14/ult1859u979.jht>. Acessado em 16/06/2009.

VIDAL, Marciano. *Sexualidade e condição homossexual na Moral Cristã*. Aparecida: Ed. Santuário, SP, 2008.

VIEIRA, Antônio. *Sermões e cartas: Antologia*. Rio de Janeiro: Agir, 1968.

VILLAR, João de H. J. *Cristianismo e escravidão: somos culpados?* Editora Ultimato. Disponível em site: <http://www.ultimato.com.br/?pg=showconteudo&util=1&categoria=3®istr o=758>. Acessado em 06/06/2010.

VITO, R. Interrogações sobre a construção da sexualidade: relações entre pessoas do mesmo sexo na Bíblia Hebraica. In: P. JUNG & J. CORAY (org). *Diversidade Sexual e Catolicismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

WEBER, Max. *On charisma and Institution Building*. Chicago: The University of Chicago Press, 1968. Disponível em site: http://www.unicap.br/tede//tde_busca/processaArquivo.php?codArquivo=74. Acessado em 24/04/ 2010.

WICKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA. Disponível em site. http://en.wikipedia.org/wiki/Emmanuel_Lévinas. Acessado em 14/08/2010.

6.2.

Documentos do Magistério

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. B. H.: Ed. O Lutador, 1997.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Memória e Reconciliação: a Igreja e as Culpas do Passado*. Vaticano, 2000. Disponível em site: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_2000_0307_memory-reconc-itc_po.html. Acessada em 15/04/2011.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Campanha da Fraternidade 2009*. Texto base, Brasília: Ed. CNBB, 2008.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL “GAUDIUM ET SPES” sobre a Igreja no mundo de hoje. In: VIER, Frederico, OFM (Coord. geral) *Compêndio Vaticano II*. Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília/São Paulo: CNBB, Paulus & Paulinas, 2007.

6.3.

Bibliografia complementar

AARDWEG, Gerard J. M. *A batalha pela normalidade sexual*. Aparecida: Ed. Santuário, SP, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

HANER, Karl. *Curso fundamental da fé*. Introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Ed. Paulus, 2004.

HELLENS, J. Harold. *Sexo na Bíblia*. Novas considerações. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LIMA, C. Luis. *Homossexualidade não é pecado*. Disponível em site: <http://www.diversidadecidarelipucricio.com.br>. Acessado em 16/04/2011.

_____. *Homofobia – um pecado*. Disponível em site: <http://www.diversidadecidarelipucricio.com.br>. Acessado em 16/04/2011.

_____. *O ranço moralista*. Disponível em site: <http://www.diversidadecidarelipucricio.com.br>. Acessado em 16/04/2011.

MOINGT, J. *O homem que vinha de Deus*. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.

MUSSKOPF, Sidnei André. *Via(da)gens teológicas itinerários para uma teologia queer no Brasil*. São Leopoldo: Dep. Teo/ EST, 2008.

RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na pluralidade: o ser humano a luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Ed. Paulus, 2001.

SOARES, Afonso M. L.; PASSOS, João D. (org). *Teologia e Ciência: diálogos acadêmicos em busca do saber*. São Paulo: Paulinas/Educ, 2008.